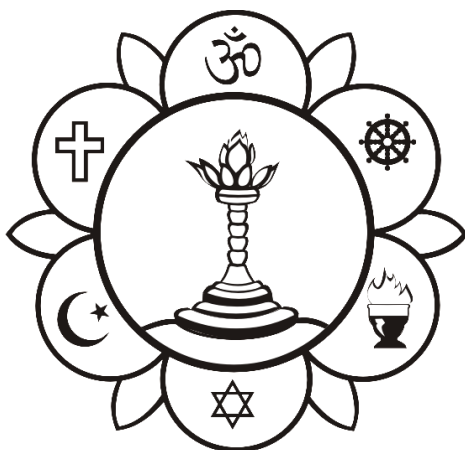




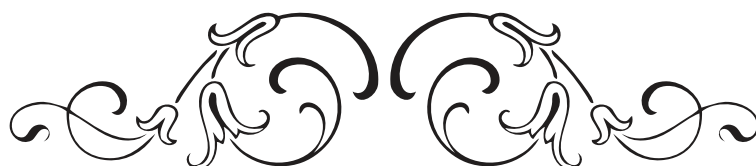
RAMAKATHA RASAVAHINI

A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura

Volume 1



por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



RAMAKATHA RASAVAHINI

A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Copyright 2020 © by Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por: Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel – Rio de Janeiro – RJ / CEP: 20.541-024

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br

Loja virtual: www.fundacaosai.org.br

Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução: Coordenação de Publicação / Conselho Central do Brasil

Organização Internacional Sathya Sai do Brasil

www.sathyasai.org.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA.....	4
ESTE LIVRO	6
O SIGNIFICADO INTERNO	8
1. RAMA – PRÍNCIPE E PRINCÍPIO	9
2. A LINHAGEM IMPERIAL: RAGHU	14
3. A MALDIÇÃO DA AUSÊNCIA DE DESCENDENTES PARA DASHARATHA	22
4. O NASCIMENTO DOS QUATRO FILHOS DE DASHARATHA.....	28
5. O <i>GURU</i> E OS PUPILOS	38
6. O CHAMADO E A PRIMEIRA VITÓRIA	48
7. CONQUISTANDO SITA	67
8. UM NOVO DESAFIO À BRAVURA DE RAMA	100
9. PREPARATIVOS PARA A COROAÇÃO DE RAMA	107
10. AS DUAS DÁDIVAS DE KAIKEYI.....	115
11. LAKSHMANA VAI COM RAMA	133
12. SITA INSISTE EM IR COM RAMA	149
13. INDO PARA O EXÍLIO.....	157
14. ENTRANDO NA FLORESTA	162
15. ENTRE EREMITÉRIOS	176
16. TRISTEZA SOBRE AYODHYA	185
17. OS IRMÃOS SE ENCONTRAM.....	202
18. AS SANDÁLIAS ENTRONIZADAS.....	225

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

É com grande alegria que apresentamos a obra *Ramakatha Rasavahini*, ou *A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura*, aos leitores de língua portuguesa. Como os demais livros da série *Vahini* (palavra que significa “fluxo”, “torrente”), este foi escrito originalmente na forma de artigos publicados na revista mensal *Sanathana Sarathi*, editada a partir de 1958, para divulgação da mensagem de Sri Sathya Sai Baba. Por sete anos e sete meses, até agosto de 1977, Baba brindou os leitores da revista com o relato da história do príncipe e herói Rama, a personificação do *dharma*, a Lei Cósmica que rege o Universo.

Esta releitura do *Ramayana*, o grande épico e clássico da literatura sagrada indiana, está dividida em duas partes. A primeira, que compõe este volume, conta a história de Rama desde o seu nascimento até o seu exílio na floresta e a instalação das suas sandálias divinas no trono de Ayodhya. A segunda tem como tema central a grande batalha entre Rama e o rei-demônio Ravana, um símbolo do duelo entre o *dharma* e o *adharma*, a retidão e a iniquidade. Em todo o livro, Baba enfatiza a nobreza de caráter e o elevado senso de dever dos personagens principais, colocando diante do leitor sublimes ideais a serem seguidos.

A tradução aqui apresentada tem como base o texto de um e-book editado em 2014 pelo Sri Sathya Sai Sadhana Trust¹, embora edições anteriores também tenham sido consultadas durante o processo de tradução e revisão. Esta edição, tal como a do e-book, apresenta subtítulos em seus capítulos e substitui diversos termos em sânscrito pelos seus equivalentes no idioma para o qual foram traduzidos. Acreditamos que isso torne a leitura mais fácil e prazerosa para aqueles que não estão familiarizados com o sânscrito ou com palavras comumente usadas na literatura sagrada indiana. Notas de rodapé ao longo do texto esclarecem o significado de certas expressões em sânscrito ou apresentam informações adicionais que podem enriquecer a leitura.

Vale também comentar sobre algumas escolhas de estilo. Por exemplo, empregam-se geralmente iniciais maiúsculas na grafia de pronomes pessoais e possessivos relativos às divindades principais. Neste livro, entretanto, optou-se por grafá-los com inicial minúscula quando se referem a Rama, para conferir maior fluidez e simplicidade ao texto e evitar uma possível poluição visual resultante do uso excessivo de iniciais maiúsculas (Lo, Nele, Dele, etc.). Do mesmo modo, visando contribuir para uma familiaridade maior do leitor com o texto, e por se tratar de obra traduzida para o português do Brasil, optou-se pelo uso dos pronomes de tratamento “você” e “o senhor” ou “a senhora” no lugar de “tu” e “vós”, habitualmente empregados na literatura épica.

Agradecemos a todos os que contribuíram para que esta tradução seja agora disponibilizada ao público de nossa língua e convidamos você, caro leitor, a embarcar com o coração aberto neste doce fluir da história de Rama e a deixar-se inspirar e moldar por ele.

¹ <http://www.ssbpt.info/vahinis/RamakathaI/RamakathaRasavahiniI.pdf>

Coordenação de Publicação – 2020
Organização Internacional Sathya Sai do Brasil

ESTE LIVRO

Por muitos séculos, *A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura* tem sido, para milhões de homens, mulheres e crianças, fonte perene de consolo na tristeza; de vitalidade quando prostrados pela hesitação; de iluminação em meio à confusão; de inspiração em momentos de desânimo e de orientação em face de dúvidas. Trata-se de um drama intensamente humano em que Deus interpreta o papel de homem e reúne em torno de Si, no vasto palco do mundo, o perfeito e o imperfeito, o humano e o sub-humano, a besta e o demônio, para nos conferir, mediante preceitos e exemplos, a dádiva da Suprema Sabedoria. É uma história que toca ternamente o coração do homem, evocando ágeis e límpidas respostas em forma de comoção, piedade, exultação, adoração, êxtase e entrega, transformando-nos, a partir do animal e do humano, no Divino, que é o nosso âmago.

Nenhuma outra história na humanidade teve um impacto tão profundo sobre a mente do homem. Ela transcende os marcos da história e os limites geográficos. Moldou e sublimou os hábitos e as atitudes de gerações. O *Ramayana*², a história de Rama, tornou-se uma célula curativa na corrente sanguínea da humanidade em vastas áreas do globo. Enraizou-se na consciência dos povos, estimulando-os e impulsionando-os ao longo dos caminhos da Verdade, da Retidão, da Paz e do Amor.

Por meio de lendas e canções de ninar, mitos e contos, dança e teatro; por meio da escultura, da música e da pintura, de rituais, poesia e símbolos, Rama tornou-se o alento, a bem-aventurança, o tesouro de incontáveis buscadores espirituais. Os personagens da história de Rama os convidam a imitá-los e a se elevarem; fornecem-lhes exemplos luminosos de conquistas e de aventura; alertam os indecisos contra o vício e a violência, o orgulho e a mesquinhez; encorajam-nos com a sua fidelidade e fortaleza. A cada língua e dialeto que o homem criou para expressar os seus mais elevados anseios, a história de Rama acrescentou uma doçura ímpar e reconfortante.

Sai (*Isha*, Deus), cujo pensamento é o Universo e cuja vontade é a história do Universo, é o autor, o diretor, o ator, a testemunha e o apreciador do Drama que se desenrola permanentemente no tempo e no espaço. Agora Ele próprio dignou-Se contar-nos a história de um ato épico nesse Drama – um ato épico no qual assumiu o papel de Rama. Como Rama, Sai instruiu, inspirou, revigorou, corrigiu, consolou e confortou os Seus contemporâneos na era denominada *Treta Yuga*³. Atualmente, como Sai Rama⁴, está empenhado nessa mesma tarefa; por isso a maior parte do que

² Célebre poema épico hindu composto pelo grande sábio Valmiki; consiste de 24.000 versos distribuídos em sete livros ou cantos (*kandas*). (N. T.)

³ Segundo a antiga tradição hindu, cada ciclo cósmico (*kalpa*) se divide em mil ciclos de quatro eras ou idades (*yugas*), classificadas com base nos atributos mentais predominantes: *Krita Yuga* ou *Satya Yuga* (Idade do Ouro), *Treta Yuga* (Idade da Prata), *Dvapara Yuga* (Idade do Bronze) e *Kali Yuga* (Idade do Ferro), a era atual. À medida que elas se sucedem, há um crescente declínio da retidão (*dharma*), da sabedoria e da virtude, assim como da capacidade física e intelectual e da longevidade do ser humano. (N. T.)

⁴ Diz-se “Sai Rama” porque Sri Sathya Sai Baba, como Ele mesmo declarou, é a “Forma de todas as Formas da Divindade” (*Sarvadevatasvarupa*). Em 1968, ao discursar na Conferência Mundial da Organização Sri Sathya Sai Seva, em Bombaim, Sai Baba disse: “Nesta forma humana estão manifestadas todas as Entidades Divinas, todos os Princípios Divinos, o que significa todos os Nomes e Formas atribuídos a Deus pelo homem...”. (N. T.)

os leitores da revista *Sanathana Sarathi*⁵ examinaram, mês após mês (durante estes anos), com fervor e prazer, como episódios desta narrativa – o *Ramakatha Rasavahini* –, deve ter parecido a eles “eventos e experiências da época de hoje” e “aconselhamento direto no contexto de problemas e dificuldades contemporâneos”. Ao lerem estas páginas, os leitores muitas vezes se sentirão agradavelmente impressionados com a identificação existente entre o Rama desta história e o Sai Rama de que são testemunhas⁶.

A “Ciência” moldou esta Terra na forma compacta e capsular de uma espaçonave na qual a humanidade tem que viver o seu destino. A “Saiência”⁷ é, como sabemos, o rápido remodelamento dessa espaçonave em um venturoso lar de Amor. Sai deve ter desejado este livro como uma panaceia suprema para a remoção dos males que obstruem o Amor Universal: a ânsia mórbida pelo prazer sensual; a irreverência crescente para com pais, professores, idosos, líderes e guias espirituais; a frivolidade e a leviandade desastrosas nas relações sociais, conjugais e familiares; a confiança demoníaca na violência como meio para alcançar fins imorais; a pronta adoção do terror e da tortura visando a obtenção de ganhos para indivíduos e grupos e muitos outros males adjacentes.

Sai Rama recapitulou aqui, com o Seu estilo próprio simples, doce e alentador, a Sua Trajetória Divina como Rama! Que grande sorte a nossa, termos em mãos esta narrativa divina para gravá-la em nossas mentes e imprimir-la em nossos corações! Que possamos ser transformados, pelo estudo deste livro, em instrumentos eficientes e entusiastas para a realização da Sua Missão – a de moldar a humanidade em uma só Família e fazer com que cada um de nós perceba Sai Rama como a Realidade, a única Realidade que É.

Sai declarou que Ele é o mesmo Rama que retornou e está procurando os Seus antigos companheiros e trabalhadores (*bantu*, como Se referiu a eles em télugo) para lhes designar papéis na Sua presente Missão de ressuscitar a Retidão e conduzir a humanidade até o abrigo da Paz. Enquanto refletimos sobre a primeira metade desta história, oremos para que também nos sejam atribuídos papéis nessa Missão e que Ele nos conceda, como recompensa, a visão desse abrigo.

N. KASTURI

Editor da revista *Sanathana Sarathi*

⁵ Revista mensal editada a partir de 1958 em Prashanti Nilayam (posteriormente traduzida para o português com o título de *Eterno Condutor*), para ampla divulgação da mensagem de Sri Sathya Sai Baba e das atividades da Organização Sai. (N. T.)

⁶ Sri Sathya Sai Baba deixou o Seu corpo físico (*Mahasamadhi*) em 24 de abril de 2011, ou seja, em data posterior à da presente edição em inglês deste livro, datada de julho de 2010. (N. T.)

⁷ Aqui, Kasturi faz um trocadilho em inglês entre as palavras “*Science*” (Ciência) e “*Saience*”. (N. T.)

O SIGNIFICADO INTERNO

Rama é o Morador Interno em cada corpo. Ele é o *Atma*⁸-*Rama*, o Rama (Fonte de Bem-Aventura) existente em todo indivíduo. As suas bênçãos, jorrando desse manancial interno, podem conferir paz e bem-aventurança. Rama é a própria encarnação do *dharma*⁹, a personificação de todos os códigos morais que mantêm a humanidade coesa em amor e unidade. A sua história, o *Ramayana*, ensina duas lições: o valor do desapego e a necessidade de cada um se tornar consciente do Divino existente em todo ser. A fé em Deus e o desprendimento de buscas materiais são as chaves para a liberação humana. Renunciem aos objetos dos sentidos e conquistarão Rama. Sita abandonou o luxo de Ayodhya¹⁰ para que pudesse estar com ele durante o período de "exílio", porém quando lançou olhares desejosos sobre o cervo dourado e almejou tê-lo para si, perdeu a presença de Rama. A renúncia leva à alegria, o apego traz a tristeza. Estejam no mundo, mas não sejam do mundo.

Cada irmão, camarada, companheiro e colaborador de Rama é um exemplo de pessoa impregnada de *dharma*. O pai, Dasharatha¹¹, representa o meramente físico, relacionado aos dez sentidos. As três qualidades da Criação ou *gunas*¹² (*satva*, *rajas* e *tamas*), ou seja, serenidade, atividade e ignorância, são as três rainhas. As quatro metas da vida humana ou *purusharthas* (retidão, riqueza, desejo e liberação) correspondem aos quatro filhos. Lakshmana é o intelecto, Sugriva é o discernimento (*viveka*); Vali é o desespero e Hanuman é a personificação da coragem.

A ponte é construída sobre o Oceano da Ilusão. Os três chefes *rakshasas* (demônios) são personificações das qualidades rajásicas (Ravana), tamásicas (Kumbakarna) e sátvicas (Vibhishana). Sita é a Consciência do Absoluto Universal (*Brahmajñana*), que o indivíduo deve adquirir e reconquistar após trabalhar arduamente no crisol da Vida.

Tornem o seu coração puro e forte mediante a contemplação da grandeza do *Ramayana*. Mantenham-se firmes na fé em que Rama é a Realidade da existência de vocês.

– Baba

⁸ O termo *Atma* (sânscrito) significa o Ser, no sentido de Ser Interno ou Eu verdadeiro; uma centelha do Divino; é traduzido, às vezes, como "alma". (N. T.)

⁹ Literalmente, "aquilo que sustenta". É o conjunto das leis universais que regem a harmonia social e os direitos, deveres e obrigações individuais. O *dharma* é aquilo que faz com que cada ser e cada objeto no Universo esteja em seu lugar e represente o seu papel na ordem cósmica, o que significa que, sem ele, o Cosmos não poderia existir. Com o sentido de Retidão, é um dos cinco Valores Humanos universais, sendo os outros quatro a Verdade (*satya*), o Amor (*prema*), a Paz (*shanti*) e a Não Violência (*ahimsa*). (N. T.)

¹⁰ Capital do antigo reino de Kosala, no norte da Índia, governado pelos reis da dinastia de Ikshvaku, a linhagem de Rama. (N. T.)

¹¹ O nome Dasharatha significa "dez carruagens", que correspondem aos dez sentidos, os externos (de ação) e os internos (de percepção ou conhecimento). (N. T.)

¹² Todos os seres da Criação apresentam uma combinação variável de três qualidades ou *gunas*: *satva* (equilíbrio, pureza, bondade, altruísmo); *rajas* (paixão, emoção violenta, agitação, raiva, agressividade, egoísmo) e *tamas* (inércia, torpor, indolência, ignorância, escuridão). (N. T.)

1. RAMA – PRÍNCIPE E PRINCÍPIO

O nome “Rama” é a essência dos Vedas¹³. A história de Rama é um Oceano de Leite, puro e poderoso. Pode-se afirmar que nenhum poema de igual grandiosidade e beleza surgiu em outras línguas ou em outros países até os dias de hoje, e que ele serviu de inspiração para a imaginação poética de cada idioma e cada país. É o maior tesouro herdado por todos os indianos, graças à sua boa sorte.

Rama é a divindade guardião dos hindus. Os corpos que eles habitam e as construções onde vivem esses corpos levam o seu Nome. Pode-se dizer com segurança que não há nenhum indiano que não tenha sorvido o néctar do *Ramakatha*, a história de Rama.

O *Ramayana*, épico que narra a história da encarnação de Rama, é um texto sagrado, recitado reverentemente por pessoas das mais variadas condições – o erudito e o ignorante, o milionário e o mendigo. O Nome glorificado pelo *Ramayana* purifica todo mal e transforma o pecador. Ele revela a Forma que o Nome representa, uma Forma tão encantadora quanto o próprio Nome.

O oceano azul e o Senhor Todo-Poderoso têm muito em comum. Assim como o mar é a fonte de todas as águas da Terra, todos os seres nascem de “Rama”. Um mar sem água é irreal; um ser sem “Rama” é inexistente, agora e sempre.

O oceano é a morada do Todo-Poderoso, como proclamam os mitos e lendas, que O descrevem reclinado sobre o Oceano de Leite. Esta é a razão pela qual Valmiki (filho de Prachetas¹⁴), o grande poeta que compôs o épico, deu o título de *kanda* a cada um dos seus livros ou cantos.

Kanda significa água, uma vasta extensão de água, e também “cana-de-açúcar”. Não importa quão torta seja uma cana-de-açúcar, isso não afeta a sua doçura, que permanece uniforme em qualquer pedaço que mastiguem. O fluir da história de Rama serpenteia ao redor de muitas curvas e reviravoltas, porém a doçura da compaixão, da ternura e da piedade (*karuna*) persiste sem diminuição ao longo de toda a narrativa. A corrente muda de direção e flui ao longo da tristeza, da surpresa, do ridículo, do temor, do terror, do amor, do desespero e da dialética, mas a corrente principal subjacente é o amor ao *dharma* e à compaixão que ele promove.

O néctar na história de Rama é como o rio Sarayu, que se move silenciosamente ao lado da cidade de Ayodhya, onde Rama nasceu e reinou. O Sarayu tem a sua nascente no Lago da Mente (*Manasa Sarovar*¹⁵) dos Himalaias, assim como esta história nasce no lago da mente! A corrente que flui de Rama traz a doçura da compaixão; a que flui de Lakshmana, seu devotado irmão e companheiro, possui a doçura da devoção. Assim como o rio Sarayu se une ao Ganges (Ganga) e as suas águas se misturam, também as correntes da terna compaixão e da devoção – as histórias de Rama e Lakshmana – se mesclam no *Ramayana*. Entre elas, a compaixão (*karuna*) e o amor (*prema*) compõem a imagem da glória de Rama. Essa imagem satisfaz o mais caro anseio do coração de cada indiano. Alcançá-la é a meta de todo esforço espiritual.

¹³ Escrituras Sagradas hindus reveladas aos antigos sábios. O termo sânscrito *veda* significa “conhecimento espiritual”. (N. T.)

¹⁴ Também chamado de Varuna, é uma das mais antigas deidades védicas, associada ao céu, à água, aos rios e aos oceanos. (N. T.)

¹⁵ Nome de um lago sagrado e local de peregrinação nos Himalaias; significa, literalmente, “lago da mente” (*sarovar* = lago + *manas* = mente) ou, figurativamente, “lago da consciência interior”. (N. T.)

O empenho do indivíduo representa apenas metade da busca; a outra metade consiste na Graça de Deus. O homem se realiza tanto por esforço próprio como pelas bênçãos divinas; essa realização o conduz através do escuro oceano das dualidades até o imanente e transcendente Uno.

O *Ramayana* deve ser lido não como o registro de uma trajetória humana, mas como a narrativa do advento e das atividades de um *Avatar* (Encarnação Divina). O homem deve empenhar-se com determinação para realizar, por meio da sua própria experiência, os ideais revelados nessa narrativa. Deus é onisciente, onipresente e onipotente. As palavras que profere enquanto encarnado na forma humana e os atos que Se digna praticar durante a Sua jornada terrena são inescrutáveis e têm um significado extraordinário. Os preciosos mananciais que vertem da Sua Mensagem facilitam o caminho para a libertação da humanidade. Não vejam Rama como um descendente da Dinastia Solar, o soberano do reino de Ayodhya ou o filho do imperador Dasharatha. Essas correlações são apenas acessórias e ocasionais. Trata-se de um erro habitual entre os leitores modernos, que só prestam atenção na relação pessoal e nas associações entre os personagens da narrativa que leem; não se aprofundam nos valores que eles representam e demonstram.

Explicarei melhor esse erro. “Dasharatha, o pai de Rama, tinha três esposas; a primeira era assim e assim, a segunda tinha tal natureza, a terceira possuía tais atributos!”, “As suas criadas eram feias assim...”, “As guerras travadas por Dasharatha caracterizavam-se por tais e tais peculiaridades e especialidades...” Dessa maneira, a imaginação leva as pessoas a se desviarem para as regiões do trivial e do colorido, fazendo-as negligenciar o cerne valioso da narrativa. Elas não percebem que o estudo dessa história deve enriquecer a vida e torná-la significativa e meritória, em vez de satisfazer o apetite por fatos sem importância e ideias mesquinhas. A sua validade e o seu valor estão bem no âmago dos fatos, fertilizando-os como água subterrânea. Usem os olhos da adoração reverente (*bhakti*) e da firme dedicação (*sraddha*); então o olho os dotará com a sabedoria pura que libera e confere a eterna bem-aventurança.

Assim como as pessoas espremem o suco da cana fibrosa e bebem apenas a sua doçura; tal como a abelha suga o mel existente na flor, independentemente da sua simetria e cor; assim como a mariposa voa em direção ao brilho da chama, ignorando o calor e a inevitável catástrofe, o buscador espiritual (*sadhaka*) deve ansiar por absorver a emoção expressa na ternura, piedade e compaixão de que o *Ramayana* está impregnado, sem dar atenção a outros assuntos.

Quando se ingere uma fruta, descartam-se a casca, as sementes e a fibra. É próprio da Natureza que as frutas tenham esses componentes! No entanto nenhuma pessoa os comeria sob a alegação de que pagou por eles! Ninguém consegue engolir as sementes e digeri-las, ninguém mastiga a rija casca exterior. Similarmente, neste Rama-fruto chamado *Ramayana*, as histórias dos *rakshasas* (demônios, ogros e afins) formam a casca; os atos perversos desses seres malignos são as sementes duras e não digeríveis; as descrições e eventos sensoriais e mundanos constituem a substância fibrosa não saborosa. São todos envoltórios do suculento alimento.

Aqueles que buscam a expressão da compaixão no Rama-fruto devem concentrar-se mais na narrativa central do que nos detalhes suplementares que a embelezam ou

sobrecarregam. Ouçam o *Ramayana* com esse estado de espírito; esta é a melhor forma de escuta espiritual (*sravana*¹⁶).

O papel dos sábios nas cortes reais

Certa ocasião, o imperador Parikshit caiu aos pés do sábio Shuka e pediu-lhe orientação a respeito de uma questão que estava lhe causando uma terrível dúvida. “Mestre! Um enigma vem me preocupando há muito tempo. Sei que só o senhor e mais ninguém poderá resolvê-lo para mim. Ouvi as narrativas das vidas dos meus antepassados, desde o mais antigo, o grande Manu¹⁷, até as dos meus avós e do meu pai. Estudando essas histórias cuidadosamente, observei que em cada uma delas há menção de sábios (*rishis*) ligados ao monarca, alguns santos eruditos que eram membros da corte, participavam das audiências e sessões oficiais e partilhavam dos assuntos do governo! Esses eruditos renunciaram a todos os apegos e desejos e perceberam que o mundo é uma sombra e uma armadilha e que o Uno é a única Realidade. Qual é o real significado dessa incrível associação de sábios com reis e governantes que desempenhavam papéis subalternos e eram aconselhados por eles? Sei que aqueles reverenciados anciões não se envolveriam em nenhuma atividade sem razões suficientes e apropriadas, pois o seu comportamento é sempre puro e imaculado, mas isso torna insolúvel a minha dúvida. Esclareça-me, por favor”.

Shuka riu e respondeu: "O senhor fez uma ótima pergunta, sem dúvida. Escute! Os grandes sábios e santos eruditos estão sempre ávidos por compartilhar com os seus semelhantes a verdade que compreenderam, a experiência santificante que conquistaram, as elevadas ações que tiveram o privilégio de realizar e a Graça Divina que receberam por terem sido escolhidos. Eles buscam estar próximos daqueles que estão encarregados da administração e daqueles que têm competência para governar povos, com a intenção de usá-los como instrumentos para estabelecer e garantir a paz e a prosperidade na Terra. Implantam em suas mentes ideais elevados e maneiras piedosas de alcançá-los. Estimulam a prática de ações corretas em conformidade com leis justas.

“Os monarcas convidavam e recebiam com alegria os sábios e procuravam os eruditos, implorando-lhes que ficassem em suas cortes, de modo que pudessem aprender com eles a arte de governar e agir conforme os seus conselhos. O monarca era o mestre e o guardião do povo; então os sábios passavam os dias na sua companhia com o estimável propósito de realizar, por meio dele, o desejo dos seus corações: ‘Que todos os mundos sejam felizes’ (*Loka samasta sukhino bhavanthu*). Ansiavam por ver a felicidade e a paz se espalharem pelo mundo inteiro; por isso buscavam munir os reis de todas as virtudes, provê-los de todos os códigos morais de disciplina, armá-los com todos os ramos do conhecimento para que pudessem reinar com eficiência e sabedoria, o que traria consequências benéficas para si mesmos e para os seus súditos.

“Havia também outras razões. Escute! Eles sabiam que Aquele que dá alegria à humanidade, o Mentor da moral humana, o Líder da Dinastia Solar, o Residente no Céu da Eterna Bem-Aventura nasceria em uma linhagem real. Os sábios dotados da

¹⁶ Prática espiritual que consiste em escutar narrativas sobre as glórias, as proezas e os poderes do Senhor. (N. T.)

¹⁷ O arquétipo do homem, considerado o progenitor da raça humana e o legislador primordial da humanidade. (N. T.)

visão que lhes permitia prever eventos tiveram acesso às cortes dos governantes para que pudessem experimentar a bem-aventurança do contato com a Encarnação quando ela viesse. Receavam não poder obter tal acesso mais tarde, temiam perder a bem-aventurança que bem poderiam alcançar. Beneficiando-se da sua visão do futuro, estabeleceram-se na capital real, no meio da comunidade, esperando ansiosamente pelo Advento.

“A esse venerável grupo pertenciam Vashishta, Vishvamitra, Garga, Agastya e outros sábios. Eles não tinham desejos, eram soberanos da renúncia. Não buscavam nada de ninguém e estavam sempre contentes. Apareciam nas salas de audiência dos imperadores, não para polemizar e ostentar erudição, para receber os presentes caros oferecidos aos participantes dos debates e aos convidados ou para se engalanarem com os onerosos títulos que esses patronos conferiam aos seus preferidos. Almejavam, em vez disso, obter a bem-aventurança da visão do Senhor (*darshan*) e uma oportunidade de sustentar o *dharma* em assuntos humanos. Não possuíam nenhum outro objetivo.

“Os reis também estavam imersos em pensamentos divinos naqueles dias! Aproximavam-se dos eremitas e dos sábios em seus retiros a fim de aprender com eles os meios de tornar os seus súditos felizes e contentes. Frequentemente os convidavam a ir aos seus palácios e os consultavam acerca das formas e maneiras de se realizar um bom governo. Naquela época havia sábios sem apego ao eu e eruditos sem ânsia de poder. Tais eram os homens que forneciam conselhos aos reis. Em consequência, não havia escassez de alimentos, de vestuário, de moradia ou de boa saúde para o povo do reino. Todos os dias eram festivos, todas as portas eram decoradas com grinaldas verdes. O governante sentia que o seu dever mais sagrado era promover o bem-estar do seu povo. Os súditos também sentiam que o governante era o coração do corpo político. Tinham plena fé em que ele era tão precioso quanto os seus próprios corações e o valorizavam como tal, reverenciavam-no e prestavam-lhe a homenagem da gratidão.”

Assim, dessa forma clara e direta, Shuka explicou o papel dos sábios nas cortes reais perante a grande assistência que estava sentada ao seu redor.

A história de Rama é a história do Universo

Vocês perceberam que em tudo o que fizerem, em qualquer companhia que escolherem, os grandes estarão sempre no caminho da retidão, no caminho do Divino? Os seus atos promoverão o bem-estar do mundo inteiro! Assim, quando o *Ramayana* ou outras narrativas do Divino são recitadas ou lidas, deve-se fixar a atenção na majestade e no mistério de Deus, na verdade e na honestidade inerentes a eles e na prática de tais qualidades na vida diária. Não se deve dar importância a assuntos supérfluos. Os meios e a forma de cada um cumprir o seu dever constituem a lição fundamental a ser aprendida.

Quando surge em uma Forma para a sustentação do *dharma*, Deus Se comporta de maneira humana. Ele tem que fazer isso! Precisa expor aos homens a vida ideal e conceder-lhes a experiência da alegria e da paz. Os Seus movimentos e passatempos (*lilas*) podem parecer comuns e banais aos olhos de algumas pessoas. No entanto, cada um deles será uma expressão de beleza, verdade, bondade, alegria e exaltação; cativará o mundo com o seu encanto e purificará o coração daquele que o contemplar; superará e dominará todas as agitações da mente, rasgará o véu da ilusão (*maya*) e

encherá a consciência de doçura. Não pode haver nada de comum nem de banal nas trajetórias dos *Avatares*. Tudo o que se vê e se considera como sendo dessa natureza é, na verdade, supra-humano, sobrenatural, merecedor de imensa reverência!

A história de Rama não é a história de um indivíduo; é a história do Universo! Rama é a personificação da base Universal existente em todos os seres. Ele está em tudo, durante todo o tempo, em todo o espaço. A sua história não trata de um período que está no passado, e sim no presente e no futuro sem fim, no tempo eterno sem princípio!

Nenhuma formiga pode morder sem a vontade de Rama! Nenhuma folha pode cair do seu galho sem que Rama assim o determine! O espaço, o vento, o fogo, a água, a terra – os cinco elementos que compõem o Universo – comportam-se como se o temessem e operam em sintonia com as suas ordens! Rama é o Princípio que atrai e, por meio dessa atração, cativa os elementos díspares da Natureza. A atração que um exerce sobre o outro é que faz o Universo existir e funcionar. Tal é o princípio de Rama, sem o qual o Cosmos se tornaria o caos; daí provém o axioma: “Sem Rama, não haveria Panorama (Universo)”.

2. A LINHAGEM IMPERIAL: RAGHU

Na pura e imaculada Dinastia Solar nasceu o imensamente poderoso, extensamente famoso, fortemente armado, intensamente amado e reverenciado governante Khatvanga. O seu reinado espalhou suprema felicidade sobre a vasta população sob o seu domínio e a convenceu a prestar homenagem ao soberano como se este fosse o próprio Deus. O seu único filho, Dilipa, crescia esplendoroso na glória do conhecimento e da virtude. Compartilhava com o pai a alegria e o privilégio de proteger e guiar o povo. Movia-se entre os súditos, desejoso por conhecer as suas alegrias e tristezas e ansioso por descobrir a melhor forma de aliviar as suas dores e angústias, objetivando o seu bem-estar e prosperidade.

Vendo o filho crescer correto e forte, virtuoso e sábio, o pai procurou uma esposa para ele, de modo que, após o casamento, pudesse transferir para os seus ombros parte do fardo representado pelo cetro. Buscou-a por toda parte em casas reais, pois deveria ser uma companheira digna do príncipe. Finalmente, a escolha recaiu sobre Sudakshina, princesa do reino de Mágada, e o casamento foi celebrado com insuperável pompa e entusiasmo pelos membros da corte.

Sudakshina era amplamente dotada de todas as virtudes femininas. Piedosa e simples, era uma leal seguidora do marido. Servia ao seu senhor e sobre ele derramava o seu amor como se ele fosse o seu próprio alento. Acompanhava-lhe os passos e jamais se desviava do caminho da retidão.

Dilipa também era a própria encarnação da retidão e, em consequência disso, percebeu que desejos ou desapontamentos não o afetavam nem um pouco. Manteve-se fiel aos ideais e às práticas do pai no tocante à administração do império, para que pudesse, aos poucos e sem nenhuma ruptura, assumir total responsabilidade sobre o governo. Dessa forma, foi capaz de dar descanso ao seu pai na velhice. Khatvanga regozijava-se contemplando as grandes qualidades do filho e observando a sua habilidade, eficiência e sabedoria prática. Após se passarem alguns anos, dirigiu-se aos astrólogos da corte para selecionar uma data e hora auspiciosas para a coroação de Dilipa. Então, no dia marcado por eles, instalou-o no trono.

A partir desse dia, Dilipa brilhou como senhor e soberano do império, que se estendia de um mar a outro, incluindo as sete ilhas do oceano¹⁸. O seu governo era tão justo e compassivo, tão em conformidade com os preceitos estabelecidos nas Escrituras que as chuvas caíam na abundância necessária e as colheitas eram ricas e fartas. Todo o império era verdejante e glorioso, festivo e pleno. A terra ressoava com o som sagrado dos Vedas recitados em cada aldeia e com o ritmo purificador dos mantras¹⁹ cantados nos sacrifícios védicos realizados em toda parte; cada comunidade vivia em harmonia com as demais.

Apesar disso, o rei aparentemente fora tomado por uma ansiedade misteriosa. O seu rosto estava perdendo o brilho e o lapso de alguns anos não melhorou a situação. O desespero marcou firmemente a sua testa com profundas linhas. Um dia ele revelou à rainha a causa da sua melancolia: “Querida! Nós não temos filhos e por isso a aflição

¹⁸ Ilhas misteriosas habitadas por monstros e animais fabulosos, mencionadas em lendas do folclore medieval. (N. T.)

¹⁹ Mantra: letra, sílaba, palavra, frase ou verso sagrado que, cantado ou recitado repetidamente, com a devida entonação e pronúncia, conduz à iluminação espiritual ou à obtenção de alguma Graça Divina específica. (N. T.)

está me dominando. Sinto-me ainda mais afetado ao perceber que a dinastia de Ikshvaku terminará comigo. Algum pecado que cometi deve ter ocasionado essa calamidade. Sinto-me incapaz de decidir como enfrentar esse destino maligno. Anseio por ouvir do preceptor da nossa família, o sábio Vashishta²⁰, como posso conquistar a Graça de Deus e reparar esse pecado. Estou muito perturbado pela dor. O que sugere como o melhor meio de se obter a Graça?”

Sudakshina não demorou sequer para pensar na resposta: “Senhor! Esse mesmo temor também havia entrado na minha mente, causando-me muita angústia. Eu não o expressei; sufoquei-o na mente, pois sei que não posso revelar os meus temores sem que me incentive a fazê-lo, meu senhor. Estou sempre disposta e ansiosa a apoiar e seguir irrestritamente o que for do seu agrado em relação à melhor maneira de superar a nossa tristeza. Por que deveria haver qualquer demora? Vamos logo consultar o reverenciado Vashishta”. Dilipa ordenou que trouxessem uma carruagem para levá-los em peregrinação ao eremitério do preceptor e determinou que nenhuma escolta ou cortesão os acompanhasse. Na verdade, ele mesmo dirigiu o veículo até a modesta cabana do seu amado *guru*.

Ao ouvir o som da carruagem, os eremitas que estavam nos arredores do eremitério entraram na cabana e informaram o mestre da chegada do governante do império. Assim que o avistou próximo à porta, Vashishta derramou as suas bênçãos sobre ele e afetuosamente indagou-lhe sobre a sua saúde e o bem-estar dos seus súditos, assim como dos seus amigos e parentes.

Sudakshina caiu aos pés da consorte do sábio, a afamada Arundhati, personificação de todas as virtudes que adornam a mais nobre das mulheres. Arundhati ergueu-a, trouxe-a para junto de si, abraçou-a carinhosamente, incentivando-a com perguntas sobre o seu bem-estar, e depois a conduziu à parte interna do eremitério.

Como convinha ao monarca do reino, Dilipa indagou a Vashishta se os rituais e sacrifícios que os ascetas deviam executar como parte da tradição cultural estavam sendo realizados sem empecilhos; se os anacoretas enfrentavam alguma dificuldade em obter comida e continuar com os seus estudos e práticas espirituais; se os seus campos silvestres estavam sendo ameaçados por animais selvagens. Era o seu anseio, afirmou o imperador, que eles progredissem nos seus estudos e práticas espirituais sem distrações causadas por um ambiente adverso ou influências contrárias.

Quando o rei e a rainha entraram na cabana e sentaram-se com os sábios e buscadores espirituais ali reunidos, Vashishta sugeriu a estes que fossem para os seus próprios eremitérios e perguntou ao rei o motivo da sua vinda na companhia da rainha e de mais ninguém. O soberano relatou ao preceptor a natureza e a profundidade do seu pesar e suplicou-lhe o único remédio que poderia removê-lo, ou seja, a sua graça.

A maldição da vaca sagrada

Ouvindo aquela súplica, Vashishta perdeu-se em profunda meditação. Fez-se um perfeito silêncio. O rei também se sentou em posição de lótus no chão duro e fundiu a mente em Deus. A rainha sintonizou a sua mente com o Divino.

²⁰ Um dos sete grandes sábios ou *rishis* nomeados por Brahma com a atribuição de proteger os aspirantes espirituais (*sadhakas*) e preservar a cultura e a tradição védicas no atual *manvantara* ou era de Manu. (N. T.)

Por fim Vashishta abriu os olhos e disse: “Rei! A vontade de Deus não pode ser frustrada por nenhuma pessoa, seja qual for a sua força ou autoridade. Eu não tenho poder para anular o decreto do Divino. Não posso manifestar graça suficiente para lhe conceder, mediante as minhas bênçãos, o filho que deseja. O senhor atraiu para si mesmo uma maldição. Certa ocasião, quando se aproximava da capital durante a sua viagem de regresso ao lar, os seus olhos caíram sobre Kamadhenu, a vaca divina que realiza desejos, então reclinada à sombra fresca de Kalpataru²¹, a árvore que concede desejos! No entanto, preso no emaranhado dos prazeres mundanos, ignorou-a e prosseguiu orgulhosamente em direção ao palácio. Kamadhenu sofreu com a desatenção e sentiu-se magoada pelo fato de o senhor não a ter honrado. Achou que o seu povo iria fazer o mesmo, uma vez que o próprio rei havia falhado no seu dever; pois, argumentou ela, não haverá *dharma* na terra se continuarem a reinar sem restrições os governantes que não reverenciam os Vedas e negligenciam a vaca que dá sustento à humanidade.

“Naquele dia Kamadhenu lançou sobre o senhor uma maldição – a de que não teria nenhum filho para sucedê-lo no trono. Declarou, entretanto, que quando aceitasse os conselhos do *guru* e, humildemente e reverentemente, passasse a servi-la e a cultuá-la com gratidão, a maldição não teria mais efeito e o senhor seria recompensado com um filho e herdeiro.

“Sendo assim, a partir deste momento, cultue a vaca, juntamente com a sua rainha, tal como estabelecem os textos sagrados, e certamente haverá de ter um filho. Está chegando o momento em que as vacas começarão a retornar do pasto. O meu tesouro, a divina vaca Nandini, está se aproximando rapidamente do eremitério. Vá, sirva-a com devoção e fé inabalável. Dê-lhe de comer e beber nas horas apropriadas, dê-lhe banho, leve-a às pastagens e cuide para que nenhum mal lhe suceda enquanto pasta”.

Vashishta iniciou o rei e a rainha no voto ritualístico do “culto da vaca” (*dhenuvrata*), mandou-os para o estábulo com água sagrada e oferendas para o ritual e caminhou em direção ao rio para fazer as abluções e as orações da noite.

Certo dia, quando Nandini pastava alegremente na floresta, um leão avistou-a e seguiu-a a fim de saciar a sua fome. Dilipa viu o que estava acontecendo e empregou toda a sua habilidade e força para evitar que o leão a atacasse. Decidiu oferecer o seu próprio corpo em troca. O leão, embora felino e feroz, era um estrito seguidor do *dharma*; então, movido pela compaixão diante do sacrifício que Dilipa estava disposto a fazer, libertou a vaca e o rei das suas garras e deixou o local.

Tomada por um sentimento de indescritível gratidão e alegria pelo gesto de autossacrifício de Dilipa, Nandini declarou: “Rei! Neste momento a maldição que o aflige está suspensa! O senhor terá um filho que dominará o mundo inteiro, sustentará os princípios e a prática do *dharma*, ganhará notoriedade na Terra e no Céu, aumentará a fama da dinastia e, mais do que tudo, continuará a linhagem de Ikshvaku, na qual Narayana²², o próprio Senhor, nascerá um dia! Que esse filho nasça em breve”. A vaca sagrada abençoou o rei e, assistida por ele, retornou ao *ashram*²³ de Vashishta.

²¹ Segundo as Escrituras Sagradas hindus, Kalpataru, a árvore divina que realiza todos os desejos, emergiu do Oceano de Leite, juntamente com Kamadhenu, a vaca divina que provê todas as necessidades. (N. T.)

²² Narayana é Deus, uma manifestação do Espírito Divino e também um Nome do Senhor Vishnu. (N. T.)

²³ Eremitério, mosteiro ou retiro onde os *gurus* (mestres) vivem juntamente com os seus discípulos para lhes transmitir ensinamentos e guiá-los no caminho espiritual. (N. T.)

Vashishta não tinha necessidade de ser informado! Ele sabia de tudo. Assim que viu os semblantes do rei e da rainha, depreendeu que o desejo deles havia se realizado. Abençoou-os e permitiu-lhes que partissem para a cidade; então, após se prostrarem diante do sábio, Dilipa e a rainha Sudakshina retornaram ao palácio, cheios de alegria pela feliz reviravolta nos acontecimentos.

O reinado ideal do imperador Raghu

A criança crescia no ventre da mãe, como garantiam as bênçãos. Quando se completaram os meses de gestação, em um momento auspicioso, o filho nasceu. Assim que a feliz notícia se espalhou pela cidade e pelo reino, milhares de pessoas reuniram-se, em grande júbilo, diante e ao redor do palácio. As ruas foram enfeitadas com bandeiras e folhas verdes. Grupos de pessoas dançavam alegremente, convidando todos a participar do entusiasmo e balançando lamparinas de cânfora para celebrar a ocasião. Enormes multidões gritando “Vitória, vitória!” (*Jai, jai!*) dirigiam-se aos terrenos do palácio.

Dilipa ordenou ao ministro que anunciasse o nascimento do herdeiro do império à multidão reunida nos vastos terrenos do palácio; quando ele assim o fez, a aclamação de regozijo alcançou os céus. Os aplausos eram altos e demorados; gritos de “Viva!” ressoavam e se espalhavam pelas ruas. Muitas horas se passaram antes que a aglomeração se dispersasse e as pessoas voltassem para as suas casas.

No décimo dia, o rei convidou o *guru* e celebrou o ritual de nomeação do recém-nascido (*Namakaranam*). Escolheu-se o nome “Raghu” com base no asterismo²⁴ sob o qual ele nascera. A criança, que a todos deleitava com a sua tagarelice e brincadeiras, transformou-se em um jovem brilhante e encantador, estimado por todos; passada a adolescência, tornou-se um auxiliar valente, decidido e eficiente do pai!

Certa noite – ninguém poderia imaginar por que o rei se sentia assim –, ao conversar com a rainha, ele disse, “Sudakshina! Tenho conquistado muitas vitórias grandiosas! Tive êxito em celebrar muitos sacrifícios rituais importantes. Travei muitas batalhas ferozes contra invasores poderosos e triunfei sobre todos eles, incluindo até ogros e titãs sub-humanos! Somos abençoados com um filho que é uma joia preciosa! Nada mais temos a receber.

“Passemos o resto das nossas vidas em adoração a Deus. Raghu é o repositório de todas as virtudes; está apto, sob todos os aspectos, a assumir o fardo de governar o império. Confiemos o reino a ele e retiremo-nos para o silêncio da floresta, onde viveremos de raízes e frutos, servindo os sábios que levam uma vida austera repleta de pensamentos piedosos e aspirações voltadas para Deus. Santificaremos cada momento escutando os sagrados ensinamentos (*sravana*), meditando sobre o seu significado interno (*manana*) e praticando o caminho estabelecido (*nididhyasana*). Nem por um minuto cederemos à preguiça com base em qualidades tamásicas²⁵”.

Tão logo raiou o dia, o imperador chamou o ministro à sua presença e ordenou-lhe que fossem realizados os preparativos para a coroação e o casamento do príncipe. Cheio de espírito de renúncia, perguntou à rainha quais seriam os seus planos. Ela derramou lágrimas de regozijo e gratidão e respondeu: “Que maior boa sorte poderia

²⁴ Em astronomia, asterismo significa um agrupamento de estrelas dentro de uma constelação. (N. T.)

²⁵ Relativas a *tamas*, uma das três qualidades ou *gunas* inerentes à Criação: a qualidade da inércia, do torpor, da ignorância, da escuridão. (N. T.)

eu ganhar? Estou sujeita às suas ordens; prossiga com os seus planos”. O entusiasmo e aceitação voluntária de Sudakshina reforçaram a resolução do imperador.

Dilipa convocou os seus ministros, eruditos e sábios e comunicou-lhes a sua intenção de celebrar a coroação e o casamento do filho. Eles concordaram plenamente e as duas cerimônias foram realizadas com grande pompa. O pai, então, deu ao príncipe valiosos conselhos sobre governança, enfatizando a necessidade de promover o estudo dos Vedas, apoiar os eruditos versados na tradição védica e estabelecer leis que contribuíssem para o bem-estar do povo. Depois disso, mudou-se para a floresta com a rainha, resolvido a conquistar a Graça de Deus.

A partir daquele dia, o imperador Raghu administrou o reino de acordo com as diretrizes dadas pelos *pandits*²⁶ e com um duplo objetivo: a felicidade dos seus súditos e a promoção da vida correta. Acreditava que esses dois propósitos eram tão vitais quanto o ar que se respira; não poupava esforços na busca desses ideais e em fazer com que os seus ministros seguissem o mesmo caminho. Apesar de jovem, era rico em virtude. Por mais difícil que fosse um problema, ele o entendia com rapidez e descobria os meios de resolvê-lo. Fazia os seus súditos felizes e contentes. Ensinava aos reis perversos duras lições. Conquistava-os por meio de abordagens pacíficas e táticas diplomáticas inteligentes ou com o uso de um pequeno exército ou, ainda, rompendo abertamente com eles e levando-os à derrota no campo de batalha.

Vivia empenhado em atividades que assegurassem o bem-estar do povo e promovessem a cultura consagrada nos Vedas. Pessoas de todas as classes, independentemente da idade, situação econômica ou realização, exaltavam o seu governo. Diziam que ele provava ser superior ao pai em força física, bravura, conduta correta e compaixão. Todos afirmavam que granjeara importância duradoura para o nome que levava.

Raghu dava especial atenção ao cuidado e ao conforto dos eremitas que se dedicavam ao ascetismo nas florestas. Zelava para que ficassem a salvo de perseguições e supervisionava pessoalmente as providências a serem tomadas para a sua proteção e incentivo; por isso recebia as suas bênçãos e a sua graça em ampla medida.

Certo dia, o estudante e eremita Kautsu, discípulo de Varatantu, foi até a corte após terminar os estudos. Rogou ao rei que o ajudasse a obter a oferenda de agradecimento que deveria apresentar ao seu preceptor. Raghu deu-lhe o dinheiro que desejava. Kautsu sentiu-se feliz porque o presente recebido era puro, coletado sem causar nenhum sofrimento ao povo, que o pagava com gratidão e alegria, pois Raghu não recolhia um centésimo de rupia a mais do que era absolutamente necessário, pois estava sempre receoso da ira de Deus. O dinheiro foi entregue com grande amor e consideração. Com o coração cheio de alegria e reconhecimento, Kautsu disse carinhosamente ao Rei: “Que o senhor seja em breve abençoado com um filho que alcançará fama no mundo inteiro”. E assim deixou a presença do governante.

O rei Aja

Em cumprimento àquelas palavras, Raghu foi abençoado, dez meses mais tarde, com um filho que brilhava como um diamante! Os rituais de batismo e nomeação foram celebrados pelos sacerdotes do palácio. O bebê, que recebeu o nome de Aja, era simplesmente encantador. Tornou-se um rapaz ativo, ávido por aprender todas as

²⁶ Eruditos, pessoas versadas nas Escrituras Sagradas hindus. (N. T.)

artes e ciências, e veio a ser um adepto²⁷ em cada uma delas. A sua fama de grande erudito e jovem muito talentoso espalhou-se por toda a terra.

Com o passar do tempo, Raghu sentiu o mesmo impulso do pai – o de colocar sobre a cabeça do príncipe o fardo do cetro e retirar-se para a floresta a fim de se dedicar à meditação em Deus. Ele também ordenou aos ministros que providenciassem a transferência de autoridade mediante o ritual da coroação, que deveria ser realizado juntamente com o casamento de Aja com uma noiva apropriada. Indumati, irmã de Bhojaraja, governante do reino de Mágada, foi a escolhida para ser a companheira de vida do príncipe. Após a instalação de Aja no trono, os pais reais partiram para o seu retiro na floresta.

Aja, tendo a rainha como sua amada companheira, conquistou a lealdade dos súditos com a sua sabedoria e compaixão. O casal seguiu escrupulosamente os conselhos de Raghu sobre as maneiras e meios da boa administração. Aja amava e reverenciava o mundo e os seus habitantes como reflexos e imagens de Indumati, a quem tão profundamente amava; assim vivia na maior felicidade e enlevo. Eles costumavam passar dias e semanas em belos refúgios silvestres, admirando a glória e a grandiosidade da Natureza.

Nesse meio tempo, a rainha deu à luz um filho. Os pais ficaram radiantes de alegria com o feliz acontecimento e mandaram que se comunicasse a notícia ao seu venerado preceptor, Vashishta. Eles desejavam que fossem celebrados os ritos cerimoniais para o recém-nascido, a quem foi dado o nome de Dasharatha.

Dasharatha era o queridinho de todos os que o viam e tinham o privilégio de acariciá-lo. A criança acenava e lançava os braços e pernas para todos os lados como se estivesse repleta de vitalidade e alegria. Parecia que se alimentava de bem-aventurança (*ananda*) e que vivia apenas para transmitir a todos essa bem-aventurança.

Certo dia, Aja e Indumati dirigiram-se para a floresta, como era o seu costume, a fim de se entreterem no regaço da Natureza. O silêncio e a sublimidade daquele dia estavam ainda mais atraentes que em outros. Sentados à sombra de uma árvore, conversavam amavelmente quando soprou um vento forte e intenso, trazendo uma doce e indescritível fragrância. Podiam ouvir os acordes cativantes de uma divina melodia! Levantaram-se e procuraram ao seu redor a causa daqueles misteriosos presentes. Então avistaram lá no alto, acima das suas cabeças, Narada²⁸, o “filho mental” (*manasaputra*) de Brahma²⁹, movendo-se rapidamente entre as nuvens do céu. Enquanto o observavam, uma flor desprende-se da grinalda que ele usava no cabelo e, flutuando ao vento, caiu bem em cima da cabeça de Indumati. Impressionado com o incidente, Aja teve um choque ao ver que a rainha caíra imediatamente ao solo, desmaiada, e fechara os olhos para sempre!

O segredo da morte de Indumati

²⁷ Neste contexto, adepto é um iniciado, um ser que alcançou elevados níveis no domínio de uma disciplina, ciência, doutrina ou senda espiritual. (N. T.)

²⁸ Personagem proeminente em muitas obras da literatura védica, foi um grande sábio nascido da mente de Brahma, o Criador; é conhecido na tradição hindu como músico andarilho e contador de histórias, dotado da habilidade de transitar por diferentes mundos. (N. T.)

²⁹ Aspecto criador de Deus na *Trimurti* ou Trindade Divina hindu, na qual Vishnu é o aspecto preservador e Shiva o transformador ou destruidor. (N. T.)

A morte da mulher que amava tão profundamente quanto o próprio ar que respirava causou uma tristeza desesperadora no imperador; o seu lamento abalou a floresta de ponta a ponta. A terra estremeceu de compaixão; as árvores permaneceram imóveis, enraizadas na sua perplexidade diante do pesar que enchia o coração real e dele transbordava.

Narada ouviu o lamento – os soluços e gemidos – do soberano, que chorava sobre o corpo da sua amada, e desceu para consolá-lo em sua agonia. “Rei!”, disse ele, “de nada serve a tristeza quando sobrevém a morte. O corpo está sujeito ao nascimento e à morte; o que causa o nascimento causa também a morte. Procurar saber por que eles ocorrem é um exercício de insanidade. Os atos de Deus estão além da cadeia da causa e efeito. O intelecto comum não pode desvendá-los; pode, na melhor das hipóteses, supor a razão, tanto quanto as suas faculdades conseguem alcançar. Como poderá o intelecto compreender o que está fora do seu domínio?”

“A morte é inevitável para todo ser encarnado; no entanto, como a de Indumati está envolta em estranheza, devo mostrar-lhe a sua causa”. Narada trouxe Aja para perto de si e explicou-lhe: “Escute! Em dias passados, vendo o sábio Thrinabindu empenhado em extremo ascetismo, Indra³⁰ resolveu testar as suas realizações e a profundidade da sua equanimidade. Enviou Harini, uma sedutora celestial, com o objetivo de atraí-lo para o mundo da sensualidade. O sábio, porém, era imune às suas artimanhas e manteve-se inalterado. Abriu os olhos e disse: ‘Você não parece ser uma mulher comum; talvez seja uma donzela divina. Bem, não importa quem seja; deve sofrer uma punição por haver decidido executar uma ação perversa, um plano nefasto! Que nasça como um ser humano e que, tendo caído do Céu, saiba o que é ser um humano mortal’. Amaldiçoando-a assim, o sábio cerrou os olhos e mergulhou novamente em meditação.

“Harini tremeu de medo e derramou abundantes lágrimas de arrependimento. Rogou por perdão e pelo cancelamento do seu exílio do Céu. Implorou de forma comovente que a maldição fosse revogada. Diante disso, o sábio abrandou-se um pouco e falou: ‘Ó frágil ser! Não me é possível voltar atrás em minhas palavras, mas lhe indicarei uma ocasião na qual você será libertada. Ouça! No momento em que uma flor do Céu cair sobre a sua cabeça, a sua estrutura humana tombará e você poderá retornar ao Céu’. Indumati é aquela donzela divina que hoje encontrou a sua libertação. Quando uma flor que eu usava caiu sobre ela, Indumati livrou-se da maldição. Por que sofrer por isso? Não é de nenhuma valia.”

Narada falou sobre os deveres de um monarca, as suas responsabilidades e o exemplo que deve estabelecer diante de todos. Discorreu, ainda, sobre a natureza evanescente da vida e o mistério da morte, o destino final de todos os seres que nascem. Depois, seguiu o seu caminho pelo céu.

Incapaz de salvar a sua amada, Aja realizou o funeral e regressou ao palácio. Estava sobrecarregado de tristeza; apenas o príncipe Dasharatha conseguia lhe trazer algum consolo e renovar a sua vontade de viver. Passava os dias em taciturna agonia. Como Dasharatha já era um jovem adulto, transferiu para ele o reino e sentou-se à margem do rio Sarayu, decidido a cumprir o voto de “não aceitação de alimento”. Negando a si mesmo o sustento para se manter, fez com que a sua vida se extinguisse gradativamente.

³⁰ Senhor dos deuses (*devas*) e do Céu na mitologia hindu. (N. T.)

Tão logo soube da notícia, Dasharatha dirigiu-se apressadamente até a margem do rio Sarayu e chorou a perda do seu querido pai. Providenciou sem demora o funeral, sentindo um certo alívio por ele haver desistido da vida mediante um voto ritual. Extraiu alguma força desse fato e retomou os seus deveres de soberano, com pleno domínio de todas as suas diversas aptidões.

3. A MALDIÇÃO DA AUSÊNCIA DE DESCENDENTES PARA DASHARATHA

A inveja de Ravana

Em pouco tempo a fama de Dasharatha iluminava todos os quadrantes, como os raios do sol nascente. Como ele possuía a coragem e a habilidade de dez condutores reunidos, considerava-se apropriado o nome Dasharatha, o “herói das dez carruagens”. Ninguém podia se opor ao avanço da sua poderosa carruagem! Todos os governantes da época, mortalmente temerosos das suas proezas, prestavam-lhe homenagem diante do trono. O mundo o exaltava como um herói sem igual, um modelo de virtude, um estadista da mais elevada estatura.

Ravana, o rei demônio de Lanka³¹, ouviu falar de Dasharatha e da sua fama. Sentiu tanta inveja que engendrou um plano seguro para destruí-lo, de um jeito ou de outro. Procurou uma desculpa para provocar Dasharatha a enfrentá-lo em uma luta. Certo dia, enviou-lhe um emissário com uma mensagem na qual o avisava de que, a menos que lhe pagasse tributos, seria obrigado a confrontá-lo no campo de batalha e demonstrar a sua superioridade na guerra. Essa intimação contrariava o código moral nas relações internacionais, mas que moralidade um demônio haveria de respeitar?

Quando ouviu o mensageiro, Dasharatha riu alto e sarcasticamente. Ali mesmo, enquanto o mensageiro estava olhando, atirou flechas mortais certas que atingiram a própria capital de Lanka e travaram os seus portões! Então, dirigindo-se aos enviados, falou: “Bem, senhores! Travei os portões da sua cidade-fortaleza. O seu amo não poderá abri-los, por mais que tente. Esse é o ‘tributo’ que pago ao seu impertinente senhor”.

Quando os emissários retornaram e o informaram do ocorrido, Ravana ficou atônito ao descobrir que todos os portões da cidade estavam bem trancados. Os desesperados esforços que ele e os seus homens fizeram para abri-los foram em vão. Estranhamente, porém, quando Ravana foi tomado pela vergonha, as flechas retornaram a Ayodhya e os portões se abriram bruscamente.

Ravana, contudo, estava decidido a dominar todos os governantes do mundo. Percebendo que só poderia fazê-lo conquistando a Graça Divina, embrenhou-se na floresta e escolheu um local favorável e auspicioso para as suas práticas ascéticas. O seu ascetismo foi tão intenso e satisfatório que o deus Brahma se sentiu compelido a aparecer diante dele e oferecer-lhe qualquer benção que almejasse. “Ravana! Peça o que quiser! Eu lhe concederei o desejo do seu coração”, declarou Brahma.

Ravana revolveu na mente o insulto que sofrera nas mãos de Dasharatha. Alegando que este poderia ter filhos ainda mais poderosos, que poderiam fazê-lo sofrer mais, externou o seu desejo: “Senhor! Abençoe-me com a dádiva desta graça: que Dasharatha não gere descendência”.

A isso Brahma respondeu: “Assim seja”, e imediatamente desapareceu de cena, antes que Ravana pudesse formular outra solicitação torpe enquanto Ele estivesse

³¹ Reino insular governado pelo rei demônio Ravana; o seu território corresponderia hoje à antiga ilha do Ceilão, atual República do Sri Lanka. (N. T.)

presente! Ravana ficou se pavoneando, orgulhoso e destemido, exultante com a sua proeza e sucesso.

Nesse meio-tempo, outro projeto entrou na sua cabeça! “Dasharatha é agora um jovem em idade de se casar. Se eu arquitetar um plano para que ele não se case de jeito nenhum, terei a minha segurança duplamente garantida”, pensou consigo mesmo! Sondando ao redor com o auxílio das suas habilidades demoníacas, soube que havia uma grande probabilidade de que Dasharatha se casasse com a filha do rei de Kosala³². Decidiu, então, dar um fim àquela princesa! Como diz o ditado, quando a própria destruição é iminente, a razão fica distorcida. Ele entrou furtivamente no reino de Kosala e, disfarçado, sequestrou a princesa. Colocou-a em uma caixa de madeira e lançou-a às ondas do mar.

As três rainhas de Dasharatha: Kausalya, Sumitra e Kaikeyi³³

Ravana não conseguia enxergar a verdade de que nada pode acontecer sem a anuência da Vontade Divina. O desejo de Brahma era outro e a caixa foi levada pelas ondas até a costa, onde finalmente parou em uma bela área de lazer. Aconteceu que, no dia seguinte, Sumantra, o primeiro ministro de Dasharatha, visitou aquele local, disposto a passar um feriado tranquilo refletindo sobre os problemas do Estado. Os seus olhos pousaram sobre a caixa, que resgatou e abriu. Surpreendeu-se ao encontrar nela uma encantadora menina com atraentes olhos brilhantes e um halo de esplendor divino. Cheio de pena, dirigiu-se a ela com voz doce e suave: “Pequenina! Como você veio parar dentro desta caixa?”.

Ela respondeu: “Senhor, sou a princesa do reino de Kosala, meu nome é Kausalya. Não sei como vim parar dentro desta caixa nem quem me colocou aqui. Eu estava brincando com minhas companheiras nos jardins do palácio. Não me lembro do que aconteceu”.

Comovido pela sua simples e sincera declaração, Sumantra disse: “Somente *rakshasas* recorrem a esses bárbaros estratagemas, que estão além do conhecimento humano! Eu a levarei até o seu pai. Venha comigo, vamos sem demora”. Colocou-a na sua carruagem e partiu para Kosala, onde a restituiu ao rei e narrou diante da corte os detalhes por ele conhecidos.

O rei interrogou-o de diversas maneiras e descobriu que ele não era outro senão o ministro da corte de Dasharatha, imperador de Ayodhya, e que o seu senhor ainda estava solteiro. Encheu-se de alegria com a descoberta e falou: “Ministro! O senhor trouxe de volta a minha filha, salvando-a da destruição. Decidi, portanto, dá-la em casamento ao seu senhor. Por favor, informe o rei da minha oferta”. Honrou Sumantra com as devidas formalidades e mandou-o de volta, com o sacerdote da corte e presentes apropriados.

Sumantra relatou a Dasharatha os pormenores de tudo o que havia acontecido. A fim de confirmar o seu assentimento, o imperador enviou, juntamente com o sacerdote da corte de Kosala, o sacerdote da sua própria corte com presentes de

³² O texto aqui se refere ao reino de Dakshina Kosala, que não deve ser confundido com Uttara Kosala, o reino governado pelos soberanos da dinastia de Ikshvaku, à qual pertencia Rama (as palavras da língua sânscrita *dakshina* e *uttara* significam, respectivamente, “meridional” e “setentrional”). (N. T.)

³³ O nome da terceira esposa do imperador Dasharatha tem duas grafias, Kaikeyi e Kaika, conforme o texto e o idioma em que aparece. Na presente tradução optou-se pela primeira grafia (Kaikeyi) por ser esta muito mais conhecida. (N. T.)

natureza auspiciosa. Marcaram-se, então, a data e a hora. Dasharatha dirigiu-se à capital de Kosala, acompanhado de um magnífico séquito de carruagens e tropas de elefantes, cavalaria e infantaria. Os hinos de louvor entoados durante o cortejo alcançavam os céus e ecoavam no horizonte. Celebrou-se o casamento de Dasharatha e Kausalya com retumbante grandiosidade e esplendor.

O rei de Kosala trouxe Sumantra para o seu lado e disse: “É ao senhor que se deve esta glória. Certamente nada acontece sem a vontade de Deus; no entanto, como poderia eu pagar a dívida que tenho e demonstrar a minha gratidão para com o senhor? Por favor, honre e aceite a minha oferta; case-se neste mesmo dia na minha capital. Se concordar, providenciarei ainda hoje a celebração desse feliz evento”.

Dasharatha e Sumantra assentiram à proposta e Sumantra casou-se com a filha de Viradasa, do clã Ganga. A notícia dos dois casamentos, o do rei e o do primeiro-ministro, no mesmo local e na mesma data, espalhou-se por todo o reino! A terra encheu-se de admiração e enlevo. As festividades duraram três dias. Ofereceram-se à população música, teatro, dança e outras formas de entretenimento. Foram noites e dias repletos de emoção e alegria.

No quarto dia, Dasharatha iniciou o seu regresso a Ayodhya, com a rainha e os cortesãos e também com Sumantra, esposa e comitiva. Entraram na cidade em meio à aclamação do povo, que exultava com os casamentos do rei e do ministro. Os súditos de Dasharatha dançavam nas ruas e gritavam “Viva, viva!” até ficarem roucos. Enfileiravam-se nas ruas para ver a sua rainha; aspergiam água de rosas nas estradas por onde eles passavam e lhes davam as boas-vindas balançando lamparinas de cânfora.

Dasharatha retomou os seus encargos reais e governou o reino com amor e carinho. Frequentemente saía com a sua consorte em excursões pelas florestas e vivia dias felizes. Mas, à medida que o tempo corria, passando-se dias, meses e até anos, a sombra da angústia anuviava o seu semblante, pois a dor de não ter filhos o entristecia.

O rei consultou sacerdotes, *pandits* e ministros e, assim que soube que o desejo deles estava em consonância com a fervorosa oração de Kausalya, desposou outra mulher, Sumitra. Ela estava à altura do seu nome³⁴, pois era realmente cheia de virtudes relacionadas à amizade. Kausalya e Sumitra eram interligadas por laços de afeto muito mais fortes do que os existentes entre mãe e filha. Uma ansiava por proporcionar alegria à outra e ambas eram dotadas de profunda coragem, desprendimento e solidariedade.

Contudo, apesar do transcurso de muitos anos, não houve sinais de que o rei garantiria um sucessor ao trono. Movido pelo desespero e ante a insistência das duas rainhas, ele se casou com uma terceira esposa, Kaikeyi, a linda e encantadora filha do rei de Kekaya, na Caxemira.

O rei de Kekaya, entretanto, estabeleceu certas condições antes de dar a sua filha em casamento! Insistiu em que o filho nascido de Kaikeyi tivesse o direito de ascender ao trono. Se o rei de Ayodhya não concordasse, não daria o seu consentimento. Garga, o sacerdote da corte, levou a mensagem a Ayodhya.

Kausalya e Sumitra reconheciam o ardor do rei em se casar com a princesa de Kekaya, cuja beleza era muito exaltada por todos. Sentiam que o dever de uma verdadeira esposa é obedecer ao mínimo anseio do marido e fazer o máximo para

³⁴ O nome Sumitra é de origem sânscrita e significa “amável”, “amigável”, “boa amiga”. (N. T.)

ajudar na realização desse desejo. Também sabiam muito bem que a linhagem imperial de Ayodhya jamais poderia ser poluída por um filho que transgredisse o *dharma*. Ainda que Dasharatha promettesse que o filho da terceira esposa poderia suceder ao trono, o de Kaikeyi, por haver nascido naquela dinastia, seria certamente uma encarnação da retidão, livre de tal mácula. Então insistiram, com as palmas unidas em súplica: “Senhor! Que maior felicidade temos senão a sua? Aceite as condições impostas pelo rei de Kekaya, despose a sua filha e assegure a continuidade da dinastia de Raghu. Não há necessidade de se gastar nem mais um minuto pensando nisso”.

As palavras das rainhas atiçaram o ardor natural do soberano, tornando-o uma chama ainda mais brilhante. Ele enviou Garga de volta com muitos presentes, concordando com os termos e informando ao rei de Kekaya que muito em breve seguiria para a cerimônia do casamento, afinal celebrada com pródiga magnificência.

Dasharatha regressou à capital do seu reino, brilhando como a lua entre estrelas enquanto passava pelas ruas em procissão, acompanhado das três rainhas. Tratava cada uma delas com igual consideração; estas, por sua vez, também demonstravam igual amor e respeito entre si e para com o rei. Adoravam-no e temiam desagradá-lo. Davam o melhor de si para realizar e não estorvar os seus desejos, pois o reverenciavam como sendo o seu deus, conforme a tradição de uma verdadeira esposa. As três viviam em tão íntimo amor mútuo que pareciam possuir um só alento, embora se movessem como três corpos!

A realização de um sacrifício para gerar um filho

O tempo foi passando. O rei e as rainhas cruzaram os limites da juventude e da meia-idade e aproximavam-se da fase da velhice, mas não havia sinal de um filho. Portanto, embora os aposentos das mulheres no palácio possuissem todo o conforto e os acessórios necessários para uma existência feliz, os corações das rainhas estavam despedaçados pela inquietação, ansiedade e desespero.

Certa noite, os quatro (o rei e as rainhas) sentaram-se em um dos aposentos do palácio e ali passaram horas de apreensão em relação ao futuro de Ayodhya e às perspectivas sobre a prosperidade e a segurança do reino. Cada um procurou se posicionar de forma inteligente e gentil; por fim, incapazes de resolver o problema, levantaram-se, profundamente abatidos, e decidiram consultar Vashishta, o preceptor da família, e aceitar o seu conselho.

Ao raiar do dia, Vashishta foi convidado a conceder-lhes a sua presença. Muitos *pandits* e conselheiros também foram chamados para serem consultados. O monarca expôs-lhes o problema que era encontrar um sucessor para governar o vasto reino entre os dois mares, o território do império sob o controle da dinastia de Raghu. Dominado pelo desespero, suplicou lastimosamente aos anciãos sugestões proveitosas.

Vashishta permaneceu imerso em pensamentos por longo tempo; finalmente abriu os olhos e falou: “Ó rei! O senhor não tem necessidade de se afligir assim. Ayodhya não ficará sem um senhor, não sofrerá viuvez. Esta terra será alegre, feliz e próspera, com celebrações ininterruptas e perenemente enfeitada com guirlandas verdes. Será a guardiã do reto viver, vibrante de música e alegria. Não concordo com a indicação de um príncipe de outra dinastia para assumir o trono de Ayodhya. A Graça de Deus é um dom inescrutável. O voto de retidão que o senhor está cumprindo certamente haverá de lhe trazer a suprema alegria de gerar um filho. Não se demore

mais! Convide o sábio Rishyashringa, filho de Vibhandaka, e realize, tendo-o como sumo sacerdote, o sagrado sacrifício prescrito para aqueles que desejam gerar um filho. Tome todas as providências de ordem cerimonial e ritual necessárias para a sua execução imediata. O seu desejo será atendido, sem falta”.

As ouvirem aquelas tranquilizadoras palavras, proferidas tão enfaticamente por Vashishta, as rainhas encheram-se de bem-aventurança (*ananda*)! A esperança floresceu novamente em seus corações. Elas se recolheram aos seus aposentos, orando fervorosamente.

O rei buscou entre a sua comitiva o emissário mais adequado para convidar Rishyashringa a ir à capital imperial. Por fim, convocou o seu velho amigo Romapada, soberano do Estado de Anga, e enviou-o com as instruções e apetrechos necessários. Enquanto isso, procederam-se aos preparativos para o ritual na margem do sagrado rio Sarayu. Construíram-se atraentes altares sacrificiais, em conformidade com preceitos sagrados, e a cidade foi decorada com bandeiras e guirlandas.

Como esperado, o grande sábio Rishyashringa, acompanhado da sua consorte Shanta³⁵, entrou na cidade de Ayodhya, para grande deleite de todos. O imperador Dasharatha recepcionou o sábio no portão principal do palácio. Lavou ritualisticamente os pés de Rishyashringa e aspergiu sobre a própria cabeça algumas gotas da água assim santificada. Em seguida, prostrou-se aos pés de Vashishta, rogando-lhe que indagasse a Rishyashringa quais os procedimentos apropriados para o sacrifício planejado.

Rishyashringa solicitou aos ministros e aos eruditos que se sentassem na ordem indicada e direcionou o rei a tomar assento no trono. Depois descreveu os diversos procedimentos da cerimônia, de modo que os sacerdotes da corte pudessem anotá-los para a sua própria orientação. Especificou tudo tão detalhadamente que cada um sabia exatamente até mesmo onde se sentaria no salão sacrificial!

O sábio decidiu que o sacrifício teria início logo no dia seguinte, exatamente às sete horas. A notícia espalhou-se por toda a cidade em um instante. Antes do amanhecer, todas as ruas já estavam decoradas com guirlandas verdes, e cada uma delas fervilhava de gente que se comprimia, movendo-se apressadamente em direção ao vasto espaço aberto à margem do Sarayu, onde seria realizado o sacrifício. A população ansiosa lotou a margem do rio.

Rishyashringa e sua consorte Shanta, o rei e as rainhas entraram no pavilhão sacrificial (*yajna mantap*) especialmente construído para o evento, enquanto cantos védicos e músicas tocadas em cornetas, trompetes e clarinetes ecoavam pelo céu, juntamente com os aplausos do povo. Rishyashringa foi instalado como o “Brahma” ou principal celebrante do sacrifício. Ele atribuiu aos eruditos várias tarefas, tais como adoração, recitação, canto e propiciação, de acordo com as respectivas qualificações. Colocaram-se as oferendas no fogo sagrado, com escrupulosa exatidão e profunda fé e devoção, com as fórmulas prescritas pelo próprio Rishyashringa.

Então, diante dos olhos de todos, surgiu do fogo cultuado conforme as Escrituras um ser divino que brilhava com o ofuscante esplendor de um súbito relâmpago! Ele segurava nas mãos um vaso cintilante. A imensa multidão e também os sacerdotes ficaram petrificados de admiração, reverência, temor e felicidade, impressionados pela

³⁵ Além de esposa do grande sábio Rishyashringa, ela era filha do rei Romapada, o mensageiro amigo de Dasharatha. (N. T.)

súbita eclosão de bem-aventurança e mistério. Derramando lágrimas de alegria, o rei e as rainhas volveram os olhos para o ser divino e, com as palmas unidas, oraram a ele.

Rishyashringa, com imperturbável equanimidade, prosseguiu com as fórmulas, oferecendo oblações no fogo, tal como prescreviam os textos sagrados. Subitamente, uma voz ressoou na abóbada celeste, como no Dia da Fusão³⁶. Perplexo, Rishyashringa sentou-se, atento à mensagem que vinha do alto. “Grande rei (*Maharaja*)! Aceite este vaso e dê às suas três rainhas, em porções adequadas, o sagrado pudim de leite açucarado (*payasam*) que ele contém”, anunciou a voz. Então, depois de colocar o vaso nas mãos do soberano, o misterioso ser desapareceu nas chamas das quais emergira.

A alegria do povo e dos príncipes, *pandits* e sacerdotes que haviam testemunhado aquela grande manifestação não tinha limites. Logo os rituais finais foram concluídos e o grande rei retornou ao palácio, em procissão, tendo nas mãos o vaso sagrado concedido pelos deuses.

³⁶ Ao que parece, essa expressão se refere ao dia em que, segundo a tradição hindu, o Universo criado se fundirá no Divino, que é a sua fonte. (N. T.)

4. O NASCIMENTO DOS QUATRO FILHOS DE DASHARATHA

As rainhas terminaram o banho cerimonial, como aconselhara o preceptor, e adentraram o santuário do palácio onde estava o altar da deidade da família. Ali Vashishta concluiu a cerimônia de adoração. O alimento (*payasam*) trazido pelo Ser Divino foi colocado em três taças de ouro. Em seguida Vashishta chamou Dasharatha e falou: “Rei! Dê estas taças às suas esposas; primeiro a Kausalya, depois a Sumitra e por último a Kaikeyi”. O rei agiu como ordenado. As rainhas pegaram as taças e prostraram-se aos pés de Vashishta e de Dasharatha. Então Vashishta lhes disse que ingerissem o alimento, mas somente após tocarem os pés de Rishyashringa, que havia celebrado o sacrifício.

Kausalya e Kaikeyi mantiveram as suas taças a salvo no santuário e foram encontrar as criadas para secar os cabelos antes de penteá-los. Quanto a Sumitra, subiu ao terraço e, pondo a sua taça sobre o estreito parapeito, deixou os cabelos secarem ao sol enquanto refletia sobre a sua situação desfavorável e peculiar: “Eu sou a segunda rainha! O filho da rainha mais velha ascenderá ao trono, conforme o direito real. O de Kaikeyi, a terceira rainha, poderá assumir o trono, de acordo com a promessa feita pelo rei na época do seu casamento com ela!” Perguntou-se: “O que acontecerá com o filho que eu tiver? Não estará aqui nem lá. Por que ter um filho para sofrer como um ninguém, sem status nem soberania? Bem melhor que esse filho não nasça do que nascer e ser negligenciado”.

Mas aquilo só durou alguns momentos; em pouco tempo ela ficou em paz consigo mesma. Sentiu que aquilo que os deuses decidem deve acontecer, ninguém pode impedi-lo. Então, lembrando-se do que havia determinado o preceptor e da ordem do rei, foi em direção à taça, resolvida a ingerir o seu conteúdo, mas – vejam só! – eis que uma águia veio voando e rapidamente pegou a taça com o bico, levando-a para bem longe, bem longe no céu.

Sumitra arrependeu-se da sua negligência em relação ao precioso alimento. Percebeu que o rei ficaria muito aborrecido se viesse a saber do acidente. Como não conseguia decidir o que fazer, foi diretamente a Kausalya e contou-lhe o que havia ocorrido. Nesse momento, Kaikeyi veio com a sua taça de ouro, após haver prendido os cabelos secos. As três eram muito amorosas entre si, como irmãs ligadas por um único fio de seda feito de afeição.

Evitando comunicar a triste notícia ao rei, elas ordenaram que trouxessem outra taça de ouro, onde Kausalya e Kaikeyi despejaram uma porção do conteúdo das suas próprias taças, de modo que todas juntas pudessem ocupar os seus lugares no santuário. Ali comeram o *payasam* enquanto Rishyashringa proferia as suas bênçãos e outros anciãos e eruditos cantavam auspiciosos hinos védicos. Depois as rainhas sorveram goles de água santificada e prostraram-se diante do altar. Inclinaram-se aos pés de Rishyashringa e dirigiram-se aos seus palácios.

Passado o tempo, espalhou-se entre o povo a notícia da gravidez das rainhas, que apresentavam aparência radiante. Ao chegar o décimo mês³⁷, criadas e enfermeiras passaram a observá-las com vigilante cuidado enquanto aguardavam o feliz acontecimento. Nisso ficaram sabendo que Kausalya estava com as dores do parto; a

³⁷ O texto refere-se ao décimo mês lunar. A duração média da gravidez é de 280 dias, que correspondem a 40 semanas ou a dez meses lunares. (N. T.)

caminho do palácio da rainha, tiveram conhecimento de que ela dera à luz um príncipe! No segundo dia, Kaikeyi trouxe à existência um filho. As ótimas notícias trouxeram alegria ao país inteiro. No dia seguinte, Sumitra teve as dores do parto e deu à luz gêmeos.

Viam-se por toda parte sinais auspiciosos. As boas novas encheram a todos de imensurável júbilo. A terra cobriu-se de verde, árvores floresceram por toda parte! O ar ficou repleto de música e nuvens derramaram gotas de chuva perfumada – apenas nos aposentos onde os bebês estavam deitados nos seus berços! A alegria de Dasharatha não tinha limites. Durante anos estivera imerso em agonia por não ter sequer um único filho; agora o nascimento de quatro filhos trazia-lhe indescritível satisfação e felicidade.

O rei chamou brâmanes³⁸ (*brahmins*) e presenteou-os com ouro, vacas e terras em abundância. Providenciou a distribuição de dinheiro e roupas aos pobres e doou casas aos desabrigados. Alimentou os famintos. Onde quer que se olhasse, viam-se pessoas aclamando o venturoso acontecimento com gritos de “Viva, viva!”. Os súditos reuniam-se em grandes aglomerações para expressar com música e danças a sua alegria. “Agora temos príncipes na linhagem real”, orgulhavam-se. Sentiam-se mais exultantes naquele momento do que quando haviam nascido os seus próprios filhos. As mulheres ofereciam culto a Deus em gratidão por aquele ato de Graça, pois tinham certeza de que o nascimento dos filhos do seu rei era um sinal da Misericórdia Divina.

Dasharatha convidou Vashishta, o preceptor da dinastia real, a ir até o palácio e, de acordo com a sua sugestão, providenciou um sábio astrólogo para fazer os horóscopos dos recém-nascidos. Ele anunciou que o bebê de Kausalya nascera em um momento extremamente propício – *Uttarayana*³⁹, a metade divina do ano, quando se dá a jornada do Sol em direção ao Norte –, no segundo mês da primavera (*Chaitra*⁴⁰), na quinzena brilhante⁴¹, nono dia, segunda-feira, sob a estrela Punarvasu⁴², no signo zodiacal de Leão (*Simhalagna*⁴³) e no “período da vitória” (*abhijit*⁴⁴), quando o mundo repousava alegremente e o clima era agradável.

O filho de Kaikeyi nascera no dia seguinte, no segundo mês da primavera, na metade brilhante⁴⁵, décimo dia, terça-feira, sob a *yoga* astrológica⁴⁶ da fragrância

³⁸ Membros da casta hindu dos sacerdotes e dos eruditos. A palavra *brahmin* vem do termo sânscrito *brahmana*, que significa “aquele que é versado no conhecimento de Brahman, ou seja, do Absoluto”. (N. T.)

³⁹ *Uttarayana* (*uttara* = norte + *ayana* = movimento, jornada) é o período em que o Sol, em seu movimento aparente na esfera celeste, segue em direção ao Hemisfério Norte. Esse período, que tem a duração de seis meses (o primeiro semestre do ano), é considerado especialmente auspicioso para práticas espirituais e cerimônias rituais. (N. T.)

⁴⁰ Primeiro mês do calendário lunar hindu; corresponde geralmente a parte de março e de abril no calendário gregoriano. (N. T.)

⁴¹ A quinzena brilhante (*shukla paksha*) é o período de quinze dias transcorrido entre a lua nova e a lua cheia durante o mês. (N. T.)

⁴² Na astrologia védica, Punarvasu é o nome da mansão lunar (*nakshatra*) correspondente ao conjunto das duas estrelas mais brilhantes da constelação de Gêmeos, conhecidas como Castor e Pólux. (N. T.)

⁴³ Observe-se que, na astrologia védica, o signo zodiacal de Leão não corresponde ao mesmo período do signo de igual nome na astrologia ocidental. (N. T.)

⁴⁴ A palavra *abhijit* (sânscrito) significa “vitorioso”, “aquele que não pode ser derrotado”; por isso se diz que o auspicioso período de *abhijit* (*abhijit muhurta*), que dura aproximadamente 24 minutos antes e 24 minutos depois do meio-dia, é o “período da vitória”. Não se deve confundir-lo com a mansão lunar do mesmo nome (*Abhijit nakshatra*). (N. T.)

⁴⁵ Essa expressão tem o mesmo significado de “quinzena brilhante” do mês. (N. T.)

(*gandha-yoga*). Os gêmeos haviam nascido no terceiro dia, no segundo mês da primavera, na metade brilhante, décimo primeiro dia, sob a estrela *Ashlesha*⁴⁶ e a *yoga* astrológica da prosperidade (*vridddhi-yoga*). Esses detalhes foram comunicados ao astrólogo convidado a fazer os mapas e escrever os respectivos horóscopos, em consonância com a ciência astrológica, e comunicar ao rei as conclusões a que havia chegado.

A cerimônia de nomeação

Então Dasharatha solicitou a Vashishta que marcasse um momento auspicioso para a cerimônia de nomeação das crianças. O preceptor da família sentou-se em silêncio por alguns segundos, imerso em meditação. Anteviu os anos futuros revelados na sua visão iogue. Ao despertar da visão, declarou: “Ó grande rei! Os seus filhos não são simples mortais; eles são incomparáveis. Têm muitos nomes e não são humanos. São seres divinos que assumiram a forma humana; são personalidades divinas. A boa sorte do mundo os trouxe aqui. Considero uma grande oportunidade ser o celebrante da cerimônia de nomeação dessas crianças divinas”.

As mães eram três, mas o pai era um só; por isso Vashishta determinou que o período de dez dias de “impureza” fosse contado a partir do dia em que Kausalya dera à luz o seu bebê. Sendo assim, ele considerou auspicioso para a cerimônia de nomeação o décimo primeiro dia após o nascimento do filho de Kausalya. O rei prostrou-se aos pés de Vashishta, em gratidão por esse favor, e o preceptor retornou ao seu eremitério.

O astrólogo também aprovou a data e começou a escrever a lista dos materiais a serem providenciados para o ritual. Entregou-a ao sumo sacerdote e partiu, carregado de presentes que o rei lhe havia dado. Dasharatha ordenou que se redigissem convites para a cerimônia e enviou-os aos senhores feudais, nobres, cortesãos, sábios e eruditos de todo o império, empregando-se o tratamento apropriado segundo a posição e o cargo de cada um deles. Os mensageiros responsáveis por levar as mensagens eram ministros, *pandits* e funcionários da corte ou brâmanes, de acordo com o cargo e a posição dos convidados.

Passaram-se dez dias. A cidade de Ayodhya, resplandecente e bela, tornara-se extremamente encantadora aos olhos. O ar estava repleto de melodias que se espalhavam por toda a extensão do reino, fazendo com que as pessoas se perguntassem se havia anjos celestiais cantando lá no alto. Aspergiam-se aromas nas ruas; a cidade transbordava de visitantes. Apenas sábios e cortesãos podiam entrar nos aposentos internos do palácio; os demais, fossem príncipes ou camponeses, dispunham de alojamentos separados. Construíram-se arquibancadas no pátio do palácio para acomodar todos os hóspedes e convidados, de forma que pudessem assistir, ali sentados, à cerimônia de nomeação e toda a sua ritualística.

Logo se ouviu música vinda do salão da corte, assim como o som de hinos védicos cantados por brâmanes. As três rainhas, tendo os bebês nos braços, adentraram o salão elegantemente decorado. Brilhavam como mães divinas carregando os deuses

⁴⁶ *Yogas*, na astrologia védica, são certas combinações de planetas e signos em um mapa natal. (N. T.)

⁴⁷ Mansão lunar (*nakshatra*) da constelação de Hidra. (N. T.)

Brahma, Vishnu e Shiva⁴⁸. A bem-aventurança e o esplendor que inundavam os seus rostos estavam além da capacidade humana de descrição.

Quando o povo percebeu a sua entrada, aclamações de “Vitória!” ergueram-se de cada coração. Mulheres balançavam auspiciosas lamparinas de cânfora à sua frente. Três assentos especiais haviam sido preparados para elas. Kausalya tomou o seu primeiro, seguida por Sumitra e Kaikeyi. O imperador Dasharatha sentou-se ao lado de Kausalya, à sua direita.

Os brâmanes deram início à cerimônia, com a devida atenção a cada detalhe. Acenderam o fogo sagrado e fizeram oblações acompanhadas da recitação dos mantras apropriados. Despejaram-se e espalharam-se grãos de arroz em pratos de ouro; em seguida cobriu-se o arroz com um pano de seda macio, sobre o qual as mães colocaram os seus bebês. O filho de Kausalya fitou Vashishta como se este fosse um íntimo conhecido seu! Tentou aproximar-se dele, como se apreciasse a sua companhia e desejasse estar perto dele! Todos se admiraram com aquele estranho comportamento.

Tomado pela emoção, Vashishta derramou lágrimas de alegria; teve que enxugar os olhos e controlou-se com muito esforço. Segurando na mão alguns grãos de arroz, ele disse: “Rei! O filho nascido para proporcionar alegria a Kausalya fará o mesmo por toda a humanidade. As suas virtudes trarão a todos consolo e contentamento, júbilo e felicidade. Ele será uma grande fonte de alegria para iogues e buscadores espirituais. Portanto, a partir deste momento, o seu nome será Rama, ou seja, ‘Aquele que agrada’”. “Excelente, excelente!”, exclamaram os sábios, dando as boas-vindas ao nome, que consideraram muito apropriado e significativo.

Depois Vashishta fixou o olhar nos filhos gêmeos de Sumitra. Sentiu que o mais velho seria um herói, um lutador valente e possuidor de vasta riqueza. Sabia que ele se deleitaria no serviço a Deus e à Sua consorte, Lakshmi⁴⁹, e que esse serviço seria o seu próprio alento vital; por isso deu-lhe o nome de Lakshmana. Quanto ao seu irmão mais novo, sabia que ele seria um formidável destruidor dos inimigos e um contente seguidor dos passos dos irmãos mais velhos; abençoou-o, portanto, com o nome de Satrugna, “o exterminador dos inimigos”.

Finalmente Vashishta mirou a criança que era a fonte da alegria de Kaikeyi. Soube que ela encheria de amor e de felicidade o coração de todos, que causaria admiração a todos com a sua incrível fidelidade ao *dharma* e que governaria os seus súditos com grande compaixão e afeto. Deu-lhe, então, o nome de Bharata, “aquele que governa”.

As pessoas alegraram-se ao ouvir o preceptor discorrer sobre o glorioso futuro das crianças. Encheram-se de amor pelos príncipes e, a partir daquele dia, passaram a chamá-los de Rama, Lakshmana, Satrugna e Bharata.

Dasharatha providenciara suntuosos banquetes para aqueles que haviam tomado parte na cerimônia e encheu de júbilo a todos os convivas; concedeu-lhes hospitalidade e presentes dignos da posição de cada um; fez abundantes doações em caridade e, como penitência ritual, distribuiu vacas, terras, ouro e outros itens de valor aos pobres e aos necessitados. Deu atenção a todos, de modo que ninguém ficasse

⁴⁸ Os deuses que, segundo a tradição hindu, compõem a *Trimurti* ou Trindade Divina e exercem, respectivamente, as funções cósmicas de criação, preservação e destruição/transformação do Universo. (N. T.)

⁴⁹ Nome da consorte de Vishnu, considerada a deusa da riqueza e da prosperidade, segundo a tradição hindu. (N. T.)

descontente ou desapontado. Após a cerimônia, despediu-se com a devida cortesia daqueles que retornavam aos seus lares.

Tristeza diante da separação

As crianças cresceram rapidamente sob o carinhoso cuidado das mães. Desde o início, porém, observou-se um fato curioso: Lakshmana sempre buscava Rama, e Satrugna sempre buscava Bharata! Desde o dia do seu nascimento, Lakshmana estava sempre chorando! Enfermeiras e outras pessoas tentaram diversas soluções e paliativos; nada aliviava o seu sofrimento nem fazia parar o seu choro. Suspeitou-se de alguma dor interna e experimentou-se uma grande quantidade de remédios, mas nenhum surtiu efeito. A rainha teve a certeza de que a dor da criança estava além do alcance de medicamentos.

Sumitra pediu, então, que chamassem Vashishta. Quando este entrou no salão, prostrou-se aos seus pés e suplicou: “Mestre, Lakshmana tem chorado desde o seu nascimento, clamando por algo que não sou capaz de descobrir. Consultei médicos e tratei-o como aconselhado, mas o choro aumenta a cada dia. Ele nem mesmo desfruta do leite materno! Quanto ao sono, é totalmente inexistente. Como poderá ser saudável e vigoroso se continuar assim? Diga-me, por gentileza, por que se comporta dessa forma e abençoe-o para que pare com esse pranto contínuo”.

Vashishta pensou por algum tempo e então falou: “Ó rainha! A dor dessa criança é incomum e a senhora está tentando curá-la com métodos e medicamentos comuns! O anseio de Lakshmana está além da compreensão dos mortais. Faça o que eu disser e ele ficará calmo e feliz; na mesma hora deixará de chorar e começará a brincar com prazer. Deite-o ao lado de Rama, o filho de Kausalya. Esta é a panaceia”. Após abençoar mãe e filho, Vashishta partiu. Sumitra levou a criança até o berço de Rama e deitou-a ao lado do irmão. A partir daquele exato momento, o choro parou! Começaram os risos e as brincadeiras!

Aqueles que testemunharam essa transformação ficaram maravilhados! Lakshmana, que até então sofria, começou a tagarelar alto, na maior felicidade, balançando alegremente os pés e as mãos; parecia um peixe devolvido à água, deslizando animadamente em rápidos impulsos. Achava-se na presença de Rama, imerso em bem-aventurança e consciente da Graça que Ele derramava.

A história de Satrugna teve contornos semelhantes. Ele era melancólico e avesso a comer e a brincar; parecia muito fraco e cansado. Preocupada com o seu desenvolvimento, Sumitra convidou o preceptor a ir até o palácio e perguntou-lhe a razão. Vashishta sorriu novamente e disse: “Mãe! Os seus filhos não são de natureza comum; eles nasceram para encenar um drama divino! Coloque Satrugna na mesma cama de Bharata! Então a sua rotina diária será prazerosa e extremamente feliz. Não se preocupe mais”. Vashishta abençoou-a e partiu.

Sumitra seguiu imediatamente as suas instruções e, a partir de então, Satrugna passou o tempo na companhia de Bharata. As crianças estavam sempre juntas, em ilimitada bem-aventurança, e o seu progresso era imensurável! Como o esplendor do sol, cresciam a cada hora em inteligência e glória.

Agora Sumitra nada tinha a fazer pelos seus gêmeos; no entanto, pelo fato de amá-los como à sua própria vida, passava algum tempo na companhia de Kausalya e outro na de Kaikeyi, acariciando os filhos e atendendo às suas necessidades. Ia de um palácio a outro, desfrutando da sua tarefa como uma cuidadora zelando pelo conforto

das crianças. “Não fui destinada a cuidar deles como mãe”, lamentava-se algumas vezes em solidão. Perguntava-se frequentemente como surgira essa estranha situação – a dos seus filhos se sentirem felizes com aquelas mães e não com ela.

Finalmente, foi até o preceptor e rogou-lhe que aliviasse a sua ansiedade. Este revelou a verdadeira razão: “Mãe, Lakshmana é uma ‘parte’ de Rama e Satrugna é uma ‘parte’ de Bharata”. No momento em que essas palavras saíram dos seus lábios, Sumitra exclamou: “Sim, sim! Agora compreendo! Fico feliz por ter aprendido esta verdade com o senhor”. Prostrou-se aos pés de Vashishta e partiu em direção aos aposentos internos.

Sumitra disse a si mesma: “Quando a águia levou no bico a preciosa dádiva do alimento sagrado dado pelo mensageiro divino, fiquei tão assustada ante a perspectiva de que o rei se zangasse com a minha negligência que relatei a calamidade a Kausalya e a Kaikeyi; ambas partilharam comigo o alimento das suas taças e, em resultado das duas partes que consumi, dei à luz gêmeos! Oh, a vontade de Deus é misteriosa. O Seu poder e majestade estão além do conhecimento humano. Quem pode alterar o Seu decreto?”

Consolou-se, então: “Sim, eu os carreguei durante nove meses, passei pelas dores do parto, mas as suas mães verdadeiras são, sem sombra de dúvida, Kausalya e Kaikeyi”. Firmou-se nessa crença e confiou alegremente os filhos a Kausalya e a Kaikeyi, juntando-se a elas nos carinhos e cuidados para com eles.

A experiência de Kausalya com Rama

As criadas, assim como muitos parentes da família real, desfrutavam de grande alegria em observar as crianças brincando. Depois que saíam, Kausalya costumava insistir na escrupulosa realização de rituais para afastar o mau-olhado. Tinha tanta afeição e consideração pelos filhos que jamais percebia quando o dia se tornava noite ou quando esta dava lugar à aurora de um novo dia. Não era capaz de deixá-los sem vigilância, mesmo por uma fração de segundo. Enquanto tomava banho ou fazia adorações no santuário, a sua mente permanecia com os filhos e ela corria de volta para eles o mais rápido possível. Realizava todo o seu trabalho às pressas para que pudesse passar mais tempo cuidando deles.

Certo dia, banhou Rama e Lakshmana e aplicou fumaça aromática nos seus cabelos a fim de secá-los e perfumá-los. Carregou-os até os seus berços de ouro, cantou doces canções de ninar e embalou-os até que dormiram. Feito isso, pediu às cuidadoras para vigiá-los e dirigiu-se aos seus aposentos. Preparou a oferenda diária de alimento a Deus para completar os ritos de adoração, levou-a ao santuário em um prato de ouro e a ofereceu a Deus.

Algum tempo depois, voltou para buscar o prato e dar uma pequena quantidade do alimento às crianças. Para a sua surpresa, encontrou Rama sentado no chão diante do altar, com a oferenda à sua frente, comendo prazerosamente o alimento que ela dedicara a Deus! Não podia acreditar nos próprios olhos! Perguntou-se: “O que é isto que estou vendo? Estarão os meus olhos me iludindo? Será que isto é real? Poderá ser real? Como foi que este bebê, que dormia no seu berço, veio até o santuário? Quem o terá trazido aqui?”

Correu até o berço e espiou dentro dele, só para ver Rama adormecido ali! Afirmou a si mesma que aquilo fora uma ilusão e voltou ao santuário para buscar o recipiente com o alimento que pusera diante das imagens. Encontrou-o vazio! Pôs-se a

imaginar como aquilo poderia ter acontecido! Ter visto a criança no santuário poderia muito bem ter sido uma ilusão de ótica, mas... e o recipiente vazio? Como poderia ser uma ilusão de ótica?

Dividida entre o espanto e a descrença, pegou o prato com as sobras da oferenda, retornou apressadamente ao berço e ficou observando os dois bebês. Viu Rama revolvendo algo na língua, evidentemente apreciando o seu sabor. Estava entretida em observar o seu rosto quando – olhem só! – viu o Universo inteiro girando lá dentro. Perdeu toda a consciência de si mesma e de tudo à sua volta e permaneceu ali, extasiada, fitando com olhar perplexo aquele panorama ímpar que se revelava.

Atônitas diante do seu comportamento, as criadas gritaram, ansiosas, mas ela não as ouviu. Uma delas segurou os seus pés e sacudiu-a até que despertou para o que acontecia ao seu redor. Kausalya acordou instantaneamente, com um leve tremor. Viu as criadas ao seu redor e, maravilhada, sentou-se em um estrado. Virando-se para elas, perguntou se estavam vigiando a criança. “Sim, estamos aqui há muito tempo. Não tiramos os olhos dela”, responderam. “Perceberam alguma mudança nela?”, indagou Kausalya, ávida e apressadamente. “Não percebemos nenhuma mudança; está dormindo profundamente, como a senhora pode ver”, foi a resposta.

Kausalya estava com um problema: teria a sua visão sido uma ilusão ou um fato? Se verdadeira, por que as criadas não haviam percebido nada? Refletiu longamente a respeito e finalmente se consolou com o argumento de que, como as crianças haviam nascido em consequência da Graça Divina, era de se esperar delas manifestações divinas. Cuidou dos filhos e alimentou-os com profundo zelo materno. Dia após dia eles cresciam com esplendor cada vez maior, tal como a lua na metade brilhante do mês. Era uma alegria imensurável para ela mimá-los e enfeitá-los com roupas e joias.

A infância de Rama foi uma parte simples, porém sublime da sua vida. Com muita frequência, esquecendo-se que ele era seu filho, Kausalya curvava-se aos seus pés e unia as palmas das mãos diante dele, sabendo que era divino. Receava o que poderiam dizer se a vissem curvando-se diante do próprio filho e tocando os seus pés em adoração. Para encobrir a sua confusão, olhava para o alto e orava em voz alta: “Senhor! Salvai o meu filho do mal e do sofrimento”.

A rainha costumava cerrar os olhos em contemplação da divina criança e implorava a Deus que a sua fé não oscilasse em consequência das fantasias do seu poder de ilusão (*maya*⁵⁰). Sentia-se impressionada com o halo de luz que circundava o rosto de Rama. Temia que outras pessoas questionassem a sua sanidade caso lhes relatasse as suas experiências; por outro lado, não podia guardá-las para si. O seu abalo era tal que frequentemente se comportava de maneira estranha, como se estivesse sendo arrebatada pela emoção que lhe provocava o Jogo Divino⁵¹ do seu filho. Algumas vezes ficava ávida por abrir o coração para Sumitra e Kaikeyi, mas se controlava para evitar que elas pusessem em dúvida a autenticidade da sua experiência e a atribuíssem ao exagero ou ao desejo de exaltar o próprio filho.

Certo dia, finalmente tomou coragem para contar ao imperador Dasharatha toda aquela encantadora e emocionante história. Ele ouviu com muita atenção e disse:

⁵⁰ Segundo os Vedas, a natureza do Universo, com a sua multiplicidade de seres, objetos, atividades e manifestações, é *maya*, a grande ilusão primordial que esconde a realidade suprema de que tudo é Deus. (N. T.)

⁵¹ A expressão “Jogo Divino” (*lila*) refere-se às manifestações e feitos milagrosos e inexplicáveis de um Avatar. (N. T.)

“Senhora! Isso é apenas produto da sua imaginação; a senhora é extremamente afeiçoada a essa criança. Imagina que é divina e observa todos os seus movimentos e ações sob essa luz; por isso ela lhe parece estranha e maravilhosa. É só isso”. A resposta não a satisfaz; o imperador consolou-a com alguns argumentos ilusórios e mandou-a de volta aos seus aposentos. No entanto, apesar do que ele afirmara, a rainha não se convenceu com as suas palavras, pois testemunhara com os próprios olhos os miraculosos incidentes.

Kausalya foi até o preceptor Vashishta e consultou-o a respeito da autenticidade das suas experiências. Ele escutou o seu relato e disse: “Rainha! O que a senhora viu foi a pura verdade; não se trata de criações da sua imaginação. O seu filho não é uma simples criança humana! Ele é divino. A senhora o teve como fruto de muitas vidas meritórias. O fato do salvador da humanidade haver nascido de Kausalya é a boa sorte ímpar dos cidadãos de Ayodhya”. Abençoou abundantemente a rainha e partiu. Kausalya compreendeu a verdade contida na declaração de Vashishta! Reconheceu o filho como a própria Divindade e sentia imensa alegria em observar a criança.

Os quatro filhos crescem muito unidos

Passaram-se os meses. Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna aprenderam a engatinhar, sentar-se no chão e se movimentar por toda parte. Tomaram-se providências especiais para que fossem vigiados a todo momento, de modo a evitar que caíssem e se machucassem. Adquiriram-se e colocaram-se diante deles muitas variedades de brinquedos. As crianças levavam os dias na companhia das mães e das cuidadoras, em um contínuo ciclo de alegria, sem se darem conta do transcurso do tempo. Já podiam levantar-se e ficar de pé segurando firmemente os dedos da mãe ou de uma cuidadora. Conseguiram apoiar-se na parede, erguer-se e dar alguns passos sozinhos. As mães se alegravam com os seus esforços e conquistas e davam gargalhadas quando balbuciavam algumas palavras indistintas em uma voz doce que fazia lembrar a imitação de um papagaio. Ensinaram-lhes a dizer “mamãe” e “papai” e ficavam felizes quando eles pronunciavam as palavras corretamente.

Todos os dias, ao amanhecer, elas esfregavam óleos medicinais perfumados nos corpos dos filhos, aplicavam-lhes sabonete em pó e os banhavam nas sagradas águas do rio Sarayu. Depois secavam os seus cachos com incenso perfumado e pingavam colírio nos seus olhos. Nas bochechas das crianças colocavam pontos para afastar o mau-olhado; nas testas faziam marcas rituais. Vestiam os filhos com peças de seda atraentes e macias e os ajudavam a reclinar-se em balanços onde dormiam profundamente ao som de melodiosas canções de ninar. Envolvidas nessa agradável tarefa, as mães sentiam que o paraíso não era algo distante no tempo e no espaço; ele estava bem ali em toda a sua volta.

E quanto às joias?! Oh, a cada dia que passava, eram mais novas e reluzentes: tornozeleiras, cintilantes pulseiras de ouro e pedrarias, colares de nove pedras preciosas⁵²! Por terem medo de que a dureza das joias pudesse ferir os seus corpos delicados, elas eram dispostas em fitas e laços de veludo macio.

⁵² Esse tipo de joia, feito tradicionalmente com base na astrologia védica, apresenta nove pedras preciosas (*navaratna*) dispostas em uma configuração destinada a atrair os atributos benéficos dos planetas relacionados a cada uma delas. (N. T.)

As brincadeiras e passatempos dos garotinhos desafiavam qualquer descrição. Quando eles já conseguiam andar, brincavam com meninos da mesma idade trazidos da cidade. Estes ganhavam deliciosos alimentos, brinquedos e muitos presentes. As criadas que os levavam ao palácio também recebiam lutas refeições. Enquanto criavam os filhos, Kausalya, Kaikeyi e Sumitra não se importavam com a própria saúde e conforto, tão felizes se sentiam com eles.

Após esse período de nutrição e crescimento no interior do palácio, as crianças, já com a idade de três anos, eram levadas pelas governantas ao parquinho, onde corriam e se divertiam à vontade. Quando retornavam, as mães as recebiam e acolhiam com grande amor e cuidado. Certo dia, conversando com as rainhas, Dasharatha mencionou o fato de que não aprenderiam muita coisa de valor se ficassem somente com as criadas; a sua inteligência e habilidades não poderiam se desenvolver dessa maneira. Definiu-se, então, um horário auspicioso para que eles fossem iniciados nas letras e chamaram-se preceptores para proceder à sua estreia nos estudos.

A partir daquele dia, os encantadores menininhos passaram a residir na casa do professor; abandonaram as custosas vestimentas reais e passaram a usar um tecido simples amarrado ao redor da cintura e outro jogado sobre os ombros. Tendo em vista que a educação não pode progredir bem se as crianças estão na atmosfera de amor e cuidado dos pais, eles foram viver com o professor, absorvendo lições ao longo de todo o dia e toda a noite, pois mais se aprende servindo o preceptor, observando-o e seguindo o seu exemplo. Tinham que subsistir com aquilo que ele lhes dava para comer. Brilhavam como personificações do ideal *brahmachari*⁵³ de buscadores da Verdade. Quando as mães sentiam a angústia da separação e queriam vê-los, iam até a residência do professor e se alegravam ao ver o progresso das crianças.

O professor também se sentia muito feliz ao observar a perseverança e o entusiasmo dos seus pupilos; cheio de admiração e alegria, surpreendia-se com a sua inteligência e prodigiosa memória. Percebeu que, dentre os quatro, Rama demonstrava um extraordinário interesse pelos estudos; compreendia tudo tão depressa que era capaz de repetir qualquer lição corretamente após ouvi-la apenas uma vez. Maravilhado com a aguçada inteligência de Rama, decidiu que o seu progresso não devia ser atrasado pela necessidade de trazer os outros ao seu nível; por isso agrupou os três em separado e deu atenção individual a Rama, que aprendia muito rapidamente.

Lakshmana, Bharata e Satrugna também aprendiam admiravelmente bem, mas ansiavam tanto pela companhia e camaradagem de Rama que, assim que ele se afastava, perdiam o interesse pelos estudos e pelos deveres para com o preceptor. Em razão disso, não conseguiam se nivelar com Rama, ficando sempre uma ou duas aulas atrás dele.

Lakshmana ousou dizer umas duas vezes ao professor que não necessitavam de nenhuma aula ou aprendizado e que ficariam felizes somente em estar na companhia de Rama! Este era a própria vida de Lakshmana. O professor observava essa singular relação entre os dois e sentia-se muito inspirado ao meditar sobre ela. Recordava-se

⁵³ Sai Baba define a palavra *brahmachari* como “um peregrino no caminho que leva à realização de Brahman, ou seja, do Absoluto”. (N. T.)

da declaração do sábio Vashishta de que eles não eram senão *Nara* e *Narayana*⁵⁴ (o homem primordial e Deus), as inseparáveis forças divinas.

⁵⁴ Nesse conceito, *Nara* (o homem) é a alma humana e *Narayana* (Deus) o seu Eterno e Divino Companheiro, ambos lutando juntos pela preservação do *dharma*. (N. T.)

5. O GURU E OS PUPILOS

Os irmãos viviam na residência do preceptor e o serviam com devoção. Haviam renunciado aos confortos do palácio e submetiam-se às dificuldades com satisfação. Realizavam os desejos do mestre com humildade e lealdade. Em muito pouco tempo finalizaram os estudos e dominaram os assuntos que lhes haviam sido ensinados. Certo dia, Dasharatha foi com o seu ministro à casa do professor. Não cabia em si de alegria ao vê-los recitar hinos védicos e ouvir os mantras sagrados que lhes fluíam dos lábios com clareza e rapidez, como uma cascata de pérolas brilhantes. Regozijou-se por haverem os seus filhos aprendido tanto.

Rama levantou-se e prostrou-se aos pés do pai. Vendo isso, os três irmãos também se aproximaram e prostraram-se diante dele. O professor convidou o imperador e o ministro a ocupar assentos elevados cobertos com pele de cervo. Dasharatha começou a conversar com ele a fim de saber quanto os meninos haviam progredido nos estudos. Rama fez um sinal aos irmãos para que não ouvissem a conversa; com a permissão do professor, deixou a sala, carregando os livros, e chamou os outros para que o acompanhassem. Os irmãos seguiam o seu exemplo em tudo e obedeciam em silêncio ao seu menor gesto.

Observando esse incidente, Vashishta e Dasharatha apreciaram a conduta correta de Rama, a sua compreensão do rumo que tomava a conversa do professor, a sua imediata reação de humildade e o exemplo e ideal que estabelecia para os seus três irmãos. Alegriaram-se por terem os meninos aprendido tanta disciplina.

Vashishta não se conteve e disse: “Grande rei! Os seus filhos dominaram todas as artes. Rama dominou todas as Escrituras (Shastras). Ele não é um simples mortal. Assim que comecei a lhe ensinar a recitar os Vedas, ele os repetia como se já os conhecesse. Somente Aquele que inspirou os hinos poderia repeti-los assim, mais ninguém. Os Vedas não são ‘livros’ que Rama poderia ter lido atentamente nos seus momentos de lazer! Eles têm sido transmitidos de mestre a discípulo e apenas pelo método da audição e recitação. Não estão disponíveis em nenhum lugar, vêm somente por meio do preceptor! Eis a razão pela qual todos se referem a eles como ‘aquilo que é ouvido’ (*shruti*). O sopro divino de Deus tomou a forma desses mantras. Até hoje nunca vi ninguém que os tivesse dominado como Rama o fez. Eu disse que nunca ‘vi’? Nem mesmo ouvi falar de alguém que houvesse realizado tão extraordinária proeza!

“Posso contar-lhe muito mais a respeito das realizações supra-humanas do seu filho, ó grande rei! Quando penso na minha boa sorte de ter esses meninos como meus pupilos, sinto que é a recompensa pelo ascetismo que pratiquei por tanto tempo. Eles não necessitam aprender mais nada. Agora devem ser treinados na arte do arco e flecha e em outras habilidades semelhantes apropriadas a príncipes reais. Completaram os seus estudos comigo e tornaram-se eficientes em tudo o que eu posso ensinar. Hoje é um dia muito auspicioso. Leve-os com o senhor de volta ao palácio”.

Dasharatha, que há meses estava aflito pela angústia da separação, derramou lágrimas de alegria. Não podia conter o seu júbilo. Virou-se para o ministro ao seu lado e ordenou-lhe que transmitisse as boas novas às rainhas e lhes pedisse que viessem ao eremitério trazendo as oferendas com as quais os pupilos devem presentear o preceptor quando deixam a sua custódia. Sumantra correu ao palácio e comunicou as notícias; providenciou os presentes e retornou mais depressa que o previsto.

Enquanto isso, por sugestão de Vashishta, os meninos embalsamaram os seus pertences, que foram colocados na carruagem. Conforme o pai os havia orientado, veneraram o *guru* de acordo com o cerimonial prescrito, ofertaram-lhe os presentes e prostraram-se aos seus pés, pedindo a sua permissão para voltarem para casa.

Vashishta trouxe os meninos para o seu lado, apertou-lhes as mãos e lhes deu leves tapinhas na cabeça. Abençoou-os e, muito a contragosto, permitiu que partissem; a dor por estar se separando deles lhe trouxe lágrimas aos olhos. Caminhou até a carruagem com os seus pupilos. Eles subiram no veículo e partiram; viraram-se para o *guru* e olharam na sua direção, com as palmas unidas, por uma longa distância. O preceptor também permaneceu ali, com o rosto molhado de lágrimas. Percebendo esse vínculo entre o professor e os pupilos, Dasharatha ficou imensamente satisfeito.

O *guru* entrou no eremitério com o coração apertado. Para onde quer que os seus olhos se voltassem, não via luz alguma, só escuridão. Temeu que o apego que desenvolvera pudesse se revelar uma algema; decidiu sentar-se em meditação para suprimir as crescentes ondas da memória. Em pouco tempo superou a ilusão exterior e fundiu-se em bem-aventurança (*ananda*) interior. Compreendeu que os meninos eram personificações das quatro metas da vida humana – retidão, prosperidade, satisfação e liberação (*dharma, artha, kama* e *moksha*) – e que haviam assumido a forma humana com o intuito de restabelecer na Terra esses nobres ideais do virtuoso viver. Isso lhe proporcionou uma serena paz.

Dasharatha resolveu complementar a educação dos meninos treinando-os no uso das armas e assim convidou arqueiros experientes e outros especialistas para que lhes fosse ensinada a ciência do ataque e da defesa. Mas quem poderia se declarar professor daqueles meninos, que já eram mais do que mestres em todos os campos de estudo? Eles estavam somente “encenando” papéis de humanos e simulando estar aprendendo.

Quem pode ensinar a puxar os cordéis Àquele que os segura neste espetáculo de marionetes? As pessoas que não podiam reconhecer a realidade daqueles meninos sob a camuflagem da ilusão (*maya*) procuravam treiná-los e ensinar-lhes as habilidades objetivas úteis para a vida exterior. Eles tinham vindo para salvar o mundo do desastre; deviam, portanto, estar no mundo e ser do mundo, respeitando as convenções mundanas na medida em que estas serviam ao seu propósito. Não podendo compreender os seus atos, que estavam além do intelecto ou da imaginação humana, os homens se viam impotentes quando solicitados a explicá-los. No entanto deviam aprender os ideais que eles colocavam em prática. Assim, Rama se mostrava como uma brasa coberta de cinzas, como um lago com uma densa camada de musgo flutuante ou como a lua oculta por uma cortina de nuvens. Os irmãos seguiam os seus passos.

Rama e Lakshmana revelavam um conhecimento de estratégias e habilidades que até mesmo instrutores peritos desconheciam, o que os deixava maravilhados e até mesmo um pouco amedrontados. Os quatro príncipes, entretanto, nunca arremessaram uma flecha em uma ave ou em outro animal; jamais quebraram o voto feito solenemente de só usar armas em ocasiões de grande urgência e não pelo prazer de matar ou ferir. Os instrutores os levavam frequentemente à floresta para caminhadas e treinamento de pontaria, mas quando avistavam aves ou outros animais e eram convidados a atirar, os quatro protestavam e se recusavam a fazê-lo, dizendo: “Estas flechas não são para ser usadas contra alvos inocentes, e sim para a proteção

dos bons, o bem-estar do mundo e o serviço às pessoas. Este é o propósito para o qual estão conosco; não as insultaremos usando-as em passatempos estúpidos”.

Os professores tinham que aceitar os seus argumentos. Cada palavra e cada ato de Rama demonstrava a sua compaixão. Algumas vezes, quando Lakshmana apontava a sua flecha para alguma ave ou outro animal, Rama interpunha-se e protestava: “Lakshmana! Que mal fez este ser a você ou ao mundo? Por que deseja atirar nele? Não sabe que punir seres inocentes é contrário ao código moral prescrito aos reis?”

O imperador frequentemente se reunia com os ministros, tendo os príncipes ao seu lado, e discutia problemas relativos à administração política, a processos judiciais e à aplicação de princípios morais na governança do Estado. Relatava histórias dos seus avós e outros membros da linhagem real – de como conquistaram o amor e a lealdade dos súditos, travaram guerras contra “demônios” e em favor dos “deuses” e obtiveram a Graça e o apoio de Deus nos seus empreendimentos. O pai e os filhos exultavam com tais narrativas. Em muitos dias os ministros se revezavam naquela agradável tarefa.

À medida que os anos iam transcorrendo e os irmãos cresciam, os ministros iam se tornando confiantes em que lhes seriam atribuídas algumas áreas da atividade governamental. O povo sonhava que a Terra seria transmutada no Paraíso no dia em que os rapazes chegassem à idade apropriada e assumissem as rédeas do governo. Quando os viam, as pessoas sentiam brotar um vínculo de afeto em seu interior e as conversas que se seguiam eram marcadas por doce harmonia. Na cidade de Ayodhya não havia ninguém que não amasse aqueles príncipes simples, humildes, virtuosos e abnegados; não havia quem não desejasse observá-los. Eles eram tão caros aos filhos de Ayodhya quanto os seus próprios corpos e tão preciosos para a cidade quanto o seu próprio coração.

A peregrinação

Certo dia, quando os príncipes tinham onze ou doze anos, Dasharatha chamou o ministro Sumantra, um receptáculo de virtude, e encarregou-o de providenciar para que lhes fosse ensinada a ciência espiritual da liberação (*para-vidya*). Afirmou que, por mais proficiente que fosse uma pessoa nas ciências mundanas (*a-para-vidya*), somente a ciência espiritual poderia lhe dar a força para seguir o seu *dharma*, ou seja, os seus legítimos deveres. A mais elevada cultura moral devia ser-lhes transmitida nessa tenra idade.

O sucesso ou o fracasso no futuro é construído com base nas impressões e experiências adquiridas nas fases iniciais da vida; os primeiros anos constituem as fundações da mansão dos anos vindouros. Disse, portanto, o soberano: “Leve os príncipes por todo o reino e dê-lhes a conhecer não apenas as condições do povo, mas também a sacralidade dos lugares santos. Descreva a santidade existente neles e a história dos templos, assim como a dos santos e sábios que os consagraram. Deixe-os beber em profundidade das fontes da divindade que santificam esses locais.

“Sinto que será bom para eles. Quando crescerem, estarão predispostos a desejos e impulsos sensuais; antes que caiam nas garras de tais tendências, será melhor implantar neles a reverência, o temor respeitoso e a devoção ao Divino imanente no Universo. É a única maneira de impedir que a sua condição humana se degrade ao nível da animalidade. Isso é essencial para os governantes de reinos. Consulte o *guru* e os preceptores e providencie sem demora essa viagem”.

Extasiado ante a perspectiva de terem os príncipes essa grande oportunidade, Sumantra fez com que todos os preparativos fossem realizados a seu gosto e preparou-se para acompanhá-los. Ao saberem da peregrinação, as rainhas ficaram encantadas por seus filhos logo estarem partindo em tão santa aventura e tomaram diversas medidas para que a viagem fosse a mais feliz e proveitosa possível. Providenciaram até mesmo algumas criadas e meninos da idade deles para acompanhá-los. Os príncipes, que não cabiam em si de alegria com a expectativa de visitarem os lugares sagrados da região, infundiram entusiasmo nos companheiros e solicitaram ao rei equipamentos e roupas para eles.

No dia seguinte, ao chegar a hora auspiciosa escolhida para a jornada, os príncipes curvaram-se diante dos pais, tocando-lhes os pés com a testa, e prostraram-se aos pés do preceptor. As mães colocaram-lhes pontos sagrados na testa e nas bochechas para afastar o mau-olhado e protegê-los do mal. Os meninos substituíram os seus trajes reais por vestes de peregrinos: uma espécie de saia de seda (*dhoti*⁵⁵) ao redor da cintura e um xale do mesmo material sobre os ombros; então, despedindo-se de todos, subiram na carruagem. O palácio ressoava com os gritos de vitória dos milhares de cidadãos reunidos para vê-los partir. Com guardas posicionados à frente e atrás, a carruagem pôs-se em movimento.

Dias, semanas e até meses se passaram! Eles foram a cada templo e lugar sagrado; absorveram a sacralidade de cada local; prestaram adoração em todo santuário, com fé e devoção. Os meninos aprenderam, após profunda investigação, a história de cada local e os antecedentes dos santuários. Durante todo aquele longo período, ignoraram qualquer outro pensamento e atividade. Sumantra descrevia a santidade de cada local de forma tão vívida e com tanta intimidade que emocionava o coração dos príncipes. Estes o cobriam de perguntas, demandando maiores e mais profundos detalhes da sua narrativa. Radiante com aquele anseio insaciável dos meninos, Sumantra fornecia-lhes ainda maiores informações e inspiração.

Assim, durante mais de três meses, eles viajaram de Kanyakumari até a Caxemira⁵⁶ e do mar oriental até o ocidental. Atentos aos sofrimentos do povo e ao desconforto dos peregrinos em cada região do império, os príncipes pediam ao ministro Sumantra que corrigisse tudo e providenciasse as comodidades necessárias.

Eles foram responsáveis pelo reparo e melhoria de muitos templos e por outras medidas, tais como a perfuração de poços de água potável, o plantio de árvores nas ruas, a abertura de centros de distribuição de água para os viajantes sedentos, a construção de caravancarás (estalagens gratuitas para pousada das caravanas durante as jornadas) e o estabelecimento de centros de saúde. Sempre que Rama expressava um desejo de prover esses serviços, Sumantra concordava sem hesitar e, para a satisfação do príncipe, providenciava para que fossem imediatamente disponibilizados. Os irmãos sentiam um grande conforto por ter o império um ministro tão leal e eficiente e comentavam entre si que, com ministros como aquele, o bem-estar e o progresso do reino estariam assegurados.

⁵⁵ Traje masculino usado na Índia e em outros países do sudeste da Ásia; consiste em um retângulo de tecido sem costura posto em torno das pernas e amarrado na cintura, assemelhando-se a uma longa saia. (N. T.)

⁵⁶ A cidade de Kanyakumari e a região da Caxemira são, respectivamente, os pontos mais ao sul e mais ao norte do subcontinente indiano. (N. T.)

Relatos sobre a peregrinação dos príncipes eram levados a Ayodhya por mensageiros especiais que se revezavam, indo e voltando apressadamente com as notícias coletadas. Sempre que havia algum atraso, as rainhas, oprimidas pela ansiedade, imploravam a Vashishta informações verídicas a respeito deles. O preceptor possuía a capacidade iogue de descobrir o que estava acontecendo com os príncipes e, portanto, costumava transmitir às rainhas reconfortantes notícias de que eles estavam felizes, saudáveis e vigorosos e que em breve retornariam à capital. Tais notícias lhes infundiam coragem e confiança. Então o preceptor as abençoava e retornava ao seu eremitério.

Certo dia os mensageiros trouxeram boas novas: eles estavam se aproximando de Ayodhya e chegariam à cidade em dois dias! Fizeram-se preparativos junto ao portão principal da cidade para dar boas-vindas aos quatro príncipes, que haviam concluído com sucesso a sua longa e árdua peregrinação e conquistado meritório renome pela devoção e compaixão demonstradas durante a sua jornada triunfal. Espargiu-se água de rosas nas estradas para deixá-las livres de poeira e confeccionaram-se arcos e guirlandas. Em ambos os lados do caminho, mulheres carregavam pratos com lamparinas acesas em chamas luminosas para balançá-los diante dos príncipes no momento em que estes passassem.

Os irmãos chegaram ao portão, como fora anunciado. Lamparinas tremulavam à sua passagem. Precedidos por grupos de músicos e menestréis que entoavam canções de boas-vindas, eles seguiram vagorosamente pela via principal, coberta de pétalas de flores perfumadas. Brâmanes recitavam hinos invocando as bênçãos de Deus sobre os ilustres herdeiros da família imperial. Sumantra vinha ao lado dos príncipes, que resplandeciam com um brilho etéreo nos semblantes.

Quando chegaram aos portões do palácio, realizaram-se muitos ritos destinados a neutralizar o efeito do mau-olhado; em seguida conduziram os meninos aos aposentos internos, onde as mães os esperavam, com olhos ansiosos por vê-los. Eles correram na sua direção e se prostraram aos seus pés. Depois de erguê-los, elas os abraçaram fortemente durante cinco ou seis minutos, perdendo-se no entusiasmo da alegria que envolvia cada mãe e filho na bem-aventurança da fusão com o Divino! As lágrimas que vertiam dos olhos das mães pelo transbordar do seu amor banharam as cabeças dos meninos, que elas secaram com a ponta dos seus sáris. Depois de lhes afagarem os cabelos e lhes acariciarem as cabeças, fizeram com que se sentassem no colo delas e os alimentaram carinhosamente com arroz doce e coalhada misturada com arroz.

Ah! O entusiasmo e a emoção daquelas mães eram indescritíveis. A dor da separação que haviam sofrido por três longos meses só pôde ser um pouco amenizada após terem os filhos sob a sua guarda e os seus cuidados dia e noite durante alguns dias. Elas desejavam ouvi-los relatar a história da sua peregrinação e os meninos descreveram a sacralidade de cada lugar santo em um estilo doce, simples e espontâneo, tal como lhes explicara Sumantra. As mães escutavam com tal ardor e fé que também pareciam experimentar o êxtase que cada santuário proporcionava aos peregrinos sinceros.

Dasharatha comemorou o retorno dos jovens príncipes da sua piedosa jornada fazendo oblações aos deuses e oferecendo um magnífico banquete e recompensas em

dinheiro a todos os brâmanes que haviam completado com sucesso a peregrinação a Kashi⁵⁷ e a Prayag⁵⁸.

Assim, desde o dia em que os príncipes nasceram, houve um contínuo ciclo de festivais e celebrações na capital e no reino. Ayodhya brilhava com júbilo ininterrupto. Banquetes e entretenimentos festivos uniam a população em uma só família ligada pelo amor e pela gratidão. Todos os meses comemoravam-se os dias em que os meninos haviam nascido – o nono, o décimo e o décimo primeiro dia da fase crescente da lua – com deslumbrantes cerimônias que marcavam os felizes eventos. Até mesmo quando os príncipes estavam fora, em peregrinação, celebraram-se esses dias de maneira tão grandiosa como se eles estivessem na cidade. Excetuando-se as solenidades nas quais a sua presença física era necessária, realizava-se todo o restante – banquetes, presentes, jogos e danças – com entusiasmo.

Os meninos se transformam após a peregrinação

Os pais, entretanto, perceberam uma mudança nos meninos em consequência da peregrinação. A transformação era surpreendente e esperava-se que o comportamento estranho que haviam assumido pudesse ir se atenuando com a passagem dos dias. Passou-se a observar a conduta e as atitudes dos príncipes com grande atenção; estas, porém, se mantiveram como estavam, sem nenhum sinal de diminuição.

Rama permanecia a maior parte do tempo no interior do palácio; não se banhava em horas determinadas, como fazia anteriormente. Perdeu o gosto por usar trajes da realeza; abdicou das delícias da cozinha; nunca se sentava no trono dourado; parecia estar imerso na contemplação do Absoluto, de algo que transcendia os sentidos e a mente. Os três irmãos mais novos, vendo que ele se mostrava tão taciturno e aparentemente mal-humorado, permaneciam sempre perto de Rama; jamais deixavam a sua presença, fosse para jogos ou por qualquer outra razão.

Os quatro costumavam reunir-se em um aposento e trancar-se nele. As mães tinham que bater na porta em determinados intervalos para lhes trazer alimento! Por mais que tentassem descobrir por que se comportavam daquela forma, eles nunca revelavam o motivo! Somente Rama se dignava responder às perguntas, dizendo: “Esta é a minha natureza. Por que tentar entender a razão pela qual eu sou assim?”

As mães logo sentiram que aquela situação não poderia mais ser mantida em segredo; levaram-na ao conhecimento de Dasharatha, que ordenou que os meninos fossem trazidos aos seus aposentos. Ao perceber que os filhos, que anteriormente teriam vindo apressadamente, estavam demorando a chegar, ficou muito surpreso e preocupado e preparou-se para ir ao quarto deles. Bem naquele momento o atendente anunciou que os príncipes se aproximavam! Transbordante de alegria, o pai os abraçou, segurando-os firmemente junto ao peito. Sentou-se, tendo os filhos em cada um dos lados, e perguntou-lhes sobre diversos assuntos, tanto amenos como

⁵⁷ Situada às margens do rio Ganges e também conhecida como Varanasi ou Benares, Kashi é considerada a cidade mais sagrada do hinduísmo; fundada, segundo a tradição, pelo próprio Senhor Shiva, tem atraído devotos, peregrinos e aspirantes espirituais desde tempos imemoriais. (N. T.)

⁵⁸ Prayag ou Prayaga (atualmente Allahabad) é um dos mais antigos centros de peregrinação da Índia, situado na confluência dos rios sagrados Ganges e Yamuna e, segundo a tradição, também do mítico rio Sarasvati, que para ali fluiria oculto, como um rio subterrâneo. (N. T.)

sérios. Em tempos passados, se lhes fizesse uma pergunta, eles respondiam a dez; naquele dia, porém, quando fazia dez perguntas, mal respondiam a uma.

Dasharatha colocou Rama no colo e insistiu carinhosamente: “Filho! Por que essa recusa em falar? Por que esse silêncio? O que você deseja? Diga-me o que necessita e o atenderei imediatamente, sem falta. Como você não se junta aos seus irmãos e não brinca mais com eles, como antes, também se sentem infelizes”. Embora o soberano acariciasse o queixo de Rama e o fitasse no rosto, este respondeu apenas que estava bem contente e não necessitava de nada. Observando esse estranho comportamento, Dasharatha ficou ansioso e agitado e lágrimas lhe brotaram dos olhos, mas os meninos permaneceram inalterados diante da sua angústia. Gentilmente, o pai lhes disse algumas palavras sobre como os filhos deviam se conduzir e mandou-os de volta aos seus aposentos no palácio.

Dasharatha chamou Sumantra para conversar; indagou-lhe se algo acontecera durante a peregrinação que houvesse perturbado os meninos ou se os trouxera de volta precipitadamente, quando estavam ávidos por visitar mais alguns lugares do seu interesse. Bombardeou-o com tantas perguntas que Sumantra foi tomado pela surpresa e apreensão. Com os lábios trêmulos, respondeu: “Nada aconteceu durante a viagem que tenha desagradado aos príncipes; não passamos por nenhuma dificuldade. Cada desejo que expressavam era honrado e realizado. Doei em caridade tanto quanto quiseram; providenciei, sem hesitação ou demora, a construção de abrigos para peregrinos em todos os locais que sugeriram. Eles nunca me informaram de nenhum acontecimento que os houvesse desgostado nem percebi nada desse tipo. A peregrinação foi uma longa jornada de alegria e adoração”.

Dasharatha conhecia bem o seu ministro; disse por fim: “Sumantra! Você é um homem bom. Sei muito bem que é incapaz de cometer negligências ou erros. Mas, por alguma razão inexplicável, percebo que os meninos passaram por uma transformação após a peregrinação. Desenvolveram aversão a comida e a brincadeiras.

“Por mais que as pessoas ao seu redor tentem persuadi-lo, Rama não responde nem indica o motivo do seu estranho comportamento. Está imerso na própria consciência da irrealidade das coisas. Fico surpreso com isso. As rainhas também levam a situação tão a sério que estão se consumindo de tanta ansiedade”.

O leal ministro falou: “Se me for permitido, irei até os meninos e tentarei diagnosticar a doença”. Dasharatha respondeu: “Muito bem! Vá imediatamente. Uma vez encontrada a causa, o remédio não será difícil, a cura não estará longe”.

Sumantra correu até os aposentos dos príncipes, com o coração oprimido por pesada ansiedade. Encontrou as portas trancadas por dentro e guardas do lado de fora. Quando bateu à porta, Lakshmana abriu-a e deixou-o entrar. Após fechá-la atrás de si, Sumantra conversou com os meninos sobre vários assuntos por longo tempo, com o intuito de extrair deles a causa da sua enfermidade. Não conseguiu, porém, penetrar no mistério. Percebeu a diferença entre o confiante espírito de companheirismo de que desfrutara durante os meses de peregrinação e a distância que crescera nos últimos meses. Com lágrimas nos olhos, implorou a Rama que lhe revelasse as razões da sua melancolia. Rama sorriu e disse: “Sumantra! Que razão se pode dar para algo que é a minha própria natureza? Não tenho necessidades, não tenho desejos. Não fique ansioso por causa disso”.

Não podendo fazer mais nada, Sumantra foi até Dasharatha e sentou-se ao seu lado. “Sinto que seria bom se convidássemos o *guru* amanhã e considerássemos quais seriam as medidas apropriadas”, sugeriu. Então partiu, com a permissão do soberano.

O rei estava triste; negligenciava tudo o mais; ignorava as necessidades do império e entregava-se a especulações mentais para tentar explicar o comportamento dos filhos. “Eles estão entrando na adolescência; portanto essas revoluções no temperamento são naturais”, conjeturava. Compartilhou a sua opinião com as rainhas e tranquilizou a mente por algum tempo.

Ao saberem que Vashishta estava para chegar ao palácio, as rainhas tomaram as devidas providências e o esperaram junto ao altar da família. Quando o *guru* chegou, caíram aos seus pés e o cobriram de ávidas perguntas a respeito da singular doença dos meninos e da transformação pela qual haviam passado. Todos estavam em prantos. Percebendo a agitação do rei e das rainhas, Vashishta voltou a atenção para o próprio interior e, por meio da sua visão interna, buscou a causa daquela tristeza. A verdade logo se revelou à sua penetrante pureza; após alguns segundos, virou-se para as rainhas e assegurou-lhes: “Não há nada de errado com os meninos. Eles simplesmente não são crianças comuns. São livres do menor traço de desejo mundano; as suas mentes são imaculadas. Não se inquietem. Tragam-nos à minha presença. Podem retirar-se para os seus aposentos”.

O rei e as rainhas alegraram-se com essa garantia; mandaram chamar os príncipes e saíram. Quando chegou aos seus ouvidos a notícia de que o mestre queria vê-los, Lakshmana, Bharata e Satrugna prepararam-se rapidamente para ir ao seu encontro. Rama, porém, não demonstrou pressa; estava imerso em si mesmo, como de costume. Lakshmana, então, tocou-lhe os pés e implorou: “É melhor irmos sem demora; do contrário, os nossos pais se entristecerão por ousarmos desobedecer à ordem do preceptor”. Suplicou a Rama insistentemente por longo tempo, apresentando diversos argumentos. Finalmente os três puderam encaminhar-se para a sala do altar com o irmão mais velho. Ali curvaram-se aos pés do *guru* e, reverentemente, ficaram de pé diante dele.

Rama demonstra profunda sabedoria

Ao vê-los, Vashishta pediu-lhes com muito carinho que se aproximassem e se sentassem ao seu lado. Todos se sentaram perto dele, mas Vashishta queria que Rama se aproximasse ainda mais. Afagou-o gentilmente, brincando com os seus cabelos e dando-lhe tapinhas nas costas. Disse, então: “Rama! Por que você se tornou tão calado e silencioso? As suas mães e o seu pai estão sofrendo, com aflição e medo, incapazes de explicar essa inescrutável mudança. Você deve estar atento à felicidade deles também, não é? Deve demonstrar, com a sua conduta, a validade da preciosa máxima *Matru Devo Bhava, Pitru Devo Bhava* (‘Considerem a mãe e o pai como Deus’), certo?” Vashishta expôs várias lições e verdades como essa diante de Rama para que ele as considerasse.

Sentado, Rama escutava, sorrindo. Quando o *guru* terminou, o príncipe falou calmamente: “Mestre! O senhor fala da mãe, mas quem é exatamente ‘mãe’? Quem é exatamente ‘filho’? Ora, o que é exatamente ‘o corpo’? E o que é a alma individual (*jivi*)? Será que este mundo objetivo é real? Ou será real o Espírito Supremo? Este corpo é apenas a imagem do Espírito Supremo, não é? Os cinco elementos que compõem a substância chamada ‘corpo’ são também a substância do Universo inteiro.

Este Universo nada mais é que a concatenação dos cinco elementos, não é mesmo? Os elementos perduram, apesar de todas as permutações e combinações. Eles também têm uma base mais profunda. Sem esse entendimento, se alguém assume que este Universo criado é real e cede à fascinação dessa falsidade, se rejeita a verdade em favor da mentira, o que se pode dizer de tão colossal ignorância? O que pode o indivíduo ganhar ignorando a Realidade verdadeira, eterna e absoluta – o *Atma*?”

Enquanto observava Rama suscitando tão profundos problemas filosóficos, Vashishta percebeu um halo de brilhantes raios de esplendor espiritual que emanava do seu rosto e o circundava! Compreendeu que aquela luz era uma indicação de que a Divindade tentava emergir para o exterior! Quis, portanto, que o próprio Rama fornecesse as respostas às perguntas que fazia. E as respostas e explicações que ele dava eram verdadeiramente a voz de Deus. Vashishta pôde ver isso claramente. Curvou a cabeça diante do príncipe – mentalmente, por medo de que alguém o percebesse – e disse: “Filho, nós nos veremos novamente no final da tarde”. Sentia-se tão impactado pela iluminação da ocasião que deixou o palácio sem mesmo se encontrar com Dasharatha. Antes de sair, acariciou os meninos com jubiloso senso de gratidão e amor.

Dasharatha viu os príncipes depois de algum tempo e também percebeu um insólito fluir da consciência divina reluzindo nos seus semblantes. Incapaz de entender como aquilo estava acontecendo, esperou pela chegada de Vashishta no final da tarde. Tão logo o *guru* entrou no santuário, os meninos, as mães e o rei prostraram-se aos seus pés e sentaram-se em seus lugares, as palmas unidas em piedosa humildade.

De repente, Rama surpreendeu a todos fazendo uma série de perguntas: “Alma individual, Deus, Natureza (*jiva, Deva, Prakriti*) – qual é a inter-relação entre eles? Serão esses três um? Ou serão entidades distintas? Se são um, como se tornaram três e com que propósito? Qual é o princípio unificador subjacente a eles? Que benefício se obtém ao reconhecê-los como diferentes, ignorando a percepção da unidade?”

Os pais ficaram atônitos com a profundidade das perguntas e a tenra idade de Rama. Fundiram-se inteiramente naquele fluxo de instrução e de investigação que derramava axiomas preciosos, trazendo luz aos problemas suscitados, como se o Céu respondesse às perguntas feitas pela Terra! Esqueceram-se de que Rama era o seu próprio filho. As horas da noite transcorreram na análise e na compreensão da grandiosa sabedoria monista⁵⁹.

Vashishta deu-se conta de que as palavras que fluíam dos lábios de Rama eram, na verdade, gotas do néctar da imortalidade, capazes de assegurar paz à humanidade. Abençoou o rei e as rainhas e retornou ao seu eremitério. Esses diálogos entre Rama e o preceptor formam o texto chamado *Yoga-Vasishta*, um significativo e agradável tratado, conhecido também como *Rama-Gita*.

Rama passava os dias imerso em Vedanta⁶⁰, em comunhão consigo mesmo, falando quando estava sozinho, em silêncio quando acompanhado e frequentemente rindo sem causa aparente. Apreensivo, Dasharatha preocupava-se com os três irmãos

⁵⁹ Referente ao monismo ou não dualismo (*advaita*), doutrina filosófica segundo a qual o *Atma* (Deus, visto como o Particular) e Brahman ou o *Paramatma* (o Absoluto; Deus, visto como o Universal) são a mesma e única Realidade Suprema. (N. T.)

⁶⁰ Filosofia cujos princípios básicos constituem a última parte das antigas Escrituras Sagradas conhecidas como Vedas. O termo vem de *Veda* (Conhecimento) + *anta* (final). (N. T.)

mais novos e tentava mantê-los afastados; estes, porém, jamais concordavam em se separar de Rama e tinham que ficar sempre na sua companhia.

O rei e as rainhas encontravam-se profundamente deprimidos, pois todos os seus sonhos de alegria e glória haviam se reduzido a nada. Desesperavam-se, pois não viam sinais de recuperação ou mudança nos filhos. Contavam as horas e os minutos, passando o tempo em ansiedade e oração. Rama não se interessava nem mesmo por alimento e, em razão das suas refeições modestas e irregulares, parecia estar fraco e com a saúde debilitada.

6. O CHAMADO E A PRIMEIRA VITÓRIA

Naqueles dias, na região oriental de Ayodhya, a cidade imperial, o sábio Vishvamitra⁶¹ encontrava-se empenhado em rigoroso ascetismo. Ele havia decidido realizar um ritual sagrado (*yajna*); entretanto, sempre que o inaugurava, demônios o profanavam e poluíam a sua santidade. Lançavam pedaços de carne na área santificada, tornando-a imprópria para cerimônias védicas, e interpunham obstáculos de muitas outras formas, impedindo o cumprimento da piedosa missão. Vishvamitra chegou ao seu limite e foi até Ayodhya para se encontrar pessoalmente com o soberano.

Ao ter notícias da vinda do sábio, Dasharatha enviou os seus ministros para conduzi-lo até o palácio com as devidas honras. Após lhe darem as boas-vindas junto ao portão da cidade, eles o acompanharam diretamente até as portas do palácio. Ali, enquanto brâmanes recitavam hinos védicos, o rei lavou os seus pés e, como prescrito nos textos sagrados e é costume na recepção aos sábios, aspergiu sobre a própria cabeça gotas daquela água assim santificada. Vishvamitra foi conduzido aos aposentos internos e acomodado em um assento elevado, com os membros da corte real de pé, em reverência, ao seu redor. “Este é, de fato, um grande dia!”, exclamou Dasharatha. Expressou a sua alegria pela chegada inesperada daquele homem santo e pela oportunidade de servi-lo e honrá-lo. Vishvamitra orientou o rei e os ministros a se sentarem e eles obedeceram.

O sábio indagou gentilmente a respeito da saúde e do bem-estar do monarca e da família real e também sobre a paz e a prosperidade do reino. Perguntou a Dasharatha se o seu reinado se caracterizava pela força e pela segurança e se a sua administração garantia progresso contínuo ao povo. O soberano respondeu que, em resultado da Graça de Deus e das bênçãos dos santos e sábios, os seus súditos se dedicavam às suas tarefas diligentemente e com alegria, sem temer o fracasso, e que o governo tinha por objetivo a constante promoção do bem-estar da população. Afirmou ainda que a sua administração servia o povo de várias formas no intuito de propiciar e preservar a sua felicidade e segurança.

Dasharatha ansiava por saber o motivo da visita do sábio. Assegurou-lhe que estava pronto a satisfazer o seu mínimo desejo. Declarou com grande devoção que cumpriria zelosamente qualquer dever que o sábio lhe atribuísse. Só estava esperando para saber o que poderia fazer por ele.

Vishvamitra acenou com a cabeça, em sinal de aprovação, e dirigiu-se a Dasharatha: “Não declararei agora, diante do senhor, que é um governante muito correto, que reverencia os hóspedes e os suplicantes e é a personificação da fé e da devoção. A felicidade do império sob a sua administração é evidência suficiente disso. O bem-estar dos súditos depende do caráter dos soberanos. As pessoas desfrutam de paz ou sofrem de ansiedade conforme os governantes sejam bons ou ruins. Em todos os lugares onde me informei, disseram-me que somente em Ayodhya existe um povo cheio de amor e lealdade ao soberano e um soberano repleto de afeto e consideração pelo seu povo. Em cada recanto remoto do seu reino ouvi essas notícias alentadoras! Sei, portanto, que as suas palavras vêm diretamente do coração. Não tenho a mínima

⁶¹ Grande sábio a quem foi revelado o mantra Gayatri. (N. T.)

dúvida. O senhor não se desviará da promessa feita; se empenhar a sua palavra, será fiel a ela”.

Essas palavras do sábio tocaram Dasharatha profundamente. “Grandes homens envolvem-se apenas em atividades que ajudam o mundo. E, seja lá o que façam, jamais se desviam dos preceitos das Escrituras. Deve haver uma boa razão para tudo o que consideram, pois são movidos pela vontade divina em cada ato que praticam. Portanto estarei sempre disposto, com todos os recursos sob o meu comando, a servi-lo e a satisfazer o seu menor desejo”. E prometeu repetidas vezes que executaria a ordem de Vishvamitra.

Isso deixou o sábio muito contente. “Sim! Como o senhor disse, não saímos dos nossos eremitérios sem uma razão. Vim à sua presença com um propósito elevado! Ouvir a sua entusiástica resposta me fez duplamente feliz! Estou cheio de alegria por saber que a minha viagem foi produtiva. O senhor irá cumprir com a sua palavra, não é?”, perguntou Vishvamitra.

O soberano respondeu imediatamente: “Mestre! Talvez o senhor devesse fazer tal pergunta a outros, pois Dasharatha não é pessoa de quebrar a palavra dada! Prefiro renunciar à minha vida a trazer desonra a mim mesmo, voltando atrás em minha promessa. Que maior tesouro pode possuir um rei que a moralidade e a integridade? Somente essas qualidades o sustentam como fontes de força no cumprimento das suas múltiplas responsabilidades. Se essas duas se perdessem, o reino se tornaria uma mansão sem luz, um deserto assolado por ridículos caprichos e lutas entre facções, despedaçado pela anarquia e pelo terror. No final o desastre seria o destino do rei. Estou certo de que tal calamidade jamais recairá sobre a minha dinastia nas eras vindouras. Diga-me, portanto, sem dar margem a qualquer sombra de dúvida, qual é a missão que o trouxe a Ayodhya e aceite o serviço que este devotado servo está pronto a oferecer”.

Vishvamitra respondeu: “Não, não! Eu não tinha nenhuma dúvida na minha mente. Simplesmente proferi tais palavras para que pudesse ouvir essa declaração da sua inabalável fidelidade à verdade! Sei que os governantes da dinastia de Ikshvaku são intensamente vinculados ao dever de cumprir com a palavra dada. Pois bem! Só lhe peço uma coisa agora. Não quero riqueza nem veículos, nem vacas nem ouro, nem regimentos nem atendentes. Necessito somente que dois dos seus filhos, Rama e Lakshmana, me acompanhem. O que o senhor diz a esse respeito?”, perguntou o sábio.

Ouvindo isso, Dasharatha perdeu o equilíbrio; inclinou-se bruscamente para trás e não conseguiu se recuperar de imediato. Retomando a compostura após algum tempo, ofegou, buscando coragem para pronunciar as seguintes palavras: “Mestre! Qual será a utilidade desses meninos para o senhor? A missão na qual pretende levá-los poderá ser mais bem cumprida por mim, não acha? Dê-me essa chance. Permita-me tornar meritória a minha vida. Diga-me o que é, terei alegria em fazê-lo”.

O sábio respondeu: “Creio firmemente que ninguém além desses meninos será capaz de executar essa empreitada. Somente eles a podem realizar; nem milhões, nem mesmo o senhor pode cumpri-la! Meninos como esses nunca nasceram antes nem nascerão novamente! Esta é a minha convicção.

“Escute! Decidi celebrar um renomado rito sacrificial (*yajna*), mas tão logo dou início aos preparativos, espíritos malignos e demônios surgem do nada e, por meio de sacrilégios, impossibilitam a sua execução. Causam interrupções e um monte de

obstáculos. Quero que esses meninos afastem os demônios e salvem o sacrifício ritual dessas abominações para que eu possa concluí-lo com êxito. Este é o meu propósito, o meu desejo. O que o senhor diz agora?”, perguntou Vishvamitra, com voz séria.

O soberano retrucou: “Mestre! Como poderiam esses menininhos sensíveis levar a cabo uma tremenda tarefa como essa? Eis-me aqui, mais que disposto e pronto. Irei com as minhas carruagens de combate, infantaria, cavalaria e elefantes de guerra. Guardarei a área do sacrifício e o seu eremitério e cuidarei para que o ritual seja conduzido com pleno êxito, sem a menor interrupção. Tenho alguma experiência em combater essas forças demoníacas, pois, como o senhor sabe, lutei a favor dos deuses contra elas e obtive a vitória. Posso conseguir isso muito facilmente. Tomarei agora mesmo as providências necessárias para acompanhá-lo. Permita que o faça”, apelou Dasharatha.

O sábio disse: “Ó rei! Apesar de tudo o que falou, não estou satisfeito. Mais uma vez afirmo que o senhor não pode realizar essa tarefa. Não percebe que ela se acha até mesmo além de mim, que sou aclamado como quase onipotente e onisciente? Como, então, poderia triunfar? O senhor considera esses meninos como crianças comuns; isso é um engano resultante da sua afeição de pai. Eu sei muito bem que eles são o próprio Poder Divino em forma humana. Não hesite. Mantenha a sua palavra, empenhada tão solenemente, e permita, neste mesmo instante, que eles venham comigo. Ou então aceite o fato de que não é fiel à sua palavra e partirei. Escolha depressa! Esta não é uma ocasião para indecisão e demora!”

O rei assustou-se com o tom peremptório da voz do sábio. Encheu-se de medo e, em desespero, pediu a presença do seu preceptor na corte. Vashishta chegou e, ao ver Vishvamitra, trocou com ele um sorriso e palavras de mútuo respeito. Vashishta ouviu do rei o relato de tudo o que havia acontecido. Naturalmente, sabia muito bem da divina realidade dos meninos; por isso aconselhou o rei a não ter a menor preocupação e confiá-los de bom grado à amorosa custódia do sábio.

Dasharatha alegou que eles não vinham apresentando boa saúde nos últimos meses e que nem mesmo possuíam resistência física para se envolverem em uma batalha contra demônios. “Estamos há muito tempo preocupados com a saúde deles, e agora essa demanda vem como um golpe em uma ferida aberta. A minha mente não concorda nem um pouco com a ideia de enviá-los para combater demônios. Protegerei os meus filhos, mesmo com o risco da minha própria vida”, lamentou-se o rei.

Vishvamitra interveio: “Rei! Por que se lamenta assim tão tolamente? Devia ter se absterido de fazer promessas que não poderia cumprir. Constitui um nefasto pecado para um governante fazer uma promessa sem considerar os prós e contras e depois, quando solicitado a cumpri-la, postergá-la, retrair-se, voltar atrás ou mesmo ir contra ela. É algo extremamente indigno de soberanos como o senhor. É com tristeza que desdenho a ajuda que me oferece. O auxílio que se oferece, ainda que pequeno, é tão valioso quanto a oferta da própria vida se vem de um impulso profundo que brota do coração. O que é oferecido sem convicção e de forma hesitante, por maior que seja, é deplorável. Não desejo causar-lhe dor extorquindo-lhe ajuda. Pois bem! Seja feliz com o senhor mesmo e com o seu pecado, estou de partida”.

Vishvamitra levantou-se e tentou retirar-se. O rei caiu aos seus pés e rogou por mais esclarecimento e mais tempo. Pediu que lhe fosse ensinado o seu dever. Suplicou ao sábio que o convencesse a respeito da justeza da sua demanda, para que pudesse cumprir com o seu plano.

Vashishta aconselhou-o: “Rei! O senhor está se interpondo a uma iminente revelação cósmica, uma grandiosa realização. Como o seu coração está afetado pela afeição paterna, a verdade está sendo encoberta do senhor. Os seus filhos não sofrerão nenhum dano. Não, nunca! Nenhum nível de heroísmo está acima deles. Formidáveis forças divinas assumiram essas formas humanas para esse mesmo propósito de destruir demônios e poderes demoníacos. Assim, sem mais delongas, deixe-os partir. Não calcule a sua força física nem a medida da sua inteligência. Considere, em vez disso, o Divino que deles emerge a cada minuto das suas vidas. Lembre-se de que nenhuma força poderá fazer frente a isso!”

Após mais alguns conselhos desse tipo, Vashishta mandou chamar Rama e Lakshmana. Ao ouvirem que os sábios queriam a sua presença, ambos foram correndo e, ao adentrarem o salão, curvaram-se respeitosamente. Prostraram-se primeiro aos pés do pai, depois aos de Vashishta e finalmente aos de Vishvamitra. Quando se levantaram e ficaram de pé, em reverência, Vishvamitra dirigiu-se a eles com um sorriso brincando nos lábios: “Então, meninos! Virão comigo?” Eles ficaram empolgados diante de tal perspectiva.

Ouvindo isso, Dasharatha sentiu-se ainda mais desalentado. O seu rosto empalideceu. Ao ver o pai se entristecer com a sua aceitação, Rama aproximou-se dele gentilmente e disse: “Pai! Por que o senhor fica triste por estarmos indo com o grande sábio? Existe algum meio melhor de se utilizar este corpo do que colocá-lo a serviço do próximo? Ele nos foi dado justamente para esse propósito. Tomar parte nas tarefas sagradas dos ascetas e ser capaz de oferecer algum alívio para os seus tormentos – não é esse um uso nobre? Não há nada impossível para nós, ou há? Destruiremos os *rakshasas*, por mais ferozes que sejam, e traremos paz aos sábios. Se nos for permitido, estamos prontos para partir neste mesmo minuto”. Essas palavras, carregadas de coragem, serviram para reduzir até certo ponto a ansiedade de Dasharatha.

O rei, entretanto, ainda relutava; não conseguia decidir o que dizer. Trouxe Rama para junto de si e disse: “Filho, os demônios não são oponentes comuns! Há relatos de que entre eles estão Sunda, Upasunda, Maricha e Subahu. Eles são atrozmente cruéis; a sua aparência é indescritivelmente horrenda. Vocês nunca viram formas tão aterradoras. Não posso imaginar o momento em que estiverem face a face com eles. Como poderão lutar contra aqueles trapaceiros exímios em camuflagens e transformações físicas? Até hoje vocês nem mesmo ouviram a palavra ‘batalha’ ou viram um combate de verdade em um campo de batalha! Então, subitamente, são chamados a lutar contra inimigos tão temíveis! Que tristeza! O destino é de fato muito cruel! Ai de mim! Terão os meus filhos que enfrentar, na aurora das suas vidas, essa monstruosa provação?”

Com esses pensamentos girando na mente, Dasharatha derramou copiosas lágrimas que brotavam do seu angustiado coração. Lakshmana percebeu a fraqueza mental do pai e falou: “Pai! Por que essas lágrimas? Não somos meninas tímidas! O campo de batalha é nossa legítima arena; a guerra é nosso justo dever; salvaguardar a retidão é nossa genuína responsabilidade; o serviço aos sábios e a sustentação dos códigos morais constituem o nosso próprio alento. Estou surpreso com a sua tristeza pela nossa partida para tão gloriosa missão! O mundo rirá do senhor por essa demonstração de fraqueza. Envie-nos com o seu amor e as suas bênçãos. Acompanharei o meu irmão e ambos retornaremos com a glória do triunfo”.

Vendo o pai dominado pela afeição que sentia por ele, Rama aproximou-se do trono e segurou-lhe carinhosamente a mão. “Pai! Parece que o senhor se esqueceu de quem é. Lembre-se de quem é, da família real em que nasceu, imortalizada pelos seus ancestrais, e de quanta fama eles conquistaram. Então não haverá de chorar como está fazendo agora. O senhor nasceu na dinastia de Ikshvaku. Até o dia de hoje passou os seus anos sendo a própria encarnação do *dharma*. Os três mundos⁶² o aclamaram como o zeloso cumpridor de votos, o guardião e praticante do *dharma* e o mais valente herói no campo de batalha e fora dele.

“O senhor está ciente de que não existe pecado maior do que retirar a palavra dada. Voltar atrás na palavra empenhada ao sábio manchará a sua justa fama. Os seus filhos não poderão suportar essa má reputação. Se não agir segundo a sua palavra, o senhor não terá parte no mérito proveniente dos sacrifícios que realizar ou mesmo dos atos benevolentes que praticar, como o de cavar poços e plantar árvores. Por que se delongar nisso? Nós, seus filhos, sentimos que esta seria uma marca de desgraça que nos obrigaria a abaixar a cabeça e até a ouvir que Dasharatha havia quebrado a sua promessa. Isso constituiria uma nódoa indelével na reputação da própria dinastia. A afeição que o senhor tem pelos seus filhos é cega; não é baseada no discernimento. Ela nos trará castigo, não proteção. Se o que realmente o move é a afeição por nós, o senhor não deveria cuidar de promover a nossa reputação?”

“Obviamente não estamos em posição de lhe dar conselhos. O senhor sabe de tudo isso. A sua afeição o arrastou para essa asfixia de ignorância e tornou difícil para o senhor reconhecer o seu dever. Quanto a nós, não sentimos nem um pingão de medo. A noiva da vitória certamente casará conosco. Não hesite; abençoe-nos e confie-nos aos cuidados do sábio”. Após fazer esse apelo, Rama abaixou a cabeça e tocou os pés do pai.

Dasharatha trouxe Rama para perto de si e lhe acariciou a cabeça. “Filho! Tudo o que você disse é verdade. As suas palavras são joias de grande valor. Não serei tolo de negá-las. Partirei neste momento com as quatro divisões do meu exército e protegerei a cerimônia sacrificial deste sábio à custa de tudo o que possuo. Mas a minha mente não aceita a proposta de enviar vocês, que ainda estão sendo treinados nas artes da guerra e das armas, para os braços daqueles demônios. Nenhum pai entregaria conscientemente os filhos às garras do tigre. Ademais, é certo que nos atirem às chamas do desgosto? Nós os ganhamos graças a austeridades e os criamos como o próprio alento das nossas vidas. Que lástima! O que se pode fazer quando o próprio destino está contra nós? Não os culparei nem a nenhuma outra pessoa; esta é a consequência dos pecados que eu mesmo cometi”.

Assim se lamentou Dasharatha, com a mão sobre a cabeça de Rama. Este sorriu, dizendo: “Pai, que fraqueza é essa? O senhor fala em estar nos lançando à boca de um tigre. Ainda não percebeu que não somos cabras para sermos oferecidos assim? Acredite que somos filhotes de leão; envie-nos nessa tarefa sagrada com as suas bênçãos. Reis não devem protelar tarefas sagradas!”

Ouvindo essas observações tão perspicazes, Vashishta levantou-se e disse: “Excelente! Dasharatha, ouviu o rugido do leão? De agora em diante, por que haveria o chacal de uivar? Levante-se! Mande uma mensagem às mães para que venham aqui e coloquem os seus filhos ao serviço de Vishvamitra”.

⁶² Referência aos três mundos, esferas ou planos de existência: o mundo inferior, o intermediário e o superior. (N. T.)

Dasharatha sentiu que não tinha outra saída senão obedecer e ordenou que chamassem as rainhas. Elas vieram, com as cabeças cobertas por véus, e tocaram os pés dos sábios e os de Dasharatha; depois foram até os filhos e ficaram de pé ao seu lado, afagando-lhes amorosamente o alto da cabeça. Vashishta falou primeiro: “Mães! Os nossos meninos Rama e Lakshmana estão prontos a acompanhar Vishvamitra com o propósito de proteger o seu ritual (*yajna*) contra a interferência e a obstrução de hordas demoníacas. Abençoem-nos antes da sua partida”.

Surpresa, Kausalya levantou a cabeça e disse: “O quê?! Estes jovencinhos guardarão e protegerão o ritual que o grande sábio irá celebrar? Ouvi dizer que os próprios mantras, com a sua divina potência, constituem a melhor armadura. Como pode um simples mortal ousar tomar a si o fardo de salvar o ritual do mal? A responsabilidade pela conclusão bem-sucedida de um rito depende da retidão dos sacerdotes participantes”.

Isso pareceu correto a Vashishta, que, no entanto, achou apropriado esclarecer um pouco mais a situação: “Kausalya! Mãe! O rito de Vishvamitra não é um rito comum! Muitos obstáculos o estão afetando e gerando ansiedade”.

Vashishta continuava com a sua explicação quando Kausalya interveio: “Estou realmente atônita ao ouvir que a ansiedade ofusca rituais realizados por sábios. Creio que não existe poder capaz de se opor a nenhuma resolução sagrada. Suponho que o sábio acalenta esse desejo e está ávido por concretizá-lo a fim de manifestar a luz e a paz supremas. Ele deve ter feito essa solicitação ao rei com o objetivo de testar o seu apego aos filhos. Se assim não fosse, como poderíamos acreditar que esses pequeninos rebentos de ternura resguardarão do mal o ritual que este sábio, dotado de todos os misteriosos e místicos poderes, se propõe a celebrar?”

Enquanto Kausalya dizia isso, acariciava a cabeça de Rama. Dasharatha, que a escutava, teve subitamente um lampejo da verdade e chegou a uma corajosa decisão. Ele disse: “Sim! As palavras de Kausalya expressam a pura verdade. Este é somente um plano para me testar, estou certo disso. Mestre! Como posso eu, que sou fraco, enfrentar o seu teste? Acatarei o seu desejo, seja ele qual for!” Proferindo essas palavras, Dasharatha caiu aos pés de Vashishta.

Vashishta olhou para ele e disse: “Grande rei! O senhor provou o seu valor. Estes meninos não são de natureza comum. As suas habilidades e capacidades são ilimitadas. Outros desconhecem isso, mas nós o sabemos. Esta ocasião é simplesmente o início da sua marcha triunfal, o prólogo da história da sua trajetória vitoriosa. É o momento em que assumem o voto de guardiões da retidão (*dharmaraksana*). Eles retornarão em breve, tendo por noiva a vitória. Portanto, sem mais ponderações, coloque-os de bom grado à disposição de Vishvamitra”.

Vashishta chamou os meninos para o seu lado e, colocando a auspiciosa palma da sua mão sobre as suas cabeças, recitou alguns hinos que expressavam as suas bênçãos sobre eles. Os jovens curvaram-se aos pés das mães, receberam as suas bênçãos e levantaram-se, prontos para partir.

Dasharatha percebeu o brilho de alegria e coragem que resplandecia em suas faces e reprimiu a angústia que nele crescia. Colocou as mãos sobre os ombros dos meninos e em seguida foi até Vishvamitra, curvou-se aos seus pés e disse: “Este dois, ó mestre, a partir de hoje passam a ser seus filhos. A saúde e a felicidade deles dependem do senhor; se desejar que alguns guardas pessoais os acompanhem, cumprirei alegremente esse desejo”.

Vishvamitra desatou a rir: “Ó rei, o senhor está realmente desatinado! Pode alguém proteger estes heróis, que são responsáveis por libertar o rito de toda obstrução? Será que precisam de alguma proteção? Eles estão partindo para resguardar o rito, tarefa que não somos capazes de realizar. Será que heróis tão poderosos necessitam de alguém para protegê-los? Rei! Evidentemente a sua afeição o cegou. Eu os trarei de volta quando a tarefa para a qual os estou levando estiver concluída. Não se preocupe e governe o reino sem injustiça nem interrupção”.

Vishvamitra levantou-se e todos prestaram reverente obediência ao grande sábio, que foi o primeiro a deixar o salão, seguido pelos dois príncipes. Logo que chegaram ao portão principal do palácio, ouviram-se tambores e clarins celestiais ecoando no céu. Uma chuva de flores caiu sobre eles. Enquanto caminhavam, o som de conchas emergia da soleira de cada casa; pela estrada ouvia-se, a intervalos de poucos metros, o ressoar de trompetes. Aos olhos de todos os homens, mulheres, crianças e cidadãos de todas as idades, eles pareciam ser dois filhotes marchando atrás de um leão adulto. Ninguém entendeu por que os príncipes estavam andando descalços e deixando o palácio com o renomado sábio; por isso cada um se pôs a perguntar ao vizinho qual seria a sua missão. Por ordem do rei, os ministros, cortesãos e cidadãos os acompanharam somente até o portão da cidade. Ali todos se despediram dos príncipes e retornaram.

Eles, por sua vez, continuaram a sua jornada, com Vishvamitra à frente, Rama logo atrás e Lakshmana na retaguarda. Iam observando as fileiras de encantadoras árvores em ambos os lados do caminho e se impregnando da beleza da natureza que se revelava aos seus olhos. Após percorrerem certa distância, entraram em uma selva sem vestígio de habitação humana. Vishvamitra disse a Rama e a Lakshmana que, dali em diante, passassem a usar protetores de couro nos pulsos e nos dedos. Pediu que pegassem os arcos que levavam aos ombros e se mantivessem de prontidão. Assim preparados, avançaram pela silenciosa e aterradora floresta, em meio aos emaranhados arbustos, destemidos e esplendorosos como se fossem os monarcas da região.

A lição para o mundo

Em pouco tempo chegaram ao rio Sarayu. O sol estava prestes a se pôr; então Vishvamitra chamou Rama e Lakshmana e lhes disse, com suavidade e doçura:

“Meus queridos! Vão sem demora até o rio e realizem a ablução cerimonial das mãos e dos pés. Vou transmitir-lhes agora dois mantras místicos – as joias da coroa dentre todos os mantras –, conhecidos como “Força” (*bala*) e “Superforça” (*ati-bala*). Ambos estão carregados de tremendo poder. Eles lhes restituirão o vigor, por mais exaustos que estejam; impedirão que se cansem, por mais esforços que façam; não permitirão que a doença se aproxime e os salvarão de forças demoníacas. Sempre que estiverem em uma jornada e se recordarem desses mantras, eles afastarão a fome e a sede e lhes concederão saúde exuberante; derramarão sobre vocês alegria e entusiasmo e fortalecerão os seus membros e a sua mente. Rama! Esses dois mantras detêm a supremacia sobre todos os outros; são mais radiantes e eficazes que os demais”.

Vishvamitra discorreu sobre a potência dos mantras por longo tempo. Rama não necessitava ser informado sobre eles; ouviu com aparente surpresa e olhos

maravilhados. Enquanto isso, Lakshmana observava o sábio e Rama e ria internamente!

Este incidente traz uma boa lição para o mundo no qual Rama veio reviver o *dharmā*. Ele não a ensinou com palavras, mas por meio do seu comportamento. “Nenhum indivíduo, por maior que seja, pode escapar da ilusão (*mayā*). Esta é capaz de virá-lo de cabeça para baixo em um instante e não soltará a vítima das suas garras enquanto ela estiver imersa na crença de que é o ‘corpo’. A ilusão não se intimida com o nome, a fama, a habilidade ou a inteligência da pessoa da qual deseja se apossar. Somente quando ela descartar nome e forma, libertar-se da consciência do corpo e estabelecer-se no *Atma* é que poderá escapar da percepção errônea imposta pela ilusão.”

Essa foi a lição! Prestem bem atenção! Vishvamitra tinha esses dois poderosos mantras sob o seu controle; acumulara uma grande reserva de tesouro espiritual; não obstante os afamados recursos que ele próprio possuía, conscientizara-se de que somente Rama tinha o poder necessário para sobrepujar em astúcia e destruir as hordas demoníacas empenhadas em interromper o rito que se dispusera a celebrar. Aconselhara Dasharatha a respeito da excessiva afeição pelo filho, que o cegava em relação à divina majestade de Rama; anunciara que Rama era o guardião do mundo inteiro; acreditava que não havia nível de heroísmo que ele não pudesse alcançar. Mas, apesar de tudo isso, estava se preparando para iniciar aqueles mesmos príncipes em alguns mantras místicos, como se fossem jovens de linhagem comum. Certamente se achava cativo da ilusão (*mayā*)! Sucumbira ao engano de julgar por atributos aparentes.

Rama desnudou a força do jugo da ilusão sobre o sábio, pois foi ele quem envolveu a mente de Vishvamitra e o fez proceder orgulhosamente àqueles ritos de iniciação! Rama e Lakshmana terminaram as suas abluções no rio, conforme a orientação de Vishvamitra. O sábio iniciou Rama nos dois mantras. O príncipe os repetiu após o professor e inclinou a cabeça, como deve fazer um aprendiz quando lhe ensinam um mantra. Lakshmana fez o mesmo. Então ambos curvaram a cabeça como se tivessem concordado em ser “discípulos” de Vishvamitra.

O eremitério de Shiva⁶³

Logo escureceu e os irmãos, usando a grama que crescia abundantemente no solo, prepararam as suas camas. Após terem se deitado, Vishvamitra sentou-se ao seu lado e relatou histórias de épocas antigas. Em pouco tempo os meninos pareciam dormir, aparentemente devido à exaustão por terem percorrido longas distâncias a pé. Vishvamitra interrompeu a narrativa e perdeu-se em pensamentos a respeito do seu próprio destino e da sua destinação.

O dia nasceu, iluminando toda a região. Pássaros multicoloridos esvoaçavam de galho em galho na árvore sob a qual os dois irmãos dormiam, cantando docemente como se tivessem a intenção de despertar Rama e Lakshmana! A música parecia vir de trovadores celestes, mas não foi capaz de acordá-los! Vishvamitra aproximou-se de Rama e anunciou a chegada do alvorecer: “Acorde”, falou. Rama sentou-se, despertou

⁶³ Aspecto destruidor ou transformador de Deus na *Trimurti* ou Trindade hindu, sendo Brahma o aspecto criador e Vishnu o preservador. (N. T.)

Lakshmana, que se achava deitado ao seu lado, e ambos se inclinaram aos pés do sábio.

Os dois fizeram as abluções matinais no rio Sarayu: recolheram a água sagrada na palma das mãos e a derramaram novamente, proferindo hinos em louvor à deusa do rio. Em seguida banharam-se nele e realizaram o rito matinal (*sandhya*⁶⁴), que envolve a recitação do mantra *Gayatri*⁶⁵. Logo estavam prontos para a jornada e se postaram de pé, diante do sábio, com os braços cruzados. Vishvamitra perguntou: “Queridos! Podemos partir agora em direção ao nosso eremitério, não é?”

Rama respondeu: “Aguardamos a sua ordem!”. Puseram-se a caminhar, o sábio à frente e os irmãos atrás. Prontamente alcançaram a confluência dos rios Sarayu e Ganges (Ganga). Os irmãos prostraram-se diante do rio sagrado e percorreram com os olhos todo aquele local santificado. Avistaram um eremitério do qual emanavam vibrações celestiais que permeavam os arredores. Ficaram impressionados, pois lhes pareceu um local muito antigo, repleto de associações veneráveis.

Lakshmana indagou ao sábio: “Mestre! Quem vive neste santo eremitério? Qual é o nome do grande personagem que nele habita?” Vishvamitra sorriu diante da pergunta e respondeu: “Queridos! Há muito tempo o Senhor Shiva veio até aqui com os Seus divinos assistentes para dedicar-se a austeridades antes do Seu casamento com Parvati⁶⁶. Enquanto realizava as Suas divinas obrigações, Manmatha, o deus do amor, colocou obstáculos às Suas práticas espirituais, fazendo brotar a ira no coração divino. Shiva abriu o terceiro olho e este lançou labaredas tão intensas que reduziram Manmatha a cinzas. Ele teve o corpo destruído e por isso ficou conhecido como *an-anga*, ou seja, ‘aquele que não tem membros’. A palavra ‘*anga*’ significa “membro” e, pelo fato de Manmatha os ter perdido aqui, esta região passou, a partir de então, a ser conhecida como *Anga*! É uma rica região.

“Este eremitério foi utilizado por Shiva e vem sendo usado pelos Seus devotos há gerações. Cada um deles se fundiu em Shiva como fruto de árduo ascetismo. Aqui se aceitam como residentes apenas estritos seguidores do caminho do *dharma*. Se assim desejarem, passaremos a noite aqui e retomaremos o caminho amanhã, após um banho no Ganges”.

Rama e Lakshmana não podiam conter a sua alegria diante da proposta do sábio. “Estamos muito felizes”, disseram, e aceitaram a ideia. Banharam-se no sagrado Ganges. Enquanto isso, espalhou-se por toda parte a notícia de que Vishvamitra se achava disponível ali, próximo às suas residências, tendo junto a si dois heroicos filhos do imperador. Muitos correram para dar-lhes as boas-vindas e recebê-los em seus próprios eremitérios.

Naquela noite, o sábio e os príncipes ficaram no *ashram* de Shiva. Alimentaram-se de frutos e raízes e observaram com interesse as atividades do eremitério. Os príncipes ouviram as histórias narradas por Vishvamitra e o tempo fluiu rapidamente naquela torrente de bem-aventurança. Quando o dia nasceu, banharam-se, fizeram as suas abluções e despediram-se afetuosamente dos eremitas. Continuaram a caminhada, os dois discípulos seguindo o *guru*. Como tinham que cruzar o Ganges, algumas pessoas

⁶⁴ *Sandhya* é um rito de adoração realizado três vezes ao dia, nas três junções do tempo, ou seja, ao alvorecer, ao meio-dia e à hora do crepúsculo. (N. T.)

⁶⁵ Fórmula sagrada revelada ao sábio Vishvamitra; dirigida à energia do Sol, é um mantra e, ao mesmo tempo, uma oração que tem o poder de iluminar o intelecto (*buddhi*) e conferir a faculdade do discernimento (*viveka*).

⁶⁶ Um dos Nomes da divina consorte de Shiva. (N. T.)

os levaram em suas canoas até a outra margem; depois lhes deram adeus, reverentemente, e se curvaram aos pés de Vishvamitra antes de retornarem. O sábio sentiu-se gratificado por aquele ato de hospitalidade. Apreciou a intensidade da sua devoção e sentimento de entrega e permitiu que partissem, cobertos de bênçãos.

A história de Malada e Karosa

Naquele exato momento, um ruído, semelhante ao de uma inundação subterrânea se precipitando sobre a terra, impactou os seus ouvidos. Eles viram as águas do rio se agitarem e se elevarem, enfurecidas, formando ondas encimadas por longas correntes de espuma branca. Rama perguntou: “Mestre! Por que essa feroz inundação encheu o vale tão subitamente e como foi possível o surgimento repentino de ondas tão altas?”

O sábio respondeu: “Rama! O rio Sarayu, cheio e tempestuoso, desemboca nas águas calmas e serenas do Ganges bem neste local; eis a causa desta reverberação e estrondo!” O sábio proferiu essas palavras de maneira tranquila e casual. Aquela era uma cena familiar para ele. Continuou: “Rama! Em épocas passadas, pela vontade de Brahma, formou-se imediatamente um grande lago próximo ao monte Kailasa⁶⁷. Ele é conhecido como *Manasa-Sarovar*⁶⁸, que significa ‘lago da mente’ (*manasa* = mente e *sarovar* = lago). Os deuses assim o chamaram. Quando a neve derrete e as chuvas caem, o lago transborda e a água que flui para o exterior torna-se o rio Sarayu, que margeia Ayodhya em direção ao Ganges. O Sarayu é sagrado porque as suas águas nascem no lago surgido da vontade do próprio Brahma”. Assim prosseguiram em sua jornada, escutando as emocionantes histórias que iluminavam cada rio e cada pedaço de terra.

Penetraram em uma densa e escura floresta que despertava uma sensação de terror. Rama perguntou ao mestre: “Por que não há sinal de humanos terem um dia atravessado esta floresta?” Antes que pudesse obter a resposta, chamou-lhes a atenção uma sinistra sucessão de rugidos vindos das goelas iradas de uma multidão de feras – tigres, leões, leopardos e um grande número de animais selvagens menores. Parecia que a terra estava sendo despedaçada! Viram também feras empenhadas em lutas mortais, algumas correndo para o interior da mata, fugindo de uma cena de morte violenta. A floresta era o lar de árvores que cresciam muito próximas umas das outras, alcançavam os céus e espalhavam as suas densas sombras pelo chão, tais como a figueira-de-bengala (*banyam*), o cedro-do-himalaia, o pinheiro e a figueira sagrada.

Não havia nenhuma trilha para guiar os seus passos, por isso tiveram que abrir caminho para seguir em frente. Lakshmana não pôde conter a sua curiosidade e indagou a Vishvamitra: “Mestre! Quem governa esta temível floresta? Qual é o seu nome?”

O mestre respondeu: “Lakshmana! Esta selva cresceu onde antigamente havia dois pequenos reinos chamados Malada e Karosa. Eles resplandeciam como a terra dos deuses; de fato, falava-se que esta área fora especialmente criada e mantida pelos próprios deuses. Conta-se uma história sobre o local: quando o deus Indra matou Vritra, foi contaminado pelo pecado e, em consequência disso, passou a ser

⁶⁷ A morada do Senhor Shiva nos Himalaias. (N. T.)

⁶⁸ Nome de um lago sagrado e local de peregrinação nos Himalaias; significa, literalmente, “lago da mente” ou, figurativamente, “lago da consciência interior”. (N. T.)

atormentado pela dor de uma fome insaciável. Nessa miserável condição, foi trazido a esta região e banhado no sagrado Ganges por sábios que, em seguida, verteram muitos potes da água do rio sobre a Sua cabeça enquanto recitavam hinos e mantras sagrados. Com isso, lavou-se o pecado de haver matado uma pessoa de casta elevada.

“Encantado com a eliminação da impureza (*mala*) e das dores agudas provenientes da fome, Brahma deu o nome de Malada e Karosa a esses reinos, que conquistaram renome com as Suas bênçãos. Os deuses quiseram que essas duas áreas fossem ricas em grãos, em ouro e em toda forma de fartura e prosperidade.

“Nesse meio-tempo uma ogra cruel chamada Tataki apareceu na região e pôs-se a arruinar a rica e pacífica terra. Ela era uma *yakshini*⁶⁹ que podia assumir qualquer forma que desejasse. Há rumores de que, no mesmo instante em que nasceu, já era dotada da bravura de mil elefantes! Ela deu à luz um filho denominado Maricha, que tinha o poder e o heroísmo do próprio Indra. Juntos, mãe e filho provocaram terrível devastação e desastre. A selva na qual vive essa infame ogra está situada a quase 22 quilômetros daqui. Foi ela quem reduziu aqueles prósperos vales, Malada e Karosa, a esta temida região selvagem.

“À sua aproximação, os agricultores fugiam dos férteis campos, aterrorizados, e assim a floresta foi se expandindo cada vez mais. As populosas cidades e aldeias foram abandonadas e arruinadas, não restando nenhum vestígio de habitação humana. Tataki não pôde ser capturada ou destruída, pois conseguiu escapar de todas as tentativas para exterminá-la. Até hoje não houve quem ousasse pôr fim ao seu vandalismo. Não consigo imaginar ninguém, à exceção de vocês – sim, a minha intuição mais profunda assim o diz –, capaz de destruir esse monstro possuidor de tão arrebatadora força. A perversa mãe e o seu filho lideram e guiam os demônios que interrompem e profanam os ritos e rituais sagrados dos eremitas”.

As palavras de Vishvamitra tocaram os sentimentos de Rama, que não pôde conter a ira que emergia do seu interior. Com grande humildade e reverência, disse: “Ó grande entre os ascetas! Ouvi dizer que os *yakshas* não possuem grande poder; além disso, essa Tataki é uma fêmea, do sexo mais frágil. Como foi capaz de aterrorizar dessa forma populações inteiras? Onde obtive todo esse poder? Como conseguiu reduzir a destroços e ruínas uma região abençoada por Brahma e pelos deuses? Isso é realmente espantoso. É inacreditável”.

Vishvamitra respondeu: “Escute, Rama, eu explicarei! Havia outrora um *yaksha* de nome Suketu, rico em virtudes e em bravura. Como não tinha filhos para sucedê-lo, praticou severas austeridades para propiciar os deuses e receber as suas bênçãos. Por fim, satisfeito com a sua austeridade, Brahma apareceu diante dele e abençoou-o para que tivesse uma filha possuidora de extraordinária força, inteligência e habilidade. Suketu exultou com essa dádiva, mesmo se tratando de uma filha e não de um filho.

“Suketu retornou ao lar e, como previsto, nasceu-lhe uma filha, que cresceu forte e rapidamente. Apesar de ser do sexo mais frágil, ela possuía, pela graça de Brahma, o poder de mil elefantes e se comportava como se não houvesse regras nem limites, como se possuísse tudo o que via! Era uma menina muito encantadora; então Suketu buscou por toda parte um noivo igualmente encantador. Finalmente encontrou Sunda e concedeu-a em matrimônio a ele. Três anos mais tarde, ela deu à luz um filho – Maricha, sobre o qual já falei. Mãe e filho tornaram-se invencíveis em combate.

⁶⁹ Feminino de *yaksha*, membro de uma classe de espíritos da natureza ou gênios que, segundo a mitologia hindu, guardam as riquezas naturais da Terra. (N. T.)

“Sunda, o marido, iniciou as suas aventuras demoníacas e tentou arruinar os ritos (*yajnas*) dos sábios. Incorreu na ira do grande Agastya, que lançou sobre o abominável indivíduo uma maldição, matando-o e salvando os sábios de mais sofrimentos. Tataki e o filho, por vingança, investiram contra o eremitério de Agastya. Este, sabendo de antemão do ataque, amaldiçoou-os, fazendo com que fossem rebaixados ao nível de ogros. Isso os enraiveceu ainda mais; vociferando insultos, avançaram assustadoramente contra ele, com olhos vermelho-sangue! Agastya sentiu que qualquer demora seria perigosa; amaldiçoou Tataki, fazendo com que ela perdesse o seu encanto e se tornasse um monstro horrendo! Pela sua vontade, fez com que se tornasse canibal! Ela não se rendeu à maldição e continuou a atacar com renovada ferocidade, mas Agastya conseguiu escapar à devastação e foi para um lugar mais seguro. Enraivecida com a decepção, Tataki extravasou a sua fúria sobre esta região (Malada e Karosa), destruindo plantações e jardins e reduzindo-a a uma imensa selva”.

Rama aniquila Tataki

Após ouvir essa história, Rama disse: “Mestre! Ela nasceu em consequência da bênção de Brahma e, como recompensa por austeridades, adquiriu todas essas habilidades e força. No entanto, fez mau uso delas, atraindo para si ira e maldição. Mencionam as Escrituras que matar uma mulher constitui um pecado assaz hediondo, não é? Agastya deve tê-la poupado justamente por essa razão, deixando-a apenas com a maldição da feiura. Caso contrário, não poderia o grande sábio, que ocasionou a morte do marido, abater também a esposa? Ouvi dizer que guerreiros não devem ser tão vis a ponto de matar mulheres. Diga-me o que devo fazer agora; estou pronto a obedecer”.

Vishvamitra sentiu-se feliz porque Rama havia expressado esses escrúpulos ditados pelo *dharma*. Respondeu: “Não ignoro o fato de que matar uma mulher seja um pecado hediondo. Contudo, é importante a proteção das pessoas espiritualmente elevadas, como os brâmanes e os virtuosos, e também das vacas. O *dharma* está entrelaçado com esses três. Não há pecado quando se pratica o ato para promover o *dharma* e extinguir a perversidade (*a-dharma*). Você não conhece o axioma ‘O *dharma* protege aqueles que o protegem’ (*Dharmo rakshati rakshitah*)? Isso não constitui violência usada para engrandecimento próprio.

“Eu lhe asseguro: quando se usa a violência para preservar a paz e a prosperidade do mundo, ela não atrai nenhuma reação negativa. Ademais, a criação, a preservação e a dissolução são expressões da Lei Divina; elas ocorrem de acordo com a vontade de Deus e não dependem de caprichos humanos. Vocês são manifestações divinas. Têm a autoridade e o dever. Nenhuma impureza pode aderir ao fogo; da mesma forma, nenhum pecado pode contaminar o Divino. A vontade que cria e a obrigação que protege podem também cumprir o dever de punir.

“Não se pode evitar a punição resultante dos pecados dessa mãe e do seu filho. Deve-se considerar uma boa sorte para Tataki perder a vida nas suas mãos hoje, antes que acumule ainda mais pecados pelos quais deverá sofrer muito. Você estará apenas servindo os melhores interesses dela e do país. Isso não é errado nem pecaminoso. Nutrir sentimentos de compaixão agora acarretaria dano ilimitado para o mundo. Promoveria o declínio do *dharma* e ajudaria Tataki a cometer mais pecados.

“Por que deveria eu me alongar mais sobre esse assunto, expondo-lhe milhares de argumentos? Pude ver tudo através do meu olho espiritual; você encarnou na forma

humana para destruir essa geração de demônios (*rakshasas*). Esta é a sua missão, a sua tarefa. Deverá cumpri-la hoje e ao longo de toda a sua trajetória. A proteção do *dharma* e a destruição dos demônios ou de pessoas com tendências demoníacas constituem justamente os propósitos que o persuadiram a nascer! Eu soube dessa verdade; por isso me apressei a recorrer a você em busca de ajuda. Por qual outra razão buscaria o seu apoio e o seu serviço?

“Eremitas, anacoretas e aqueles que realizam austeridades em retiros nas florestas suplicam a ajuda dos governantes da terra não para o seu próprio bem, mas para o bem do mundo inteiro. Eles renunciam ao apego e se sustentam das raízes e frutos que coletam; após alguns meses ou anos nesse regime, tornam as suas vidas ainda mais austeras para que possam perder a consciência do corpo e se fundir na Luz. Por que deveriam preocupar-se com o que acontece com o mundo? No entanto os sábios, os realizados, além de se salvarem pela iluminação da revelação, procuram contar a outros sobre o caminho que trilharam e a glória da meta que alcançaram, a fim de persuadi-los a praticar as disciplinas que os tornaram aptos a receber a Verdade.

“Se os sábios se importassem apenas consigo mesmos e com a própria libertação, o que sucederia ao mundo? As pessoas simplesmente desceriam ainda mais fundo na perversidade, isso é tudo. O *dharma* submergiria. Os eremitas mantêm relacionamento com o mundo por essa razão, não para satisfazer qualquer anseio pessoal. Eles vivem como a flor do lótus na água. Podem, aparentemente, estar envolvidos no mundo, porém não têm nenhum apego a ele, não se deixam macular por ele. A sua meta é somente uma: o progresso e o bem-estar do mundo. Eles se dedicam apenas a promover o *dharma*. Dependem exclusivamente de Deus”.

Quando Vishvamitra desnudou a verdade com essas palavras, Rama respondeu como se fosse um noviço sem conhecimento de tudo o que ouvira. Declarou: “O mundo não entende que nas palavras dos eremitas e dos sábios estão inseridos significados sagrados. Indaguei sobre a moralidade desse ato para que o senhor nos explicasse detalhadamente a justiça dele. Não interprete de outro modo a minha pergunta. Dasharatha, meu pai, orientou-me a obedecer ao sábio Vishvamitra e a fazer o que ele determinasse. Desejo seguir as ordens do meu pai.

“O senhor é um grande sábio que se submeteu a severas austeridades. Quando alguém como o senhor declara que se pode matar Tataki sem incorrer em pecado e que esse ato é justo e moral, sei que nada faço de errado. Estou pronto a cumprir qualquer tarefa que me impuser para promover o *dharma* e assegurar o bem-estar do povo”.

Dizendo isso, tomou o arco na mão e testou a tensão da corda, produzindo um som que ecoou e reverberou pelas dez direções⁷⁰. A selva inteira despertou; os animais selvagens saíram em fuga desabalada para todos os lados. Impactada pelo som impressionante e excepcionalmente alto, Tataki enfureceu-se diante daquele fenômeno perturbador e avançou precipitadamente em direção ao local de onde ele provinha!

Rama viu o monstro mover-se em sua direção como uma avalanche ou a carga de um enorme elefante selvagem. Sorriu e disse a Lakshmana: “Irmão! Veja essa massa de feiura! Será que pessoas comuns poderiam sobreviver à visão dessa personalidade

⁷⁰ As “dez direções” correspondem aos quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste), aos quatro pontos colaterais (Nordeste, Sudeste, Noroeste e Sudoeste), ao zênite e ao nadir. (N. T.)

demoníaca? A sua aparência por si só é terrível! O que dizer, então, da sua força? E é uma mulher! A minha mente não coopera plenamente comigo quando resolvo matá-la! Creio que esse monstro morrerá se as suas mãos e pernas forem decepadas; isso pode ser suficiente para destruí-la”.

Tataki avançou em direção a Rama com os braços estendidos, na intenção de agarrá-lo e colocá-lo na boca tal qual um pedaço de bolo! Rugia selvagememente, em um frenesi aterrorizante. Com os olhos fechados, Vishvamitra orava para que os irmãos não se ferissem no combate. A ogra aproximou-se mais e mais de Rama, porém com relutância cada vez maior, pois na sua presença sentia um choque estranho. Uma ou duas vezes ela chegou perto do príncipe, mas teve que recuar rapidamente. Enfurecida, pulava para todos os lados, com raiva de si mesma! A poeira que levantava com os pés escurecia a área, tornando-a sufocante.

Rama, Lakshmana e Vishvamitra permaneceram silenciosos e parados por algum tempo. Hábil na arte da ilusão e da destruição, Tataki fez cair uma pesada chuva de pedras. Rama decidiu, então, que não era mais admissível que a ogra continuasse a viver na Terra; ela não podia mais ser perdoada pelo fato de ser mulher! Então sacou o arco e atirou uma flecha na direção do corpo da invisível Tataki, identificando exatamente onde ela estava naquele instante. Diante disso, a ogra investiu mais uma vez contra Rama, que lhe cortou os dois braços com as suas flechas. Ela caiu ao chão, chorando de agonia e dor. Lakshmana decepou os seus membros, um a um.

Tataki, porém, podia assumir outras formas à sua vontade. Abandonou aquela e rapidamente assumiu outra, aparecendo outra vez diante deles, revigorada e furiosa! Fingia estar morta, mas logo se levantava, bem viva! Adotou uma variedade de formas ao mesmo tempo e retomou o velho truque da chuva de pedras. Mostrou os seus talentos perversos e truques malignos. Rama e Lakshmana, mesmo se mantendo bem atentos, sofreram alguns ferimentos.

Vendo isso, Vishvamitra sentiu que não deveria haver mais demora; ela devia ser aniquilada imediatamente. “Rama”, disse ele, “não hesite. Este não é o momento para levar em consideração a sua condição de mulher e fazer concessões. Remover os seus membros não surtirá efeito. Enquanto houver vida, esses *rakshasas* podem adotar inúmeras formas. Mate-a! Quando a noite se aproximar, a sua tenebrosa fúria aumentará ainda mais. Após o pôr do sol, torna-se impossível para qualquer um confrontar demônios. Ela deve ser destruída em até uma hora”. E proferiu alguns mantras sagrados, para garantir proteção e grande segurança.

Rama também direcionou os próprios pensamentos. Como possuía o poder de guiar as flechas na direção de onde o som emanava, descobriu onde estava a ogra e lançou uma flecha veloz naquele alvo, uma flecha que teve o efeito de prender os seus membros, impedindo que ela pudesse fazer o menor movimento. Tataki deu gritos ferozes e, colocando a língua horrível para fora, tentou cair sobre Rama e Lakshmana e esmagá-los com o seu peso. Rama concluiu que um atraso acarretaria consequências piores. Com precisão, atirou uma flecha mortal no peito da ogra, que rolou pelo chão e perdeu a vida.

No local onde ela caiu, formou-se uma imensa cratera na terra. Árvores foram arrancadas pelo impacto daquela massa gigantesca que rolava em agonia. O seu último suspiro foi tão estranho e ruidoso que as feras da floresta saíram em fuga; bandos de animais corriam desordenadamente.

Quando a terrível demônia tombou morta, Vishvamitra chamou Rama para perto de si e, acariciando afetuosamente os seus cabelos, proferiu as seguintes palavras: “Filho, você teve medo? Não! Não! Como poderia sentir medo o salvador de todos os mundos? Esta proeza constitui a pedra fundamental; ela assegura a estabilidade da mansão. Venham, vocês estão cansados e o sol já se pôs. Procedam à adoração vespertina e descansem um pouco. Acompanhem-me”. Levou-os até o rio e, mais tarde, disse a eles: “Filhos! Descansaremos aqui esta noite; ao nascer do sol, poderemos prosseguir em direção ao nosso eremitério”. Eles passaram a noite escutando as histórias contadas pelo mestre, que também lhes revelou as faculdades e a majestade latente que possuíam.

Vishvamitra oferece a Rama as suas armas

O dia raiou. O sábio realizou as abluções matinais e, com um sorriso bondoso, aproximou-se dos irmãos que dormiam. Falou com suavidade e doçura: “Rama! Estou encantado com o seu heroísmo! Quando você estava subjugando Tataki, compreendi a verdade de que é o Absoluto. Sou realmente muito afortunado”.

Vishvamitra derramou lágrimas de alegria. Apresentou todas as armas místicas que possuía e os mantras que as formavam e sustentavam e, em um rápido gesto de dedicação, colocou-as todas nas mãos de Rama. “Não tenho autoridade para empunhar estas armas; mesmo que as tenha em minha posse, de que utilidade são para mim? Você é o mestre e o detentor de todas as armas. Elas, por sua vez, ficarão extremamente satisfeitas por estar com você, pois assim poderão cumprir melhor o seu destino. Preste atenção! A partir deste momento, todas as armas que até agora estavam sob o meu comando serão seus instrumentos, disponíveis para a missão para a qual você veio”. Em seguida verteu um pouco de água sagrada enquanto recitava os mantras apropriados, em uma demonstração de irrevogável entrega da posse das armas.

Assim ofereceu a Rama a arma da punição (*Danda-chakra*), a arma da justiça (*Dharma-chakra*), a arma do tempo (*Kala-chakra*), o míssil de Indra (*Indra-astra*), o raio de Indra (*Vajra-astra*), o tridente inspirado em Shiva (*Trishula*), o principal míssil de Brahma (*Brahma-shira-astra*), a arma infalível da abertura do terceiro olho de Shiva (*Aikshika-astra*) e a mais poderosa e destrutiva de todas, a arma de Brahma (*Brahma-astra*).

Vishvamitra sentou-se em silêncio por um momento, com os olhos fechados, e depois se ergueu com as seguintes palavras: “Agora o que devo fazer com estas duas?” Entregou a Rama duas poderosas clavas, *Modaki* e *Sikhari*, e disse: “Após chegarmos ao nosso *ashram*, apanharei mais algumas armas, como o míssil do fogo (*Agni-astra*⁷¹), o de *krauncha*⁷², o de Narayana, o do vento (*Vayu-astra*⁷³) e outras. Filho, todas essas armas estão à disposição e às ordens do seu mestre; elas têm um poder incrivelmente avassalador”.

⁷¹ Presidido por Agni, o deus védico do fogo, segundo a mitologia hindu; *agni* também é o nome do elemento fogo em sânscrito. (N. T.)

⁷² *Krauncha*, em sânscrito, é o nome de uma ave, algumas vezes traduzido para o inglês como *crane* (em português, “grou”, fem. “grua”), outras como heron (em português, “garça”) e outras como *curlew* (em português, “maçarico”). (N. T.)

⁷³ Presidido por Vayu, deus védico do vento, segundo a mitologia hindu; a palavra *vayu* também significa “vento” ou “ar”, em sânscrito. (N. T.)

Assim dizendo, sussurrou aos ouvidos de Rama as fórmulas místicas que as materializavam, ativavam e direcionavam aos alvos com incalculável fúria. Pediu-lhe que recitasse os mantras sob a sua supervisão. Em pouco tempo Rama foi capaz de visualizar as deidades que presidiam cada um dos mísseis e armas divinas e receber a sua grata homenagem. Cada deidade se apresentou diante do príncipe, prostrou-se aos seus pés e declarou: “Rama! A partir deste momento, nós somos seus servos. Juramos e afirmamos que cumprimos as suas ordens”. Então desapareceram, aguardando futuras convocações.

Satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos, Rama tocou os pés do sábio e disse: “Mestre, o seu coração é a arca do tesouro da renúncia. Percebo que o senhor é a divina encarnação do desapego (*tyaga*) e da conquista dos sentidos (*yoga*). Quem mais seria capaz de renunciar e doar tal arsenal de armas poderosas, conquistadas com muito esforço? Mestre! Por favor, conceda-me a alegria de ter o seu conselho sobre a maneira de reaver as armas após terem elas ocasionado a destruição pretendida. O senhor me ensinou as fórmulas apropriadas para lançá-las; desejo saber como recuperá-las”.

“Estas forças e armas – chamadas *Satyakirti, Drishta, Rabhasa, Pitrusomasa, Krishana, Virasya, Yougandha, Vidhutha, Karaviraka, Jrimbhaka, Vairagyam, Padmanabha, Sunabham, Dashaksham, Shathodharam e Rutharam* – são automaticamente recuperáveis pela força da vontade do arqueiro que as utiliza, expressa por meio dos mantras que ora lhe comunico”. E procedeu à iniciação de Rama nas fórmulas. Quando ele as pronunciou, as deidades assim propiciadas surgiram e se prostraram diante do novo mestre. Rama disse-lhes que deviam estar prontas quando fossem convocadas e que, por enquanto, podiam ficar à vontade.

Vishvamitra realiza o rito sagrado

Vishvamitra propôs, então, que retomassem a jornada, e os três se puseram a caminhar. Após certa distância, entraram em uma região de colinas elevadas e os seus olhares caíram sobre um jardim encantador cuja fragrância lhes dava as boas-vindas, revigorando os seus corpos e mentes. Os irmãos ficaram curiosos para saber quem possuía aquele adorável local e pediram ao sábio que os esclarecesse a esse respeito.

Vishvamitra respondeu: “Filho, esta é a região sagrada que os deuses escolheram quando desceram à Terra para realizar austeridades buscando a realização dos seus desejos. O grande Kashyapa fez penitências aqui e atingiu o seu objetivo. Este local confere a vitória em todos os esforços sagrados; por isso é chamado de *Siddhashram* – o ermitério da realização! Eu mesmo fixei residência aqui na intenção de cultivar a dedicação e a entrega. Este ermitério vem sendo alvo do ataque de demônios, que interrompem e conspurcam todos os ritos sagrados aqui realizados. Você deve destruí-los quando tentarem lançar mão das suas táticas nefastas”.

Vishvamitra entrou naquela acalentadora morada da paz. Pôs carinhosamente o braço sobre os ombros de Rama, dizendo: “A partir de hoje, este ermitério (*ashram*) é tão seu quanto foi meu até agora”. Enquanto proferia essas palavras, o venerável sábio derramava lágrimas de satisfação.

Logo que eles adentraram o *Siddhashram*, os residentes vieram correndo ansiosamente para lavar os pés do mestre e oferecer água para as abluções de Rama e Lakshmana. Espalharam flores ao longo do caminho que levava ao *ashram* e os conduziram até a porta. Ofereceram-lhes frutas e uma bebida doce e refrescante.

Propuseram que Rama e Lakshmana descansassem em uma cabana especialmente reservada e preparada para eles.

Rama e Lakshmana assim o fizeram e, após o descanso, que os revigorou imensamente, lavaram os pés e o rosto e foram até o sábio Vishvamitra a fim de ouvir as suas instruções. Puseram-se de pé diante do professor, com os braços cruzados, e indagaram: “Mestre! O ritual (*yajna*) que o senhor deseja realizar poderá ter início amanhã?”

Vishvamitra sentiu-se feliz com a pergunta e respondeu: “Sim! Está tudo pronto! Neste *Siddhashram* é sempre assim. Não há necessidade de se esperar pela finalização de preparativos. Estamos sempre prontos. Farei o voto prescrito amanhã, ao nascer do dia”. As notícias se espalharam e todos se lançaram à tarefa de providenciar tudo o que fosse necessário para o grande evento.

O dia raiou. Vishvamitra fez o voto de iniciação e o rito começou. Os dois irmãos, Rama e Lakshmana, com os seus arcos e flechas, puseram-se em guarda, como se fossem os deuses Skanda⁷⁴ e Vishakha⁷⁵, firmemente determinados a enfrentar todos aqueles que tentassem interferir com a devida celebração do *yajna*. Como era impróprio falar com Vishvamitra enquanto ele estivesse envolvido na cerimônia sacrificial, Rama fez gestos aos outros participantes no intuito de descobrir quando e de que direção se poderia esperar a chegada da horda de demônios. Eles só podiam responder: “É impossível dizer quando e de onde virão! Os demônios não possuem regularidade nos seus horários e podem atacar a qualquer momento. Quem é capaz de prever o momento da sua ofensiva?” Os eremitas falaram a Rama a respeito dos demônios, cada um segundo a sua própria avaliação da natureza e dos hábitos que possuíam.

Muito satisfeito com as respostas, Rama decidiu que a conduta mais sábia seria estarem sempre vigilantes e prontos a rechaçar as forças demoníacas que tentassem frustrar as cerimônias sagradas. Alertou o irmão. Ambos vigiaram cuidadosamente as quatro direções, atentos ao menor ruído que indicasse a aproximação do perigo. Os ascetas, reconhecendo a sua bravura e sinceridade, sentiram imensa alegria e admiração, pois os dois eram muito jovens e de aspecto adorável, recém-saídos da fase das brincadeiras infantis!

Durante cinco dias e noites, os irmãos montaram guarda ininterrupta sobre a área do sacrifício e o eremitério, sem pregar os olhos e sem um momento de descanso. O sexto dia teve início com a mesma rotina. Vishvamitra dedicou-se à realização do sacrifício, imerso na precisão ritualística de cada elemento da cerimônia, enquanto aqueles que recitavam os hinos (*ritviks*) e outros participantes procediam às suas tarefas de recitação e oblações.

Subitamente ficaram atônitos com um ruído estrondoso que vinha do céu; era como se o próprio firmamento estivesse explodindo em fragmentos! Saía fogo de tudo o que estava na plataforma sacrificial: grama *kusha*⁷⁶, pratos e taças, vasos sagrados contendo objetos de culto, bastões de madeira seca que seriam oferecidos no fogo

⁷⁴ Skanda, também conhecido pelos nomes de Subrahmanya, Kumara e Kartikeya, é filho de Shiva e Parvati e irmão mais novo de Ganesha. (N. T.)

⁷⁵ Deidade associada a Skanda como seu irmão no épico *Ramayana* e em alguns textos védicos. (N. T.)

⁷⁶ Grama sagrada muito comum na Índia, usada em cerimônias e rituais védicos. (N. T.)

sagrado, flores, *kumkum*⁷⁷ e outros artigos auspiciosos reunidos com a finalidade de adorar os deuses! Chamas elevavam-se de todos os lados!

Logo o céu foi encoberto por assustadoras nuvens negras e o dia claro tornou-se uma noite de profunda escuridão. Misteriosos vapores maléficos alastraram-se rapidamente na direção onde o rito estava sendo realizado! Nuvens sinistras fizeram chover sangue e, ao caírem, as gotas eram acolhidas por línguas de fogo que se erguiam para recebê-las!

Rama e Lakshmana procuraram localizar os demônios inimigos em meio àquela fantasmagoria de crueldade e ódio. Rama, por meio da sua visão divina, sabia onde estavam os líderes dos ogros, Maricha e Subahu. Lançou a flecha mental (*manasa*) naquela direção e atingiu o peito de Maricha, impedindo-o de praticar mais maldades. Disparou, em seguida, a arma do fogo (*agni-astra*), que se alojou no coração de Subahu. Rama compreendeu que, se os corpos caíssem naquela região sagrada, o eremitério seria conspurcado. Para evitar esse contato pecaminoso, as suas flechas levaram aqueles corpos perversos a centenas de quilômetros de distância, arremessando-os no oceano! Maricha e Subahu gritaram e gemeram, em insuportável agonia, debatendo-se em meio às ondas, porém não morreram.

Os outros líderes das hordas demoníacas fugiram para além do horizonte para salvar as suas vidas. Lakshmana disse que seria recomendável não permitir que nenhum dos demônios sobrevivesse, por mais covardes que pudessem parecer, pois em pouco tempo haveriam de retomar as suas práticas malignas. Assim, incitou Rama a matar todo o bando. Os eremitas que haviam presenciado aquele esse grandioso ato de heroísmo exultaram de admiração. Acreditaram que os irmãos eram, na realidade, o próprio Shiva, na Sua forma que causa terror e confere bênçãos. Curvaram-se em reverência a eles – mentalmente, pois os príncipes eram demasiado jovens para aceitar a sua homenagem.

Em um instante a floresta vestiu-se de brilho e de alegria. Em meio a todas as distrações, Vishvamitra prosseguiu, firmemente e sem interrupções, com a meditação nas deidades e a recitação dos hinos sagrados prescritos para o ritual! Em momento algum fez o menor movimento de corpo ou de mente, tal a profundidade da sua concentração. A oferenda de encerramento no fogo sagrado foi realizada corretamente e com gratidão.

Então Vishvamitra, sorridente, foi até onde estavam Rama e Lakshmana. “Ó louváveis heróis! Vocês trouxeram a vitória ao meu voto! Com a sua intervenção realizei o desejo da minha vida. O nome deste *ashram* foi justificado; ele se tornou, de fato, o eremitério da realização!” O sábio derramou lágrimas de alegria e afagou carinhosamente os meninos. Com as mãos sobre os ombros de Rama e de Lakshmana, dirigiu-se ao eremitério, onde lhes deu uma porção das oferendas sagradas feitas no fogo sacrificial, e depois lhes pediu que se retirassem para descansar um pouco e se revigorarem.

Embora o cumprimento do propósito para o qual haviam sido trazidos fosse, por si só, o tônico mais eficaz para os seus corpos e mentes, Rama e Lakshmana sentiram que seria impróprio ignorar a ordem do mestre; recolheram-se, portanto, e dormiram profundamente por longo tempo. O mestre retirou-se para outra cabana de palha a fim de garantir que dormissem sem perturbações; também instruiu alguns homens a

⁷⁷ Nome dado a um pó vermelho obtido da raiz de cúrcuma (ou açafrão-da-Índia), muito utilizado em cerimônias e rituais védicos. (N. T.)

ficar de guarda e impedir que alguém fizesse involuntariamente algum ruído que pudesse acordá-los. Enquanto os irmãos dormiam, Vishvamitra exaltava o sucesso da conclusão do ritual e a divina proeza dos meninos.

Rama e Lakshmana acordaram e, após lavarem o rosto, as mãos e os pés, transpuseram a soleira da porta e viram os rapazes das famílias dos eremitas montando guarda para que o seu sono não fosse perturbado! Informados de que o mestre estava conversando com os ascetas em outra cabana, foram até lá e curvaram-se aos pés do sábio. Após se levantarem, ficaram de pé, com os braços cruzados, e falaram: “Grande mestre! Se estes seus servidores têm outra tarefa a realizar, faça o favor de dizer-nos, e com prazer a executaremos”.

Ao ouvir isso, um asceta do grupo ergueu-se e dirigiu-se a eles: “Com a destruição dos demônios, tudo se cumpriu. O que mais há a ser feito? O desejo acalentado pelo mestre durante anos se realizou. Nada mais elevado se faz necessário. Vocês são formas de Shiva-Shakti⁷⁸. É assim que se apresentam aos nossos olhos. Não são mortais comuns. A nossa boa sorte nos concedeu esta oportunidade de vê-los. A nossa gratidão não conhece limites”. Então os residentes tocaram os pés de Rama e de Lakshmana.

⁷⁸ Nas palavras de Sathya Sai Baba, “Shiva é a paz, a imutável consciência de amor e bem-aventurança; Shakti é o aspecto dinâmico, que cria a ilusão da multiplicidade (*maya*). Shiva e Shakti são inextricavelmente entrelaçados, não podem ser separados”. (**A glossary of sanskrit words gleaned from Sai literature**. Comp. by Victor Yap. Singapore: s. ed., 1998, p. 352.) (N. T.)

7. CONQUISTANDO SITA

Naquele momento, um jovem discípulo entrou apressadamente, trazendo um maço de manuscritos em folhas de palmeira, que colocou nas mãos de Vishvamitra. Após virar algumas folhas, o mestre entregou-o a um venerável ancião eremita que se achava sentado ao seu lado e pediu-lhe que o lesse em voz alta para que todos pudessem ouvir.

O ancião leu que o imperador Janaka, de Mithila, decidira realizar um célebre ritual (*yajna*), expressivo da mais elevada glória da retidão, e suplicava a Vishvamitra que lhe proporcionasse a alegria da sua graciosa presença, assim como a dos seus discípulos. Ao ouvir isso, todos exclamaram: “Que ele obtenha êxito!” Vishvamitra declarou: “Filhos! Agora que podemos andar pelas florestas sem medo de hordas demoníacas, resolvi iniciar amanhã a viagem a Mithila, juntamente com todos os residentes do *ashram*”.

Rama disse, então: “Mestre! Isso é realmente motivo de júbilo. Nesse caso, já que o senhor não necessita mais de nós, retornaremos a Ayodhya, se nos permitir. Por favor, dê-nos licença para partir”.

Vishvamitra replicou: “Dei a minha palavra a Dasharatha em relação a mais algumas coisas; preciso mantê-la também! Prometi-lhe que os levaria de volta pessoalmente; portanto não podem retornar sem mim! Um ritual extraordinário vai acontecer em Mithila. Não há tempo suficiente para levá-los a Ayodhya e depois alcançar Mithila no dia do início do ritual. Se me acompanharem até lá, poderão assistir à celebração e depois prosseguiremos para Ayodhya”.

Ouvindo essas palavras, que não continham nenhum traço de hesitação ou dúvida, Rama também respondeu de forma decidida, sem pesar os prós e os contras: “Mestre! Como o meu voto primordial é a obediência às ordens do meu pai, tenho que lhe fazer uma súplica”.

O sábio perguntou-lhe qual seria e Rama respondeu: “Ele me ordenou que protegesse o ritual de Vishvamitra contra profanações e sacrilégios e, assim, fizesse o grande sábio feliz. Pediu-nos que retornássemos vitoriosos, mas não nos orientou a assistir a outros rituais. Eu não deveria receber uma permissão especial sua antes de ir a Mithila?”

Visvamitra retrucou: “Rama! Dasharatha não pediu somente isso! Não! As suas palavras foram: ‘Vá e obedeça a todos os comandos do sábio; não transgrida as suas ordens nem por um milímetro’. E a mim ele disse: ‘Mestre, o senhor deve assumir total responsabilidade pelos meus filhos e trazê-los pessoalmente de volta para mim’. Você ouviu o que ele falou quando saímos de Ayodhya. Portanto, siga as minhas determinações agora; venha comigo para Mithila e de lá iremos para Ayodhya – eu, você e todos os meus discípulos”.

Rama entendeu a verdade inerente nesse projeto. Assentiu com a cabeça e respondeu: “Faremos como o senhor deseja”.

Todos foram instruídos a estar prontos para a viagem a Mithila antes do nascer do sol. Vishvamitra levantou-se cedo e levou os meninos até o rio para as abluções. Ficou entusiasmado com a oportunidade de lhes relatar as dificuldades que os demônios lhe causavam sempre que tentava celebrar rituais de sacrifício (*yajnas*). Contou-lhes como todos os seus esforços para combatê-los haviam falhado e expressou a sua gratidão pela destruição dos demônios, o que garantia a segurança do eremitério e das regiões

ao seu redor. Descreveu ainda como as pessoas se sentiam felizes por terem se libertado do medo, passando a desfrutar de pura paz e alegria.

A história do arco de Shiva

O local era silencioso, calmo, reconfortante. Sentado na areia macia, Vishvamitra pôs-se a narrar aos dois irmãos, que chamara para junto de si, as características especiais e a significância do ritual pretendido pelo imperador Janaka. Durante a descrição mencionou um precioso arco que o soberano tinha em sua posse – um arco singularmente potente que brilhava com raro esplendor. Disse-lhes que não poderiam perder a oportunidade de vê-lo. Rama perguntou como o arco havia chegado até Janaka.

O sábio respondeu: “Escute, filho! Anos atrás, o então imperador de Mithila, Devaratha, celebrou um grande ritual que nenhum mortal ousaria realizar – um ritual que poderia conferir vastos benefícios espirituais. O ritual agradou tanto aos deuses que, em sinal de apreço, eles o presentearam com esse arco divino. É o arco de Shiva, ao qual Janaka presta culto diariamente por meio de rituais apropriados. Em sua honra, oferece flores, pasta de sândalo, cânfora em chamas e incenso; em reverente homenagem, coloca frutas e outros alimentos diante da Divina Presença no arco.

“O arco é tão carregado de divindade que ninguém, seja deus, demônio, anjo ou espírito, é capaz de levantá-lo e encordoá-lo. Muitos príncipes que tentaram fazer isso sofreram vergonhosa decepção. Rama! Vocês são valorosos heróis. Poderão examiná-lo. Muito provavelmente o arco será exposto durante o ritual; esta será certamente uma boa oportunidade”.

Vishvamitra continuou a descrever a maravilhosa potência do arco. Lakshmana desviou o olhar, como se estivesse buscando a direção de Mithila. Rama disse alegremente: “Com certeza! Devemos vê-lo. Iremos com o senhor amanhã”. O sábio exultou.

Vishvamitra desocupa o seu *ashram*

A escuridão caiu e todos se levantaram e seguiram em direção ao *Siddhashram*. Vishvamitra reuniu os residentes do *ashram* e ordenou-lhes que estivessem prontos para partir para Mithila ao raiar do dia. Alguns deles perguntaram: “Mestre! Como a rotina do *ashram* poderá prosseguir sem interrupção se ninguém ficar aqui?”

Respondeu o sábio: “Se cada um cumprir com os seus deveres onde quer que esteja, isso será a própria observância da rotina do *ashram*. Não há rotina especial para ele separada da rotina dos seus residentes (*ashramites*). Aqueles que buscam refúgio (*ashraya*) constituem o *ashram*; ele não existe sem os seus dependentes (*ashritas*). Se estes estão comigo, por que se preocupar com o *ashram* e a sua rotina? São os discípulos que devem ser cuidados, são eles que devem observar as disciplinas. Além disso, já que agora o lugar ficou livre do medo de demônios, o *ashram* não poderá ser prejudicado. O Criador de tudo é o nosso Refúgio (*Ashraya*) e, quando dependemos desse Criador, Ele tudo provê”. Vishvamitra falou nesse tom um tanto incomum e continuou: “Levem com vocês o que for necessário para os seus ritos diários, assim como todos os utensílios e recipientes pertencentes ao *ashram*. Não há necessidade de se deixar nada aqui”.

Alguns noviços perguntaram: “Mestre! Quando retornaremos? Se o senhor nos disser, poderemos selecionar artigos em quantidade suficiente para esse período de ausência. Por que nos sobrecarregarmos com mais do que o essencial?”

Vishvamitra replicou: “O tempo não é o servo do corpo; este é o servo do tempo. Portanto, nunca se pode dizer quando! Será que voltarei aqui? Duvido!” Quando ouviram isso, todos os residentes sofreram um impacto no coração. As roupas, os recipientes e os utensílios que seguravam escorregaram e caíram ao chão. Não encontraram palavras para retrucar. Não conseguiram protestar nem reunir coragem para questionar o mestre. Assim, embalaram grama *kusha*, gravetos sagrados para o fogo ritual, conchas e vasilhas cerimoniais – tudo o que podiam carregar. O significado das palavras de Vishvamitra era um mistério, e cada um as interpretou à sua maneira.

A noite passou e o dia amanheceu. Todos estavam prontos. Quando as portas estavam sendo fechadas e trancadas, Vishvamitra disse: “Não tranquem as portas! Deixem-nas abertas. Isto não é nosso; qualquer pessoa que vier poderá entrar. Este *ashram* deve acolher todos os que chegarem em todos os momentos. Neste dia desfez-se o laço entre nós e ele. Ó deuses padroeiros desta área sagrada, que a partir de agora a sua bem-aventurança se multiplique! Obtive sucesso no meu empreendimento; aceitem, em retorno, o meu grato reconhecimento. Nunca mais serão perturbados por hordas demoníacas; agora poderão viver em paz, com ampla descendência, prosperidade e felicidade. Saio do *Siddhashram* e a ele renuncio. Decidi residir na região dos Himalaias, ao norte do sagrado rio Ganges”. Vishvamitra prostrou-se ao chão em sinal de respeito às deidades da floresta.

Iniciou, então, a sua jornada, juntamente com Rama, Lakshmana e os monges veteranos do *ashram*. Os residentes do eremitério perceberam que o seu lugar era onde Vishvamitra estava, e não na floresta ou nos casebres onde haviam habitado por tanto tempo. Sentiram que a região dos Himalaias era igualmente apropriada para eles; assim, igualmente ofereceram gratidão e reverência às deidades da floresta e às habitações cobertas de grama e depois seguiram o sábio.

Enquanto caminhavam em direção ao norte, viram atrás deles, seguindo a sua trilha, milhares de cervos, pavões, pássaros e outros animais da selva, que corriam com as caudas erguidas, em sôfrego anseio. Vishvamitra parou e, virando-se, dirigiu-se a eles: “Ó habitantes da floresta! Os territórios para onde estou indo não são favoráveis ao seu estilo de vida nem à sua proteção e segurança. Esta floresta é o seu habitat natural. Não fiquem tristes com a separação; não nos sigam, permaneçam aqui. Deus lhes concederá paz e alegria”. Despediu-se deles também antes de prosseguir na sua jornada.

A história do sábio Vishvamitra

A caminhada do dia levou-os até as margens do rio Sona; teriam forçosamente que passar a noite ali. Banharam-se no rio, finalizaram as abluções noturnas e reuniram-se ao redor do mestre, ávidos por ouvir as suas narrativas. Rama perguntou: “Venerável senhor, esta região parece rica e próspera. Qual é o seu nome e qual a sua história?”

Vishvamitra respondeu: “Rama! Brahma, pela sua pura vontade, teve um filho chamado Kusha. Este era um grande asceta, firme e rigoroso nos seus votos, heroico em façanhas espirituais e versado na ciência da moral. Casou-se com a filha do nobre governante de Vidarbha. Os dois viveram na consciência e na prática das quatro metas

da vida humana: retidão, prosperidade, desejo e liberação. Tiveram quatro filhos – Kushamba, Kushanabha, Asurtarajasa e Vasu –, todos iguais ao pai em virtudes e altamente evoluídos em termos de retidão, integridade e outras excelências da casta dos guerreiros.

“Kusha dividiu o mundo em quatro partes e distribuiu-as entre eles, orientando-os assim: ‘Filhos! Governem a parte designada a vocês e prosperem!’. Seguindo as ordens do pai, eles passaram a desempenhar os seus novos deveres. Cada um se pôs a edificar uma cidade para ser a capital do seu reino: Kushamba construiu Kaushambi, Kushanabha edificou Mahodaya, Asurtarajasa ergueu Dharmaranya e Vasu fundou Girivraja.

“Rama! Esta área é parte do reino de Vasu. Existem cinco montanhas ao nosso redor, por isso esta cidade se chama Girivraja (“conjunto de montanhas”). Este auspicioso rio Sona também é conhecido como Sumagadhi; eis por que esta região tem o nome de Mágada. Aqui o rio corre de leste a oeste, como uma guirlanda de jasmims disposta sobre os vales entre as montanhas. A majestade de Vasu abençoou esta terra para que ambas as margens do rio fossem perenemente verdes e férteis.

“O segundo filho, Kushanabha, era bem estabelecido no *dharma*, um pilar de retidão. Teve algumas filhas, mas nenhum filho. Ensinou-lhes a conduta e o comportamento corretos, de acordo com as regras e as disciplinas estabelecidas nas Escrituras. Enfatizava que a paciência é o maior presente que se pode dar, o mais produtivo e frutífero ritual (*yajna*), a mais proveitosa forma de honestidade e a raiz de todo pensamento e ação corretos. Transmitia-lhes esses ensinamentos ainda quando elas estavam sendo amamentadas no seio da mãe. Posteriormente foram todas dadas em casamento a Brahmadata, governante da cidade de Kampilya. A sua partida para lá fez com que a casa de Kushanabha se tornasse vazia e árida.

“Queixava-se o rei: ‘Que lástima! Esta casa, antes tão radiante e reverberante de graça e de risos, é hoje escura e silenciosa, monótona e imersa em melancolia. As filhas, não importa quantas se tenha, devem abandonar o lar paterno, deixando-o sombrio e triste. Se ao menos eu tivesse um filho, essa calamidade não teria me dominado’. Assim ele acalentava o anseio por ter um filho.

“Foi então que recebeu a visita do pai, Kusha, que lhe indagou por que parecia tão triste e preocupado. O filho expressou-lhe os seus pensamentos e a sua ansiedade. Kusha repreendeu-o por se preocupar tanto com esse assunto e abençoou-o para que em breve tivesse um filho. E aconteceu segundo as suas bênçãos. O menino, chamado Gadhi, cresceu como um príncipe muito devotado e virtuoso. Teve, por sua vez, vários filhos, dentre os quais se incluíam Satyavati e Vishvamitra. Como Vishvamitra nasceu na linhagem de Kusha, veio a ser conhecido também como Kaushika (descendente de Kusha).

“Após algum tempo, as irmãs de Kaushika perderam os maridos e, como esposas zelosas, imolaram-se e alcançaram o Céu. Renasceram nos Himalaias sob a forma de rios sagrados, que se juntaram para formar o célebre rio Kaushiki. Como Kaushika era muito ligado à sua irmã mais velha, Satyavati, foi residir às margens desse rio. Estabeleceu-se no *Siddhashram* e celebrou com retidão cerimonial o rito sacrificial (*yajna*) que havia se proposto a realizar.

“Rama! Devido ao seu imensurável heroísmo, o rito que eu decidira celebrar foi concluído com sucesso. Ele frutificou; os meus rigorosos votos foram cumpridos”.

Diante disso, os monges que haviam se reunido junto ao sábio exclamaram: “Oh, que maravilha! Somos realmente afortunados por podermos ouvir a história dos antigos ancestrais do nosso mestre! Oh, que grande fonte de alegria é ela! A linhagem de Kusha é de fato consagrada. Os que nela nasceram igualam-se ao próprio Brahma em santidade. Quão agraciados somos nós por termos esta oportunidade de servir ao sábio Vishvamitra – a encarnação visível de tudo o que essa linhagem representa! Ela deve ser fruto de méritos acumulados em muitas vidas passadas”.

Vishvamitra interrompeu-os, dizendo: “Eu não teria me alongado sobre tudo isso; foi a sua pergunta, Rama, que me impeliu a fazê-lo. Não dou detalhes a respeito deste corpo ou dos seus antecedentes. Já é noite, vamos descansar. Atrasar a nossa hora de dormir poderia reduzir a velocidade da nossa jornada amanhã. Veja, Rama! A lua está espiando através dos galhos daquela árvore lá adiante para captar um vislumbre seu! Ela envia raios suaves para refrescar a terra, que por tanto tempo suportou os raios quentes do sol”. Todos passaram aquela noite refletindo sobre as histórias dos ancestrais do mestre.

A história do Ganges (Ganga)

Todos acordaram bem cedo e concluíram as suas abluções matinais. Realizaram também os rituais diários e ficaram prontos a tempo de continuar a jornada. Aproximaram-se de Vishvamitra, curvaram-se aos seus pés e se puseram em fila, de um lado, aguardando novas ordens. Rama disse: “Mestre! O rio Sona não é profundo neste local. A água é clara, podemos atravessá-lo a pé. Nenhum barco é necessário!”

Vishvamitra replicou: “Filho! Você desconhece este local; portanto não sabe o ponto exato onde atravessá-lo. Eu vou na frente e vocês me seguem”. O sábio entrou a pé no leito do rio e continuou a caminhar. Todos traziam os seus pertences em uma trouxa pendurada ao ombro. O ritmo era lento; já era meio-dia quando chegaram ao rio Jahnavi, ou seja, ao Ganges ou Ganga⁷⁹.

O primeiro contato que tiveram com o rio foram os doces sons emitidos por cisnes, papagaios e outras aves na sua margem. Cada coração se encheu de deleite ante a cativante beleza do cenário. Banharam-se na pura e translúcida corrente e, cientes da santificada história do rio, ofereceram oblações aos ancestrais falecidos e aos deuses. Acenderam o fogo sagrado à sua margem e realizaram sacrifícios rituais prescritos pelas Escrituras. Em seguida colheram frutos comestíveis das árvores e, após terem saciado a fome, beberam a nectárea água do Ganges para matar a sede.

Rama e Lakshmana caminharam em direção à árvore à cuja sombra Vishvamitra estava reclinado e, reverentemente, sentaram-se ao seu lado. Rama perguntou-lhe: “Mestre! Por que o Ganga flui como três correntes nos três mundos? Como ele alcança o oceano, que é o senhor de toda corrente e de todo rio no mundo?! Conte-me, por favor, e ficarei feliz!”

Vishvamitra respondeu: “Filho! A cordilheira dos Himalaias é a base de todo este mundo; é o lar de todos os animais e de todas as ervas. Essa cordilheira tem duas filhas: Ganga e Uma, sendo Ganga a mais velha. Ambas são adoradas em todo o mundo. Os deuses pediram que Ganga lhes fosse dada para que pudessem ter

⁷⁹ Segundo a tradição hindu, o sagrado rio Ganges é a personificação da deusa Ganga; por isso tem esse nome na Índia. (N. T.)

prosperidade. Então Himavan, a deidade dos Himalaias, ofertou-lhes Ganga a fim de assegurar as suas bênçãos e beneficiar os três mundos.

“A filha mais nova, Uma, dedicou-se a uma vida de extremo ascetismo. Mergulhou em rígida disciplina espiritual, movida por um supremo desapego de tudo o que é mundano. Himavan buscou estabelecê-la no mundo como uma esposa; porém, apesar do seu árduo empenho, não conseguiu obter nenhum êxito duradouro. Afinal persuadiu Rudra (outro Nome de Shiva) a desposá-la; conseqüentemente ela também passou a ter direito à adoração pelos três mundos.

“O rio Ganga que você vê aqui é a Ganga que os deuses levaram com eles, que desceu à Terra e possui três degraus – um no Céu, um na Terra e outro subterrâneo”.

Enquanto viajava em direção à cidade de Mithila com Rama, Lakshmana e alguns dos seus discípulos, Vishvamitra brindava-os durante o dia e até tarde da noite com pitorescas descrições da sua própria história, dos eventos históricos relacionados aos locais por onde passavam e de registros das várias dinastias que haviam governado as regiões que atravessavam.

Naquela noite, após as abluções e os ritos, o sábio sentou-se na areia de uma das margens do Ganges. Rama lembrou-o de como ficariam felizes em conhecer a origem daquelas águas sagradas. Vishvamitra respondeu: “Ramachandra⁸⁰! Os seus ancestrais são responsáveis por Ganga haver descido à Terra. Como resultado das boas ações que eles praticaram, os povos da Terra se santificam banhando-se nessas águas sagradas e nelas realizando ritos cerimoniais e abluções matinais e vespertinas.

“Ganga é a corrente suprema da divina pureza. As suas águas nectáreas podem conferir a imortalidade. Ela residia nas madeixas emaranhadas da cabeça de Shiva; por essa razão é extremamente auspiciosa. Concede tudo o que é benéfico”. Ouvindo Vishvamitra exaltar o rio de forma tão grandiosa, Ramachandra indagou: “Como os meus ancestrais foram capazes de trazer à Terra um rio com tão surpreendentes atributos de poder e pureza? Se puder contar-nos essa história, ela nos trará grande alegria”.

Quando Vishvamitra ouviu essa solicitação, feita com tanta humildade, respondeu: “Rama, escute! Ayodhya foi outrora governada por um imperador chamado Sagara, um governante correto e um valente herói. Fascinado com as qualidades da mente e do coração de Sagara, o rei de Vidarbha concedeu-lhe em casamento a sua amada filha Kesini, também uma estrita seguidora do *dharma*, que jamais se desviava do caminho da Verdade.

“No entanto, mesmo após o transcurso de muitos anos, eles não foram abençoados com filhos. Então, com o consentimento de Kesini, Sagara casou-se com Sumati, a encantadora filha de Arishtanemi, que se tornou a sua segunda esposa. Ela também se revelou estéril e o rei, então, decidiu passar o resto da vida em ascetismo. Foi até a margem de um rio onde o sábio Bhrigu tinha o seu eremitério e, juntamente com as duas esposas, mergulhou nas mais severas disciplinas dos anacoretas.

“Muito tempo se passou. Certo dia, ao nascer do sol, o sábio Bhrigu, ferrenho defensor da verdade, apareceu diante dele e disse: ‘Ó rei! Acabe com esse tormento do corpo, com esse ascetismo. O senhor obterá incomparável renome neste mundo. Em breve será agraciado com a alegria de ter um filho!’ Assim que aquelas palavras de compaixão e graça caíram em seus ouvidos, Sagara abriu os olhos e viu o sábio diante

⁸⁰ Outro Nome de Rama, que significa “Rama, aquele que é como a Lua”. (N. T.)

de si. Imediatamente curvou-se aos seus pés e fez sinal para que as suas esposas fizessem o mesmo. Orou para que o sábio pudesse abençoá-las diretamente.

“A primeira rainha, Kesini, curvou a cabeça e caiu aos seus pés, com muitos hinos lisonjeiros emanando dos seus lábios. Bhrigu perguntou-lhe: ‘Mãe! A senhora deseja um único filho, para que a continuidade da dinastia não se quebre, ou um grande número de filhos, dotados de imenso valor físico e vasto renome?’ Ela respondeu que um único filho a satisfaria e suplicou que o seu desejo fosse realizado. Bhrigu aceitou o seu pedido e igualmente a abençoou.

“A segunda rainha, Sumati, prostrou-se diante de Bhrigu, que lhe fez a mesma pergunta. Ela ansiava por ter muitos filhos fortes, corajosos e célebres; o sábio concedeu-lhe esse desejo e abençoou-a para que ele se realizasse.

“Exultante com as bênçãos do sábio, Sagara retornou à sua capital acompanhado das esposas. Fixaram as mentes nas dádivas recebidas e passaram o tempo alegremente. Dentro de alguns meses, ambas as rainhas engravidaram e puseram-se a esperar o feliz evento. Nove meses depois, Kesini deu à luz um filho, enquanto Sumati teve muitos.

“À medida que os dias transcorriam velozmente, os filhos se divertiam e brincavam animadamente com crianças da mesma idade; mais tarde começaram a ir além dos limites do palácio em busca de companheiros e jogos. Ashvamanja, o filho de Kesini, levava as crianças até as margens do Sarayu; sentia prazer em jogá-las no rio em suas águas e ria abertamente, todo contente, quando uma delas se afogava! Em pouco tempo ganhou a infame reputação de ser o pior criminoso do reino!

“Assim que saíram da adolescência, Sagara escolheu noivas reais apropriadas para eles e celebrou os casamentos. Ashvamanja, no entanto, continuou com a sua perversidade. Os habitantes de Ayodhya viviam em profunda tristeza como resultado da sua incorrigível crueldade. Um dia foram até Sagara e, lamentando-se aos brados, contaram-lhe a respeito das atrocidades do seu filho mais velho. Diante disso, o rei ordenou que ele saísse da cidade imediatamente e fosse para o exílio na floresta. A essa altura, Ashvamanja já tinha um filho; teve, portanto, que deixar a esposa, o menino e os pais.

“Com o passar dos anos, o filho de Ashvamanja, Amsumanta, cresceu e ganhou renome em todo o mundo pela sua amabilidade, virtude e bravura. Certa vez Sagara decidiu realizar o grande sacrifício do cavalo (*ashvamedha*) e estipulou um momento auspicioso para o início dos ritos”.

Rama interrompeu Vishvamitra com uma pergunta: “Mestre! O sacrifício do cavalo foi realizado em Ayodhya ou ele escolheu a margem de algum rio sagrado para esse propósito?”

Vishvamitra sorriu e respondeu: “Rama! Percebo o quão zeloso você é em relação a sacrifícios e quão reverente é a sua atitude para com os sábios! Descreverei tudo em detalhes, como deseja. Escute! Em frente aos Himalaias, a alguma distância deles, existe uma cordilheira santa chamada Vindhya. A região entre as duas cadeias de montanhas é sagrada para todos os rituais e sacrifícios (*yajnas* e *yagas*). O sacrifício do cavalo foi realizado naquela região. Especialistas versados na recitação de hinos védicos ali se reuniram e as montanhas ecoaram e reverberaram ao som alto e correto das fórmulas ritualísticas prescritas. Milhares de pessoas assistiram com grande alegria a essa cerimônia ímpar.

“O cavalo belamente ajaezado foi conduzido até ali e cultuado. Permitiu-se, mais tarde, que vagasse por onde quisesse. Na intenção de protegê-lo de um possível inimigo (o que indicaria a ambição por parte de algum governante de se opor ao domínio de Sagara, o seu suserano), Asumanta seguiu-lhe os passos com o exército totalmente equipado para enfrentar qualquer eventualidade. Depois de andar em liberdade por toda a região, o animal seria conduzido de volta. Então, ao se aproximar o exato momento em que o sacrifício teria que ser realizado na forma védica ortodoxa, foram buscar o cavalo.

“Este, porém, não foi visto em parte alguma! Segundo o estabelecido, a perda de um animal sacrificial e a sua não disponibilidade no momento auspicioso constituem um mau presságio para os organizadores do ritual! Era natural, portanto, que Sagara ficasse perturbado. Ele enviou os numerosos filhos da sua segunda esposa, armados e equipados, para encontrar o cavalo e trazê-lo de volta ao altar sacrificial. Buscaram a ajuda dos deuses e dos demônios. Procuraram em todos os lugares e até mesmo escavaram a terra para ver se ele fora escondido ali embaixo pelos seus captores. Afinal tiveram que retornar e informar que a sua missão havia falhado.

“Sagara enfureceu-se: ‘De que vale esta numerosa progênie se vocês só me anunciam a sua incompetência? Por que ficam aqui diante de mim com os rostos obscurecidos pela vergonha? Vão e não retornem até terem recuperado o cavalo’.

“Os filhos reagiram energeticamente àquelas palavras enraivecidas; voltaram a rodar o mundo, determinados a não deixar um lugar sequer sem ser examinado. Montanhas, colinas, lagos, rios, cavernas, cidades, aldeias, florestas e desertos – por que aumentar a lista? Olharam cuidadosamente em cada quintal, em cada espaço de terra. Finalmente encontraram um eremita profundamente imerso em meditação, e o cavalo próximo a ele, pastando tranquilamente!

“Possuídos pela alegria ao avistarem o cavalo e pela ira ao verem o eremita, ficaram inteiramente divididos entre duas emoções conflitantes. Como resultado dos seus irrefreáveis sentimentos, perderam a sanidade. Faltou-lhes a razão; os seus corações ficaram petrificados. Gritaram nos ouvidos do eremita: ‘Abominável estúpido! Você roubou o nosso cavalo e escondeu-o no seu quintal!’ O sábio Kapila abriu lentamente os olhos e viu o que ocorria ao seu redor. Os filhos de Sagara o cercavam, lançando-lhe insultos, e alguns já se preparavam para lhe dar uma pesada surra!

“Kapila se deu conta de que palavras e argumentos seriam armas inúteis contra aqueles agressores; teria que lidar com eles de forma diferente. E reduziu-os a cinzas simplesmente com o seu olhar.

“Sagara estava imensamente aflito e agitado com o exagerado atraso causado pelo não regresso dos filhos. Como poderia deixar o sacrifício incompleto? Como poderia continuá-lo e concluí-lo? Vendo a situação difícil em que ele se encontrava, o seu neto Asumanta curvou-se aos seus pés e ofereceu-se para procurar os tios e o cavalo e lhe trazer notícias a respeito deles. Sagara abençoou-o e enviou-o nessa missão.

“Asumanta empenhou-se dia e noite em sua tarefa até que, finalmente, foi recompensado com o sucesso. Avistou sinais indicativos de que os tios haviam sido reduzidos a um punhado de cinzas! Ficou ansioso para realizar exéquias para as almas que haviam partido, mas não conseguiu encontrar nenhum poço, reservatório de água,

lago ou rio – essenciais para o depósito das oferendas funerárias. Inteiramente acobrinhado pela tristeza, caminhou uma certa distância.

“Um venerável ancião cruzou o seu caminho e lhe disse: ‘Não deixe que a tristeza o domine, querido filho! Os seus tios foram transformados em cinzas pelo sábio Kapila, tendo igualmente em vista o bem-estar do mundo! Não se satisfaça em oferecer obrigações rituais em águas mundanas. Pegue as águas santas do celestial Ganga. Traga-o para a Terra e deixe as águas sagradas fluírem sobre as cinzas. Assim as almas dos seus ancestrais serão salvas. Antes, porém, leve o cavalo com você e realize o sacrifício até a sua gloriosa conclusão. A partir de então poderá pensar nas maneiras e meios de trazer para a Terra o celestial Ganga’.

“Amsumanta prostrou-se aos pés do eremita e correu até o avô, até o local onde o ritual estava suspenso pela falta do animal consagrado. Sagara esperava ansiosamente pela sua chegada, sem poder dormir à noite nem durante o dia. Quando o cavalo foi trazido, ele e os eruditos védicos (*ritviks*) que atuavam como oficiantes encheram-se de júbilo. Amsumanta não achou apropriado anunciar, durante o auspicioso festival, que os tios haviam encontrado morte prematura devido à maldição do sábio Kapila. Assim, esperou que fossem concluídos os ritos finais e que sacerdotes e convidados recebessem a sua parte dos presentes votivos.

“Então Amsumanta fez um relato detalhado do que acontecera aos tios e exortou o avô a trazer aquele rio celestial de singular santidade para o local onde jaziam as cinzas. Encantado com a sugestão, Sagara dedicou-se a muitas disciplinas ascéticas e cerimônias rituais, as quais, segundo o conselho dos anciãos, induziriam Ganga a conceder-lhe a bênção que desejava, porém não obteve sucesso. Com o passar dos dias, a sua saúde declinou devido à tristeza pela perda dos filhos e ao fracasso na tentativa de lhes garantir um futuro brilhante. Finalmente, deixou o corpo como um homem decepcionado.

“Rama! Após consultarem o povo, os ministros coroaram Amsumanta, que governou o reino sem cometer o menor deslize ou falha, pois era forte em moralidade e em excelência espiritual. Adotou os súditos como se fossem seus próprios filhos. Quando chegou a uma idade avançada, ofereceu o trono ao filho Dilipa e partiu rumo aos Himalaias com o intuito de se dedicar às disciplinas ascéticas que desejava impor a si mesmo. O seu objetivo não era somente a autorrealização; era também trazer Ganga à Terra para a salvação dos seus falecidos tios. Mas Amsumanta, por sua vez, teve que abandonar o corpo sem ter o seu desejo satisfeito.

“Dilipa era movido pelo mesmo anseio, pois sabia o quanto o pai e o avô haviam almejado a sua concretização, que consistia em trazer Ganga à Terra! Experimentou diversos meios. A conselho de sábios, realizou muitos rituais complexos. A intensa dor da tristeza por não conseguir atingir o ideal da família o invadiu e ele se tornou cronicamente doente. Vendo que a sua força física e vigor mental declinavam, instalou no trono o filho Bhagiratha, confiando-lhe a missão que estava além do seu alcance: a de fazer com que Ganga descesse à Terra. Pouco depois, deixou este mundo.

“Radiante de esplendor espiritual, Bhagiratha fez votos de alcançar êxito na tarefa que o pai lhe confiara. Apesar de governar o reino muito satisfatoriamente, sentia-se triste por não ter filhos para dar continuidade à linhagem. Isso e também o supremo compromisso de obter Ganga forçaram-no a passar as rédeas do governo para as mãos dos ministros e retirar-se para o silêncio da famosa região de Gokarna. Ali ficou, praticando severas penitências, como suportar o calor do sol e alimentar-se apenas

uma vez ao mês! Por fim, apreciando a sua austeridade, Deus apareceu diante dele e disse: ‘Filho! Bhagiratha! Peça qualquer dádiva e ela lhe será concedida’.

“Bhagiratha teve a visão do Uno que brilha com o resplendor de mil sóis. Transbordando de gratidão e devoção, prostrou-se e orou: ‘Senhor! Faça com que o celestial Ganga flua sobre a Terra, para que os meus bisavôs possam ser salvos da perdição e restabelecidos no Céu. E agracie-me com filhos para que a linhagem real de Ikshvaku não se extinga comigo como o seu último representante. Que a dinastia possa continuar e florescer’. Segurou firmemente os pés do Senhor e apresentou-Lhe a sua súplica.

“O Senhor respondeu: ‘Filho! O seu primeiro desejo é muito difícil de ser realizado; no entanto Eu o concederei. Uma bênção para a linhagem real? Sim, você terá um filho de alma nobre e a sua dinastia terá continuidade e florescerá. Levante-se! Bhagiratha ergueu-se e o Senhor continuou: ‘Bhagiratha! Ganga é um rio volumoso e veloz; quando cair do Céu, a Terra não será capaz de aguentar o impacto. Portanto, como monarca da Terra, você terá que ponderar sobre esse problema e descobrir como evitar um terrível desastre. Quando o rio Ganga descer sobre a Terra, o efeito será catastrófico. Por isso ele deve cair primeiro sobre a cabeça de Shiva; a partir dali as águas poderão descer à Terra com menor impacto. Este é o melhor procedimento do ponto de vista dos habitantes da Terra. Considere bem esta questão’. Após dizer isso, o Senhor Se retirou.

“Daquele momento em diante, Bhagiratha iniciou austeridades com o objetivo de propiciar Shiva. Afinal teve êxito em ganhar o Seu favor e o Seu assentimento em receber Ganga diretamente sobre a Sua cabeça quando o rio descesse do Céu. E assim aconteceu. Ganga caiu sobre Shiva e fluiu da Sua cabeça para a Terra em sete correntes distintas: Hladini, Nalini e Pavani para o leste; Subhikshu, Sita e Sindhu para o oeste; a sétima seguiu os passos de Bhagiratha para onde ele a conduzia, ou seja, para o lugar onde jaziam as cinzas dos seus ancestrais, esperando ser resgatadas do inferno.

“Ao longo de toda a rota percorrida por Bhagiratha, as pessoas se beneficiavam do fluir da corrente sagrada e se santificavam. Libertavam-se dos efeitos dos seus pecados pela influência purificadora do celestial Ganga. Os antepassados de Bhagiratha também foram redimidos pela realização das exéquias na margem e com as águas do rio triplamente sagrado.

“Visto que Bhagiratha trouxera Ganga para a Terra, o rio ganhou o nome de Bhagirathi! Após terem sido concluídas as cerimônias para os seus ancestrais, o soberano retornou a Ayodhya. Feliz pelo fato de haver podido realizar, pela Graça Divina, os desejos mais profundos do pai e do avô, governou o império por muitos anos, recebendo espontâneas homenagens dos seus súditos, que viviam contentes. Por fim, também abandonou o corpo”.

Enquanto Vishvamitra narrava a história dos ancestrais de Rama, ele e Lakshmana eram total atenção, embevecidos com os incidentes. Mas quando o sábio disse que já era meia-noite e que deveriam todos ir para a cama, prostraram-se diante do preceptor e deitaram-se sobre a espessa areia do rio. Rama e Lakshmana não conseguiam dormir; haviam se reclinado sobre a areia somente em obediência à ordem do preceptor, não porque necessitavam de descanso! Deitados, ficaram imaginando a maravilhosa história da descida do rio Ganga do Céu à Terra até perceberem que a manhã já havia chegado! Realizaram as abluções e os rituais

matutinos no rio e se prepararam para a jornada que tinham à frente. Logo que alguns jovens discípulos anunciaram que a balsa estava pronta, todos foram até ela, tomaram os seus lugares e cruzaram o rio sagrado. Alcançaram a margem setentrional e iniciaram as demais etapas da jornada, admirando o reconfortante cenário florestal pelo qual passavam.

Diti, Aditi e a cidade de Vishala

Após terem caminhado alguma distância, avistaram uma vasta cidade repleta de belas construções. Dirigindo-se a Vishvamitra, Rama indagou: “Mestre! Olhe! Há uma imensa cidade nesta encantadora floresta. A que reino pertence?”

O sábio respondeu: “Rama! Embora ela pareça estar próxima, na realidade levaremos um bom tempo até alcançá-la! Talvez cheguemos lá à noite. Aí eu lhes contarei a história da origem e do destino daquela cidade. Enquanto isso, vamos prosseguir”. Rama ouviu as palavras de Vishvamitra, proferidas com um brilho no olhar e um sorriso nos lábios; captou o sentido da sua orientação e continuou a caminhar sem dizer uma palavra em resposta.

Quando desceram até o vale, não havia sinal de nenhuma cidade ou habitação humana; no entanto, lá do alto se podia vê-la como se estivesse bem próxima! Seguindo adiante, perceberam que, apesar de a noite estar chegando, não haviam conseguido alcançar a cidade. Como Vishvamitra indicara, ela ainda se achava distante! Assim que a noite caiu, fizeram uma parada e, depois de se banharem, realizaram os ritos vespertinos prescritos pelas Escrituras. Enquanto descansava, Rama voltou a fazer a mesma pergunta: “Mestre! Por gentileza, conte-nos sobre a cidade!”

Vishvamitra disse: “Rama! Eu estava pensando justamente sobre esse assunto! Embora saiba que você está ciente do que se passa em cada mente, ainda assim o véu da ilusão (*maya*), que faz as aparências parecerem ser a realidade, esconde esse fato e impele à tomada de caminhos enganosos. Nem todos podem ser senhores da mente. Quando pessoas como eu acham impossível mantê-la sob controle, não há o que dizer no tocante a pessoas comuns! No exato momento em que surge em minha mente o pensamento de que se esquecera de indagar sobre a história da cidade, você me pergunta sobre ela. Nenhuma outra prova é necessária para mostrar que é o Onisciente!

“Rama! Muito tempo atrás, Kashyapa tinha duas esposas: Aditi e Diti. Os filhos de Diti eram repositórios de poder físico; os de Aditi, repositórios de grandeza moral. A cada dia, tornavam-se mais poderosos. Os pais sentiam grande alegria em observá-los crescer tão formosos e tão rapidamente.

“Certo dia os filhos de Diti e os de Aditi reuniram-se e puseram-se a discutir sobre como evitar a velhice. Finalmente chegaram à conclusão de que o néctar (*amrita*) obtido ao se bater o Oceano de Leite poderia prevenir as calamidades físicas que eram a doença, a senilidade e a morte. Empenharam-se logo nessa tarefa. A montanha Mandara foi arrancada do seu lugar e colocada no oceano para servir de haste na batedura; a serpente Vasuki foi escolhida para ser a corda amarrada na haste para girar bem rapidamente. O processo já vinha sendo realizado por longo tempo quando Vasuki passou a vomitar o seu veneno, enraivecida pela dor que sentia nos dentes quando estes se chocavam contra as rochas do cume da montanha. O vapor venenoso levantou-se furiosamente como um enorme fogo!

“Vendo isso, os filhos de Diti e os de Aditi sentiram um pavor mortal, achando que seriam reduzidos a cinzas naquele holocausto! Oraram ao Senhor por socorro. Quando Vishnu surgiu diante deles, os filhos de Diti imploraram de forma comovente: ‘Senhor, coloque um fim neste pavoroso desastre!’ O Senhor assumiu a forma de Shiva e disse: ‘Queridos! Sou o mais antigo entre os deuses; tenho, portanto, o direito de receber o primeiro fruto desse processo de batadura do oceano’. E bebeu sem demora todo o veneno demoníaco que estava causando o pânico.

“Os filhos de Diti e os de Aditi continuaram a bater o oceano, mas outra calamidade os ameaçou: a montanha Mandara começou a afundar! Oraram novamente a Vishnu, que apareceu e lhes assegurou: ‘Amados filhos! Não fiquem assustados’. O Senhor assumiu a forma de uma tartaruga e, entrando embaixo da montanha, ergueu-a nas costas e a manteve em segurança no seu casco duro até o final da batadura. Sentindo-se imensamente agradecidos e felizes, os filhos de Kashyapa louvaram abundantemente o Senhor.

“Então, do Oceano de Leite emergiu um deus, tendo nas mãos um bastão (*danda*) e um pote de água! O Seu nome era Dhanvantari. Enquanto os filhos de Diti e os de Aditi olhavam para ele, surgiu do oceano um suco (*rasa*) espesso e doce que se enrolou como uma bola; esta, por sua vez, inflou e se partiu, revelando um numeroso grupo de donzelas, as quais, por terem nascido do suco, foram chamadas de *apsaras*.

“Elas tentaram de diversas formas persuadir os filhos de Diti e os de Aditi a desposá-las. Rogaram e suplicaram, mas todos os seus esforços foram em vão; conseqüentemente viveram sem se casar, livres e volúveis. Nisso, emergiu das ondas Varuni, a filha do deus da água, trazendo consigo um cálice repleto de um inebriante licor! Os filhos de Diti o recusaram, mas os de Aditi o beberam em grandes goles. Aqueles que não aceitaram o licor (*sura*) passaram a ser conhecidos como *asuras* (demônios); os que o aceitaram, como *suras* (deuses).

“Finalmente o néctar da imortalidade (*amrita*) surgiu do Oceano de Leite. Quem deveria bebê-lo? Estabeleceu-se um grande conflito entre os filhos de Diti e os de Aditi. No terrível combate que se sucedeu, os filhos de Aditi começaram a destruir os filhos de Diti. A batalha ameaçava tornar-se um conflito de extinção. A Terra era sacudida pelos choques das armas no confronto. O medo e a ansiedade espalharam as suas tenebrosas nuvens sobre o mundo.

“Repentinamente Vishnu surgiu diante dos grupos rivais sob a forma de uma donzela de encanto arrebatador, que cativou os corações de todos e desviou as suas mentes da batalha na qual estavam concentrados! Ela seduziu a todos e, durante a sua manifestação, o precioso e sagrado néctar (*amrita*) desapareceu! Todos os filhos de Diti haviam morrido, deixando a mãe em inconsolável agonia. Kashyapa não conseguiu trazê-la à normalidade. As suas tentativas de ensiná-la a respeito da impermanência das coisas não a convenceram. Ela chorava alto e se lamentava muito dolorosamente, como se o fim do mundo houvesse chegado.

“Diti, por fim, se recompôs; aproximou-se de Kashyapa e, submergindo a sua agonia no fundo da mente, falou: ‘Senhor! Isso é justo? Ambas tínhamos filhos seus; agora não tenho mais nenhum. Isso é certo? Devo sofrer assim eternamente? Nem um único dos meus filhos está vivo. Mais desejável que ter muitos filhos de vida curta seria ter apenas um de vida longa, não é mesmo?’

“Vendo-a chorar daquela maneira, Kashyapa consolou-a e lhe disse que iniciasse a disciplina que consiste em praticar austeridades (*tapas*) destinadas a propiciar os

deuses, a fim de que pudesse ter um filho de vida longa. Aconselhou-a a renunciar à tristeza, pois isso nunca iria realizar o seu desejo. Encorajada por ele e buscando as suas bênçãos, ela partiu imediatamente e deu início à prática de austeridades com o objetivo específico de obter dos deuses uma dádiva: ter um filho que fosse capaz de derrotar o próprio Indra, o senhor dos deuses!

“Kashyapa avisou-a: ‘Ascetismo não é uma disciplina fácil. A pessoa deve manter-se pura até o final e observar os votos e os jejuns sem a menor transgressão. Somente então os deuses ficarão satisfeitos e lhe concederão a dádiva’.

“Diti dirigiu-se à sagrada região conhecida como Kushaplava e ali se engajou em rigoroso ascetismo. Sabendo da sua intenção, Indra quis testá-la. Veio até ela, disfarçado como seu atendente. As orações de Diti foram atendidas e, por meio da Graça Divina, ela engravidou. Passaram-se dias, meses transcorreram e Indra continuava ao seu lado como atendente!

Certa vez, durante o forte calor do meio-dia, vencida pelo sono, ela se deitou na cama com o cabelo solto e a cabeça onde normalmente colocava os pés. Isso era contra as estritas regras da pureza cerimonial, que deviam ser observadas com persistência; essa foi a chance de Indra. Observando que a sua postura era heterodoxa e contrária às injunções das Escrituras, puniu-a partindo o feto que estava no seu ventre. Os fragmentos começaram a chorar, sofrendo por terem sido quebrados em várias partes. O atendente (Indra) falou suavemente com eles: ‘Não chorem’. Diti teve fortes sangramentos e lamentou o seu destino, chorando de maneira bastante lastimosa.

“Indra pôs-se de pé diante dela, com as palmas unidas, e alegou: ‘Mãe, perdoe-me. Você agiu de forma contrária às regras da pureza cerimonial e quebrou o seu voto. O seu cabelo estava desamarrado e solto, e a sua cabeça posta onde normalmente coloca os pés. Quando adormeceu assim, a sua prática ascética se corrompeu. Quando o inimigo que esperava uma oportunidade para frustrar o seu êxito se depara com uma chance dessas, iria ele ficar impassível? Eu sou Indra, que assumiu esta forma. Você orou por um filho que iria Me aniquilar, não é verdade? O feto no seu ventre viria para Me destruir; portanto aproveitei essa chance para derrotar o meu inimigo. E eu não o destruí usando táticas condenáveis. Você sabia que a estrita observação dos votos era essencial para o sucesso do seu plano; tinha que se certificar de que não violaria o código. O feto foi cortado em sete fragmentos; eu lhes disse para não chorarem. Eles nascerão como os sete divinos Marutas (deidades do vento). Eu lhe confiro essa graça’. Então Indra retornou ao Céu.

“Rama! Este é o local onde Indra e Diti tiveram esse diálogo e esse consenso. Aqui Ikshvaku teve com Alamba Devi um filho chamado Vishala, que deu nome a este reino. Vishala gerou Hemachandra, o poderoso, do qual nasceu Suchandra, que teve um filho, Dhumrashva. Este gerou Shrinjaya, que veio a ter um filho, Sahadeva.

“Sahadeva era muito rico e próspero, um forte pilar da moralidade e da retidão; por longo tempo foi um valente governante do seu reino. O seu filho Somadatta gerou Kakuthstha. Sumati, o filho desse heroico monarca, era também um líder muito correto e virtuoso, que se igualava aos deuses em pureza e santidade.

“Rama! Hoje entraremos na cidade de Vishala, onde dormiremos, e amanhã chegaremos à cidade do imperador Janaka”. Todos ficaram felizes com essas palavras.

Uma breve estada em Vishala

As notícias da chegada de Vishvamitra foram comunicadas a Sumati pelos seus mensageiros e ele se apressou a ir até o sábio com uma comitiva de cortesãos, ministros, eruditos e sacerdotes. Rogou-lhe que entrasse na cidade e santificasse o palácio real com a sua permanência.

Satisfeito com a humildade e reverência de Sumati, Vishvamitra indagou gentilmente sobre a sua saúde e felicidade, bem como a respeito do seu reino. Já conversavam há algum tempo sobre questões relativas ao reino e à dinastia quando o olhar do soberano caiu sobre Rama e Lakshmana. Ficou tão embevecido pelo seu charme e dignidade que perguntou ao sábio quem eram aqueles “filhotes de leão”.

Vishvamitra respondeu: “Sumati! Não tenho tempo de lhe contar essa longa história agora. Espere até chegarmos ao seu palácio”. Instruiu os monges e ascetas que o acompanhavam, assim como Rama e Lakshmana, a prosseguir em direção a Vishala e também se pôs a caminhar, enquanto Sumati lhe falava o tempo todo acerca de assuntos do reino. Quando alcançaram os portões da cidade, o ar ficou repleto de música proveniente de várias vozes e instrumentos. Brâmanes recitavam hinos sagrados de boas-vindas e de votos de felicidades extraídos das Escrituras.

Depois de participarem do banquete de recepção organizado pelo rei de Vishala, Vishvamitra descreveu para os familiares do imperador, sacerdotes e eruditos (*pandits*) ali reunidos o seu *Siddhashram* e o ritual (*yajna*) que ali celebrara, bem como a forma heroica pela qual Rama e Lakshmana tinham guardado e protegido o recinto sacrificial dos devastadores demônios. Os ouvintes foram tomados de deslumbramento e infinita bem-aventurança (*ananda*) diante da habilidade e da coragem dos príncipes. Olharam-nos com admiração, sentindo que eram Nara-Narayana⁸¹ de regresso à Terra e se prostraram diante deles, dominados por sentimentos de reverência.

Como já era tarde, Rama e Lakshmana curvaram-se aos pés do sábio e, com a sua permissão, foram para a habitação que fora especialmente reservada para o seu repouso. Levantaram-se antes do alvorecer, procederam às abluções e aos ritos matinais e foram até o preceptor a tempo de passarem para a etapa seguinte da jornada. Expressaram a sua gratidão ao rei Sumati e partiram em direção a Mithila.

Rama resgata Ahalya

O soberano acompanhou-os durante algum tempo e depois se despediu do sábio e dos demais. Vishvamitra prosseguiu com os seus discípulos e com os príncipes; por volta do meio-dia chegaram a um extenso parque. Aparentemente aquele lugar havia outrora abrigado um grande número de eremitérios, mas agora as habitações se achavam em ruínas. Viam-se inclusive altares que haviam sido cuidados com amorosa atenção e locais onde o fogo sacrificial era antes aceso e alimentado. Rama notou que o lugar havia sido santificado por ascetas e sábios e chamou a atenção de Vishvamitra para esta suposição. O sábio sorriu e disse: “Muito correta é a sua observação, Rama! Estou muito feliz. Contarei por que o grande personagem que morava neste local o abandonou e foi embora. Escute!

“Até os deuses costumavam aclamar este eremitério – o eremitério do grande sábio Gautama. Por muitos anos ele residiu aqui com a sua esposa Ahalya. Submeteu-

⁸¹ Nara-Narayana representa a união de *Nara* (o homem) e *Narayana* (Deus), ou seja, da alma humana e o seu Eterno e Divino Companheiro, na luta pela preservação do *dharma*. (N. T.)

se de bom grado às mais severas austeridades e realizou muitos rituais elaborados. Este parque resplandecia de grandeza espiritual; era radiante e repleto de paz e alegria. Todo dia era um dia santo para as pessoas aqui.

“Ahalya, a esposa do sábio, era mulher de grande virtude e um perfeito paradigma de beleza. Ninguém se igualava a ela em formosura e encanto pessoal; por isso Gautama a mantinha sob vigilância, guardando-a com cuidadosa atenção. Certo dia, enquanto ele estava ausente, Indra, o chefe dos deuses, entrou no eremitério disfarçado do próprio Gautama! Acreditando que ele era o seu senhor, a virtuosa esposa serviu-o reverentemente, mas o verdadeiro Gautama chegou e descobriu a sua aparente infidelidade. Apesar do disfarce, reconheceu Indra e ficou terrivelmente enraivecido. ‘Sujeito perverso!’, gritou; mas Indra já havia desaparecido repentinamente.

“Gautama virou-se para Ahalya, vociferando raivosamente: ‘Você por acaso fez votos de destruir este eremitério entregando-se a atos perversos? Não ficarei aqui nem mais um minuto. Não posso tolerar nem mesmo a visão do seu rosto. Prostre-se ao solo atrás de algum arbusto e viva de ar como uma entidade da floresta, sem comer nem beber. Estou indo’. Gautama passou a odiar o lugar que fora profanado por uma fraude.

“Ahalya chorou do fundo do seu coração e alegou ser inocente do pecado, pois fora enganada pelo disfarce de Indra e agira somente pela reverência que tinha pelo seu senhor e pelo seu dever de lealdade a ele. Segurou-lhe os pés e implorou o seu perdão.

“Gautama abrandou-se um pouco diante das suas importunações, pois a verdade havia se tornado clara para ele; mas como as palavras, uma vez ditas, não podem ser retiradas, declarou: ‘Ahalya! Você sabe que prometi jamais ir contra a palavra dada. Terá, portanto, que viver deitada sobre moitas e arbustos espinhosos, triste e passando fome, até que Rama, filho de Dasharatha, venha aqui. Ao vê-la, ele derramará sobre você a sua Graça, permitindo que toque os seus pés, e lhe falará com grande compaixão. A visão (*darshan*), o toque (*sparshan*) e a conversação (*sambhasan*)⁸² do Senhor a purificarão e você brilhará na sua verdadeira forma e encanto. Então eu me reunirei a você’.

“Assim dizendo, Gautama deixou este lugar e dirigiu-se apressadamente à região dos Himalaias. A partir daquele momento, Ahalya perdeu o nome e a forma; ela agora vive de ar e profundamente imersa em austeridades, ansiosa por reencontrar o seu senhor. E assim este parque, outrora tão encantador, caiu no esquecimento”.

Ramachandra expressou grande surpresa: “O quê! O senhor está me dizendo que ela espera por mim? Pobrezinha! Se puder me informar onde ela está, em profunda austeridade... diga-me onde”. Enquanto Rama continuava a caminhar, Vishvamitra e Lakshmana o seguiam a certa distância. Ele passou através de arbustos emaranhados e entrou em um casebre atrás de uma moita de plantas espinhosas.

Até aquele momento, Ahalya estivera imersa em austeridades, longe da vista de deuses, demônios e homens. Esquecera o seu nome e perdera a sua forma; não se interessava por alimento nem por sono; existia meramente como um fragmento de rocha! Era como o orbe lunar bem escondido pelas nuvens ou como o fogo sacrificial

⁸² São as três maneiras pelas quais o Divino, um *guru* ou um santo podem conferir a sua Graça: por meio da visão (*darshan*), do toque (*sparshan*) e da conversação (*sambhashan*) com ele. (N. T.)

coberto por densas cortinas de fumaça. Quando Rama se aproximou dela, o seu pé a tocou.

Ahalya levantou a cabeça e, vendo a forma divinamente encantadora de Rama, segurou-lhe os pés, exclamando em êxtase: “Ah, estou salva! Ó Deus, que veio me salvar do pecado! O Seu coração finalmente se enterneceu”. Extravasou a sua gratidão em muitos hinos de louvor. Levantou-se refulgente e revigorada, como a lua ao sair de trás das nuvens. Naquele momento, Gautama, um mestre dos mistérios do *yoga*, apareceu diante deles, pois sabia que Rama viera e resgatara a sua esposa. Aceitou-a, purificada pela rigorosa austeridade e abençoada por Rama. Ambos, marido e mulher, caíram aos pés de Rama e de Lakshmana, que estavam impressionados com a bem-aventurança espiritual (*ananda*) que eles possuíam. Gautama ofereceu reverências e homenagem a Vishvamitra.

O grupo de discípulos, deslumbrado com a maravilha que haviam testemunhado, fitava os irmãos com um olhar de admiração. Vishvamitra despediu-se de Gautama e prosseguiu em direção ao nordeste, tendo ao seu lado Rama e Lakshmana.

A cidade de Mithila

No final da tarde, aproximaram-se de uma cidade. Apontando para ela, Vishvamitra falou: “Aquele vasto aglomerado de magníficas construções é Mithila!” Diante disso, os irmãos e os discípulos do sábio pularam de alegria; não podiam conter a sua felicidade. A partir dali andaram mais rapidamente, esquecendo-se do cansaço físico, e logo alcançaram a entrada principal da cidade.

Para onde quer que se voltassem, viam ascetas e brâmanes empenhados na recitação dos Vedas. Avistaram muitas casas onde se alimentavam fogos sacrificiais com oferendas rituais. Sob cada árvore acolhedora havia grupos de pessoas ao redor dos carros de boi que os haviam trazido das regiões campestres. Em cada esquina reuniam-se homens e mulheres, idosos, jovens e crianças – gente de todas as castas e profissões e de todas as fases da vida. Era como navegar por uma corrente de alegria. A cidade estava repleta de pessoas entusiasmadas transitando por todas as ruas. O sábio e os seus seguidores chegaram ao aterro de um reservatório comparativamente menos congestionado, pois tinham que decidir onde ficar e ainda não estavam bem certos em relação a isso. Como se aproximava o momento das abluções vespertinas, deixaram os seus pertences no aterro, banharam-se e realizaram os ritos prescritos.

Como era iminente a celebração de um ritual (*yajna*), cortesãos e guerreiros do palácio moviam-se entre os monges que chegavam a todo momento, procurando saber os seus nomes, os *gurus* e eremitérios aos quais eram afiliados, a sua categoria espiritual e se haviam sido especialmente convidados para a ocasião. O imperador Janaka insistira em que todas essas informações lhe fossem transmitidas sem demora.

Vishvamitra terminou as suas abluções e ritos e sentou-se no aterro com os seus discípulos e com os dois irmãos, que pareciam estrelas gêmeas que haviam caído do Céu à Terra, e pôs-se a lhes descrever as glórias de Mithila. Nesse momento um emissário da corte aproximou-se deles muito educadamente e indagou: “Mestre! Por favor, diga-me quem é o senhor e de onde veio. Somos mensageiros do rei e estamos apenas obedecendo ordens e cumprindo o nosso dever. Se nos disser o seu nome, poderemos informar o rei da sua chegada”.

O mensageiro apressou-se a ir diretamente ao palácio e comunicar ao imperador Janaka que Vishvamitra havia chegado. O soberano tomou as providências adequadas

para a recepção ao grande sábio e enviou à presença de Vishvamitra os principais brâmanes, sacerdotes e *pandits* da corte, sob o comando do seu líder, Sathananda.

A comitiva do palácio aproximou-se entoando hinos védicos de boas-vindas e de votos de felicidades. Vishvamitra percebeu que estavam chegando para levá-los à presença do imperador e instruiu Rama e Lakshmana a se prepararem para ir com ele. Todos ficaram prontos. Enquanto isso, Sathananda honrava o sábio de acordo com a autêntica tradição dos Vedas, como condizia a um grande mestre. Prostrou-se aos seus pés, ofereceu-lhe bebidas consagradas com fórmulas védicas e anunciou com humildade exemplar que, por ordem do imperador, tinham vindo para lhe dar, e a todos os que estavam com ele, as mais sinceras boas-vindas. Deixaram no local um palanquim para transportar as bolsas e bagagens do grupo e conduziram o sábio e os outros à cidade, precedidos por bandas de músicos que tocavam os seus instrumentos.

Logo que entraram na estrada real, o imperador Janaka em pessoa foi até eles, acompanhado dos seus ministros, cortesãos e parentes mais próximos. Prostrou-se diante de Vishvamitra, dizendo: “Senhor! Hoje alcancei a minha maior aspiração. Mithila ganhou, com a sua chegada, um fulgor ímpar”. Indagou sobre o bem-estar do sábio e dos seus pupilos e discípulos. Então o seu olhar caiu sobre os dois meninos, Rama e Lakshmana, que o deslumbraram como personificações do resplendor solar. Durante alguns segundos, ficou sem palavras, sem saber onde se encontrava naquele momento.

Com grande esforço, recobrou consciência suficiente para perguntar a Vishvamitra: “Mestre! Quem são estes? Eles me impressionam como as divindades gêmeas, os Ashvins⁸³, que parecem ter vindo do Céu para me conferir a sua Graça. Possuem o suave e divino encanto daqueles deuses. Ou talvez sejam o Sol e a Lua que desceram à Terra. Como foi que estas encarnações juvenis da beleza chegaram até aqui? Percorreram toda essa distância como membros do seu grupo? Ou entraram em contato com o senhor aqui perto e passaram a acompanhá-lo?” Janaka despejava uma pergunta atrás da outra, como se falasse consigo mesmo, alheio ao lugar onde estava ou ao que realmente queria saber.

Vishvamitra viu a situação difícil do monarca e não pôde conter um sorriso. Respondeu: “Estes são filhos do imperador Dasharatha, de Ayodhya. Os seus nomes são Rama e Lakshmana. O valor e a habilidade destes meninos são incríveis e miraculosos”. O sábio queria dizer muito mais, porém achou melhor contar tudo a respeito deles após chegarem ao local onde deveriam ficar. Então caminharam até os alojamentos reservados para ele e sua comitiva.

A construção era nova, pequena, linda e semelhante a um templo. Situada no centro de um adorável jardim, havia sido elegantemente decorada com folhagens e guirlandas. O local era profundamente silencioso, como se a ali a paz jorrasse fortemente das asas da Graça do próprio Céu. Ficava bem ao lado do palácio real.

Após convidá-los a entrar, Janaka prostrou-se novamente aos pés do sábio, dizendo: “A sua chegada proporcionou-me imensurável força e alegria. Estou certo de que esta boa sorte veio a mim graças ao mérito acumulado em muitas vidas. Despeço-me agora. Segundo os sacerdotes (*ritviks*), o ritual (*yajna*) terá início daqui a doze dias; então, por favor, fique em Mithila e abençoe-me”. Vishvamitra garantiu-lhe que não se

⁸³ Segundo a mitologia hindu, os *ashvins* são deuses gêmeos, filhos do deus Surya, que aparecem no céu antes do amanhecer, num carro dourado puxado por cavalos; são também considerados os médicos celestiais. (N. T.)

opunha àquela proposta, pondo fim a qualquer apreensão porventura existente na mente do imperador. Rama e Lakshmana entreolharam-se, como se fosse tempo demais para permanecer tão longe de casa!

Preparativos haviam sido feitos para lhes proporcionar descanso e um sono tranquilo naquela noite; trouxeram-lhes leite, frutas e outros itens provenientes do palácio. “Amanhã, ao nascer do dia, o senhor me dará o seu *darshan*⁸⁴”, disse Janaka, “não é conveniente adiar mais o seu descanso, pois fizeram uma longa e exaustiva jornada”. E retornou ao palácio com os *pandits*, sacerdotes e eruditos.

Rama e Lakshmana conversaram sobre a devoção e a humildade do imperador e a luz de paz e alegria que reluzia no seu semblante. Sentaram-se ao lado do mestre e serviram-se de frutas e leite. Depois, com a sua permissão, dirigiram-se aos seus aposentos para repousar.

Dormiram bem naquela noite. Quando a luz do dia se espalhou lentamente sobre a cidade, música de trombetas e tambores penetrou pelo vão sob a porta do quarto deles. Brâmanes recitavam hinos védicos. Rama e Lakshmana levantaram-se e, após terminarem o seu banho e outros ritos, foram até Vishvamitra. O sábio deu-lhes xícaras de leite para beber e disse: “Filhos! Janaka estará aqui em pouco tempo. Tomem o seu desjejum e estejam prontos”. Eles e os pupilos mais jovens do sábio dirigiram-se aos seus aposentos, comeram frutas e beberam leite. Depois lavaram as mãos e se reuniram silenciosamente ao redor do preceptor, sentando-se reverentemente perto dele.

Nesse momento, ficaram sabendo que o imperador Janaka estava chegando com o preceptor real para oferecer homenagens. O soprar de conchas e o som dos nove instrumentos tradicionais anunciaram a aproximação do governante do reino. Enquanto Sathananda e a comitiva ingressavam na habitação sagrada, Janaka entrou, tendo nas mãos auspiciosa pasta de sândalo e grãos de arroz. Com o júbilo da gratidão, lavou os pés do sábio. Prostrou-se, então, diante de Vishvamitra e se pôs de pé ao lado de um assento elevado que fora colocado para o sábio em frente ao pedestal. A um sinal de Vishvamitra, o imperador ocupou o próprio assento. Rama e Lakshmana sentaram-se no tapete estendido à direita do seu mestre.

Unindo as mãos em súplica, Janaka indagou: “Grande sábio! Qual é o seu comando? Estou pronto a aceitá-lo e honrá-lo. Diga-me, por favor”.

A isso, Vishvamitra sorriu e respondeu: “Na noite passada, como não houve tempo suficiente, não pude lhe falar com mais detalhes. Eu lhe contarei agora a respeito destes príncipes, Rama e Lakshmana, já que o senhor deseja ouvir a sua história. Mas, se não tiver tempo disponível, poderei fazê-lo em outro momento”.

O imperador exclamou: “Mestre! Que trabalho mais importante tenho eu do que experimentar o êxtase de conversar com o senhor? Esta oportunidade só pode ser o fruto de longos anos de austeridades. Sinto-me repleto de bem-aventurança espiritual ante a expectativa de ouvir a respeito deles; considero isso uma imensa sorte”.

Vishvamitra narrou os acontecimentos, desde a sua chegada à corte de Dasharatha até a realização do rito sacrificial (*yajna*) e a maneira heroica pela qual os jovens haviam montado guarda e frustrado as tentativas dos demônios para profanar os rituais. Descreveu a bravura e a habilidade dos irmãos na batalha contra eles e louvou as suas proezas. Durante o relato, lágrimas de alegria e gratidão transbordavam dos olhos do sábio, que as enxugava seguidamente com a ponta da sua vestimenta.

⁸⁴ A visão do Divino (ou de um santo), que traz a sua Graça e as suas bênçãos àqueles que a têm. (N. T.)

Ouvindo aquelas palavras e com os olhos cheios de deslumbramento ante a majestade e formosura cativante dos meninos, Janaka experimentou um supremo deleite – o que frequentemente obtinha quando estava em *samadhi*⁸⁵! Sentiu que os jovens eram verdadeiras manifestações do esplendor divino. Apesar de muitas vezes tentar desviar a vista, os seus olhos ansiavam somente pela visão daqueles encantadores semblantes semelhantes à flor de lótus que irradiavam iluminação divina. Contendo com grande dificuldade a expressão do seu êxtase interior, permanecia sentado, olhando atentamente para eles com humildade e reverência. Nem por um momento sentiu que ele era um imperador, e aqueles meninos os príncipes de outro monarca imperial. Tinha a incrível impressão de que eles haviam descido do Céu à Terra, e esse sentimento era reforçado e ampliado pela descrição do poder e habilidade supra-humanos que possuíam. Percebeu que eram seres excepcionais, equiparados ao próprio Deus, pois mesmo antes de se tornarem adolescentes haviam guardado com sucesso um rito que o renomado Vishvamitra não estava conseguindo realizar com perfeição. Que maravilha, admirava-se!

O sábio retomou a narrativa falando sobre o início da jornada em direção a Mithila. As histórias que contara aos irmãos também foram relatadas a Janaka. Ao ouvir a da purificação e liberação de Ahalya, a consorte do sábio Gautama, Sathananda ficou extremamente surpreso. “O quê! A minha mãe foi libertada da maldição? Estes personagens divinos a santificaram e a restituíram ao meu pai? Ah! Sem dúvida são divinos!” Enquanto lágrimas de gratidão e alegria lhe escorriam copiosamente pelo rosto, sentiu-se tão impactado pela emoção que ficou incapaz de se mover, como um pilar.

Vishvamitra observou-o e falou: “Filho! Não fique tão impressionado com os pequenos acontecimentos que sucederam até agora! Nos próximos dias muitos eventos bem mais impressionantes ocorrerão, causando deslumbramento e êxtase pela sua glória sobre-humana. Amanhã ou depois os seus pais também chegarão a Mithila e poderá ouvir diretamente deles a maravilhosa história de Rama e Lakshmana. Acalme-se”.

O imperador Janaka respondeu: “Mestre, quão afortunados são os pais de filhos tão divinamente agraciados! Oh, quão afortunado sou eu por eles terem entrado na minha casa”! Virou-se para Rama e Lakshmana: “Queridos! Perdoem-me se a habitação que providenciei para vocês não é muito do seu agrado ou não é condizente com a sua posição. Se desejarem, estarei pronto a lhes disponibilizar acomodações mais apropriadas. Se quiserem, organizarei um passeio pela cidade, pois ainda não conhecem Mithila. Peçam qualquer coisa de que necessitem, sem nenhuma hesitação; ficarei feliz somente quando o fizerem”.

Àquelas palavras, proferidas com exemplar bondade e humildade, Rama respondeu de uma forma que revelou o respeito que desejava demonstrar a Janaka: “Grande rei (*Maharaja*)! Somos apenas meninos. Não sentimos que alguma coisa esteja faltando nos preparativos que o senhor fez. Estamos muito contentes. Não há necessidade de providenciar mais nada para nós. Entretanto, se o senhor nutre tão grande afeição por nós, poderia satisfazer um desejo nosso...” e, sem mencionar qual era, virou-se para o preceptor Vishvamitra.

Partindo o arco de Shiva

⁸⁵ Estado de êxtase espiritual no qual se transcende a consciência do corpo e da mente. (N. T.)

O sábio falou: “Janaka, a missão para a qual estes príncipes me acompanharam desde Ayodhya terminou quando o rito (*yajna*) que eu resolvera celebrar foi concluído sem a mínima profanação. Rama e Lakshmana solicitaram a minha permissão para voltar para casa. Naquele momento recebi o convite para comparecer ao rito que o senhor decidira realizar e pedi aos meninos que me acompanhassem a Mithila. Rama alegou que, como o pai o designara exclusivamente para salvaguardar o rito no meu *ashram*, relutava em seguir adiante e ficar longe do pai por mais tempo do que o permitido.

“Contei-lhes, porém, acerca das muitas armas divinas que o senhor possui, objetos que eles naturalmente estão ávidos para ver e manusear. Descrevi o arco de Shiva, que o senhor tem aqui e que merece ser visto por eles, e lhes relatei a sua história. Então, ansiosos por vê-lo, concordaram em me acompanhar até aqui. Eles não desejam andar pela cidade nem visitar locais interessantes. Arcos, flechas, armas capazes de proteger os corretos e punir os maus – isso é o que primeiramente atrai a sua atenção”.

Achando ser desnecessário ouvir mais, o imperador disse: “Nesse caso, providenciarei para que tragam logo o arco ao salão do ritual”, e deu instruções para que se consultasse o preceptor Sathananda no tocante a um horário auspicioso para que o arco fosse levado até lá.

Nesse momento, Rama pediu a Janaka: “*Maharaja!* Ficaríamos muito contentes se puder nos contar como o senhor obteve a posse desse divino arco”.

O imperador forneceu-lhes os detalhes com evidente prazer: “Queridos, seis gerações depois de Nimi, o grande ancestral da minha dinastia, este reino passou a ser governado pelo rei Devaratha. Os deuses colocaram este arco do Senhor Shiva, em confiança, no seu palácio. Ele está conosco desde então. É uma arma divina; assegure-lhes que não é um arco comum! Pesa milhares de toneladas! Até hoje ninguém foi capaz de segurá-lo na posição vertical, pois quem consegue levantar esse peso? Muitas vezes, no passado, tentei achar alguém capaz de curvá-lo e vergá-lo ou mesmo segurá-lo em público. Já convidei diversas pessoas a tentar fazê-lo, mas ainda não vi ninguém que o conseguisse. Cada rei e cada príncipe que tentou essa proeza falhou e regressou humilhado. Não puderam curvar o arco, nem sequer movê-lo levemente.

“Um dia, enquanto revolvia a relva na área onde decidira realizar um ritual (*yajna*), surgiu um recipiente do interior de um sulco na terra. Quando o removi e o examinei, encontrei nele uma encantadora menina. Pelo fato de haver essa criança chegado a nós dentro de um sulco, demos a ela o nome de Sita (“sulco”, em sânscrito). Cuidamos dela como se fosse nossa própria filha. Certo dia, quando estava brincando com as companheiras, o seu brinquedo rolou para baixo da comprida caixa onde era guardado o arco. Quanto mais tentavam retirar a bola dali, fazendo uso de várias estratégias, mais ela rolava para debaixo da caixa! Sita riu do desapontamento das companheiras e dos guardas do palácio e, para o assombro de todos, afastou a caixa para um lado com a mãozinha delicada e recuperou o brinquedo! Eu soube disso pelas rainhas, que ouviram o relato do atônito grupo que estava com ela no momento.

“Nesse dia resolvi dar Sita em casamento àquele que, provando ser digno dela, fosse capaz de encordoar o arco. Desejosos de conquistá-la, muitos príncipes tentaram levantá-lo e vergá-lo, mas todos sofreram vergonhosa derrota! Sentindo-se ofendidos e insultados, disseram que eu os humilhara propositadamente. No seu ressentimento e desespero, uniram as forças e atacaram Mithila. O cerco durou um ano inteiro. Com

todo o meu arsenal já exaurido, fiquei preocupado com o destino da cidade. Não me restava outro recurso a não ser praticar austeridades a fim de obter a graça dos deuses. Eles ficaram satisfeitos e me abençoaram com reforços adicionais de infantaria, cavalaria, elefantes e carruagens. Essa ajuda veio de regiões atrás das forças sitiadas, as quais, sendo atacadas pela retaguarda, fugiram desordenadamente. Em meio a essas campanhas motivadas pela vingança, fui capaz de preservar o arco, que guardava como a minha menina dos olhos. O seu misterioso poder transcende qualquer descrição.

“Rama! Ramachandra! Não negarei a realização do seu desejo; se estiver de acordo, o arco será trazido ao recinto do ritual. Anunciarei também que qualquer um que aceitar o desafio de erguê-lo e vergá-lo poderá tentar fazê-lo”. Ao ouvirem Janaka falar com tamanha autoridade, Rama e Lakshmana se entreolharam, mas não responderam, pois esperavam as instruções do mestre que haviam seguido até ali.

Então Vishvamitra, que conhecia a habilidade e a força dos irmãos, disse que se poderia levar adiante a proposta de Janaka e que este não precisava recear nenhum obstáculo que surgisse no seu caminho. O imperador anunciou ainda que daria Sita em casamento àquele que levantasse e encordoasse o arco, pois havia jurado que ela só desposaria alguém assim. Vishvamitra aprovou também esse procedimento.

Janaka despediu-se do sábio e retornou ao palácio, passando a dedicar-se à tarefa de levar o arco para o salão do ritual. Emitiu-se uma proclamação anunciando que ele estaria em exposição, o que se comunicou a tantos reis e príncipes quanto foi possível. Um enorme grupo de homens fortes e robustos pôs-se a empurrar e puxar para dentro do recinto o veículo de oito rodas que trazia a caixa com o arco, mas não conseguiram movê-lo nem um passo. Tiveram que chamar mais homens de porte avantajado para ajudar puxando as pesadas correntes presas à frente do veículo e empurrando-o por detrás. Quando, finalmente, o arco entrou no recinto sagrado, os sacerdotes entoaram hinos de auspiciosas boas-vindas.

O dia raiou. Os nove instrumentos musicais tradicionais tocaram louvores de harmonia que se elevaram até a abóbada celeste. O soprar de conchas ressoava com estrondo. Expressava-se a auspiciosidade do dia com música e ritual. O imperador Janaka adentrou o recinto acompanhado de um grupo de sacerdotes e assistentes que carregavam materiais para o culto cerimonial do arco divino. Muito tempo antes o salão já se achava repleto de reis, príncipes, ministros, cortesãos, sábios e eruditos védicos. À chegada de Janaka, todos se levantaram em homenagem ao governante do reino. *Pandits* védicos recitavam hinos em voz alta, invocando os deuses para que derramassem a Sua graça. As suas vozes subiam aos céus em intenso uníssono. Outros recitavam passagens dos Vedas. Todos estavam tão cheios de expectativa que assistiam a tudo maravilhados, sem mesmo piscar.

Janaka andou reverentemente ao redor do veículo que trazia o arco e homenageou-o com oferendas de flores, enquanto se entoavam hinos para propiciá-lo. Inclinou-se diante do arco divino e depois se dirigiu à distinta assistência: “Reverências aos sábios! Dou as boas-vindas a todos os que vieram a esta assembleia! Como sabem, por muitos anos os meus ancestrais, bem como muitos outros monarcas, vêm adorando este arco divino. Além do mais, como é de pleno conhecimento, ninguém – deuses ou demônios, *yakshas* ou *rakshasas*, *garuda* ou

gandharva, *kinnara* ou *mahoraga*⁸⁶– foi capaz de levantá-lo, segurá-lo e encordoá-lo! Todos os que tentaram voltaram humilhados. Apesar disso, no dia de hoje, decidi trazê-lo novamente a este sagrado recinto. Quem, dentre os senhores, for capaz de erguer este arco, encordoá-lo e nele colocar uma flecha – ou mesmo conseguir segurar o seu peso nas mãos – poderá vir à frente e arriscar-se. Ele está diante dos senhores”. Com as palmas unidas, Janaka inclinou-se perante a assistência e sentou-se no seu Trono do Leão.

Vishvamitra, sorrindo, lançou um olhar para Rama. O príncipe aproximou-se rapidamente do veículo e, com o braço esquerdo, levantou a tampa de ferro da caixa; com o direito, ergueu o arco e tirou-o da caixa, sem preocupação nem esforço! Segurando o arco ereto, olhou ao redor – havia assombro em todos os rostos! Os milhares de pessoas que testemunhavam aquela maravilha – cidadãos, reis, príncipes, sábios e anciãos – fizeram soar tamanhos aplausos que o seu entusiasmo ecoou pelo firmamento! Rama prontamente encordoou o magnífico arco! Em seguida, com encantadora facilidade, pôs nele uma flecha! Retesou a corda até a altura da orelha para lançar a flecha. O arco, porém, se partiu com um forte estalo!

Todos ficaram abalados, confusos e atemorizados ante aquela estranha e inesperada explosão. Muitos desmaiaram; alguns gritaram de terror e outros fugiram em pânico. Os sábios proferiram preces a Deus. Por que estender mais o assunto? À exceção de Janaka, Vishvamitra, Rama e Lakshmana, todos estavam imersos em inexplicável e inconsolável pavor!

Dasharatha é convidado

Janaka levantou-se do seu assento, prostrou-se diante de Vishvamitra e declarou: “Mestre! Ninguém na Terra pode afirmar ser mais forte do que Rama. Tal força não é deste mundo. Cumprirei a minha palavra; darei Sita em casamento a ele, que levantou, curvou e partiu este arco”.

Vishvamitra respondeu: “Janaka! Seria bom comunicar a notícia ao imperador Dasharatha e celebrar esse auspicioso evento depois que ele vier. Este é o meu desejo. Rama é um filho tão profundamente obediente que não concordaria com o casamento até o pai dar a sua aprovação!”

Então Janaka chamou à sua presença os brâmanes da corte e alguns ministros e enviou-os a Ayodhya assim que o dia nasceu. Durante três dias e três noites eles viajaram celeremente em carruagens puxadas por velozes cavalos e chegaram a Ayodhya na manhã do quarto dia. Estacionaram as carruagens bem diante do portão principal do palácio imperial, de modo a não haver nenhum atraso na transmissão das notícias que haviam trazido ao imperador. Quando os guardas indagaram os seus nomes e intenções, pediram-lhes que anunciassem a sua chegada ao soberano. Dasharatha recebeu a informação e os ministros foram imediatamente chamados à sua presença no palácio.

Apesar da idade avançada, o imperador Dasharatha era uma figura divinamente esplendorosa quando os brâmanes e ministros de Mithila o avistaram no seu trono. Ao ficarem diante daquele homem de semblante venerável e radiante, eles caíram aos seus pés sem nenhuma hesitação ou reserva. Levantaram-se e falaram: “Grande rei

⁸⁶ Ao que tudo indica, a palavra *garuda* refere-se, neste contexto, a uma classe de seres míticos alados; *gandharvas* e *kinnaras* são músicos celestiais e *mahoraga* (literalmente, “grande serpente”) refere-se a uma classe de serpentes concebidas como deidades. (N. T.)

(*Maharaja*)! Somos mensageiros do imperador Janaka, de Mithila, que nos incumbiu de vir até aqui saber do seu bem-estar e do bem-estar do seu reino. Fomos enviados, com a aprovação do sábio Vishvamitra e o consentimento do grande Sathananda, o preceptor real, para comunicar ao senhor uma importante mensagem do imperador Janaka”.

Sorrisos iluminaram o rosto de Dasharatha. A sua confiança era inabalável. Comovido pela humildade e boas maneiras dos emissários de Mithila, falou: “Ó grandes entre os brâmanes! Ó ministros da corte de Mithila! Não existe nenhuma carência na administração de Ayodhya, nenhum empecilho à realização de rituais, como os de oferenda a Agni (*Agnihotra*); não há diminuição na felicidade de nenhum dos meus súditos e nenhum obstáculo estorva o seu avanço moral e espiritual. Eles são prósperos e progredem firmemente em direção à mais elevada meta. Alegro-me por lhes dizer isto. Agora desejo saber a respeito da saúde e do bem-estar de Janaka, imperador de Mithila, e também sobre a realização ininterrupta dos rituais religiosos prescritos pelos Vedas no seu reino. Os senhores podem comunicar-me a sua mensagem sem reservas. Estou ansioso por ouvi-la”.

Quando Dasharatha lhes deu a sua permissão de maneira tão suave e gentil, os ministros sinalizaram para que os brâmanes se pronunciassem. O sumo sacerdote levantou-se do seu assento e apresentou a mensagem: “Grande soberano! O nosso imperador Janaka fez votos de que a sua filha, Sita Devi, seria dada em casamento somente a alguém de virtudes heroicas. O senhor, sem dúvida, está ciente disso, e talvez saiba igualmente que muitos príncipes tentaram provar a sua destreza e foram humilhados. Pela vontade divina, os seus dois filhos, Rama e Lakshmana, foram até lá em companhia do sábio Vishvamitra, ansiosos por assistir ao grande ritual que o nosso imperador está celebrando. E Rama, o seu filho mais velho, conquistou Sita Devi com o seu incomparável valor!

“Grande rei (*Maharaja*)! O que poderemos dizer? Como descrevê-lo? Rama, que atingiu o mais elevado cume da virtude, ergueu e sustentou, manteve ereto e encordoou o arco de Shiva à vista de toda a distinta assembleia de sábios, reis e príncipes! Mais do que isso, partiu em dois pedaços, como se fosse de brinquedo, o indomável arco sagrado! Tendo em vista que Sita deveria desposar aquele que erguesse o arco de Shiva, os sábios ali reunidos e o nosso imperador decidiram dar a sua mão em casamento a Rama.

“Fomos enviados para fazer ao senhor este pedido e receber o seu consentimento, e também para lhe oferecer cordiais boas-vindas e convidá-lo a ir à cidade de Mithila, juntamente com o seu preceptor, sacerdotes, ministros, cortesãos, amigos e parentes, atendentes e seguidores. O nosso imperador deseja celebrar o casamento da sua filha depois que o senhor lhe conceder a sua presença (*darshan*). Ele nos enviou para lhe transmitir esta informação”.

Os sacerdotes e ministros permaneceram de pé, com as mãos unidas, esperando reverentemente a resposta de Dasharatha. Este, porém, refletiu com profundo cuidado sobre o assunto e, antes de lhes responder, mandou chamar os sábios Vashishta, Vamadeva e outros para serem consultados, além de convidar os mais proeminentes brâmanes da corte. Quando todos chegaram, pediu que os enviados de Mithila repetissem a sua mensagem. Após terem escutarem as notícias, Dasharatha quis ouvir os seus comentários. Antes, porém, prostrou-se aos pés de Vashishta e implorou a sua autorização. Vashishta, Vamadeva e os outros reagiram com jubilosos

aplausos: “Viva! Viva!”. E perguntaram: “Senhor, por que pensar mais a esse respeito? Faça os preparativos para a sua ida a Mithila!”

Os ministros pularam de alegria. As notícias do casamento de Rama espalharam-se instantaneamente por toda a cidade, chegando até os aposentos internos do palácio, onde estavam as rainhas. Os cidadãos davam entusiásticos gritos de vitória. Atendentes e servos fizeram rapidamente os preparativos para a jornada. Joias, brocados de seda e outros presentes foram embalados em grande quantidade e variedade e acomodados em numerosas carruagens.

O imperador e sua escolta, assim como Vashishta, o preceptor real, os sacerdotes principais e outros brâmanes e eruditos (*pandits*) subiram nas carruagens e ocuparam os seus lugares. Era como se a própria cidade de Ayodhya estivesse se mudando para Mithila a fim de assistir ao casamento. Dasharatha fez os preparativos adequados para todos os que almejavam comparecer. Não se deixou para trás ninguém que estivesse ansioso para ir! Até os cavalos pareciam partilhar da alegria que enchia os corações dos passageiros das carruagens; trotavam rapidamente, sem diminuir a velocidade e sem mostrar sinais de exaustão. Após duas noites e dois dias na estrada, chegaram a Mithila na terceira noite!

Dasharatha em Mithila

O imperador Janaka recepcionou o imperador Dasharatha nos próprios portões de entrada da cidade. Deu as boas-vindas aos ministros, sábios e sacerdotes da forma condizente à sua posição e cargo e providenciou para que passassem a noite descansando em residências especiais. Logo que o dia nasceu, Dasharatha chamou os sacerdotes especializados nas tradições ritualísticas (*ritviks*), as rainhas e os membros da família e instruiu-os a estar prontos e disponíveis quando a sua presença fosse requisitada. Nesse ínterim, Janaka chegou à mansão onde estava Dasharatha e o conduziu ao recinto especial onde o ritual estava sendo celebrado. Ali havia assentos reservados para os preceptores e para o imperador e sua comitiva, de acordo com o posto e a autoridade de cada um.

Quando todos já haviam ocupado os seus lugares, Janaka deu as boas-vindas a Dasharatha: “A sua vinda a Mithila, com estes grandes sábios e proeminentes brâmanes, e também com os seus parentes e a sua comitiva, traz-nos augúrios de imensa boa sorte. Marca a fruição do bem que praticamos em vidas passadas. Estou certo de que a sua mente ficou repleta de alegria diante da virtude e da vitória do seu filho. Estou prestes a firmar uma relação com a grande dinastia de Raghu, que resplandece com o infinito heroísmo dos seus descendentes. A minha dinastia está para ser santificada, mais do que nunca, por esse relacionamento. Acredito que isso seja o resultado das bênçãos que sobre mim derramaram os meus antepassados. Imperador! Nesta manhã o rito sacrificial (*yajna*) que estamos celebrando estará chegando ao seu encerramento. Planejei celebrar o matrimônio de Sita e Rama após o término do ritual; para isso, imploro o seu consentimento”.

Dasharatha sentiu-se emocionado com tanta bem-aventurança (*ananda*). Um sorriso radiante iluminou o seu rosto e ele respondeu: “Imperador, o senhor é o doador! Declaram os anciãos que se deve receber um presente de acordo com a gentil vontade e prazer do doador; portanto estarei pronto a receber o presente no momento que for do seu agrado!” Ao ouvir Dasharatha se expressar com tal

inteligência e sabedoria, com tão enternecedora e calorosa afeição, Janaka foi inundado por um deleite espiritual que brotava do seu interior.

Àquela altura Rama e Lakshmana já haviam adentrado o recinto juntamente com o sábio Vishvamitra. Prostraram-se diante do pai e dos seus preceptores – Vashishta, Vamadeva e os demais. Os olhos de Dasharatha brilharam de alegria assim que viu os filhos dos quais há tanto tempo sentia saudades. Trouxe-os para perto de si, colocou as mãos nos seus ombros e apertou-os junto ao peito. Vendo a bem-aventurança do pai acariciando os filhos, os brâmanes e os ministros esqueceram-se de si mesmos, perdidos na admiração da profundidade daquela afeição.

Dasharatha conversou intimamente com os filhos e ouviu-os descrever de maneira simples e suave o ritual que haviam protegido da profanação pelas forças demoníacas e os incidentes ocorridos durante a jornada do eremitério de Vishvamitra até Mithila. Vashishta, Vamadeva e outros sábios, assim como Bharata, Satrugna, Sumantra e muitos ministros, cortesãos e nobres, também ouviram o relato e passaram a noite recapitulando as maravilhas e mistérios que formavam a trama e a urdidura daquela narrativa.

Enquanto isso, o imperador Janaka, imerso nos preparativos para o casamento, passava a maior parte do seu tempo no palácio. Convidou Sathananda, o sumo sacerdote, a ir à corte e rogou-lhe reverentemente que desse início ao recrutamento de recursos humanos e materiais para os vários ritos preliminares até a cerimônia do matrimônio propriamente dita. O sábio respondeu: “Grande rei (*Maharaja*)! O rito só foi concluído hoje. Nos próximos dois ou três dias existem alguns horários auspiciosos para a cerimônia. Poderei fornecer-lhe detalhes, se o senhor assim o quiser”.

Janaka saudou Sathananda e, com as mãos juntas, disse: “Mestre! Na noite passada obtive o consentimento do imperador Dasharatha, o que é de fato um sinal de extraordinária boa sorte. Kushadvaja, meu irmão mais novo, não está presente, pois tem andado muito ocupado fornecendo provisões para o rito sacrificial (*yajna*) sempre que requeridas pelos sumos sacerdotes. Reluto em celebrar essa cerimônia extremamente auspiciosa sem a sua presença ao meu lado. Não quero privá-lo da sua parcela de alegria. Coloquei em ação planos para trazê-lo aqui rapidamente. Sinto que seria melhor se marcássemos o dia e o horário após a sua chegada”. “Muito bem! Isso nos fará a todos imensamente felizes!”, respondeu Sathananda. E deixou o palácio.

Janaka prontamente enviou mensageiros com instruções para trazer o irmão a Mithila. Viajando em velozes cavalos, encontraram-no em Sankasya, a sua capital, e o informaram sobre o desenrolar dos acontecimentos em Mithila. Kushadvaja sentiu-se inundado por uma torrente de bem-aventurança espiritual (*ananda*) que nele brotava. Reuniu às pressas os seus parentes e amigos, bem como a sua comitiva, e abarrotou carruagens com presentes, oferendas e objetos preciosos. Partiu naquela mesma noite e chegou rapidamente a Mithila.

O imperador correu a encontrá-lo, contando os minutos que se passavam. Abraçou carinhosamente o irmão, repleto de indizível alegria. Kushadvaja curvou-se aos pés do irmão e prostrou-se diante de Sathananda. Em seguida os três ocuparam assentos elevados e puseram-se a deliberar sobre o seu plano de ação. Após decidirem o que deveria ser feito, mandaram chamar Sudhama, estadista altamente respeitado, a quem disseram: “Ministro de Estado! Por favor, vá até Dasharatha e peça-lhe que venha a este palácio com os seus ministros, sacerdotes, cortesãos, amigos e todos aqueles que escolher. Traga-o com as devidas honras”.

Sudhama levou consigo um grupo de cortesãos, eruditos e sacerdotes reais. Mandou que preparassem carruagens elegantemente decoradas para a comitiva imperial e logo chegou ao palácio onde estava Dasharatha. Transmitiu-lhe de maneira cortês e gentil a mensagem que trouxera e, com profunda reverência, convidou-o a ir ao palácio de Janaka. Dasharatha estava pronto; partiu com a sua comitiva e em pouco tempo chegou ao salão da corte de Janaka. Saudaram-se da maneira adequada à ocasião e à sua respectiva posição e ocuparam os assentos a eles destinados.

Narrando as dinastias

Então Dasharatha levantou-se e disse: “Janaka! Para a dinastia de Ikshvaku, o sábio Vashishta é Deus na Terra. Ele é o nosso supremo preceptor. Poderá discorrer com plena autoridade sobre as tradições da nossa dinastia”.

Dasharatha sentou-se e Vashishta, de pé diante da assembleia, assim falou: “Ó sábio real! Escutem, todos os que aqui se reuniram! Brahman, o Supremo Não Manifestado, o Eterno, o Puro, criou Marichi mediante o exercício da Sua vontade. Kashyapa, o filho de Marichi, gerou Surya, do qual nasceu Manu. Este, por sua vez, teve um filho chamado Vaivasvata Manu, que governou o povo e ganhou a denominação de *Prajapati*⁸⁷. Ele gerou um filho, Ikshvaku, que veio a ser o primeiro suserano de Ayodhya; por isso a própria dinastia passou a ser chamada de Linhagem de Ikshvaku.

“Ikshvaku teve um filho, Kukshi, do qual nasceu Vikukshi. Este, por sua vez, gerou Bana, do qual nasceu Anaranya. Trisanku, o filho de Anaranya, gerou Dhundhumara, do qual nasceu Yuvanashva. Este gerou Mandhata, do qual nasceu Susandhi, que teve dois filhos chamados Daivasandhi e Prasenajit. O filho de Daivasandhi, o célebre Bharata, gerou Asitha. Durante o governo de Asitha, o reino foi invadido por uma coalizão formada por Haihayas, Thalajanghas e Sashibindus. Obrigado a fugir para os Himalaias com as suas duas rainhas, Asitha refugiou-se em uma região denominada Bhri-gu-prasravana, onde faleceu depois de alguns anos.

“Ambas as rainhas estavam grávidas quando ele morreu. Procuraram abrigo no eremitério de Chyavana, que se encheu de compaixão diante da sua difícil condição e consolou-as, dizendo: ‘Mães! Não deem margem a nenhum medo. Este é o seu lar. Vocês terão um parto seguro e bebês felizes, fortes e esplendorosos’. As suas bênçãos se concretizaram; dentro de alguns dias, a rainha mais velha deu à luz um filho, Sagara, que posteriormente veio a ser imperador de Ayodhya.

“O filho de Sagara, Ashvamanja, teve um filho chamado Amsumanta. Este, por sua vez, gerou Dilipa, do qual nasceu Bhagiratha. O filho de Bhagiratha, Kakuthstha, gerou Raghu, do qual nasceu Pravardha. Este, por sua vez, gerou Sudarshana, do qual nasceu Agnivarna. Sagaraga, filho de Agnivarna, gerou Maru. Depois dele, passando de pai para filho, o trono foi sucessivamente para Prasusruka, Ambarisha e Nahusha.

“Yayathi, filho de Nahusha, gerou Nabhaga, do qual nasceu Aja. Dasharatha é o filho mais velho de Aja, e os seus quatro filhos – cada qual uma joia valiosa – são Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna. Rama, o mais velho dos quatro, levantou, curvou, encordoou e quebrou o arco de Shiva.

“Ó sábio real! Esta dinastia real é sagrada e pura. Todos os nascidos nesta linhagem obtiveram iluminação e refulgiram em esplendor espiritual. Estão arraigados

⁸⁷ O termo significa, literalmente, “senhor das criaturas”. Criados por Brahma, os *Prajapatis* são os progenitores da humanidade. (N. T.)

na retidão e na linha de frente dos heróis. Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna são preciosas lâmpadas que derramam luz sobre os anais do clã.

“Sugiro que seria desejável realizar esta auspiciosa cerimônia de casamento também para Lakshmana, pois ele é um reflexo de Rama. O senhor tem uma filha, Urmila, que bem poderia brilhar como esposa de Lakshmana. Então não hesite; tome a decisão apropriada e faça os preparativos necessários”. Vashishta abençoou os presentes à reunião e retornou ao seu lugar.

Após ouvir dos lábios do grande sábio Vashishta a narrativa sobre a dinastia de Ikshvaku, Janaka levantou-se do seu trono e disse: “Ó *Brahmarishi*⁸⁸! Quando o descendente de um nobre clã pretende oferecer a sua filha em matrimônio, deve declarar a glória histórica do seu clã, não é mesmo? Decidi seguir o seu exemplo e recitar eu mesmo essa história, pois me dá grande alegria recapitular os nomes dos meus ancestrais e lembrar a sua majestade. O meu nascimento neste corpo aconteceu graças às bênçãos dos antepassados desta dinastia. Ele só será justificado e o seu propósito cumprido se eu mesmo os descrever para esta vasta assembleia”.

Janaka pôs-se de pé reverentemente diante de todos. Vashishta aprovou a sua solicitação e lhe concedeu a permissão desejada. Janaka, então, deu início à sua narrativa: “*Brahmarishi*! Veneráveis preceptores! Imperador Dasharatha! Em um passado muito remoto, um imperador chamado Nimi abraçou firmemente o caminho da retidão e, graças a isso, ficou célebre pelo seu poder e visão. O seu filho Mithi, que construiu a cidade de Mithila para servir de capital ao seu reino, tornou-se o primeiro soberano desta região. O seu reinado era muito popular, e os seus súditos felizes e prósperos.

“O filho de Mithi, Sudhasva, teve um filho de nome Nandivardana, que reinou depois dele. Nandivardana gerou Suketu, do qual nasceu Devaratha. Este, por sua vez, teve um filho, Brihadratha, que gerou Mahavira, dotado de grande bravura, como o seu nome indica. O filho de Mahavira, Sudrithi, gerou Dhristaketu, do qual nasceu o célebre Haryasva. O filho de Haryasva, Maru, gerou Pratinthaka, do qual nasceu Kirtiratha. Este teve um filho, Devamedha, que gerou Vibudha, do qual nasceu Kirtiratha. Este gerou Maharoma, do qual nasceu Hrisvarupa, que veio a ser um governante talentoso, estrito seguidor do *dharma* e aclamado como um *mahatma* (“grande alma”).

“Hrisvarupa é meu pai. Sinto-me realmente muito feliz em reconhecer que ele foi um personagem ideal. A verdade é que eu agora reino satisfeito sobre esta cidade de Mithila como resultado do mérito obtido e transferido como herança pelos meus antepassados.

“Kushadvaja é muito mais do que um irmão para mim. Eu o reverencio como uma personalidade divina. É mais um amigo do que um irmão. Eduquei-o com tanto amor e afeição que desenvolvi grande apego por ele. Anos atrás, o rei de Sankasya exigiu que eu lhe desse o arco de Shiva ou o enfrentasse em batalha; recusei e ele cercou a cidade de Mithila. Isso foi o sinal para que houvesse uma cruenta guerra entre nós, durante a qual Sudhanva foi morto, e eu nomeei o meu irmão governante de Sankasya. A cidade, que resplandece às margens do rio Ikshumati, faz lembrar, vista do alto, a famosa carruagem celestial dos deuses! Agora deixem-me contar-lhes outra ideia auspiciosa que me foi inspirada pelos deuses.

⁸⁸ Sábico que alcançou a Realização de Brahman, o Ser Supremo. Os *Brahmarishis* pertencem à categoria mais elevada dos sábicos (*rishis*). (N. T.)

A proposta dos quatro casamentos

“Eu trouxe o meu irmão aqui hoje para que ele pudesse compartilhar da alegria das celebrações do casamento. Ó *Brahmarishi!* O senhor ordenou que Rama se casasse com Sita, e Lakshmana com Urmila, a minha outra filha. Aceito a sua ordem com imensurável alegria. Sita é uma donzela celestial e se casará com Rama como uma dádiva ao herói. Curvo a cabeça em total humildade e satisfação e ofereço Urmila a Lakshmana.

“Trago outra proposta à sua consideração. Imperador Dasharatha! O senhor tem quatro filhos, todos nascidos da mesma dádiva celestial da Graça. Por que permitir que dois permaneçam solteiros? A nossa felicidade estaria completa se eles também se casassem. Hoje estamos sob o asterismo de *Magha*; é um bom dia para se dar início aos ritos e proceder às cerimônias preliminares. Peço o seu consentimento para, no dia seguinte, sob o asterismo de *Uttaraphalgunā*, dar em casamento as duas filhas do meu irmão – Mandavi para Bharata, e Srutha-kirti para Satrugna”.

Ouvindo aquilo, todos os participantes da imensa assembleia celebraram a proposta com exclamações e aplausos que rasgaram o céu: “Excelente! Auspicioso!”

Em seguida os sábios Vashishta, Vamadeva, Vishvamitra e outros deliberaram sobre a sugestão de Janaka em relação aos casamentos de Bharata e de Satrugna. Dasharatha foi facilmente persuadido a assentir e eles informaram Janaka. “Ó rei! Estes dois clãs reais, Ikshvaku e Videha, estão repletos de tradições sagradas cuja santidade é incomensurável. Ninguém, por mais erudito ou proficiente que seja, pode medir ou descrever a grandeza destas duas linhagens. Jamais haviam surgido antes na Terra dinastias desse porte ou qualquer outra que se possa declarar igual a elas em nobreza. É realmente muito auspicioso que as duas estejam se unindo por meio de laços matrimoniais.

“Isto é extremamente apropriado, louvável e sagrado. Além disso, estamos contentes porque as noivas e os respectivos noivos combinam entre si de todas as formas. Janaka! O seu irmão Kushadvaja conhece e pratica o *dharma*. É realmente bom que ele também se torne parente de Dasharatha por meio do vínculo conjugal das suas filhas. Isso constitui uma fonte de imensa alegria; portanto estamos prontos a abençoar o casamento das suas filhas Mandavi e Srutha-kirti com Bharata e Satrugna. O nosso desejo é que estas dinastias régias criem laços fortes em razão desses matrimônios”.

Janaka e Kushadvaja prostraram-se diante dos sábios, transbordando de alegria pela realização do seu desejo. “Esta não é uma ocasião comum. Quão afortunados somos por termos sido abençoados com esta consumação! Que sorte os sábios haverem concordado com a proposta e facilitado o caminho! Sábios jamais incentivam acontecimentos que não sejam auspiciosos. Obedeceremos reverentemente a todas as suas ordens,” disseram.

Vashishta então falou: “Por que prorrogar esses dois casamentos para o dia seguinte ou para alguma data posterior? Amanhã é um dia auspicioso para todos. Será muito bom se os quatro casamentos forem celebrados no mesmo dia.”

Janaka respondeu: “Eu sou realmente abençoado! Digno preceptor, há muito tempo o imperador Dasharatha é seu discípulo, fazendo tudo o que o senhor lhe ordena. A partir deste dia, eu e o meu irmão também somos seus discípulos. Todos os nossos fardos estão sobre os seus ombros. Instrua-nos a respeito de como devemos

proceder e agir; nós o seguiremos sem contestação”. Levantaram-se, esperando pela resposta, com as mãos unidas em total humildade e reverência.

Dasharatha ergueu-se também e disse: “Ó soberano de Mithila! As virtudes que encontro no senhor e no seu irmão não podem ser descritas em palavras! O senhor fez excelentes preparativos para a recepção e estada de tão magnífica plêiade de imperadores e grandes sábios, assim como da imensa multidão que lotou esta cidade. Agora retornarei à residência onde estou hospedado e realizarei os ritos de prosperidade (*nandi*) e de conclusão da fase estudantil (*samavartana*) em total concordância com os preceitos védicos”.

Quando Dasharatha saiu do salão, os irmãos lhe prestaram as devidas honras e despediram-se dele na entrada principal, como convinha à sua posição. Dirigiram-se, em seguida, aos seus respectivos palácios para o cumprimento das suas atribuições.

Dasharatha realizou o rito de prosperidade (*nandi*). Depois, logo nas primeiras horas da manhã, levou os quatro filhos para realizar o rito de conclusão da fase estudantil (*samavartana*). Fixou ornamentos dourados nos chifres de vacas selecionadas para serem doadas a piedosos brâmanes, juntamente com valiosos recipientes para a sua ordenha. A cena dos meninos oferecendo as vacas foi um banquete para os olhos! Vendo os quatro filhos ao redor do pai, os cidadãos de Mithila sentiram como se as deidades que presidem as quatro direções estivessem ali diante deles, com Brahma ao centro.

Enquanto a oferenda estava sendo realizada, chegou Yudajit, príncipe de Kekaya e irmão da rainha Kaikeyi, a mãe de Bharata. Como o pai dele ansiava passar algum tempo com o neto, Yudajit se apressara a ir até Ayodhya, mas ali ficou sabendo que a família real partira para Mithila a fim de presenciar o casamento de Rama. Disse que o pai não sabia do casamento de Rama e que ele próprio também não fazia ideia do que estava acontecendo. Então viera a Mithila para assistir à cerimônia e comunicar o desejo do avô de Bharata de estar com o neto. Dasharatha alegrou-se de que Yudajit pudera vir.

Naquela noite, Dasharatha falou carinhosamente com os filhos e com outras pessoas sobre uma variedade de assuntos agradáveis. Ninguém ali dormiu. Todos aguardavam impacientemente o amanhecer do dia feliz em que poderiam presenciar a cerimônia de casamento dos seus queridos príncipes. Cada um transbordava de alegria, como se o seu próprio filho fosse o noivo, ou a sua própria filha a noiva. A sua bem-aventurança (*ananda*) só poderia ser comparada à da realização de Brahma (*Brahmananda*), tamanho era o amor que sentiam por Rama e pelos seus irmãos.

Os quatro casamentos

De manhã cedo, o imperador Janaka, acompanhado por um grupo de sábios de elevada espiritualidade que irradiavam esplendor, dirigiu-se à plataforma especial na qual seriam realizados os rituais do casamento. Concluiu os ritos preliminares e esperou a chegada dos noivos, assim como a dos seus pais e familiares. Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna, que haviam tomado os banhos cerimoniais, usavam vestes de seda amarela e um tecido de seda enrolado ao redor da cabeça. Engalanados com muitos ornamentos cravejados de diamantes e safiras, davam a impressão de serem deuses sedutores e cativantes que haviam descido do Céu.

Aproximava-se a hora auspiciosa chamada Vitória (*Vijaya*). Precedidos por músicos cujos instrumentos produziam melodias que alcançavam a abóbada celeste,

eles se encaminharam para a plataforma. Os conselheiros da corte e os senhores feudais e seus atendentes os seguiam, carregando enormes bandejas com joias, roupas de seda, moedas de ouro e outros objetos auspiciosos essenciais à cerimônia.

A população fitava a sua beleza e bravura sem mesmo piscar os olhos. Diziam entre si que a dignidade da sua postura os caracterizava como divinos e não como seres humanos. “Que encanto! Que explosão de beleza! São habitantes do Céu que desceram à Terra”, sussurravam uns aos outros, enquanto os noivos passavam entre a densa fileira de espectadores. As mulheres juravam nunca ter posto os olhos em príncipes tão cativantes. Cada janela e cada varanda estava apinhada de gente. Por fim os príncipes chegaram à plataforma e se sentaram.

Janaka e Kushadvaja trouxeram as filhas até a plataforma. Após os banhos cerimoniais, elas haviam sido lindamente adornadas, com todo o requinte, como condizia às noivas no dia do casamento. Usando véus, seguiam os pais, acompanhadas por milhares de donzelas que carregavam frutas e flores, grande quantidade de cosméticos aromáticos vermelhos e amarelos, grãos de arroz, joias e pedras preciosas. Era como se os tesouros de Mithila estivessem fluindo em uma corrente volumosa e cintilante à medida que transcorria o matrimônio.

As quatro noivas brilhavam como magníficas lâmpadas. Sentaram-se frente a frente – Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna de um lado e Sita, Urmila, Mandavi e Srutha-kirti do outro. Um tecido de veludo erguia-se entre eles como uma tela. Sobre estrados elevados, estavam sentados atrás de Dasharatha os residentes e os nobres de Ayodhya e, atrás de Janaka, os moradores de Mithila e aqueles que o imperador convidara para a cerimônia.

Os olhos de todos foram atraídos pelas decorações ricas e artisticamente elaboradas que davam destaque à tenda matrimonial (*shamiana*). Tudo era ouro, prata e flores, seda e veludo, guirlandas e bandeiras, candelabros e colunas, arcos e remates. Não havia maneira de desviar os olhos dali. A vasta área transbordava de parentes e simpatizantes. Parecia que a própria cidade de Mithila estava sentindo a emoção do casamento e desfrutando das celebrações como se fossem suas.

Então Dasharatha levantou-se e lembrou cortesmente ao preceptor Vashishta: “Por que adiarmos mais?” Ao ouvir isso, Janaka ficou de pé com os braços cruzados diante de Vashishta, rogando-lhe que oficiasse a cerimônia.

Vashishta concordou e, juntamente com Vishvamitra e Sathananda, acendeu o fogo sacrificial no centro da plataforma, enquanto eruditos védicos e especialistas na recitação dos Vedas elevavam as vozes e entoavam hinos apropriados à auspiciosa cerimônia.

Ao redor do altar onde ardia o fogo dispuseram-se pratos dourados decorados com flores e pasta de sândalo e repletos de tenros brotos de nove espécies de grãos. Havia também queimadores de incenso, colheres santificadas para as oblações nas chamas sagradas, potes de água dourados, taças e outros artigos essenciais para o rito. O chão foi coberto por uma espessa camada da sagrada grama *kusha*, para que ficasse tão nivelado e macio quanto estabeleciam as Escrituras. Deu-se início, então, às oblações, que eram derramadas no fogo enquanto se recitavam hinos que asseguram felicidade e prosperidade às noivas e aos noivos. Cada rito era executado com

meticulosa precisão e correção. Os fios iniciatórios⁸⁹ foram amarrados nos pulsos dos príncipes e das princesas.

O rito seguinte consistiu na entrega das noivas. Vashishta pediu que Janaka viesse à frente. Vestido com esplendor régio e usando todas as joias reais, o imperador aproximou-se da área cercada onde ardia o fogo sagrado. Instruído pelo sábio, tomou as mãos de Sita e, com os olhos vertendo lágrimas de alegria, colocou-as sobre as palmas estendidas de Rama, nas quais já se pusera um coco, simbolizando prosperidade. Depois que as mãos de Sita ali repousaram, Janaka despejou leite sobre elas, como parte da cerimônia de entrega.

Janaka pronunciou as seguintes palavras: “Rama! Eis aqui Sita, minha filha. De agora em diante ela trilhará o caminho *dhármico* que você percorrer. Aceite-a. Ela traz prosperidade, paz e alegria. Segure a mão dela com a sua. Sita é altamente virtuosa e verdadeira. A partir deste momento ela o seguirá sempre, como a sua sombra”. Assim dizendo, verteu água sobre as mãos de Rama, selando a entrega.

Em seguida aproximou-se de Lakshmana e disse: “Lakshmana! Entrego-lhe esta noiva, Urmila; aceite-a”. Com os mantras prescritos, completou a cerimônia que consistia em entregá-la ao noivo. Dirigiu-se igualmente a Bharata e, proferindo os mantras védicos tradicionalmente usados para o matrimônio, entregou-lhe Mandavi como sua noiva. Igualmente entregou Srutha-kirti a Satrugna, vertendo água santificada e recitando mantras védicos. Depois disso, eruditos bem versados na tradição védica finalizaram os ritos e rituais costumeiros destinados a atrair para os recém-casados a Graça dos deuses.

Então Janaka levantou-se e, no centro da plataforma, anunciou aos noivos: “Queridos! As nossas filhas estão para ser estabelecidas como as senhoras dos seus lares. O momento auspicioso chegou”. Assim que ele disse isso, cada um dos quatro irmãos, com as bênçãos e a aprovação de Vashishta, segurou a sua noiva pela mão. Então deram uma volta, primeiro ao redor do fogo sagrado e depois em torno de Janaka e do preceptor Vashishta; em seguida prostraram-se diante deles.

Enquanto faziam isso, chuvas de flores caíam sobre eles e música festiva elevava-se de uma plêiade de instrumentos. A distinta assistência aclamava o momento e lançava grãos de arroz sobre as suas cabeças, desejando-lhes tudo de melhor na vida. Os seus jubilosos gritos de “Viva, viva!” faziam estremecer o firmamento e enchiam de deleite os ouvidos de todos. Os deuses tocavam música divina nos Céus, o rufar de tambores paradisíacos soava em arrebatado louvor e menestréis celestes cantavam aleluias.

Sobre o tablado, músicos da corte cantavam as tradicionais canções matrimoniais, descrevendo o esplendor da cerimônia e louvando-a como equivalente ao casamento do Senhor Shiva com Gauri (outro Nome da consorte do Senhor Shiva). A rica variedade de *ragas*⁹⁰ e melodias que entoavam enchia a atmosfera de vibrações de alegria. Os quatro irmãos e as noivas, de frente para a multidão reunida, curvaram-se em reconhecimento pelos seus votos e saudações: “Que sejam felizes para sempre!” “Que tudo de auspicioso lhes suceda!”

⁸⁹ Nos casamentos indianos amarram-se lindos fios coloridos nos pulsos dos nubentes para simbolizar a união matrimonial. (N.T)

⁹⁰ *Raga* é um modo melódico da música clássica indiana, embora haja também *ragas* semiclássicos ou folclóricos. (N.T.)

Resplandecentes em sua juventude, heroísmo e beleza, os irmãos foram com as noivas para os compartimentos atrás das cortinas, de onde as mães assistiam à cerimônia, a fim de se prostrarem diante delas e serem abençoados. Em seguida retornaram ao palácio reservado para a família real e sua comitiva. A partir de então, durante três dias o povo assistiu a uma magnífica variedade de cerimônias e festivais repletos de alegria e júbilo. Os habitantes de Ayodhya que haviam ido a Mithila e os próprios moradores da cidade não conseguiam distinguir entre o dia e a noite! A festividade era contínua.

A despedida

No dia seguinte ao casamento, Vishvamitra foi até Dasharatha e lhe disse que a missão que decidira cumprir estava terminada. Chamou os irmãos para perto de si, acariciou-os de maneira muito afetuosa e abençoou-os profusamente. Dirigindo-se a Dasharatha, expressou a sua intenção de seguir para as regiões do Himalaia. Ao ouvir isso, Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna prostraram-se aos pés do sábio. Depois Vishvamitra foi ao palácio de Janaka e lhe disse igualmente que o seu desejo frutificara em vitória! Abençoou Janaka e as noivas – Sita, Urmila, Mandavi e Srutha-kirti – e anunciou que estava indo para os Himalaias. Dasharatha, Janaka e muitas outras pessoas de Ayodhya e de Mithila viam-se diante de um dilema: não podiam deixar o sábio partir e tampouco persuadi-lo a ficar. Por fim, depositaram aos pés de Vishvamitra a sua imensa gratidão e recolheram a poeira dos seus pés quando ele partiu, abençoando a todos.

No terceiro dia, quando Dasharatha expressou o seu desejo de voltar para Ayodhya, Janaka não interpôs nenhum obstáculo e fez todos os preparativos para o seu regresso. Reuniu os cortesãos e as criadas que iriam acompanhar as noivas; providenciou e encheu muitas carruagens com os itens que elas deveriam levar consigo. Deu como presentes grande número de elefantes, carruagens, cavalos e vacas. Ofertou aos genros joias e pedras preciosas em abundância, além de uma imensa variedade de valiosos presentes para serem usados na vida diária. Ao nascer do dia seguinte, as carruagens adornadas estavam prontas para a jornada. As cortesãs estavam em prantos; de fato, para se falar a verdade, todas as mulheres da cidade choravam pela partida das quatro queridas princesas.

Incapazes de aguentar a dor da separação de Sita e Urmila, muitas cuidadoras e criadas sucumbiram ao desgosto. Segurando as mãos dos genros, as mães rogaram-lhes que tratassem as suas filhas com gentileza e afeição. “Elas não sabem o que é adversidade ou tristeza; cresceram delicadas e sensíveis”, imploravam em tom comovente. Choravam como se estivessem perdendo os próprios olhos. Por fim, subiram nas carruagens e se afastaram. A cidade foi tomada por uma profunda tristeza, proporcional à euforia que a dominara nos três dias anteriores!

Janaka teve dificuldades em se despedir de Sita e fez o máximo para conter as lágrimas. Acompanhou o imperador Dasharatha até certa distância, descrevendo-lhe as virtudes de Sita e pedindo-lhe que a tratasse com amorosa ternura. Com lágrimas nos olhos, rogou-lhe que o mantivesse frequentemente informado acerca da sua felicidade e bem-estar. Falou também sobre as outras noivas e expressou a sua grande ansiedade em relação a elas.

Dasharatha reagiu com muita empatia e conversou com ele de forma reconfortante, fazendo o possível para dissipar a agitação da sua mente. “Janaka! Eu e

as minhas esposas não temos filhas; portanto elas são as filhas que por tanto tempo desejamos acarinhar! São tanto filhas quanto noras para nós. Nada lhes faltará; providenciaremos tudo o que for necessário para a sua felicidade e alegria. Não se preocupe nem se lamente. Regresse com total confiança no nosso amor e afeição por elas”.

Dasharatha ordenou que a carruagem parasse. Janaka desceu e foi até as noivas, que estavam sentadas com os noivos. Consolou-as de várias formas para que pudessem aguentar a dor da separação do lar onde haviam sido criadas tão amorosamente. Transmitiu-lhes coragem e citou muitos textos *dhármicos* que prescrevem a lealdade ao esposo e aos seus parentes e amigos. Lembrou-as de como tratar os servos dos lares nos quais estavam ingressando. Aceitou as suas respeitadas reverências, acariciou-as mais uma vez e abençoou-as. Quando virou as costas para regressar a Mithila, caiu em prantos; mesmo assim, subiu na sua carruagem e tomou o caminho de casa. As carruagens corriam, uma em direção a Ayodhya e a outra em direção a Mithila, e em pouco tempo estavam a quilômetros de distância.

Quando Janaka chegou a Mithila, os aposentos do palácio estavam vazios, sem nenhum sinal de vida; faltavam-lhes o brilho da alegria e o som da euforia. Não pôde ficar ali nem por um instante. Mithila era uma cidade triste. O monarca solicitou a presença do sábio Sathananda e dos ministros e, para libertar um pouco a mente da angústia crescente, debateu e decidiu com eles a respeito de vários assuntos relativos à administração. No entanto, em meio às deliberações, havia momentos em que a sua mente vagava novamente pela tristeza e ele dava respostas desconexas aos problemas apresentados.

Um dos ministros disse: “Ó rei! A separação de Sita parece ter causado imenso pesar ao seu coração. Nenhum pai pode escapar a essa separação e a esse sofrimento. Uma vez que a filha tenha sido entregue ao noivo, é dever do pai ir reduzindo gradativamente o seu apego. O senhor não desconhece isso, majestade. Sabemos também que Sita não é uma donzela comum e sim um anjo divino; então separar-se dela deve estar lhe causando uma grande agonia. Ó rei, as suas filhas são divinas e os seus genros também possuem esplendor divino! Parecem ter descido do Céu.

“Todos em Mithila, jovens e idosos, tinham esse sentimento e essa reverência por eles. É realmente uma coincidência maravilhosa que tais noivos tenham se unido em matrimônio com essas noivas, valorosas em todos os aspectos – em atributos físicos, mentais, intelectuais e espirituais; em posição, riqueza, poder, honra familiar, santidade dinástica e fé religiosa. Isso não acontece com todos. As suas filhas, portanto, gozarão de felicidade sem limites. Com o passar dos anos, as suas vidas serão cada vez mais repletas de alegria”.

Os ministros, então, lembraram a grandiosidade das celebrações do casamento e acalmaram a mente agitada de Janaka. Empenharam-se em consolá-lo e em restaurar a sua equanimidade e paz de espírito.

8. UM NOVO DESAFIO À BRAVURA DE RAMA

Enquanto isso, Dasharatha prosseguia em direção a Ayodhya com os filhos e noras, sábios e eruditos, unidades de infantaria, elefantes, cavalaria e carruagens do seu exército e cidadãos do seu império. De repente observaram alguns sinais de mau agouro e pressentiram que algo sério estava para acontecer. Dasharatha abordou Vashishta: “Mestre! Que surpreendente! Nuvens escuras estão ribombando e se tornando cada vez mais espessas. Feras terrestres estão andando pesadamente em círculos ao nosso redor. Elas não deveriam estar se comportando assim, não é? Qual será a razão? O que isso indica? Sinto-me apreensivo diante destes presságios”.

Vashishta pôde ver o significado daqueles maus agouros por meio da sua visão divina. “Ó rei! Estes são sinais de que algum evento terrível se aproxima. As nuvens estão rugindo assustadoramente. No entanto, como as feras estão rodeando as nossas carruagens, podemos inferir que a catástrofe que nos ameaça será evitada; então o senhor não precisa ficar ansioso”. Vashishta incutiu fé e confiança em Dasharatha e puseram-se a aguardar os acontecimentos.

O vento transformou-se subitamente em uma feroz tempestade ciclônica! Diante dos seus olhos, árvores gigantes foram arrancadas pelas raízes e caíram com alarmante estrondo. Até os picos das montanhas tombaram uns sobre os outros. Explosões tonitruantes rasgaram o ar, como se a própria Terra estivesse sendo partida em pedaços. Quem estava em uma carruagem não conseguia ver o veículo atrás ou à sua frente, tão densa era a poeira que subia ao redor! Cavalos e elefantes começaram a correr descontroladamente, tomados de pânico. Alguns soldados da infantaria caíram inconscientes ao chão e outros se quedaram paralisados por estranho temor.

Vashishta, Dasharatha e os quatro filhos foram os únicos em toda a imensa multidão que permaneceram sem medo! Os demais tiveram exauridos o seu vigor e vitalidade. Aliás, por boas razões, pois o solo e o ar se achavam envoltos em trevas. Nisso a escuridão foi intensificada por ofuscantes clarões e uma temível figura de olhos aterrorizantes surgiu diante deles! Encimava-lhe a cabeça uma coroa de cabelos densamente emaranhados. Trazia a um dos ombros um gigantesco machado de dois gumes e ao outro uma aljava de flechas que brilhavam como coriscos. Pareceu-lhes Shiva, com o terceiro olho na testa, a caminho de destruir os poderosos demônios governantes da Tríplice Fortaleza (*Tripura*⁹¹)!

Vashishta reconheceu-o imediatamente como sendo Parashurama⁹², porém ficou imaginando por que estaria tão furioso naquele dia, já que toda a sua ira contra os clãs dos guerreiros (*kshatriyas*) desaparecera há muito tempo, como resultado das campanhas nas quais ele os destruíra. Tentou descobrir o que poderia ter reacendido a chama naquelas brasas já frias.

O sábio dirigiu-se a Parashurama com os tradicionais sinais de boas-vindas, tais como convidá-lo a lavar as mãos e pedir-lhe permissão para lavar os seus pés. Embora tenha aceitado esses gestos de boa-vontade e sincera recepção, Parashurama encarava Rama com olhos flamejantes! Este, no entanto, reagiu com um sorriso

⁹¹ A palavra refere-se a três cidades governadas por demônios quase invencíveis; eram como fortalezas inexpugnáveis, mas foram destruídas pelo Senhor Shiva, que as reduziu a cinzas de uma só vez, com uma única flecha disparada do Seu arco divino. (N. T.)

⁹² O sexto dos dez principais avatares (Encarnações Divinas) do Senhor Vishnu, mencionados nas Escrituras Sagradas hindus, manifestado sob a forma de um homem empunhando um machado. (N. T.)

encantador, um sorriso que só alimentou o fogo da sua ira! Parashurama esbravejou: “Ó filho de Dasharatha! Ouvi os seus feitos serem louvados por mil línguas. Também ouvi relatos de como quebrou o arco de Shiva como se ele fosse um simples brinquedo de criança. Tudo isso, porém, são rumores acerca de algo que não observei diretamente. Vim testar pessoalmente a sua bravura. Trouxe este arco divinamente consagrado, que pertenceu a Jamadagni, meu venerado pai. Mostre-me a sua força encordando-o e pondo nele uma flecha. Ou então lute comigo!” E desafiou Rama com fúria passional.

Rama não se alterou diante daquela demonstração de raiva. Sorriu tranquilamente e respondeu: “Ó Bhargavarama (outro Nome de Parashurama)! Pensei que o sentimento de vingança que o senhor nutria contra os guerreiros (*kshatriyas*) havia terminado há muito tempo. Por que essa recaída? Por que essa queda, esse absurdo?”

Nesse momento Dasharatha fez uma profunda reverência e apelou a Parashurama, em tom lamuriante: “*Bhagavan*⁹³! O senhor é um brâmane. Conquistou grande notoriedade. Os meus filhos são frágeis adolescentes. Por que acalentar esse ódio vingativo contra eles sem nenhum motivo? Isso não condiz com a elevada posição da sua linhagem. Os seus antepassados estudaram os Vedas ininterruptamente e realizaram ritos e cerimônias com diligente cuidado. Naquele dia, ao iniciar um ritual de penitência, o senhor mesmo declarou que a partir de então não mais empunharia nenhuma arma; disse ainda que os seus desejos haviam sido cumpridos. E o fez diante de ninguém menos que o deus Indra, doando a Kashyapa todos os territórios que conquistara e resolvido a passar o resto dos seus dias na prática de atos virtuosos e na aquisição da equanimidade.

“O senhor esteve todo esse tempo empenhado em austeridades na montanha Mahendra! Agora, contrariamente às intenções que declarou, tem a mente determinada a destruir a minha dinastia e a minha família. Não é um terrível pecado agir contra a palavra dada? Ante essa quebra de promessa, de que vale a austeridade? Não há deus maior que a Verdade, não é?”

“O senhor desafia apenas Rama e diz que lutará somente com ele! Se algum dano ocorrer ao meu filho, toda a minha família mergulhará em terrível calamidade. As nossas vidas acabarão no momento em que o perigo o atingir. Um brâmane como o senhor não deveria se tornar responsável pela destruição de tantas vidas! Isso não constitui apenas um sacrilégio contra a sua condição de brâmane; é um abominável pecado”.

Parashurama não deu ouvidos às palavras de Dasharatha. Olhava somente para Rama. “Tanto o arco que você partiu como este aqui vieram do Céu. Ambos foram fabricados por Vishvakarma, o divino artífice. Um foi oferecido a Shiva para ser usado contra os demônios da Tríplice Fortaleza; o outro, confiado a Vishnu. Quando os demônios foram destruídos, Shiva enviou o arco ao imperador Devaratha com as flechas usadas na batalha. Talvez o arco tenha se tornado frágil e fraco, já que o propósito para o qual foi oferecido já tinha sido cumprido. Não é prova de força e heroísmo quebrar tal arco. Este que trago comigo ainda tem tarefas a realizar; por isso conserva o seu vigor e vitalidade.

“Este arco está plenamente carregado de eficácia e poder. Tome-o, encordoe-o e quebre-o, como fez com o outro. Esta é a maneira de provar a sua força e heroísmo.

⁹³ Palavra que significa “Deus”, “o Senhor”. (N. T.)

Não se gabe por haver partido o arco de Shiva! Quebre este arco e escreva o seu nome nos anais da bravura.

“Você pode duvidar das minhas palavras quando digo que este é o arco de Vishnu”, continuou. “O próprio Vishnu deixou-o sob a custódia do grande sábio Hrishika, que o passou ao seu filho Jamadagni – o meu pai. Ele possuía extraordinário mérito, adquirido mediante a prática de austeridades; era tão puro de coração que não havia nele nenhum traço de ódio nem de vingança.

“O meu pai renunciara ao uso de armas; ainda assim, o ímpio Karthaviryarjuna o matou. Foi um crime de crueldade sem precedentes, ninguém havia matado outra pessoa com tamanha atrocidade. Decidi que não devia ter misericórdia, que devia lhe ensinar uma lição. Fiz votos de que destruiria não apenas aquele monstro, mas todos os reis injustos. A partir daquele dia eu os venho cortando em pedaços e jogando bola com as suas cabeças.

“Este arco esteve comigo em todas essas campanhas. Matei muitos monarcas perversos. Dominei o mundo inteiro. Com isso, a minha raiva daqueles que haviam assassinado o meu pai abrandou-se um pouco. Abandonei a vingança e iniciei um sacrifício védico. Convidei Kashyapa para o ritual (*yajna*), pois ele era um grande santo, inteiramente empenhado em atividades meritórias. Doei-lhe a Terra, que eu conquistara, a título de taxas rituais (*dakshina*) por supervisionar o *yajna*. Desde então tenho passado os dias na montanha Mahendra, com a mente imersa em paz e o intelecto brilhando em esplendor espiritual.

“O seu pai me indagou por que empunhei novamente esta arma e assumi esta postura desafiadora, apesar de haver renunciado ao caminho da vingança e do ódio. Responderei agora, Rama! Dois arcos foram criados no Céu e desceram à Terra. Você partiu o arco de Shiva. Somente este permanece aqui, intacto. Se ele também for quebrado (não serve a nenhum propósito estando comigo, já que o seu trabalho chegou ao fim), então a minha renúncia terá sido completa. Assim, quero que você o quebre e fique com ele. Aguardo essa consumação. O momento chegou. Estou decidido a usá-lo em vez de deixá-lo passar ou permitir que seja malbaratado.

“Talvez vocês possam questionar se lutar seria a melhor forma de usar esse tempo. Deve-se, porém, examinar o significado da luta. Ela pode ser para o progresso e o bem-estar do mundo; pode promover a supressão dos injustos e o encorajamento dos bons. Não se pode considerar a guerra como indesejável julgando-a a partir de um ponto de vista superficial.

“Analisem o propósito. Quando se precisa afiar uma faca, deve-se passá-la sobre uma pedra de amolar. Ninguém pode condenar esse processo por ser prejudicial à faca. Para que o corpo extraia força do alimento, este deve ser posto entre fileiras de dentes duros e moído sem misericórdia até se tornar uma pasta. Ninguém pode condenar esse processo como uma violência exercida contra a comida. Para se prover alimento puro (*sátvico*⁹⁴) ao corpo individual ou ao corpo político, pode vir a ser necessário recorrer à batalha, ao conflito e à aparente imposição de dor.

“Bem, estamos no meio da estrada, na metade de uma jornada. Não é apropriado ficarmos aqui falando. Passemos à ação. Devemos começar imediatamente. Vamos! Encordoe este arco e quebre-o ou trave um duelo comigo!” Esta foi a intimação de Parashurama.

⁹⁴ Relativo a *satvas*, ou seja, à qualidade (*guna*) da pureza, do equilíbrio, da serenidade, da bondade, do altruísmo. (N. T.)

Lakshmana ferveu de raiva ao escutar o desafio de Parashurama. Estava prestes a intervir com uma resposta inflamada quando Rama o aquietou. “Este assunto não lhe diz respeito. Sou eu quem devo responder às perguntas que me fazem. É contra a boa educação você se interpor entre nós. Deixe-me lidar com a situação”.

O seu conselho afetuoso e gentil fez com que Lakshmana desistisse, mas quando Parashurama começou a rir de Rama e a ridicularizá-lo por não aceitar o seu desafio, ele não pôde controlar o seu ressentimento e gritou: “Ó Bhargava (descendente da linhagem do sábio Bhrigu)! Essa não é uma tarefa digna daquele que partiu o arco de Shiva! Para quebrar esse pequeno arco, por que desafiar Rama? Essa é a arma de um brâmane! É uma simples folha de grama *kusha*. Posso parti-lo eu mesmo em um instante, sem nenhum esforço, até brincando com ele. Por que solicitar a Rama a execução de tarefa tão insignificante? Não preciso transferir essa missão”.

As palavras de Lakshmana inflamaram Parashurama ainda mais. Rama, no entanto, recebia tudo aquilo com calma e tranquilidade; sorriu para Lakshmana e apaziguou-o com a sua fala suave. Quanto mais enraivecido Parashurama ficava, mais calma e contida era a reação de Rama.

Logo Parashurama perdeu o controle. Deu rédeas soltas à sua língua e pôs-se a vociferar insultos, o que causou certa consternação ao coração de Dasharatha. As donzelas e serviçais esconderam-se daquele furioso ataque. As quatro divisões do exército tremiam de medo; os *pandits* ficaram aterrorizados. Sita, no entanto, não estava nem um pouco agitada e observava divertidamente a cena, sem se deixar afetar pela mínima apreensão. Infundiu coragem e confiança nos corações de Urmila, Mandavi e Srutha-kirti, dizendo-lhes que Parashurama era um coite manco diante do leão que era Rama.

Ao verem Rama repreender Lakshmana, Bharata e Satrugna não tiveram ânimo para intervir. Caso contrário, teriam também se juntado ao confronto e pedido a permissão do irmão para lutar ou aceitar o desafio. Mantiveram-se a certa distância, esperando as ordens de Rama. Vashishta, que podia conhecer o passado e o futuro, compreendeu que aquele incidente era somente uma cena do Drama Divino e permaneceu em silêncio, sem se abalar.

Com profunda calma, Ramachandra falou: “Parashurama! O senhor é um brâmane. Em razão da sua casta, é objeto de adoração para um guerreiro (*kshatriya*). É parente do reverenciado Vishvamitra. Não acho apropriado matar um brâmane de tão alta casta ou apontar esta arma sagrada na sua direção. O senhor mesmo acabou de declarar que esse arco pertence ao reino dos deuses e que até agora destruiu todos os inimigos, cidades e fortalezas contra os quais foi usado. Disse ainda que ele tem o poder de sobrepujar e derrotar a força e o orgulho de quem quer que enfrente. Não seria puro desperdício torná-lo imprestável? Escolha, então, uma destas duas alternativas e me diga: devo usar o arco para impedi-lo de andar com os próprios pés? Ou de alcançar os mundos superiores que conquistou mediante a prática de austeridades?”

Essas palavras enfureceram Parashurama ainda mais; com os olhos vermelhos de raiva, precipitou-se em direção a Rama, bradando: “Que conversa fiada é essa?”

Rama, com uma risada zombeteira, apoderou-se do arco de Vishnu, que pendia do ombro de Parashurama, o que feriu o seu orgulho. Mas vejam! Tão logo a arma chegou às mãos de Rama, Parashurama ficou debilitado; perdeu toda a energia e vitalidade. Rama brilhava com tal esplendor que ninguém conseguia suportar aquela intensa

claridade. Lá estava ele, como se incontáveis lâmpadas tivessem sido acesas em um único ponto, irradiando por toda parte uma luz ofuscante. Quando o genuíno senhor daquele arco – o próprio Narayana – o segurou, a arma também teve acrescido o seu fulgor; uma aura triunfal circundou-a e dela emanou um raio. Os deuses reuniram-se no céu e derramaram flores sobre Rama portando o arco. O som de música auspiciosa encheu a atmosfera.

Nesse momento, Parashurama, que era todo sorrisos, falou: “Rama! Você notou o que aconteceu! Eu vivenciei o deleite da divina manifestação, do seu divino esplendor. Em tempos passados, doei esta região da Terra a Kashyapa. Recebendo-a, o sábio declarou que eu não deveria entrar nos seus domínios novamente e, se acaso o fizesse, não deveria passar uma noite aqui. Lançou sobre mim uma maldição nesses termos. Bem, já está escurecendo; não posso mais permanecer neste lugar. Tenho que me apressar rumo à montanha Mahendra. Mediante a prática de incomparáveis austeridades, alcancei elevadas regiões celestiais. Quebre o arco e, com ele, todo o poder que adquiri. Ele é todo seu. Ó Rama, veja só! Estou lhe oferecendo o poder que conquistei”.

Assim dizendo, foi até Rama e abraçou-o fortemente. Naquele momento, as três facetas da Divindade que há tanto tempo subsistiam nele emergiram e se fundiram em Rama. Parashurama disse, então: “Rama! O mundo não é capaz de compreender facilmente o mistério do Divino; até mesmo aqueles que, como eu, adquiriram grande poder por meio da negação, do desapego e de práticas ascéticas confiam mais nas próprias realizações espirituais, ignorando a influência da divina estratégia de Vishnu.

“Começarei, portanto, a dar a conhecer ao mundo a sua realidade e o seu genuíno poder. Eu lhe dei os meus poderes em oferenda e também provei, mais uma vez, que você é o poderoso Vishnu, o Deus possuidor de poder sem igual, o Deus que dirige o Drama do Universo. Nada há que não contenha você, nada existe que não seja você. Você é tudo. Tudo é seu. Tive a boa sorte de empunhar o seu divino arco por algum tempo e, como consequência, ganhei certa reverência do mundo. Esse é o mérito que eu conquistei. Essa é a minha oferenda”. Dizendo isso, Parashurama desapareceu.

Rama, com um sorriso imperturbável no rosto, deu o arco e as flechas ao deus Varuna e prostrou-se diante de Vashishta e Dasharatha, que estavam ao seu lado.

Finalmente em casa

Dasharatha ficara o tempo todo tremendo de medo, apreensivo pelo que poderia acontecer ao seu filho com aquela aparição e pela calamidade que poderia recair sobre ele. Agora, livre da ansiedade, trouxe-o para junto de si e acariciou-o afetuosamente. Levantou o rosto de Rama, segurando-o pelo queixo e, achando um tanto difícil expressar os seus sentimentos em palavras, disse: “Querido filho! Sou de fato um homem afortunado. Temia não poder vê-lo novamente. A sua coragem resoluta e o seu heroísmo estão além da imaginação”. Teceu muitos elogios a Rama e apreciou as suas façanhas de diversas maneiras.

Rama respondeu: “O *dharma* tem que vencer. A Vitória é a companheira inevitável da Retidão. Nos estágios preliminares da luta, podem surgir um certo temor e alguns obstáculos que parecerão terríveis. Isso pode causar até mesmo enfraquecimento do espírito e despertar suspeitas de derrota e fracasso. Mas, em vez de se curvar ou se dobrar diante dos desafios, o indivíduo deve fixar a atenção na própria meta. Assim nunca poderá falhar nem ser afetado pelo fracasso. Os homens não perscrutam em

profundidade a verdade do poder do *dharma*. São levados por deficiências e preocupações superficiais; por isso abandonam o caminho e sofrem. O que aconteceu é para o bem. Atribuo isso às suas bênçãos.”

Prostrou-se novamente aos pés do pai, dizendo: “As forças armadas aguardam as suas ordens para retomar a marcha e seguir para Ayodhya. Tenha a bondade de lhes transmitir os seus comandos”. Dasharatha respondeu com satisfação: “Filho! Por que nos atrasarmos mais? Uma após a outra, a tristeza e a alegria nos afligem, causando sofrimento ao indivíduo e ao seu corpo. Podemos ir para a capital e procurar viver felizes lá da melhor maneira possível.” Chamou os ministros e solicitou-lhes que dessem ordens às tropas para marchar. Os soldados aplaudiram alegremente e se puseram em movimento. O interlúdio de medo terminara. Dasharatha passou o resto da viagem descrevendo os surpreendentes acontecimentos daquele dia e deleitando-se com a descrição.

Ao se aproximarem da cidade, o imperador enviou alguns regimentos na frente para informar os cidadãos da chegada do grupo com os filhos e as noras. A memória da grandeza e da glória do que haviam experimentado em Mithila e também no caminho de volta para casa deu velocidade aos que estavam na dianteira; eles voaram em direção a Ayodhya como as flechas de um arqueiro. Lá anunciaram que Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna estavam entrando na cidade com as noivas e que Dasharatha os tinha mandado na frente para comunicar as boas notícias.

Ao longo de todo o caminho, posicionaram-se músicos com os seus instrumentos e distribuíram-se fogos de artifício, de modo a formar uma corrente contínua de cores e sons vibrantes. As pessoas aguardavam o grupo da corte com o mais profundo sentimento de alegria, contando os minutos enquanto perscrutavam a distância no intuito de captar o primeiro vislumbre da sua chegada. Mulheres cobertas com véus lotavam as janelas e terraços das mansões e espiavam por detrás de cortinas amarradas.

Os cidadãos de Ayodhya decoraram e embelezaram ruas e casas em uma variedade de atraentes estilos. Em ambos os lados da estrada aspergiu-se água de rosas e amarraram-se bananeiras a postes dos quais pendiam cachos de cocos. A cidade inteira fez-se charmosa e atraente.

O imperador Dasharatha entrou na capital de Ayodhya com os filhos e as noivas. Assim que foram avistados, a atmosfera ficou repleta de música. Os cidadãos aplaudiam entusiasticamente, gritando “Viva, viva!” até ficarem roucos. Mulheres balançavam lamparinas, atiravam flores e borrifavam água de rosas à sua passagem. Os jovens eram como estrelas brilhantes. Diante daquela cena enobrecedora, muitos esqueceram onde estavam ou quem eram. A sua alegria não tinha limites. Por mais que olhassem, não conseguiam saciar a sua sede; então caminharam longas distâncias atrás da comitiva para que pudessem manter os olhos fixos neles! Finalmente o grupo cobriu todo o percurso e chegou aos portões do palácio. Ali havia brâmanes posicionados para recitar hinos védicos que invocassem boa sorte e prosperidade para os recém-casados. Criadas balançavam lamparinas e realizavam rituais para afastar o mau-olhado; depois rogaram às noras que entrassem, colocando primeiro o pé direito no recinto.

Na entrada do *zenana*⁹⁵, as rainhas Kausalya, Sumitra e Kaikeyi aguardavam a sua aproximação com ávido entusiasmo. Ali aspergiram perfume de sândalo, colocaram-lhes flores nos cabelos e pontos vermelhos nas testas. Quando os filhos chegaram, as rainhas foram inundadas de alegria. Chamaram-nos para perto delas e os acariciaram, dando-lhes tapinhas nas cabeças e nos queixos, e os abençoaram abundantemente. Em seguida os quatro filhos e as noras prostraram-se diante das três mães, cujos olhos vertiam lágrimas de contentamento, pois a sua felicidade não tinha limites. Enquanto isso, as criadas haviam trazido pratos de ouro com arroz cozido em leite. As mães colocaram a comida na boca dos recém-casados e os persuadiram a comer. Deram-lhes leite para beber e então os conduziram até os aposentos internos.

À noite as senhoras de Ayodhya foram convidadas ao palácio para participar da auspiciosa cerimônia de boas-vindas aos recém-casados. Um palco impressionantemente belo havia sido preparado e assentos dourados colocados nele. As rainhas trouxeram custosas roupas e joias artisticamente incrustadas com pedras preciosas. Haviam contratado talentosas damas de companhia para ajudar as noras a colocá-las e elas próprias supervisionaram o uso dos trajés e das joias. Em seguida tomaram as princesas pelas mãos e as levaram até os seus lugares.

A essa altura, Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna, trajando vestes principescas e usando valiosas joias e coroas, já haviam chegado e ocupado os respectivos assentos. Cada um sentou-se à direita da sua noiva. As mães e as senhoras da cidade que haviam sido convidadas regalavam os olhos com o esplendor da cena, tomadas de imensurável bem-aventurança. Enquanto transcorria o cerimonial, distribuíam-se presentes em profusão fora do palácio. Vacas, dinheiro, ouro, terra, cereais, veículos e cavalos eram doados em abundância.

Brâmanes foram até a frente do palco e lançaram auspiciosos grãos de arroz sobre as cabeças dos recém-casados, ao acompanhamento da recitação de hinos védicos. Mulheres casadas balançaram 108 lamparinas diante deles para afastar o mau-olhado. Em seguida os filhos se levantaram com as esposas, prostraram-se diante das mães, do pai e do *guru* Vashishta e então se retiraram para os seus aposentos.

⁹⁵ Os aposentos internos de uma casa ou palácio reservados para as mulheres que ali residem. (N. T.)

9. PREPARATIVOS PARA A COROAÇÃO DE RAMA

Nesse interim, o príncipe de Kekaya, tio materno de Bharata, aproximou-se de Dasharatha e disse que um longo tempo transcorrera desde que chegara do seu reino. “O meu pai está esperando a minha volta. Ele teria ficado muito feliz se estivesse presente a essas festividades. Não sabe que Bharata se casou e ficará bastante desapontado ao saber que o casamento do neto foi celebrado na sua ausência. Esse desapontamento poderá ser atenuado, até certo ponto, se Bharata for junto comigo agora, de modo que possam ser organizadas algumas festividades para a sua satisfação e agrado”.

Dasharatha consultou as rainhas e chamou o príncipe à sua presença. “Filho! O seu tio materno, Yudhajit, foi em pessoa a Mithila para levá-lo com ele. Quando me pressionou a fazê-lo, não concordei, mas soube que o seu avô está muito ansioso por vê-lo; portanto prepare-se para acompanhá-lo”, ordenou o imperador. Bharata respondeu: “Pai! Seria muito bom se Satrugna viesse comigo”. Então Satrugna igualmente recebeu ordens para se preparar para partir.

Movido pelo seu respeito para com os mais velhos, Bharata fez os preparativos para deixar Ayodhya junto com a esposa. Não levantou nenhuma objeção nem apresentou argumentos contrários. Dotado do mais elevado intelecto, era também senhor de si mesmo e dos próprios sentidos e desejos. Ele e Satrugna, com as esposas, viajaram muito felizes e chegaram à cidade de Girivraja. O avô estava ansioso por vê-lo e acariciá-lo. Sentou-se perto deles e indagou sobre a saúde e a felicidade do povo de Ayodhya. Afirmou que pareciam esgotados pelas longas horas de viagem e insistiu em que descansassem. Conduziu-os às habitações reservadas para eles e, a partir daquele momento, passou a tratá-los com mais carinho do que aos próprios filhos e a prestar muita atenção às suas mínimas necessidades.

Embora o avô zelasse pelo seu conforto e satisfação, os irmãos pareciam sofrer de algum descontentamento secreto, pois não conseguiam suportar a separação do pai idoso e de Rama, que era o próprio alento da sua existência. Conversavam constantemente apenas a respeito de Dasharatha e de Rama; de vez em quando, contra a sua vontade, a ansiedade em relação à saúde e ao bem-estar do pai os atormentava, privando-os de paz de espírito.

Eram esses os sentimentos dos irmãos em Girivraja; enquanto isso, em Ayodhya, nem um único momento se passava sem que Dasharatha se consumisse por eles. Sentia um vazio com a sua ausência e muitas vezes se perguntava: “Por que os deixei ir? Oh, teria sido melhor se não tivesse concordado em enviá-los”. Os quatro filhos eram como quatro braços para Dasharatha; agora ele havia sido privado de dois. Certo dia, Rama viu o pai imerso em pensamentos devido à sua separação de Bharata e Satrugna. Aproximou-se, sentou-se perto dele e lhe dirigiu palavras doces e suaves, deixando-o feliz.

As qualidades de Rama

Rama era extremamente gentil. Por mais duramente que alguém se expressasse, respondia de forma delicada e cortês. Embora outros pudessem prejudicá-lo, jamais se lembrava disso contra eles. Buscava apenas ser bom e útil para tais pessoas. Sempre que encontrava tempo, debatia códigos de boa conduta e regras de moralidade com vetustos monges, reverenciados brâmanes e doutos eruditos. Em linguagem simples,

analisava os mistérios do pensamento vedântico⁹⁶ e, como um inquiridor comum, apresentava aos *pandits* questões para serem elucidadas. Os sábios e estudiosos que haviam dominado a ciência de Vedanta e a investigação filosófica exultavam diante das elaboradas abordagens feitas por Rama dos intrincados pontos que ele próprio levantava e louvavam de mil maneiras diferentes a sua inteligência e erudição.

Rama falava com os súditos antes mesmo que estes falassem com ele, tão ardentemente os amava. Indagava afetosamente sobre o seu bem-estar e estava sempre repleto de solidariedade para com eles. Consequentemente os súditos também o amavam como o seu mais leal amigo e mais querido parente e o reverenciavam pelo seu afetuoso interesse por eles. Rama seguia estritamente as várias regras do viver ditadas pela tradição, independentemente de inconveniência ou desconforto. Para todos a quem se dirigia tinha um sorriso encantador no rosto, um brilho de alegria nos olhos e uma doçura permanente no falar. Ninguém observava no seu semblante o menor vestígio de raiva, aversão, desespero ou ódio.

Rama era a personificação da compaixão e da solidariedade. Estava sempre ávido para resgatar aqueles que submetiam os seus desejos à sua vontade. Hábitos indesejáveis dos quais a realeza era presa fácil jamais se atreviam a aproximar-se dele. Não era vítima de costumes nocivos como a tagarelice e a frivolidade. Apesar disso, se alguém exibisse inteligência em argumentação diante dele, Rama nunca deixava de frustrá-lo por meio de contra-argumentos mais inteligentes e colocá-lo no seu devido lugar.

Jamais conheceu doença no corpo nem ansiedade na mente. Identificava as necessidades do povo e, mesmo antes que estas lhe fossem apresentadas, considerava a resposta que se poderia adotar e reparava a pendência, após obter a permissão de Dasharatha e fazer com que os ministros se interessassem pela solução. Por outro lado, o imperador nunca obstruía os seus desejos; ele os punha em execução no momento em que tomava conhecimento deles. Rama prestava atenção até aos mínimos pormenores da administração e tomava as precauções adequadas para garantir que não aflorassem problemas e complicações que tivessem sido devidamente solucionados e corrigidos.

Outra qualidade evidente em Rama era a de nunca revelar antecipadamente o que resolvera em sua mente. Ninguém podia decifrar a sua vontade nem o seu desejo até que este tomasse forma definitiva. E jamais eram fúteis a sua raiva, ressentimento ou satisfação. Ele não se retardava nem se deixava desviar ou enganar. Com tão extraordinárias características, Rama brilhava em glória. Dasharatha ficava encantado ao observar a maneira pela qual o príncipe conquistava o amor e a lealdade do seu povo. Emocionava-se ao ouvir ministros, sacerdotes e outras pessoas falarem sobre a sua crescente popularidade.

Dasharatha decide renunciar ao trono

Certa noite, o imperador teve sede e quis beber um pouco d'água. Como não gostava de acordar as rainhas adormecidas, ele mesmo verteu em um pequeno copo a água de um jarro próximo à cama. Enquanto bebia, observou que a sua mão não estava firme e que os seus dedos tremiam! Depois disso não conseguiu mais dormir; a sua mente mergulhou em uma infinidade de pensamentos. Finalmente inferiu que a

⁹⁶ Relativo a Vedanta, filosofia cujos princípios básicos constituem a última parte das Escrituras Sagradas conhecidas como Vedas. (N. T.)

velhice lhe trouxera debilidade e decidiu que não deveria mais administrar o império. Qualquer tentativa de governar o povo sem força no físico e na vontade só poderia significar confusão e calamidade. Contou os minutos para que, assim que o dia raiasse, pudesse comunicar a sua decisão aos seus ministros. Por fim a noite se dissipou e deu lugar à luz.

Após o término das suas abluções matinais e rituais de adoração diária, Dasharatha ordenou que os camareiros chamassem os ministros, os líderes do povo e os sacerdotes para uma reunião especial no palácio. Em cumprimento à ordem do imperador, todos os que ele convocara reuniram-se bem cedo e o aguardaram. O soberano prostrou-se aos pés de Vashishta e informou-o dos acontecimentos da noite anterior, assim como a torrente de pensamentos que haviam suscitado nele. Declarou que resolvera colocar o ônus da administração imperial sobre Rama e rogou que não se levantasse nenhuma objeção à sua proposta. Queria ainda que se tomassem logo todas as providências para a realização do seu desejo.

O primeiro ministro Sumantra anunciou a decisão à assembleia. Os ministros, cortesãos, cidadãos, sacerdotes e eruditos ali reunidos aplaudiram as notícias com jubilosa aprovação, exclamando animadamente: “Oh, quão auspicioso! Quão afortunados somos nós!” Os seus aplausos subiram aos Céus.

Vashishta ergueu-se do seu assento: “Imperador! O senhor não precisa se preocupar nem um pouco a esse respeito. Rama está, sob todos os aspectos, apto a exercer esse grande papel, mas podemos muito bem nos dar o luxo de esperar um pouco e celebrar o evento em grande escala, convidando todos aqueles que gostaríamos que estivessem presentes. Sugiro que aguardemos um mês ou dois, de modo que a coroação de Rama seja comemorada tão magnificamente quanto o desejaríamos”.

Dasharatha, no entanto, exclamou: “*Mahatma* (“Grande Alma”)! Nada está além do seu conhecimento. O senhor é onisciente. Quando um rei perde a força física, não merece mais segurar as rédeas da alta administração. É um mau sinal quando um soberano a quem a idade debilitou entretém a ganância de continuar no trono. Isso indica avareza no coração. Sabendo de tudo isso, se eu me opuser, terei falhado no que entendo claramente como dever. Perdoe-me, não tente adiar essa cerimônia. Conceda-me permissão para nomear Rama príncipe herdeiro do trono (*yuvaraja*) nos próximos dois ou três dias.” Assim implorou, com grande humildade e profunda reverência.

Vashishta ergueu Dasharatha e lhe concedeu as suas bênçãos. Ponderou, então: “Ó rei! O casamento de Rama também aconteceu no impulso do momento! Desceu do Céu como uma Graça. Mas o povo do reino, os seus súditos, não tiveram a oportunidade de compartilhar da felicidade daquela significativa ocasião. Se a coroação também for decidida e celebrada repentinamente, isso magoaria não apenas os governantes de muitas partes desta terra; pior ainda, constituiria fonte de grande tristeza para os irmãos Bharata e Satrugna. E Janaka, que se tornou seu parente e amigo, poderia não ser capaz de participar! Sugiro, portanto, que o senhor reflita sobre essas considerações antes de estabelecer a data”.

O primeiro ministro levantou-se e disse: “Possa o venerável preceptor da família me perdoar! A decisão do imperador tem o apreço e a aprovação de todos. Como o seu nome indica, Ramachandra é como a Lua, que repele o calor ardente e restaura a todos o frescor e o conforto. Ele remove a dor causada pelo ódio e pela malícia, pela

cobiça e pela inveja. Não deve haver demora, por qualquer motivo, para coroá-lo herdeiro do trono (*yuvaraja*). Por favor, emita as ordens necessárias, ó imperador! Eu lhe suplico, em nome de toda a população deste império”.

Vashishta não pôde mais manter a sua posição. Afirmou que seria necessário saber o que o próprio povo pensava a respeito. Diante disso, Dasharatha ergueu-se e relanceou os olhos sobre os ministros, cidadãos proeminentes, *pandits*, sacerdotes e demais participantes da vasta assembleia. Todos aclamavam a alvissareira proposta com voz tonitruante.

Em meio àquele entusiasmo, um cidadão pertencente a um grupo assaz importante ergueu-se e exclamou: “*Maharaja!* Os poderosos imperadores da sua linhagem cuidaram de nós, os súditos deste império, como se fossemos seus próprios filhos. Este reino de Kosala alcançou prosperidade e paz devido ao zelo e ao carinho dos Ikshvaku. Rama, o seu filho mais velho, é rico em virtude, extremamente devotado aos caminhos da Retidão e tão heroico quanto o chefe dos deuses. E, acima de tudo, possui habilidade para reinar sobre os três mundos. É, na verdade, nossa boa sorte que o senhor acalente a ideia de coroá-lo herdeiro do trono. É indubitavelmente a nossa sorte”.

Após o cidadão ter se pronunciado em nome de todos os súditos do reino, Dasharatha dirigiu-se aos participantes da reunião: “Membros desta assembleia! Durante todos estes anos tenho governado este império ao longo do caminho estabelecido pelos meus ancestrais e protegido o seu bem-estar e prosperidade com o melhor das minhas habilidades e com o sincero desejo de promover o bem do mundo inteiro. Passei todos os anos da minha vida sob a sombra deste guarda-sol branco⁹⁷ que está sobre o meu trono. Agora sou um velho. Percebi que o meu vigor e vitalidade física declinaram. Este corpo debilitado deve ter um pouco de descanso. Eu decidi isso.

“Não é tarefa fácil nem missão insignificante governar um reino, pois exige dedicação de si mesmo ao *dharma* (Retidão). O *dharma* só pode ser mantido intacto na administração de um governo por alguém empenhado em constante prática espiritual (*sadhana*) e dotado de rigoroso controle dos sentidos. Suportei esse fardo por tanto tempo que estou esgotado pelo esforço. Se todos aprovarem e apreciarem o meu projeto, eu lhes contarei tudo a respeito dele. Nunca agirei contra as suas aspirações e preferências.

“Não há nenhuma pressão sobre os senhores. Não tenham medo de que eu esteja lhes impondo os meus desejos ou que esta seja uma ordem régia à qual devam forçosamente obedecer. Deixo-os à sua livre vontade e julgamento. Caso lhes ocorra outro acordo que lhes pareça mais benéfico, têm a inteira liberdade de apresentá-lo a nós para honesta consideração. Sendo assim, conferenciem e, até o anoitecer, informem-me o que decidiram”.

Mesmo antes que Dasharatha concluísse a sua fala, a assembleia ficou inquieta e agitada, como um bando de pavões sob um céu nublado que promete chuvas e trovoadas! Gritaram em voz alta o seu consentimento, a sua gratidão e o seu júbilo em termos inequívocos: “O senhor deseja exatamente o mesmo que nós. Conceda-nos essa dádiva, não queremos nenhuma outra. Ah, esta é realmente uma imensa boa sorte! Glória ao príncipe herdeiro Ramachandra! Glória a Dasharatha e a Rama! (*Yuvaraja Ramachandrajiki Jai Jai Dasharatha Rama!*)”. Os seus aplausos rasgaram o firmamento.

⁹⁷ Símbolo tradicional de realeza e proteção na Índia e em outros países da Ásia. (N. T.)

Dividido entre a alegria e a apreensão, o imperador ficou petrificado ante aquela explosão espontânea de lealdade e afeição. Recuperando a compostura depois de algum tempo, fixou o olhar nos participantes da reunião e proferiu as seguintes palavras: “Membros desta assembleia! Nenhuma tarefa é mais importante para mim do que anuir aos seus desejos. Então, sem falta, coroarei Rama príncipe herdeiro do trono. Tenho, porém, uma pequena inquietação. Quero expressá-la e receber dos senhores alívio no tocante a esse ponto. Gostaria que me expusessem a sua justa avaliação e me proporcionassem a satisfação pela qual anseio.

“Para dizer a verdade, quando eu estava prestes a lhes apresentar a proposta de coroar Rama herdeiro do trono, antes mesmo que dissesse algo nesse sentido, os senhores proclamaram que eu deveria coroa-lo sem falta, pois ele possuía capacidades ilimitadas para governar este reino de forma hábil e eficiente. Se encararmos esse fato, é óbvio que estão um pouco insatisfeitos com o meu reinado ou que algumas das minhas leis são contrárias aos seus interesses ou disposições. Ou será que manifestei alguma inclinação oposta ao *dharma*? Os senhores anseiam pela coroação de Rama por duvidarem da minha capacidade de governá-los para o seu bem? Convido-os a apontar, plenamente e sem medo, as minhas falhas ou os erros que cometi. Receberei bem essa franca exposição”.

Diante disso, um dos líderes do povo levantou-se e respondeu: “A capacidade e a inteligência de Rama estão além de qualquer descrição. E o senhor, ó rei, iguala-se ao Deus dos Deuses. O senhor é como Shankara (um dos Nomes de Shiva), com a mesma compaixão e presteza divinas para conceder o que lhe for pedido em favor dos seus súditos. O senhor é Vishnu na sua capacidade de nos proteger. Seríamos terrivelmente vis e perversos se alguma vez lançássemos calúnias contra o seu reinado. Aqueles que o fizerem serão abomináveis pecadores. O senhor chegou a essa determinação por estar ansioso para nos fazer o bem e nos deixar felizes. Obedecemos inquestionavelmente ao seu comando”.

Entusiasmado com a antecipação do evento, Dasharatha dirigiu-se ao sumo sacerdote: “Ó maior dentre os brâmanes, o senhor ouviu a expressão da vontade do povo. Não se demore mais, providencie todo o material e os requisitos ritualísticos necessários para a cerimônia da coroação. Que sejam erguidos os recintos e as plataformas prescritos pelas Escrituras para os rituais acessórios, os locais de sacrifício e outras estruturas sagradas”.

Prostrou-se aos pés de Vashishta, o preceptor da família, solicitando-lhe que supervisionasse o processo. “Mestre! Todos aqueles que conseguirem vir estarão presentes. Não nos atrasemos aguardando os que têm que vir de longe. Eles poderão desfrutar da mesma alegria quando ouvirem a notícia de que Rama foi coroado. Não sugira, como motivo de adiamento, a necessidade de convidarmos o governante de Kekaya ou Janaka e esperarmos a sua chegada. Conceda-nos permissão para que o ritual sagrado da coroação seja executado com a maior brevidade possível”, suplicou e roçou, com as palmas unidas.

O sábio respondeu: “*Maharaja!* Tenho tudo pronto. Poderemos começar assim que o senhor quiser. Já dei instruções para que os cem vasos sagrados, a pele do tigre, o recinto sacrificial coberto e os seus acessórios, o material estabelecido pelas Escrituras para os rituais de culto, as ervas e as flores – tudo esteja disponível ao nascer do dia de amanhã.

“E não é só isso. Ordenei que as quatro alas das forças armadas estivessem em boa forma e que Satrunjaya, o elefante possuidor de todas as marcas auspiciosas prescritas pelas Escrituras (Shastras), fosse adornado da maneira mais magnificente possível. O guarda-sol branco do esplendor e a bandeira real da dinastia imperial estarão prontos no palácio. O momento auspicioso também já foi selecionado. Será amanhã.” Quando Vashishta anunciou a boa notícia, a população foi tomada de agradecido êxtase e deu pulos de alegria.

Ao longo das ruas escrupulosamente varridas e limpas, assim como nos muros e prédios que as margeavam, pintaram-se elaborados desenhos. Penduraram-se guirlandas e ergueram-se arcos, toldos e coberturas de proteção. Todos os cidadãos estavam ocupados e contentes. A cidade inteira trabalhava com rapidez e entusiasmo. Os brâmanes e os principais cidadãos despediram-se de Dasharatha e saíram do palácio em uma verdadeira corrente de euforia e animada conversação. Os ministros e Vashishta dirigiram-se aos salões internos com o imperador.

Dasharatha mandou chamar Rama e, encontrando-o no salão de audiências e recepções da corte, explicou-lhe todas as formalidades e rituais cerimoniais ligados à coroação. Lembrou-lhe que deveria estar pronto antes do nascer do sol e descreveu-lhe as preliminares que precisaria observar.

Ao ouviu a novidade, Lakshmana correu até Kausalya, a mãe, a fim de lhe transmitir as ditosas notícias e lhe comunicar a sua alegria. Ela não pôde conter a sua felicidade e esperou que Rama viesse à sua presença. Como faltava pouco tempo, a cidade inteira fervilhava de entusiasmo. Os aldeões, por quilômetros ao redor e até nos estados vizinhos, logo ficaram sabendo; afinal, boas novas se espalham com muita velocidade. E ninguém esperou por outra; apressaram-se imediatamente rumo à capital. O fluxo de pessoas ao longo de todas as estradas que levavam a Ayodhya tornou-se uma onda incontrolável.

Ramachandra ouviu sem replicar a explicação de Dasharatha acerca dos detalhes. Os seus sentimentos estavam além das palavras. Não conseguindo expressar o que lhe passava na mente, permaneceu em silêncio. O pai abordou-o, então: “Filho! Por que não vejo em você nenhum sinal de contentamento ante a perspectiva de ser coroado *yuvaraja* amanhã? Não gostaria de se tornar herdeiro do trono? Ou será esse um sinal de ansiedade ou de receio por estarmos colocando o peso do Estado sobre os seus ombros?”

Apesar dos longos questionamentos e carinhosos apelos, Rama parecia estar com a língua travada diante do imperador. Por fim ele disse: “Pai! Não entendo por que o senhor está agindo com tanta pressa. Os meus queridos irmãos Bharata e Satrugna não se encontram aqui agora. Além disso, o meu avô está longe; ele e o meu sogro poderão não conseguir chegar a tempo. Governantes de outros estados, príncipes e reis vassallos também poderão achar difícil comparecer. Sinto um peso na mente por estarmos desapontando tão grande número de pessoas. Não aceito a ideia de celebração quando tantos certamente se sentirão magoados”. E inclinou-se aos pés de Dasharatha, pedindo-lhe perdão pelos seus sentimentos.

Foi Vashishta quem respondeu. “Rama! Essas objeções já foram levantadas, inclusive por nós. Não pense que anuímos silenciosamente ao desejo do imperador. Pensamos em todos os argumentos a favor e contra e também consultamos a opinião do povo antes de decidirmos. Não apresente nenhuma objeção agora. Respeite o desejo do imperador. A coroação e a sagração têm que ser realizadas amanhã. Você

deve observar determinados votos; nesse dia não deve usar leito nem cama macia. Você e Sita devem jejuar. Assim que o dia raiar, ambos deverão tomar banho após terem aplicado óleo sagrado sobre a cabeça; depois terão que vestir trajes amarelos e estar prontos, pois essa é a hora em que se eleva a auspiciosa estrela Pushya⁹⁸, selecionada para o ritual sagrado. Portanto, retire-se agora para a sua residência, sem contestações.”

Assim que o preceptor terminou, Rama prostrou-se aos pés do pai e de Vashishta e seguiu para o seu palácio, acompanhado por Sumantra, o ministro de confiança. Dessa vez não teve nenhuma hesitação. Após transmitir a notícia a Sita, dirigiu-se rapidamente aos aposentos da mãe e prostrou-se diante dela. Kausalya ergueu-o com ternura e acariciou-o afetuosamente, cheia de alegria. Instruiu-o a doar a brâmanes, em sinal de ação de graças, as vacas que ela reunira para esse propósito e adornara com valiosos ornamentos. Fez também com que Rama desse uma grande quantidade e variedade de presentes a outras pessoas.

Lakshmana e sua mãe também estavam lá. Com Rama sentado ao seu lado, Kausalya falou, enxugando as lágrimas de felicidade que lhe corriam livremente dos olhos: “Filho, esperei durante muito tempo por este precioso momento. Agora o meu anseio se realizou. Estou feliz, a minha vida se mostrou proveitosa. Ó minha querida joia! Meu filho de ouro! A partir de amanhã você será o herdeiro do trono! Tenha longa vida, governe o império e que o bem-estar do povo seja sempre o seu ideal. Que o seu reinado seja feliz e seguro, de acordo com os ditames da justiça e da moralidade. Acumule fama imaculada e mantenha a reputação e a glória conquistadas pelos reis desta linhagem. Obtenha poder e majestade até mesmo superiores aos do seu pai. No dia em que você chegar a essa posição, sentirei que a minha vida terá alcançado a sua realização. Os meus votos, jejuns e vigílias terão frutificado”.

Kausalya, a mãe, acariciou Rama, afagou-lhe os cachos dos cabelos e abençoou-o com palavras cheias de doçura. Deu-lhe conselhos muitos valiosos, aos quais Rama prestou meticulosa atenção. Rama deu uma risadinha e gracejou inocentemente com Lakshmana: “Irmão! Pode me dizer qual deusa do reino (Rajyalakshmi⁹⁹) ficaria encantada com esta adorável provocação?”

Lakshmana replicou: “Irmão! Não preciso de nenhuma Rajyalakshmi para me desposar. Se você me atribuir qualquer responsabilidade no seu reino, eu a cumprirei. Isso é fortuna suficiente para mim”. Dizendo isso, prostrou-se aos pés de Rama!

Rama respondeu: “Lakshmana! Você é o ar que respiro; então, metade da responsabilidade do governo é sua. Consequentemente você também deve se preparar junto comigo, usando joias e trajes reais. Você tem metade dos meus fardos e metade da minha felicidade, minha fama e minha fortuna. Tem meia parte de tudo o que sou e serei”.

Enquanto Rama falava, Sumitra derramava lágrimas e cobria de bênçãos os dois irmãos. Afirmou, então: “Rama! O amor que perdura entre você e Lakshmana me dá imensa felicidade. O meu filho não precisa de posição superior à de ser seu servo. Basta-lhe ter o seu amor e a sua afeição para sempre”.

Quando ela terminou, Rama prostrou-se aos pés da mãe e depois se levantou. Lakshmana fez o mesmo e acompanhou Rama até o seu palácio. Ao anoitecer, Rama

⁹⁸ Pushya corresponde à oitava mansão lunar (*nakshatra*) na astrologia védica. (N. T.)

⁹⁹ Uma das formas de Lakshmi, a deusa da fortuna e da prosperidade. Rajyalakshmi, a “deusa do reino”, abençoa os reis com o poder e o direito de governar e com o sucesso nos empreendimentos. (N. T.)

deu início ao voto de jejum ritual e deitou-se sobre uma esteira feita da sagrada grama *kusha*.

10. AS DUAS DÁDIVAS DE KAIKEYI

Os esquemas de Manthara

Hinos védicos ecoavam por toda parte. Criados trouxeram água sagrada do rio Sarayu em potes de ouro para o banho cerimonial de Rama e Sita. *Pandits* recitavam hinos invocando bênçãos sobre eles, de maneira extremamente encantadora e agradável aos ouvidos.

Na noite anterior, ao regressar ao palácio, Manthara, a criada de Kaikeyi, vira o entusiasmo da população e ficara sabendo que a causa de toda aquela alegria e regozijo era a iminente coroação de Ramachandra. Observara também as criadas dos palácios de Kausalya e Sumitra correndo para lá e para cá, vestidas com sáris brancos como jasmim e enfeitadas com joias caras. Não pudera suportar mais aquela visão; sentia arrepios por todo o corpo, como se estivesse levando um monte de picadas de escorpião. Correrá até o palácio de Kaikeyi e, vendo que a rainha já havia se retirado para os aposentos internos, aproximara-se da porta e gritara com voz aguda: "Mãe, mãe, abra! Trago-lhe um assunto muito urgente! A sua vida está em perigo mortal! Está para ocorrer um terremoto!"

A rainha abriu apressadamente a porta e perguntara, receosa: "Por quê? O que aconteceu? Qual é a calamidade? Alguma coisa desmoronou? Por que toda essa ansiedade e dor?" "Não, nada meu foi destruído", respondera Manthara. "A sua vida é que está sendo destruída, isso sim. Doravante a senhora terá que viver como uma mulher louca e aflita". Em lágrimas, descrevera detalhadamente o estado lamentável que aguardava a rainha e, com muitos gestos e gemidos, lamentara-se alto e longamente.

A princípio, Kaikeyi não conseguira entender o porquê daquilo. "O imperador está muito bem, não está? E Rama e Lakshmana? Kausalya e Sumitra? Há algum problema com eles? Ora, se estão muito bem e nenhum perigo os ameaça, não tenho com que me preocupar. O que pode me acontecer? Será que algum mal lhes sucedeu? Conte-me, Manthara, diga-me logo!", insistira a rainha. Virando a cabeça da criada na sua direção, segurara-lhe o queixo, em um carinhoso gesto de apelo, e suplicara uma resposta.

Manthara replicara: "Nada de mal aconteceu com aqueles que mencionou! Mas eles decidiram... torcer o pescoço do seu filho!" E romperá em um pranto comovente. Kaikeyi retrucara: "Você está cometendo um erro, Manthara! O imperador não é pessoa desse tipo e tampouco o são Rama, Lakshmana e minhas irmãs Kausalya e Sumitra! Elas amam o meu filho ainda mais do que aos próprios filhos. A sua afirmação revela a sua mente deformada, isso é tudo. Não representa a verdade! Bem, você ainda não me disse qual é realmente o problema. Vamos, conte-me toda a história".

Manthara respondera: "O problema? Na madrugada de amanhã, Ramachandra será coroado herdeiro do trono (*yuvaraja*)! A rainha mais antiga, com a mente cheia de alegria desmedida, está distribuindo custosos sáris de seda e joias às suas criadas e pedindo a Rama que doe ouro e vacas em abundância. Envolvidos em todas essas atividades de celebração, eles a estão negligenciando! Não posso suportar isso em silêncio. É algo que não posso tolerar.

"A senhora não consegue entender as implicações do problema. Deleita-se na vazia presunção de que não há ninguém tão afortunado. A sua sorte está se esvaindo

rapidamente. Para o seu marido e as outras esposas, a senhora tornou-se uma pessoa insignificante. Em pouco tempo será reduzida à desprezível condição de uma empregada doméstica. Aconselho-a a se manter um pouco alerta antes que a humilhação lhe sobrevenha. Desperte desse seu sono; planeje o curso das suas ações com plena consciência das conseqüências. Decida a respeito dos meios pelos quais poderá escapar à calamidade que se escancara diante da senhora. Ela está se aproximando bem rapidamente.

“Quando Rama se tornar herdeiro do trono, o império inteiro ficará sob o domínio de Kausalya, lembre-se! Assim como todos os demais, a senhora também terá que dançar conforme a sua música”. Manthara representava o seu papel derramando falsas lágrimas para reforçar o seu astuto estratagemas.

Kaikeyi ficara impressionada com a sua lealdade, mas não se convencera com os seus argumentos e repreendera duramente a criada: "Manthara! O que aconteceu com você? Enlouqueceu? Por que fala como uma alucinada? Rama tornar-se o herdeiro do trono constitui o mais feliz augúrio para todo o império. Tome, pegue este meu colar como recompensa, como um presente por haver me trazido em primeira mão essa magnífica notícia! Fique feliz, encha-se de alegria! Talvez a coroação de Rama me traga ainda mais satisfação do que a Kausalya. O meu contentamento com essa boa nova não tem limites. Ramachandra me ama mais do que à própria mãe, venera-me ainda mais do que a ela. Não ouvirei tais acusações contra uma pessoa tão pura e amorosa. Você parece ter perdido o juízo; a sua razão a abandonou”.

Manthara tornara-se mais visivelmente ofendida, agitada e ruidosa. "A minha razão está clara e arejada. A da senhora é que foi afetada!", vociferara. "Não está preocupada com o terrível destino que a aguarda. Agarra-se cegamente à sua antiga fé e apego afetivo. Estou ansiosa e preocupada por causa da sua felicidade e respeito próprio. Os outros estão brincando e fingindo só para enganá-la. Não têm consideração pela senhora nos seus corações. O imperador não tem amor pelas suas outras rainhas; está apaixonado apenas por Kausalya, a mais antiga. Pode até usar palavras cativantes de vez em quando; mas é somente para agradá-la, pois no seu coração não tem amor pela senhora.

“Pense bem nisso. A senhora não foi informada nem consultada a respeito dessa proposta. Acaso lhe falaram sobre ela uma única vez? Considere por quantos meses se costuma deliberar e planejar para se chegar a tal decisão. Não se pode fazer uma coroação assim tão de repente. Ela não cai do céu um belo dia, por conta própria, não é? Mas eles resolveram isso em silêncio e secretamente. Foi tudo intriga de Kausalya”.

Não podendo mais aguentar aquilo, Kaikeyi explodira: "Pare com isso, Manthara! A minha irmã é incapaz de intrigas e jamais desceria tão baixo; isso nunca aconteceria. E quanto ao imperador? Ele é ainda mais nobre e mais justo do que as minhas irmãs! Não se consegue encontrar nele um traço de falsidade ou mesquinhez. Devem ter decidido realizar logo essa coroação por um bom motivo. A celebração do casamento de Rama, que teria envolvido meses de preparação, ocorreu em um curto prazo, não foi? A sua coroação deve ter sido igualmente resolvida às pressas, por que não? O próprio imperador me revelará a razão especial que o induziu a providenciá-la dessa forma. Você não se importou em saber a verdade. Conjurou todos os tipos de razões absurdas e temores infundados, e depois lançou dúvidas sobre os motivos de pessoas inocentes! Em alguns minutos tudo será esclarecido; tenha paciência". E assim admoestara severamente a criada.

Temendo que o seu stratagemma estivesse fracassando ignominiosamente, Manthara rebaixara-se a táticas ainda piores de persuasão. "Querida mãe! Reflita um pouco mais profundamente sobre o assunto. Ouvi muitas coisas enquanto andava do lado de fora do palácio. Na verdade, essa questão da coroação foi decidida meses atrás. Essa é a razão pela qual Bharata e Satrugna foram mandados para fora da capital. Eles depreenderam que a sua presença aqui lhes causaria complicações. E deve haver uma boa base para tais receios; do contrário, quem providenciaria a coroação na sua ausência? A senhora não é capaz de fazer a si mesma essa simples pergunta?"

"Quando a senhora se casou, Dasharatha havia empenhado a sua palavra de que o seu filho seria coroado rei. A senhora pode ter se esquecido disso, mas eu me recuso a fazê-lo. O medo de que, na atual conjuntura, a presença de Bharata pudesse despertar a memória dessa promessa e se revelar um obstáculo ao seu plano os fez mantê-lo fora do caminho, enviando-o para o avô.

"Uma vez que a coroação tenha sido realizada, nada se poderá fazer para anulá-la. Para promover essa artimanha mesquinha, mantiveram a ideia em segredo e longe da senhora por tanto tempo. Pense nisso por um momento, reflita sobre o plano secreto. A senhora não dedica nenhum pensamento a tais assuntos. Acredita que 'tudo o que reluz é ouro'! Aí os outros tiram proveito da sua ingenuidade e inocência. A senhora simplesmente se deleita no seu amor por Rama e, na sua tola fascinação, recita: 'Rama, Rama'. Bem, deixe tudo isso de lado. Esse Rama, a quem a senhora tanto ama, pelo menos a informou da imensa boa sorte que ele está tendo?" E Manthara, com a sua mente distorcida, usara de uma série de argumentos enganosos e astuciosos para anuviar e envenenar a mente pura e desinteressada de Kaikeyi.

Ela prosseguira: "Mãe, quem nesta cidade de Ayodhya está disposto a ter um pouco de consideração por nós? Quem aqui a trata como digna de ser levada em conta? Eles são todos um, unidos contra a senhora, que é uma estranha aqui. Em breve poderão até expulsá-la de Ayodhya. Não desistirão nem mesmo de tal maldade. O imperador é um trapaceiro astuto, um embusteiro sagaz. Quando se aproxima da senhora, diz palavras carinhosas com o intuito de satisfazer os próprios caprichos e depois vai embora triunfante! A senhora não percebe a falha em si própria que a impede de alcançar a elevada posição que merece. Mãe! Lembre-se de que os reis são sempre governados pela luxúria e não pelo amor. O seu pai sabia disso e por esse motivo não concordou em dá-la em casamento àquele pretendente idoso. Após prolongadas negociações e confabulações, mediante a intercessão do sábio Garga, decidiu-se a concedê-la em matrimônio, mas o pretendente foi obrigado a concordar com muitas condições.

"Hoje, esses acordos viraram cinzas e o seu filho foi enganado. Todo esse tempo, eles estavam silenciosamente encenando a sua alegre peça teatral! De outro modo, por que aproveitariam essa oportunidade que é a ausência do seu filho? Por que essa pressa toda, de modo que nenhum governante de nenhum estado além das fronteiras do império possa assistir à coroação? Veja só como a mentalidade vil que possuem está se revelando e quão cheios de maldade e de má-fé eles são!

"Se os governantes vizinhos fossem convidados, o seu pai certamente não perderia a oportunidade de comparecer e, naturalmente, daria a conhecer a todos a promessa feita a ele. Então o plano consiste em realizar a cerimônia sem informar ninguém; eles sabem que, uma vez consumada a coroação, nada se poderá fazer para anulá-la. Tal conspiração foi urdida por essa gente ardilosa com esse objetivo; portanto

esteja avisada a tempo. Se desperdiçar o momento, o seu destino será tão desprezível quanto o de um cão. Não se demore; reflita profundamente e decida como impedir a coroação". E assim Manthara ativara as chamas da raiva e do ódio.

Kaikeyi sucumbe

Kaikeyi finalmente sucumbira às maquinações da criada! Respondera: "Ouvindo as suas palavras, sinto que cada afirmação é mais convincente que a anterior! Sim, de fato! Este assunto não pode esperar. O que se deve fazer? Se puder me indicar que medidas tomar, eu as porei em prática".

Diante desse claro sinal de que a rainha fora conquistada pelas suas artimanhas, Manthara enchera-se de orgulho e satisfação e se expressara com maior segurança: "Mãe! Não há necessidade de se pensar mais nisso. Os argumentos que podem sustentar a sua demanda são fortes e estão prontos. Lembra-se do dia em que o imperador aceitou, com gratidão, a sua oportuna ajuda e lhe concedeu duas dádivas, quaisquer dádivas que lhe solicitasse? A senhora lhe respondeu que, como não precisava de nada no momento, deixaria o presente reservado e pediria as dádivas quando surgisse a necessidade. Pois bem, neste dia elas servirão a mil propósitos! A senhora pode reivindicá-las agora, não pode?"

Ao ouvir Manthara falar de maneira tão clara e enfática, a rainha levantara a cabeça, como se estivesse assustada, e dissera: "Manthara, como você é inteligente! Embora feia e corcunda na aparência, é extremamente encantadora em se tratando de criatividade e inteligência. Embora careça de beleza física, mostra-se perita em conquistas intelectuais. Diga-me como assegurar essas duas dádivas e quais seriam elas".

Manthara respondera: "Mãe! Uma delas deve ser que o seu filho seja coroado príncipe herdeiro (*yuvaraja*). A segunda pode muito bem ser que Rama não permaneça no império".

Ouvindo aquelas sugestões, feitas de imediato, sem que ela tivesse um momento para pensar, Kaikeyi mergulhara em profunda reflexão. Após se recuperar, objetara: "Manthara! A coroação do meu filho pode ser uma exigência justa, porém a minha mente não concordará em mandar Rama para fora do reino. O simples fato de pensar nisso já me causa dor". E, com essas palavras, ela se jogara em um assento.

Percebendo que devia agir com rapidez, Manthara respondera: "Mãe! Esta não é uma ocasião para escrúpulos sentimentais. A procrastinação transforma até ambrosia em veneno. A senhora terá que ser um pouco firme ou não obteremos êxito em nosso plano. Não é essa a represália adequada à cruel injustiça cometida por eles. Se deseja que o seu filho governe como rei e que a senhora ocupe a posição de rainha-mãe, aja dessa maneira. Se assim não for, porei fim à minha vida tomando veneno. Não consigo suportar vê-la sofrer enquanto estou viva". E chorara alto, como se estivesse sendo levada por intenso amor e apego a Kaikeyi.

Ela havia sido a ama que criara Kaikeyi desde a infância. Havia mimado, acariciado e brincado com a rainha durante todos aqueles anos. Kaikeyi nutria imensa afeição e consideração por Manthara. Não levantou mais nenhuma outra objeção; pôs-se, em vez disso, a amenizar a sua tristeza: "Manthara! Eu lhe asseguro! Agirei, sem falta, de forma a deixá-la satisfeita. Diga-me o que devo fazer agora!"

A criada respondera: "Quando sugeri que pedisse que Rama fosse enviado para o exílio nas florestas fora do reino, não imagine que eu não havia pesado as

consequências. Só o fiz após a devida ponderação”. Como Kaikeyi era uma criança em questões políticas e jurídicas, Manthara afirmara: “A lei declara que a posse e o usufruto sem objeções por doze anos contínuos dão à pessoa o direito à propriedade. Sendo assim, é melhor fixar um tempo de duração para o exílio; digamos, quatorze anos. Após esse período, quando Rama retornar, não poderá mais reivindicar o reino, pois este terá se tornado propriedade inquestionável do seu filho”.

Manthara notou que a rainha aceitara a proposta de reivindicar as duas dádivas prometidas da forma sugerida por ela. Então continuara: “Mãe! Não se demore mais! Se lhe implorar as dádivas do jeito que está agora, o imperador não será persuadido a ceder. A senhora deve criar uma onda de raiva. Espalhe os travesseiros e os lençóis pelo quarto, jogue as suas joias pelos cantos. Solte os cabelos e deixe-os desgrenhados e desalinhados. Aja como se tivesse decidido acabar com a própria vida! Vá e deite-se no chão do Salão da Ira, para onde se retiram as rainhas dominadas pela raiva e pelo sofrimento a fim de que possam ser encontradas e consoladas. A senhora não pode simplesmente ir até ele como está e lhe pedir logo as dádivas. Finja que está em desesperada agonia e que apenas a concessão das dádivas poderá salvá-la da morte. Só então a sua demanda será digna de consideração e aceitação. Levante-se! Dê o primeiro passo para a empreitada que está à sua frente!”

Kaikeyi cedera à persuasão de Manthara; após seguir as suas instruções, entrara no Salão da Ira e se pusera a lamentar o seu destino e a calamidade iminente. Depois de fechar as portas, Manthara deixara-se cair ao chão do lado de fora do salão, como se ignorasse o que estava provocando toda aquela fúria lá dentro.

Kaikeyi reivindica as dádivas

Entrementes, o imperador acabara de tomar todas as providências para a coroação. Ao sair do salão de audiências e recepções da corte, achou que, em vez de seguir diretamente para os aposentos de Kausalya, devia primeiro comunicar as boas novas a Kaikeyi. Apressou-se a ir até o seu palácio. As criadas que permaneciam em formação ao longo da passagem pareciam transtornadas pela ansiedade. Ele presumiu que não tinham ouvido a boa notícia, pois esta teria feito com que os seus semblantes se iluminassem. Compadeceu-se delas por ainda não saberem que Rama seria coroado no dia seguinte! Então dirigiu os passos para o aposento onde esperava que a rainha estivesse.

Ali os seus olhos caíram sobre as joias espalhadas, a cama desarrumada, as pilhas de objetos pelo chão e o estado geral de desordem e caos. Surpreso, procurou a rainha por todo o quarto, espiando até nos cantos. Então uma dama de companhia anunciou: “Imperador! Sua Alteza, Kaikeyi Devi, está agora no Salão da Ira”.

Profundamente aborrecido, Dasharatha voltou os passos para aquela direção. Kaikeyi estava esparramada no chão, em meio à escuridão ofuscante do salão, gemendo e chorando. O imperador dirigiu-se a ela: “Kaikeyi! Que cena horrível é essa? Por que está tão zangada? Quem lhe causou tanta tristeza? Diga-me, eu o matarei neste mesmo instante, eu a farei feliz. Só precisa me dizer o que deseja. Estou sempre pronto a fazer a sua vontade. A sua alegria é a minha alegria. Não sabe que não possuo nada neste mundo mais importante e querido que a senhora? Venha, não me teste mais”. O imperador sentou-se ao seu lado e, acariciando-lhe a cabeça, consolou-a de diversas maneiras e indagou-lhe o motivo da sua raiva e do seu pesar.

Kaikeyi estava em um acesso de fúria. Rangia os dentes ruidosamente e afastou para o lado as mãos do imperador quando ele tentou acariciá-la. Disse colericamente: “Chega dessa falsa atenção! Pus a minha fé no senhor durante tanto tempo e atraí para mim esta degradação! Não confio mais no senhor! Não podia acreditar que fosse capaz desse jogo hipócrita. É esse o meu castigo por haver depositado a minha fé no senhor? Vá, vá para as suas favoritas. Por que se sentar aqui ao meu lado? O senhor hipoteca a sua mente em um lugar e a sua língua em outro. Ponha a sua língua no mesmo lugar onde pôs a sua mente. Não estou disposta a continuar confiando nas suas palavras. Não me inflija mais tristeza, volte pelo mesmo caminho por onde veio. Acaso se importa com o que acontece comigo? Melhor morrer como uma rainha do me arrastar como uma escrava! Este é o último dia da minha vida”.

Aqueles lamentos, ouvidos entre soluços e suspiros, não faziam o menor sentido para Dasharatha. Inteiramente confuso, o imperador tentou consolá-la para amenizar a sua raiva: “Kaikeyi! O que significam essas palavras? Não entendo! Eu jamais uso palavras falsas e hipócritas nem posso usá-las. A minha mente e a minha língua agem em uníssono; elas serão sempre as mesmas. Onde estiver o meu amor, lá estarão as minhas expressões de doçura. A minha língua não falsifica a minha mente; é impossível para ela proceder assim. Não sei como isso aconteceu, como você foi incapaz de me conhecer e de conhecer a minha sinceridade, apesar do transcurso de muitos anos. Não me torture dessa maneira. Diga-me o que aconteceu e por que está se comportando assim. O que lhe causou essa agonia?”

Dasharatha suplicou de maneira comovente durante muito tempo, mas em vão! A rainha apenas retrucava duramente, ignorava-o com atrevimento, zombava dele sarcasticamente e fazia ouvidos moucos às suas importunações. Agia como se não desse nenhum valor às suas palavras. Dasharatha sentiu-se profundamente ferido no coração. Sem saber o que fazer, chamou Manthara. Interpretando o seu papel na conspiração, ela entrou correndo, gritando agudamente por ajuda para a rainha, sua senhora. Clamou, agarrando os pés de Dasharatha: “Ó rei! Salve a minha mãe!”

O imperador era realmente a personificação da inocência. Não havia nenhum traço de falsidade nele; por isso não podia enxergar o drama que estava sendo encenado. Temia que alguma calamidade houvesse acontecido para tornar a sua amada tão perversa e intransigente. Então pediu novamente a Manthara para lhe dizer com exatidão o que havia sucedido.

A criada respondeu: “*Maharaja!* O que posso dizer ao senhor? Não estou minimamente ciente do que ocorreu. A mãe não revela a ninguém o motivo da sua cólera. Subitamente, saiu correndo do seu quarto para o Salão da Ira. Ao ver isso, vim para cá. Imploraram-lhe e suplicaram-lhe de várias maneiras, mas ela não deixou transparecer a razão. Não confia nem mesmo no senhor; por que, então, a revelaria a alguém como eu, pobre de mim? Nós estamos testemunhando o seu sofrimento e agonia; é insuportável. Não podemos simplesmente ficar olhando por mais tempo! Temendo o que pudesse acontecer com ela, aguardamos a sua chegada. A menos que o senhor a conforte e traga alegria à sua mente, a sua condição poderá se tornar crítica. Ela sofreu demasiadamente por muito tempo. A sua condição piora a cada instante. Vamos retirar-nos agora”. E saiu do salão com as outras criadas, dizendo: “Por favor, descubra o motivo da sua dor e da sua ira e tranquilize-a logo com as devidas soluções”.

Manthara só havia aumentado o mistério; Dasharatha sentiu-se ainda mais confuso com as suas declarações. Sentou-se ao lado da desconsolada rainha e disse: “Kaikeyi! Por que me deixa às escuras?” Levantou gentilmente a cabeça da rainha do chão nu e a pôs no seu colo. Procurou, então, convencê-la a lhe revelar a razão do seu inconsolável sofrimento.

Depois de algum tempo, Kaikeyi rompeu o silêncio e começou a falar: “*Maharaja!* O senhor não se esqueceu das duas dádivas que prometeu me conceder naquele dia, durante a batalha entre deuses (*devas*) e demônios (*asuras*), não é mesmo?”

Dasharatha ficou aliviado e respondeu: “Kaikeyi! Por que se deixou levar por toda essa cólera e sofrimento por causa de algo tão simples? Enquanto houver vida em mim, não esquecerei a promessa das duas dádivas; ela me é tão cara quanto a própria Kaikeyi. A senhora é o alento da minha vida e essa promessa também é como esse alento.

“Rainha! Alguém lhe fez algum mal? A sua saúde está sendo prejudicada? Algum ser perverso ousou agir contra a sua vontade? Fale! Eu o punirei para que lhe seja restituída a felicidade. Pela senhora enfrentarei até mesmo um ferimento mortal. Não duvide de mim. Ó personificação do encanto, por que sofre assim? Não sabe que todo o império está ao seu alcance? O que quer que deseje ter, de qualquer região, é só me dizer, que o assegurarei para a senhora e lhe proporcionarei alegria. Diga-me: o que receia, o que lhe trouxe essa tristeza? Não reprima nada nem hesite em falar! Como o sol dissipa a névoa, quebrarei o pesar que a sufoca”. Dasharatha acariciou e lisonjeou a rainha e procurou de várias maneiras consolá-la e restaurar o seu ânimo.

Kaikeyi conservava na mente o conselho de Manthara. Decidiu assegurar do marido uma promessa sob juramento antes de lhe revelar os seus cruéis desejos. Para induzi-lo a isso, demonstrou-lhe um amor exagerado e sedutor. Enxugou as lágrimas dos olhos e segurou firmemente as mãos do soberano, tão pateticamente escravizado pelos seus encantos e tão enamorado pelo seu fascínio.

“Senhor! Não tenho ressentimento contra ninguém, ninguém me fez nenhum mal e tampouco me lançou qualquer ofensa. Não anseio por nada proveniente de nenhuma região longínqua da Terra. Mas possuo um desejo acalentado há muito tempo, devo admitir. Se prometer sob juramento que o cumprirá, eu lhe direi qual é”. E Kaikeyi o seduziu com um sorriso que lhe brincava no rosto.

Em resposta, Dasharatha sorriu também e, inclinando-se ligeiramente para ela, falou: “Ó sua rainha tola! Por uma coisa tão simples, qual a necessidade de tanta raiva, causando tanta angústia e ansiedade? Escute: dentre as mulheres, a senhora é a mais cara para mim; dentre os homens, Rama é o mais caro. A senhora e ele são o meu próprio alento. Sabe muito bem disso, não sabe? Não posso sobreviver um único dia sem regalar os olhos na senhora e nele; por isso juro pelo próprio Rama. Diga-me qual é o seu desejo e eu o cumprirei sem falta”.

Quando Dasharatha fez essa declaração sob juramento, com as mãos dela nas suas, Kaikeyi ficou cheia de alegria! Ergueu-se e demonstrou ainda mais amor pelo imperador, pois estava contente por ele haver se transformado em seu benfeitor.

“Ó rei! O senhor jurou por Rama. Ele é a testemunha desse juramento, não é verdade?”, perguntou. E tornou a sua posição duplamente segura, exclamando: “Imperador! O senhor é um fervoroso seguidor da Verdade! É o mais elevado entre os justos! É dotado de soberano poder e majestade! Deve lembrar-se da guerra entre os deuses e os demônios, mas deixe-me recordar-lhe mais uma vez aquela façanha.

Naquele dia, quando o demônio Sambara estava abatendo todos à sua frente, o senhor lutou desesperadamente para derrotá-lo. Sabe o que lhe teria acontecido se eu não o tivesse protegido e cuidado, mantendo-me vigilante e alerta até que voltasse à vida. O senhor apreciou o meu devotado sacrifício e declarou: 'Kaikeyi! A senhora me salvou da morte. O que posso lhe dar em troca? Peça-me duas dádivas, sejam elas quais forem; eu as concederei e pagarei o débito que tenho para com a senhora, mostrando a minha gratidão'.

"O senhor queria que eu indicasse as dádivas que me concederia em virtude do seu oferecimento. Naquele momento, porém, senti que o seu regresso à vida era, em si, a mais preciosa bênção para mim; por isso respondi: 'Senhor! Não tenho nenhuma dádiva a lhe pedir agora. Apresentarei as minhas solicitações daqui a algum tempo. Conserve-as guardadas para mim'.

"O senhor ficou exultante com a minha atitude e expressou a sua admiração! Disse que gostara da minha renúncia e declarou que as dádivas seriam mantidas em confiança enquanto durasse a sua vida e que poderiam ser resgatadas sem objeções a qualquer momento. Tudo isso deve estar fresco na sua consciência, não é mesmo? O senhor é o monarca da Terra. É fiel à palavra empenhada. Conceda-me, portanto, as duas dádivas que mantém suspensas em meu nome, e com isso me faça feliz.

"Não lhe exijo uma nova dádiva, peço apenas o que é realmente meu. Não preciso lembrar-lhe, o senhor sabe muito bem que constitui um hediondo pecado alguém se recusar a devolver bens colocados em confiança em suas mãos para custódia segura. Se disser agora que não poderá concedê-las, estará me ferindo com essa violação de fé. Não conseguirei suportar essa decepção. Considero mais honrado livrar-me da própria vida a viver com essa sensação de derrota.

"Se o marido não honra a palavra dada à esposa, como poderão ser realizados os desejos do povo do reino? Um imperador que se rebaixa a enganar a esposa, fazendo-a acreditar nele e depois agindo contra essa confiança, não merece a posição de protetor dos seus súditos, merece? O senhor sabe que o sábio legislador Manu estabeleceu que não deviam ser tratados como soberanos tais prevaricadores ingratos. Por que devo me alongar mais sobre esse ponto e repetir mil argumentos? Caso as minhas dádivas não sejam concedidas neste mesmo dia, Kaikeyi não estará viva ao amanhecer".

A rainha rompeu em ruidosos prantos e lamentos. A sua encenação fez com que Dasharatha se tornasse impotente e fraco. Tal qual um cervo inocente atraído para a rede de captura pelos sons imitadores do caçador, tal qual como um homem insano e incapaz, caiu na armadilha, subjugado pelos arrulhos amorosos e gestos fascinantes de Kaikeyi. Jurou solenemente, segurando com firmeza as mãos da rainha: "Eu certamente lhe concederei as duas dádivas".

Mal essas palavras foram pronunciadas, os olhos de Kaikeyi tornaram-se maiores e mais brilhantes. Ela observou atentamente o rosto de Dasharatha por algum tempo e depois falou: "Ó rei! Hoje eu percebo como o senhor é bom! Provou ser autêntica a sua afirmação de que jamais quebrará uma promessa feita". E passou a exaltar o soberano dessa e de outras maneiras.

O imperador, perdido de amor, sentiu-se imensamente feliz com os seus louvores, mas insistiu, encorajando-a: "Kaikeyi, por que se demorar mais? Vamos! Peça as dádivas!" Hesitante, a rainha gaguejou: "Com os preparativos feitos para a coroação de Rama, faça a do meu filho Bharata; esta é a primeira dádiva que solicito! A seguinte

é a de que Rama, com os cabelos enrolados no alto da cabeça e usando pele de cervo e trajes feitos de casca de árvore, tal como os eremitas renunciantes, deverá ir para a floresta Dandaka e ali permanecer durante quatorze anos, como um dos seus habitantes; esta é a segunda dádiva que solicito!

“Bharata deve tornar-se o príncipe herdeiro sem que ninguém obstrua o seu caminho, e Rama enviado para a selva diante dos meus olhos. Conceda-me estas duas dádivas e mantenha imaculadas a honra e a dignidade da sua linhagem; ou então concorde com a extinção da minha vida neste exato momento”. Com essa declaração, Kaikeyi levantou-se e arregalou os olhos desvairadamente, em uma postura determinada, como se fosse uma demônia.

Kaikeyi e Dasharatha discutem

O imperador sentia-se imprensado pelos dardos cruéis que choviam sobre ele. Seria aquilo um sonho? Poderia ser verdade? Teria sido Kaikeyi que reivindicara aquelas dádivas? Ou teria sido algum monstro sanguinário? Poderia ser uma terrível alucinação sua? Ou uma vil ilusão provocada por alguma horrível moléstia? Era algo que ele não conseguia avaliar! Então gritou: “Kaikeyi! É mesmo a senhora que está aí? Ou alguma ogra assumiu a sua forma? Diga-me primeiro quem é você!”

Como alguém que houvesse perdido o controle dos membros, ele cambaleou, incapaz de articular as palavras que desejava proferir. Rodava apaticamente de um lado para outro, como um louco, olhando desnordeadamente ao redor. De repente, ao fitar Kaikeyi, faíscas lhe saltaram dos olhos. Possuído por terrível ira, exclamou: “Mulher infame! Qual é exatamente o seu objetivo? Extirpar toda a linhagem real? Que injúria lhe fez o meu querido filho Rama? Ele a ama ainda mais do que à própria mãe! Como pôde o seu coração concordar em enviar o meu Rama para a selva densa e escura? Durante muito tempo achei que era uma princesa; agora percebo que é uma cobra venenosa. Permiti que infestasse a minha casa por pura ignorância.

“Como pôde uma ideia tão pecaminosa entrar na sua cabeça no momento em que Rama, o próprio alento da minha vida, está sendo aclamado por todo ser que respira? Se for imperativo, estou disposto a renunciar ao império ou até à minha vida; mas não posso renunciar a Rama, isso não. A senhora deseja muito que o seu filho seja saudado como imperador. Pois bem, que assim seja. Apressar-me-ei em seguir para a floresta com Kausalya, Sumitra e outros, levando o meu Rama comigo, mas nunca serei capaz de mandá-lo sozinho para a selva. Isso é impossível. Desista desse desejo atroz e pecaminoso. Livre-se do ódio que nutre pelo meu filho Rama.

“Kaikeyi! Diga-me francamente se de fato deseja que tais coisas aconteçam! Ou será tudo apenas um stratagem para descobrir se tenho realmente afeição pelo seu filho Bharata? Se assim for, pode pedir que ele seja coroado herdeiro do trono, mas não há sentido em pedir que Rama seja exilado na floresta! Tal desejo não deve ser cogitado nem levemente expresso.

“Kaikeyi! Rama é o primogênito. É o repositório de todas as virtudes. Os anos do seu reinado serão os mais gloriosos. A senhora me disse várias vezes que ansiava pelo tempo em que tais sonhos de ouro se tornariam realidade. Agora quer que este mesmíssimo Rama seja enviado para a floresta! Qual é o significado mais profundo desse pedido? Acaso está brincando comigo? Se tudo não passa de uma brincadeira, por que a cena no Salão da Ira? Qual é o sentido de rolar no chão de pedra dura? Brincadeiras têm limites, além dos quais se tornam dolorosamente cruéis. Não posso

considerar essa ideia, nem como brincadeira. Não! Jamais poderei ser separado de Rama.

“Kaikeyi! A senhora tem se comportado como uma mulher inteligente ao longo de todos esses anos. Agora, porém, a sua inteligência se tornou distorcida e iníqua. Tais perversões são sempre arautos de autodestruição. É um abominável pecado ferir os bons. Naturalmente eles não serão afetados por essas táticas. Os estratagemas dos ímpios só fazem promover a fama e a glória dos bons. Podem parecer difíceis de suportar, mas apenas por um breve período.

“Os seus planos perversos me parecem estar carregados de catástrofes para a própria dinastia de Ikshvaku. Até o momento a senhora nunca havia pronunciado uma palavra desagradável nem expressado um só pensamento a respeito de um ato que não fosse auspicioso. Acho impossível acreditar que seja a mesma pessoa que hoje me pede tais coisas! Kaikeyi! A senhora sempre teve receio de transgredir os códigos de conduta moral. Vivia ansiosa por conquistar a Graça Divina mediante cada pequeno pensamento, palavra e ação. Onde foi parar esse medo da injustiça? O que fez com aquela devoção a Deus que a mantinha no caminho da Retidão?

“O que tem a ganhar mandando Rama para a floresta por quatorze anos? A sua compleição é sensível e delicada como a pétala de uma flor que acabou de desabrochar; ele é o ser mais encantador de se contemplar. Rama é tão atraente e belo! Em que a senhora se beneficiará com os tormentos insuportáveis que ele sofrerá na floresta? Neste palácio há milhares de atendentes e de criadas. Poderia algum deles apontar um dedo para Rama e dizer que ele tem algum defeito de qualquer natureza? Bem, deixemos de lado o nosso palácio. A senhora seria capaz de trazer da capital ou citar o nome de uma única pessoa que possa acusar Rama de algo? Ele descobriu muitos na penúria e amenizou a sua situação com presentes e riquezas. Demonstrou imensa consideração para com eles. Viu muitos desabrigados e lhes forneceu casas. Com o seu amor e carinho, conquistou o afeto de todo o povo. Impressiona-me que a senhora nutra ódio por um filho tão adorável. Não consigo encontrar palavras para descrever a sua crueldade diabólica.

“Muitos exploram os próprios súditos e agem apenas para favorecer os seus interesses egoístas. Tais demônios estão aparecendo em grande número atualmente. No entanto, aos olhos da senhora – talvez devido à sua idade ou aos seus pecados passados –, aqueles que, pela sua bondade, atenuam as injustiças cometidas contra os pobres e aflitos e promovem o seu progresso, examinam diretamente as suas dificuldades e problemas e lhes providenciam alívio são justamente os que parecem maus e merecedores de exílio e castigo!

“Todos neste império se deleitam em ouvir a respeito das virtudes de Rama e experimentam imenso prazer em descrever a sua bondade. Quando se sentem exaustos nos campos, fazendeiros e trabalhadores rurais entoam canções que falam de Rama e dos seus encantos para tornar mais leves as suas tarefas. Quando vim a saber disso, fiquei cheio de alegria. Como pode o seu coração concordar em infligir essa dolorosa sentença a uma alma tão compassiva?

“Nesta mesma noite, quando apresentei a proposta da coroação de Rama a uma assembleia de sábios, anciãos, ministros, cidadãos proeminentes, eruditos e muitos especialistas em ciência política, ninguém pronunciou uma palavra de insatisfação ou divergência. Ao contrário, elogiaram Rama de incontáveis maneiras e declararam que

o fruto do mérito acumulado em muitas vidas passadas lhes permitia agora assegurar como senhor e herdeiro do trono um herói espiritual que dominara os sentidos, uma encarnação da atividade altruísta, do desapego inteligente e da fidelidade inabalável à Verdade. E demonstraram o seu regozijo com gritos contínuos de ‘Viva, viva!’

“É este tesouro do meu amor, este favorito do meu povo que a senhora está tentando enviar para a floresta? Seja lá o que diga, uma coisa é certa: não mandarei o meu Rama para a floresta. E ouça isto também: a coroação de Rama acontecerá amanhã. Ela não pode ser cancelada”. Dasharatha fez essa declaração em um acesso de orgulho e coragem.

Kaikeyi assumiu um ar terrível e retrucou: “*Maharaja!* Lembre-se de que há alguns instantes o senhor prometeu sob muitos juramentos que me concederia as dádivas que lhe pedisse. Agora volta atrás na sua palavra. Nesse caso, quem está arrastando a glória da linhagem de Ikshvaku para a lama, o senhor ou eu? Pondere a esse respeito. É o orgulho dessa linhagem o fato de ninguém da dinastia ter voltado atrás na palavra empenhada. O senhor está manchando essa justa fama. Sem pesar os prós e os contras, prometeu conceder sem falta as dádivas que eu desejasse. O erro – se houve algum – foi seu, não meu. O senhor me concedeu as dádivas; em seguida prometeu concedê-las hoje. Empenhou a sua palavra duas vezes. Considere a sua honra, a sua posição, a sua dignidade quando nega as palavras que proferiu então e agora.

“Pode ser um hábito comum dos governantes ferir e insultar os fracos e agir contrariamente às promessas solenemente feitas. Mas isso não promove o respeito próprio. Aqueles que quebram os seus juramentos e enganam as mulheres são selvagens, não soberanos. Se os governantes descambarem para essa barbárie, os súditos naturalmente haverão de se ressentir e se revoltar, e o domínio do rei logo se tornará domínio dos demônios!

“Todos estes anos, o senhor esforçou-se para adquirir honra e renome, e os conquistou em grande medida. Agora a infâmia de quebrar a palavra empenhada pende sobre a sua cabeça, não sobre a minha. Lembre-se das trajetórias dos reis de outrora. Tome muito cuidado para não agir contra os seus votos e juramentos. Pondere bem. Está trilhando um caminho terrivelmente mau! Acautele-se! Está indo contra os ditames do *dharmā*.

“Bem, se o senhor fosse tão inteligente quanto afirmam que é, teria primeiro averiguado a fundo a natureza das dádivas que eu desejava antes de me fazer a promessa. Não o fez antes nem depois. Encantado com o que eu lhe dizia, deu a sua palavra de que seriam concedidas. Agora me culpa quando peço que cumpra a sua promessa! Considere o quão profundamente enganado o senhor está a esse respeito! E quão tolo está se revelando!

“Acusa-me de haver abandonado o meu temor ao ato injusto, a minha devoção ao Divino, e aponta-me essa condenável crueldade. Mas, e o senhor? É aclamado como *Dharmavratha* (um adepto estrito do voto de retidão em palavra, pensamento e ação) e *Daivasamana* (igual a um deus). Que nome pode reivindicar para si agora, quando volta atrás no seu juramento?

“Pronuncie julgamento sobre si mesmo. A inteligência que vasculha e descobre as faltas alheias não é louvável. Emprega de maneira louvável a inteligência aquele que vasculha as próprias faltas e deficiências e se mantém vigilante para que elas não o desviem para o erro e o pecado. Reis e governantes são altamente inteligentes; considera-se que são oniscientes. Se pessoas como o senhor não se beneficiam com a

autoinvestigação, mas se preocupam apenas com interesses egoístas, que direito têm de nos lançar a culpa de sermos egoístas e de mente estreita?

“O senhor concedeu os desejos, isso é um fato; fez um juramento, isso é um fato; quebrou o juramento e voltou atrás na palavra dada, isso é um fato. Reflita internamente em relação à veracidade ou não desses três fatos. Iludido pelo apego ao filho e escravizado pelo carinho para com a esposa, o senhor lança ao mar a sua promessa!

“Não sou eu a culpada; foi o senhor quem agiu mal. É natural que uma mãe seja apegada ao filho. Toda mãe anseia que o seu filho ascenda a uma posição da mais elevada autoridade, como a de monarca do reino. Tal é o impulso da natureza. É o dever sagrado da mãe certificar-se de que o seu plano não seja frustrado por outrem. É mais do que natural que ela planeje antecipadamente como neutralizar todos os possíveis oponentes. Estou apenas cumprindo os meus deveres e responsabilidades naturais; não há nada de anormal nem de errado na minha conduta.

“Quando Rama for coroado herdeiro do trono, a sua mãe Kausalya se tornará a rainha-mãe (*rajamata*). O meu filho ficará de braços cruzados, aguardando o comando de Rama, pronto para realizar tarefas para ele. Cairá aos seus pés enquanto lhe relata o cumprimento da incumbência a ele atribuída; talvez seja até repreendido. Não, não posso testemunhar tais cenas. Eu me sentiria tão humilhada que não poderia viver nem mais um dia. Bem melhor tomar veneno agora e morrer do que presenciar a condição vergonhosa do meu filho. Faço este juramento solene em nome do meu filho Bharata, a quem valorizo tanto quanto o próprio ar que respiro. Não ficarei satisfeita com nada menos do que o exílio de Rama para a floresta”. Com essas palavras angustiantes e duras, Kaikeyi caiu ao chão soluçando, em um acesso de tristeza dilacerante.

Dasharatha bateu a cabeça em desespero e falou: “Kaikeyi! Alguém lhe disse que essa calamidade iria beneficiá-la? Ou algum espírito maligno a possuiu e obrigou-a a expressar tais desejos? Que absurdo é esse, que loucura ridícula é essa, a de enviar Rama para a floresta e coroar Bharata? Por que não deseja o bem para mim, seu marido; para Bharata, seu filho; e para este reino de Ayodhya? Abandone esse desejo carregado de calamidade certa. Pense bem nas consequências. Ou então a senhora, eu e o seu filho, todos três, nos tornaremos alvos da mais terrível infâmia.

“Não vai acabar só nisso. Todo o reino será arruinado e muitas outras tragédias estarão fadadas a acontecer. Mulher cruel e mesquinha! Mesmo que eu aceite agora a sua solicitação e prometa atendê-la, podemos realmente acreditar que Bharatha concordará em ser coroado? Ele é um verdadeiro adepto do *dharma*; é inteligente e um modelo de retidão. Não concordará em exilar Rama na floresta e tampouco em se tornar herdeiro do trono. Não apenas ele, mas também os ministros, os cortesãos, os vassalos, os aliados, os sábios, os cidadãos – todos se oporão ao seu desejo. Como poderá a senhora ser feliz quando tantos estarão infelizes?

“Considere a situação que está sendo responsável por criar! Os anciãos e os sábios endossaram a proposta. Todos tinham um só pensamento. Esta noite, na Grande Assembleia dos Cidadãos, anunciei que celebraria a coroação de Rama. Se eu agir contra essa declaração, serei considerado um covarde que foge correndo do campo de batalha à visão do inimigo. Já foram concluídos os preparativos para a coroação e todos foram informados sobre as festividades. O povo começou a arrumar a cidade para a celebração e as ruas já estão repletas de multidões felizes, os rostos brilhando

de alegre expectativa. Se eu enviar Rama para a floresta agora, o povo rirá de mim, dizendo: ‘O quê? Este homem terminou três capítulos em uma única noite – a coroação, o governo do reino e o exílio!’

“De que maneira poderei explicar-lhes esses meus atos, depois do que já havia declarado publicamente em meio à gigantesca reunião da população? Quão duramente me culparão, achando que o seu soberano é um grande idiota! Reinei sobre eles durante todos estes longos anos e conquistei os seus aplausos como um consistente adepto do *dharma*, a personificação de elevadas virtudes e um formidável herói, bravo e cheio de coragem. Agora, como suportar a desonra de ser apontado como um tolo que desceu a um nível de conduta tão baixo?”

Dasharatha falou-lhe nesse tom, lembrando-a do duro golpe que o seu nome justo e fama imaculada receberiam se ele agisse de acordo com o seu desejo. No entanto, Kaikeyi transformou-se em uma demônia destruidora e ignorou as suas importunações como se fossem palavras vazias, sem nenhum valor para ela. Recusou-se a ceder ou a afrouxar a sua pressão. Ao contrário, o seu aperto se tornou cada vez mais forte e a sua ganância mais profundamente enraizada. Ela reagiu de modo bem oposto aos apelos do soberano e insistiu em recordar-lhe a promessa da qual ele ameaçava se eximir.

Dasharatha disse, então: “Kaikeyi! Se Rama for para a floresta, não serei capaz de viver mais um instante sequer. E não preciso dizer o que acontecerá com Kausalya. Nessa mesma hora ela exalará o seu último suspiro. E quanto a Sita? Ficará mortalmente chocada; não conseguirá viver um segundo longe de Rama. Será que o povo olhará para tudo isso com equanimidade? Acaso Lakshmana permanecerá em silêncio se Rama, o grande herói, o modelo de sabedoria, for enviado para o exílio na floresta? Por que detalhar mil coisas? No momento seguinte, ele abandonará o corpo; essa é a pura verdade. Portanto o nosso reino terá que sofrer todas essas catástrofes e calamidades.

“A senhora também está ciente dessa sequência de tragédias. Não consigo entender por que tenta, com os olhos abertos, ganhar o papel de viúva. Ó alma perversa e vil! Fui enganado pelos seus encantos; foi como cortar a própria garganta, enfeitado por uma espada de ouro. Bebi a xícara de leite sem saber que nela havia veneno. A senhora me enganou com uma série de truques cativantes e, finalmente, planejou lançar ao pó a minha dinastia.

“Que vergonha para mim! Que tolo eu sou! Assegurei este filho após realizar um sacrifício (*yaga*) prescrito nas Escrituras. A Graça Divina a mim o concedeu. Devo trocar o seu destino e o seu futuro pelo prazer insignificante a mim proporcionado por uma mulher? Será isso digno de Sua Majestade, o imperador Dasharatha? O mais mesquinho ser do meu reino não haverá de me arremessar pedras com escárnio? Ai de mim! Será esse o destino de Dasharatha nos seus últimos dias? Coloquei algo ao redor do meu pescoço sem perceber que era uma corda que estrangulava. Jamais soube que era com a divindade da morte que eu me deliciava e me divertia durante todo esse tempo. Ai de mim! Flertei com a morte e acariciei-a ao peito. Tratava-a como a minha companheira favorita. É certamente o peso dos meus pecados que agora se volta contra mim. Do contrário, haveria em algum lugar, em algum momento, um pai que, por causa do leito de uma mulher, leva o próprio filho para o exílio na terrível floresta?

“Ah! Que estranho comportamento para um ser humano! Apesar de tudo, sou incapaz de acreditar nisso. Kaikeyi! Mude esse seu pensamento insensato. Rama não

irá contra nenhuma palavra minha. O simples relato desses acontecimentos será suficiente; ele se preparará para ir para a floresta! Nem sequer perguntará por que a senhora está ansiosa por enviá-lo para lá. Ele possui esse tipo de virtude genuína. E por que mencionar apenas Rama? Nenhum dos meus filhos desobedecerá a nenhuma das minhas ordens.

“Bharata ficará revoltado quando ouvir o seu plano. Talvez até ignore o fato de que a senhora é sua mãe e se comporte de forma bastante inexplicável. Poderá estar disposto a cometer algum ato terrível. Rama é a sua própria vida, todos os seus cinco ares vitais juntos¹⁰⁰. Bharata poderá fazer algo que evite a realização do seu desejo favorito – talvez se exile na floresta e peça que Rama seja coroado. Ele é dessa estirpe de bondade e retidão. Estou admirado com o intelecto distorcido da senhora, que não consegue compreender o funcionamento da mente de Bharata.

“Projetos perversos são precursores da autodestruição, assim diz o ditado. Esse plano que entrou na sua cabeça pressagia a sua ruína, lembre-se disso. Está lançando uma mancha indelével sobre o justo nome da família real de Ikshvaku e imergindo muitas pessoas nas profundezas insondáveis da dor. Está provocando o seu fim. Como podem tantas vidas ser prejudicadas por causa desse desejo desumano? Que felicidade espera ter depois de perpetrar tudo isso?

“Ainda que consiga o seu objetivo, será isso bem-aventurança? Poderá chamá-lo assim? Ó vergonha! Aqueles que exultam com os sofrimentos alheios são, na verdade, pecadores do mais tenebroso matiz, o da raça demoníaca. Aqueles que se esforçam para dar alegria ao próximo, que anseiam que outros sejam felizes, esses são os santos. A senhora é uma rainha, uma princesa de nascimento real, mas não está consciente dessa verdade elementar; é uma desgraça para o sangue real.

“Uma última palavra! Rama é a minha própria vida. Sem ele, não poderei me agarrar à existência. Não! Não poderei continuar a viver. Ele não a decepcionará. Mesmo que eu não lhe ordene com as minhas palavras que se retire para a floresta, ele mesmo se dirigirá para lá, ao ficar ciente do meu juramento e do seu desejo, a fim de tornar válida a minha palavra. Não admitirá demora nem discussão a respeito. Saiba que exalarei o meu último suspiro tão logo ouça a notícia desse acontecimento.

“Lakshmana, Sita e Kausalya poderão, com toda a probabilidade, seguir Rama. Kausalya não conseguirá viver separada de Rama. Sita não ficará longe dele. Lakshmana só caminha seguindo os passos de Rama. Urmila também poderá ir junto com Lakshmana para o exílio. Então não haverá ninguém aqui para realizar os ritos funerários deste corpo, e dias se passarão até que Bharata e Satrugna retornem do reino de Kekaya. Até lá, este corpo terá que permanecer sem o devido cerimonial.

“Talvez o povo se levante contra mim por haver descido a esse nível baixo de perversidade e condene o meu corpo a ser lançado como carniça aos corvos e abutres por não merecer um funeral decente. Ou talvez não; talvez os meus súditos embalsamem o cadáver de algum modo e esperem até a chegada de Bharata. Contudo, ele jamais concordará em assumir o trono e se tornar rei. Em tais circunstâncias, não terá o direito de tocar o corpo nem de celebrar os ritos funerários.

“Vamos! Prometa-me, ao menos, que providenciará para que Bharata realize as minhas exéquias”, implorou. “Claro, tenho a certeza de que a senhora se prontificará a me prometer isso, pois está atrás da felicidade que espera obter com a vida de viúva. O que procura, diga-me, ó víbora infame! A senhora finalmente se transformou em

¹⁰⁰ As Escrituras Sagradas hindus atestam a existência de cinco *pranas* ou ares vitais principais. (N. T.)

uma demônia! Está minando esta linhagem real que é o clã de Raghu e colocando-a sob a terra? Será isso o irromper da sua natureza básica? Ou será que algum misterioso destino divino persegue o seu pensamento e a obriga a agir contra a sua vontade de modo tão estranho? Creio que está além de mim avaliar esse segredo”.

Enquanto Dasharatha se torturava mentalmente dessa maneira, metade da noite já havia transcorrido. Ele gemia como um homem em imenso tormento, afligido por alguma doença mortal. Achava-se preso nas espirais da agonia.

Nesse momento, o imperador deu tudo de si para conquistar as graças de Kaikeyi e persuadi-la a aceitar a coroação de Rama. Começou a lisonjeá-la com palavras doces: “Ó rainha! A senhora é a própria encarnação da auspiciosidade e da prosperidade. Durante muito tempo eu a tratei como se fosse o meu verdadeiro alento. A senhora também cuidou de mim e me protegeu como se eu fosse o seu próprio coração. Venha, passemos o resto das nossas vidas sem dar lugar a escândalos sobre diferenças entre nós. Vivamos tranquilos e felizes os anos restantes a nós concedidos. Ó encantadora princesa! Não viverei por muito tempo mais. Ao longo de toda a minha vida, tive a fama de ser um firme adepto da Verdade e todos me honraram por isso. Na reunião pública jurei que amanhã Rama seria coroado herdeiro do trono. Considere como os meus súditos me desprezarão se a cerimônia não for realizada! Pense em como lançarão insultos contra mim! Naquele dia a senhora me salvou durante a batalha entre deuses e demônios. Abandona-me agora, quando algo pior me ameaça? Não é justo nem apropriado.

“Bem, eu lhe darei todo este reino como dote. Coroe Rama a senhora mesma amanhã. Bharata também ficará muito contente se o fizer. Não apenas ele; ministros, sábios, anciãos, eruditos, cidadãos comuns, toda a população a admirará e lhe agradecerá por isso. A sua fama durará eternamente sobre a Terra. Se, em vez disso, criar obstáculos à coroação de Rama, o mundo inteiro a castigará e a condenará. Até o seu filho a criticará e entrará em conflito com a senhora. O seu capricho cruel acarretará a sua ruína e cobrirá de desonra esta linhagem real. A senhora se tornará alvo do opróbrio lançado até pelo menor habitante da Terra. Reflita sobre essas possibilidades! Ganhe eterno renome; pare com esse estratagemas para impedir a coroação. Coroe Rama com as próprias mãos amanhã!”

Dasharatha descreveu, com palavras sedutoras engenhosamente reunidas, a alegria que ela poderia extrair desse ato generoso. Esperava entusiasma-la com a perspectiva de ela mesma coroar o príncipe herdeiro, porém Kaikeyi o interrompeu, dizendo: “Rei! As suas palavras me parecem estranhas e sem sentido. O senhor está tentando se esquivar da promessa feita sob juramento; para encobrir o seu pecado, tece contos fascinantes! Não. Nem mil truques desse tipo me induzirão a mudar a minha posição. O senhor mesmo declarou: ‘Peça quaisquer dádivas que desejar; eu as concederei’. E agora, em vez de cumprir a promessa, exhibe um bom punhado de suspiros e gemidos. Isso não lhe fica bem. Com a sua conduta, está minando a própria reputação e honra.

“Não sou nem um pouco responsável pelo seu sofrimento. Lembre-se da declaração daqueles que são mestres do *dharma* – a de que a Verdade (*satya*) é o mais elevado *dharma*. Baseei no mesmo princípio do *dharma* a minha solicitação das dádivas prometidas e, como condiz a um seguidor do *dharma*, o senhor concordou e afirmou: ‘Certo! Elas serão concedidas’. Não obstante, começou a me imputar culpas, dizendo que o estou impelindo para a injustiça, que estou determinada a cometer um

pecado imperdoável, que busco trazer para a sua reputação uma infâmia sem fim! Isso é extremamente impróprio, completamente injustificável.

“Sou absolutamente inocente de qualquer erro neste caso. O senhor fez uma promessa solene sem pensar no passado ou no futuro; e agora, quando deve cumpri-la, fica subitamente confuso e desesperado. A culpa é sua, não minha. Aqueles que prometem e não estão dispostos a agir de acordo com as suas promessas são pecadores de grande magnitude. Aja conforme o seu compromisso o direciona; então a própria Verdade que tem mantido purificará qualquer pecado a ele relacionado.

“Não se lembra? No passado, o imperador Shibi cortou a carne do próprio corpo para alimentar uma águia que perseguia uma pomba para fazer dela a sua presa¹⁰¹! O imperador Alarka, soberano de esplendor sem igual, prometeu que daria tudo o que lhe fosse pedido; para cumprir a promessa, arrancou os próprios olhos e os deu a um brâmane! Olhe para o oceano. É o senhor de todos os rios; contudo, em cumprimento ao seu voto, restringe-se a permanecer entre os litorais, ao invés de ultrapassá-los.

“Por que repetir mil exemplos? Para todas as coisas, para todos os homens, a Verdade é a autoridade suprema, o ideal mais elevado. A Verdade é Brahman. É o som primordial. É o *dharma*. Somente a Verdade não sofre nenhuma mudança ou diminuição. Majestades régias como o senhor não devem abandonar o Imperecível pelo perecível. Mantenha-se fiel à promessa feita e garanta fama e glória duradouras para si mesmo. Esta é a coisa certa a fazer. Não ceda ao apego ilusório ao filho ou à enganosa simpatia pelas mulheres. Não indefira os ditames do idealismo político e da obrigação régia. Não manche a dinastia de Ikshvaku com irreparável desonra!

“Não faça outros planos. Convoque Rama e diga-lhe que esteja pronto a seguir para a floresta e providencie para que Bharata seja chamado a esta cidade. Instrua o ministro competente a tratar de tais assuntos sem demora. Veja! O céu oriental está ficando brilhante. Essas duas dádivas devem ser concedidas antes do amanhecer. Por mais que o senhor argumente, não me contentarei com nada menos que isso. Se, por outro lado, for inflexível e consumir a coroação de Rama, estou determinada a pôr fim à minha vida diante de toda a vasta assembleia reunida. Este é o meu voto e assim acontecerá”.

Dasharatha observava Kaikeyi enfurecida, praguejando, irada e assustadora. Não conseguia demonstrar e tampouco suprimir a raiva que brotava no seu interior. Achava-se tal qual o imperador Bali, que prometera três passos de terra a Deus (manifestado sob a forma de Vamana¹⁰²), mas descobriu que não poderia cumprir a promessa, pois Vamana cobriu a Terra inteira com um passo, o céu inteiro com outro e ficou perguntando pelo terceiro passo de terra que havia sido prometido a Ele! Dasharatha temia a maldição que o aguardaria por quebrar as regras do *dharma*. A dúvida e o desespero lhe turvaram os olhos, a cabeça pesou-lhe sobre os ombros e ele caiu ao chão.

Finalmente, reunindo um pouco de coragem, gritou: “Ó mulher pecadora! Se a coroação de Rama for cancelada, a minha morte será uma certeza. Depois disso, a senhora poderá governar sobre este reino como viúva, tão livremente quanto deseja”.

¹⁰¹ Shibi, imperador indiano célebre pela sua generosidade, ofereceu parte da carne do próprio corpo para salvar uma pomba – na verdade, o deus Agni – da perseguição que lhe movia uma águia, forma assumida pelo deus Indra. (N. T.)

¹⁰² O quinto dos dez principais avatares ou Encarnações Divinas do Senhor Vishnu, manifestado sob a forma de um anão, que diante do imperador Bali assumiu uma forma gigantesca, de modo a abranger toda a Terra e o firmamento com os seus enormes passos. (N. T.)

Dando vazão à sua ira nesse tom, bradou: “Ai de mim! Rama! Chegou-se ao ponto de eu ter que enviá-lo para a floresta com o meu próprio consentimento? Não, não vou fazer isso. Prefiro renunciar à minha existência. Não consigo permanecer vivo um único momento separado de você. Ó demônio perverso! Como pôde o seu coração engendrar esse plano obscuro para banir o meu adorável e delicado Rama para a selva densa, escura e selvagem? Que fúria terrível! Que monstro você se tornou!” Com isso Dasharatha desfaleceu, logo perdendo a consciência.

Sumantra fica perplexo

A noite se dissolvia diante do brilhante amanhecer. Em frente ao portão do palácio, os nove instrumentos musicais anunciavam o dia de alegria. As ruas começavam a receber chuvas de água de rosas. O ar estava cheio de aromas e de sons festivos, e o céu repleto de esperança e entusiasmo. A constelação Pushya elevava-se como a estrela do dia. O sábio Vashishta dirigiu-se com o seu grupo de discípulos ao rio Sarayu para o banho cerimonial e de lá retornou com a água consagrada necessária às abluções da coroação. Passou pela estrada real, onde os cidadãos se reuniam para olhar os artigos sagrados. Os guardas do palácio abriram caminho para o piedoso grupo, que finalmente adentrou o palácio real pelo portão principal, ricamente ornamentado.

Mesmo naquelas horas iniciais, os espaços abertos no interior do palácio estavam apinhados de sacerdotes, governantes vassallos, representantes do povo do reino e anciãos, que ocupavam os assentos a eles destinados. O ritmo dos hinos védicos recitados pelos eruditos ao longo das ruas ecoava pelos céus. Nisso, Vashishta acenou para o ministro Sumantra e lhe disse: “Vá; a hora auspiciosa fixada para o rito da coroação está se aproximando. Muitos rituais preliminares devem ser realizados. Informe o *maharaja* de que a sua presença é urgentemente necessária. Transmita-lhe a mensagem de que Vashishta está esperando a sua chegada”.

Em razão da sua fidelidade de longa data, Sumantra gozava da liberdade de entrar em quaisquer dos aposentos internos do palácio. Apressou-se, então, a ir até os apartamentos da rainha Kaikeyi à procura do imperador. Penetrando no salão onde estavam os leitos reais, ficou fora de si de tão chocada. Horrorizada ao avistá-lo caído ao chão, perguntou-se: “Será que os meus olhos estão vendo direito?” Perdendo a cerimônia, aproximou-se do monarca e disse: “Rei! Esta manhã deveria encontrá-lo palpitante de enlevo, como o mar ao surgir da lua. Não consigo entender por que jaz prostrado no chão. A hora auspiciosa está se aproximando. Os grandes sábios, versados na tradição védica, estão a postos nas suas funções, aguardando a sua chegada ao salão cerimonial. Levante-se, coloque os trajes e joias reais e entre lá acompanhado pelas rainhas, em brilhante esplendor imperial. O sábio Vashishta enviou-me aqui para conduzi-lo até o recinto sagrado do trono”.

Ouvindo as suas importunações, Dasharatha não pôde conter as suas explosões de dor. Chorou alto e, com a voz entrecortada por soluços, falou: “Sumantra! A sua lisonja perfura o meu coração”. O ministro não conseguia dar um passo nem à frente nem atrás. Ficou paralisado onde estava e implorou, com as mãos unidas: “*Maharaja*! Por que essa reviravolta nos acontecimentos? Em um momento no qual o senhor devia estar imerso em bem-aventurança (*ananda*), por que esta dor, este pranto deplorável? Qual é a razão por trás de tudo isso? Está além da minha compreensão”.

Ao ver Sumantra desesperançoso e abatido pela aflição, Kaikeyi interveio: “Ó melhor dos ministros! O imperador passou a noite inteira em claro, ansioso por causa de Rama. Se puder ir imediatamente em busca de Rama e trazê-lo aqui com o senhor, o mistério será desvendado. É o que estou lhe dizendo. Não me interprete mal, mas traga-o logo”.

Sumantra considerou as suas instruções como se fossem ordens do próprio soberano. Apressou-se rumo à residência de Rama. Ali avistou, em ambos os lados da entrada do palácio, longas filas de atendentes e criadas carregando enormes bandejas com presentes de seda, brocados, joias e pedras preciosas, guirlandas e buquês, perfumes e doces. Aquilo era uma delícia para os olhos, mas Sumantra não parou sequer para lançar um olhar na sua direção. Enquanto entrava correndo no palácio, sentiu que algo precioso faltava em toda aquela festividade. Estava abatido e perplexo. A sua alegria anterior se transformara em pesar.

Enquanto a carruagem rodava em direção ao palácio de Rama, o ministro observara as centenas de milhares de súditos leais apinhados nas ruas comentando que ele ia buscar Rama para a cerimônia no Salão da Coroação. Vira os seus rostos desabrocharem em alegre expectativa. Eles mal piscavam os olhos para não perder nenhum incidente ou aspecto daquela felicidade. Finalmente Sumantra caminhou, sem nada perguntar, por todas as alas daquela mansão de sete andares. Tal qual um peixe que mergulha silenciosamente através das profundezas de um rio caudaloso, deslizou pelos corredores e salões do palácio!

11. LAKSHMANA VAI COM RAMA

No palácio, os companheiros de Rama aguardavam, cheios de entusiasmo e de felicidade, com rostos radiantes e trajes esplêndidos, prontos para acompanhá-lo ao Salão dos Festivais. Ao entrar nos aposentos mais internos, Sumantra viu Rama sentado em um pequeno estrado dourado, espalhando luz divina ao seu redor, com Sita em pé ao seu lado, abanando-o gentilmente. Ele brilhava como a Lua com a estrela Chitra¹⁰³.

Sumantra estava com pressa, não podia se permitir nenhum atraso; então foi logo dizendo: "Rama! A mãe Kaikeyi e o seu pai pediram-me para levá-lo sem demora ao palácio da rainha. Enviaram-me aqui com essa missão; por isso vim correndo para cá".

Rama virou-se para Sita e observou: "Sita! Isso é sinal de algum obstáculo e não de outra coisa. Não deixei de estar ciente disso, porém me mantive em silêncio e disse 'sim' a tudo para que o pai se sentisse feliz. As suas ordens devem ser honradas para que ele não fique magoado". Enquanto Rama assim se expressava, o coração de Sumantra batia celeremente dentro do peito. O ministro tentava interpretar as palavras de Rama e a imagem de Dasharatha lamentando-se, deitado no chão. Agora estava convencido de que era genuíno o obstáculo do qual Rama falara.

Sita, no entanto, interrompeu Rama: "Senhor! O que que está dizendo? Nesta ocasião auspiciosa, o senhor não deve falar assim. Seja qual for o obstáculo, as palavras do meu sogro devem ser honradas. Se ele estiver contente, nós também estaremos. Por ele, temos que renunciar a seja lá o que for. Não hesite nem um pouco, vá imediatamente. Quer a coroação ocorra ou não, ficaremos igualmente felizes. A mãe Kaikeyi tem pelo senhor uma afeição extremada. Qualquer coisa que nos oriente a fazer, qualquer ordem que nos dê, será para o nosso bem, sem sombra de dúvida. Ninguém na Terra é tão solícita em relação ao nosso bem-estar quanto a mãe Kaikeyi. Quando o seu pai e uma mãe como aquela mandam chamá-lo à sua presença sem demora, quão felizes devemos ficar!" Sita seguiu Rama até a porta principal do salão e desejou-lhe felicidades.

Rama respondeu: "Sita! E eu não sei de tudo isso? Para mim, os dias que ficaram no passado, os que estão ao nosso redor e os que ainda estão por vir são todos iguais. A cada dia eu dou as boas-vindas com plena alegria. Para defender a reputação do pai, estou disposto a fazer qualquer coisa e preparado para ir a qualquer lugar. Sinto-me imensamente feliz pelo fato de a senhora partilhar dos meus sentimentos e apoiar a minha decisão".

Rama saiu, acompanhado por Sumantra. Quando subiram na carruagem que estava à espera na estrada em frente ao palácio, as pessoas exclamaram: "Glória, glória ao Senhor Ramachandra (*Jai, Jai Ramachandra Prabhu ki Jai!*)!" A aclamação abalou os céus.

Sumantra anunciou à população: "Neste momento a carruagem não está conduzindo Rama ao Salão da Coroação e sim até o imperador; então deixem que vá tão rapidamente quanto possível. O príncipe retornará em alguns instantes; portanto esperem aqui". Sumantra explicou a razão da pressa e dirigiu-se ao palácio a toda a velocidade. Todos os que viam Rama em sua carruagem divina, seguindo pelas ruas em

¹⁰³ Na astrologia védica, Chitra é a mansão lunar (*nakshatra*) correspondente à estrela Spica, a mais brilhante da constelação de Virgem. (N. T.)

direção ao palácio de Kaikeyi, o aplaudiam com veemência. Menestréis e cortesãos iniciaram hinos de louvor. Os acordes de muitos instrumentos musicais encheram a atmosfera, e das densas multidões em ambos os lados da rua elevaram-se gritos de “Viva, viva!” Mulheres em suas melhores roupas e enfeitadas com joias lotavam as janelas e os terraços das casas, ansiosas por balançar lamparinas quando Rama passasse diante delas.

Rama fala com Kaikeyi

À medida que Rama se aproximava do palácio, as pessoas despejavam pétalas de flores e balançavam lamparinas sagradas. Conservaram o olhar fixo no príncipe até que ele estivesse fora do alcance das suas vistas; em seguida, saboreando com deleite a imagem de “Rama na carruagem”, impressa em seus corações, permaneceram imóveis onde estavam, como ídolos de si mesmas, perdidas na contemplação da bem-aventurança que se apossara delas.

A carruagem entrou nos terrenos do palácio de Dasharatha, que tinha o nome de Vardhamana e era tão imponente quanto o próprio monte Kailash (a morada do senhor Shiva), e passou por três pátios guardados por vigilantes arqueiros. Rama desceu do veículo e atravessou mais dois pátios a pé. No caminho, disse aos companheiros e até mesmo a Lakshmana que ficassem para trás, pois sabia o que estava prestes a acontecer. Apesar disso, agia como um mortal, tão naturalmente quanto qualquer um que se encontrasse nas mesmas circunstâncias! Finalmente, penetrou nos aposentos das rainhas e no lugar onde Dasharatha estava caído sobre a cama. Sem nenhuma preocupação com o decoro, o imperador tinha o cabelo desgrenhado e usava as roupas do dia anterior. Rama ficou atônito com o espetáculo. Kaikeyi estava de pé ao lado da cama.

O rosto de Dasharatha perdera todo vestígio de brilho. Entre lamentos e gemidos, levantou a cabeça e o seu olhar pousou em Rama. A sua língua não conseguia pronunciar o que ansiava por dizer. Lágrimas escorriam-lhe dos olhos. Embora tentasse falar, não emitia nenhum som. Rama jamais vira ou vivenciara cena tão terrível. Cheio de ansiedade, foi rapidamente até a presença do pai e, segurando-lhe ambos os pés, implorou: “Diga-me, pai, por que se lamenta dessa maneira? Qual é o motivo? Tentarei trazer-lhe alegria da melhor forma possível. Dedicarei a própria vida a lhe restituir a felicidade (*ananda*). Conte-me o que provocou essa tristeza, não chore”.

Dasharatha exclamou: “Rama!” E prorrompeu novamente em lágrimas, incapaz de continuar. Perdeu a consciência. Rama tentou reanimá-lo e consolá-lo, mas ele imergiu ainda mais profundamente na aflição, sem obter nenhum alívio.

Rama tomou coragem e o repreendeu: “Pai! O que significa tudo isso? O senhor deve infundir coragem em jovens como eu; no entanto, em vez disso, chora e se lastima, enchendo-nos de temor! Não, isso não está certo. Esta é uma ocasião para se ficar feliz. Será *dharma*, será apropriado para o senhor mergulhar no sofrimento? Até este dia, sempre que estava enfurecido ou preocupado, a minha chegada costumava remover em um instante todo e qualquer sinal de ansiedade, fazendo-o irradiar bem-aventurança. O senhor ficava em paz quando eu me aproximava, não é? Sendo assim, por que motivo quanto mais olha para mim, mais se enche de tristeza? Isso também torna a minha dor mais profunda. Não pode explicar a razão desse estranho comportamento e me confortar? Não vai me dizer? Acaso terei feito alguma coisa

errada? Ou então, se existe algo que eu deva fazer, diga-me, que o farei sem falta. Eu me corrigirei se me apontar as minhas falhas. Não se aflija; não duvide nem hesite. Com a autoridade da sua afeição por mim, diga-me o que devo fazer, e eu me curvarei à sua ordem. Pai! Estar imerso em agonia não é um bom presságio para o senhor nem para mim e tampouco para o império”.

Rama virou-se para Kaikeyi e, com as mãos postas, indagou: "Mãe! Cometi algum erro? Diga-me quem foi o execrável pecador que causou ao pai tanto sofrimento! No momento em que me via, costumava acenar para mim com amor, trazer-me para perto dele e afagar-me carinhosamente! Agora nem sequer olha para mim. Por quê? Ele não profere uma palavra e mantém o rosto longe de mim!

“Por outro lado, se a culpa, se o crime for meu, estou pronto a sofrer qualquer punição para expiá-lo. Se o pai estiver feliz, será o suficiente para mim. Ou estará ele sofrendo de alguma doença ou enfermidade? Terão os meus irmãos Bharata e Satrugna trazido alguma notícia ruim? Eles estão bem, não é mesmo? As mães Kausalya e Sumitra também estão, assim espero!

“Sinto-me cheio de pesar, pois sou incapaz de compreender a razão da agonia do pai! Farei o que for necessário para trazer de volta a sua alegria, por mais difícil que possa ser. Por mais dolorosa que seja a sua ordem, eu a cumprirei na íntegra, com toda a lealdade e de cabeça baixa. O genitor é a causa do nascimento de todos os que vêm ao mundo; ele é, portanto, o Deus visível de todos. Eu não busco nada além da felicidade do meu pai. Tenha compaixão de mim e diga-me o que aconteceu.

“Mãe! Acaso o seu amor-próprio foi ferido por algum incidente, fazendo com que dirigisse palavras duras contra o pai? Ou terá a minha mãe agido contra a vontade dele e ferido os seus sentimentos? A mãe Kausalya jamais se comportaria dessa forma. E Sumitra? Estou ainda mais seguro a seu respeito, ela não agiria assim, de modo algum. E o pai certamente não se lamentaria de maneira tão dolorosa, mesmo se qualquer uma delas se comportasse tão tolamente. Deve haver alguma razão muito séria para a difícil situação em que se encontra. E como reluta em esclarecer o que é, pelo menos a senhora poderia fazer isso e aliviar a minha dor”.

Olhando para Rama, que lhe suplicava de maneira tão comovente, Kaikeyi abandonou todo senso de piedade e moderação, toda consideração para com o marido, que poderia mergulhar em desgraça ainda mais profunda quando ouvisse as suas palavras, pronunciadas com absoluto desprezo pelas calamidades que certamente acarretariam. Não parou sequer para se perguntar se poderia pronunciá-las ou se seria melhor que não o fizesse. Não discerniu entre o presente fugaz e o futuro próximo. Ignorou as demandas do amor e descartou a própria dignidade inata e a sua condição de mãe.

“Rama, escute!”, disse a rainha. “Anos atrás, durante a batalha entre deuses (*devas*) e demônios (*asuras*), o seu pai foi ferido por flechas demoníacas e padeceu dores insuportáveis. Cuidei dele e lhe restitui a saúde e a felicidade. Em agradecimento pelo meu sacrifício e pelo meu serviço, prometeu conceder-me duas dádivas. Naquela ocasião os meus únicos anseios eram a sua recuperação e a sua vitória; por isso respondi: ‘Não desejo as minhas dádivas agora; eu as solicitarei mais tarde, quando achar necessário’. Disse, então, o seu pai: ‘Está bem! Quando for do seu agrado, peça-me as duas dádivas. Eu certamente as concederei e satisfarei o seu desejo. Essas dádivas não têm limite de tempo e não estão vinculadas a nenhuma condição’. E prometeu: ‘A qualquer momento que as solicite, eu as darei, sejam quais forem’.

“Você sabe que os descendentes da linhagem de Ikshvaku jamais quebram a palavra dada. Com fé nesse fato bem conhecido, eu lhe pedi agora essas duas dádivas. A primeira é que o meu filho Bharata seja coroado imperador; a segunda é que você seja enviado para a floresta Dandaka por um período de quatorze anos. Em razão disso, o seu pai está criando todo esse rebuliço! Por que nos alongarmos mais? Não modificarei nem retirarei as minhas exigências. Se o seu pai for um adepto da Verdade e se você deseja provar que também é um adepto da Verdade, terá que ir neste exato momento para a floresta, trajando pele de cervo e com os cabelos enrolados no alto da cabeça, e residir lá durante quatorze anos.

“Como você é o seu próprio alento, desgosta-lhe a ideia de enviá-lo para o exílio. Reluta em lhe pedir para partir. Receia que possa levar a mal esse pedido; essa é a razão do seu sofrimento. Rama! Nenhuma outra calamidade ou dilúvio aconteceu. Não faz sentido exagerar esse assunto de menor importância e achar que uma catástrofe do tamanho de uma montanha desabou sobre as nossas cabeças. Rama! O pai só poderá ser salvo do pecado de quebrar a palavra dada quando a sua própria imagem – o filho – resolver cumprir a promessa que ele falha em cumprir. Mas se, ao contrário, ambos negligenciarem a promessa – quem a fez e o seu filho –, então o pai terá que enfrentar a sentença da perdição eterna. Você não desconhece isso”.

Rama não se perturbou nem um pouco ao ouvir aquelas palavras, deliberadamente proferidas com tanta dureza de coração. Com um sorriso nos lábios, respondeu: "Não é apropriado que o pai se lamente por essa razão". E acenou com a cabeça, em sinal de aprovação às propostas apresentadas por Kaikeyi.

Entretanto, quando a conversa chegou aos seus ouvidos, Dasharatha sentiu como se o seu coração tivesse sendo serrado dentro do peito. Rolou e gemeu em extrema agonia. Rama virou-se para Kaikeyi e declarou: "Mãe! Acontecerá tal como deseja! Reverentemente coloco sobre a cabeça a promessa feita pelo pai. Seria suficiente se ele me trouxesse para perto dele, como tão amorosamente costumava fazer, que me falasse afetuosamente e me abençoasse. Bem, se ao menos me for dito que não mereço isso, que não tenho esse mérito, eu o aceitarei sem contestação e com a mesma alegria e satisfação. O pai sempre deseja o melhor para mim, abençoa-me sempre e anseia que eu progrida constantemente. Ele é um grande vidente; para mim, não é apenas o pai, mas também o preceptor que ensina o caminho mais elevado.

“Que outro dever e responsabilidade eu tenho a não ser proporcionar alegria a ele, que é tanto pai quanto mestre? Este é o meu dever mais querido, o meu *dharma*. Desfrutarei de imensa bem-aventurança (*ananda*) na floresta por quatorze anos. Não apenas quatorze; estou preparado para viver toda a minha vida na floresta, se for esse o desejo do pai!

“Mas por que ele hesita em me contar sobre as duas dádivas? É isso que me dói. Alguma vez responderei ‘não’ ao que ele disser? Rama é o servo e o sustento da palavra paterna, não o seu adversário. Existe ato de gratidão mais nobre do que dedicar este corpo, recebido do pai, ao seu inteiro serviço? Eu o oferecerei com alegria. Não sou alguém que espera que o solicitem a agir assim.

“Mãe, por que não me disse que era Bharata quem devia ser coroado? Não existe diferença entre mim e o meu irmão! Não fazemos nenhuma distinção entre nós. Além disso, por que afirma: ‘Esta é a ordem do seu pai’? Alguma vez já desobedeci a uma ordem sua? Não, jamais fiz isso. Quer seja a senhora ou o pai a dá-la, eu a cumprirei sem hesitar. Deixarei Ayodhya neste mesmo dia e irei para a floresta. Mãe! Envie

mensageiros adequados com a missão de trazer Bharata da casa do seu avô. É melhor buscá-lo rapidamente. Se a minha mudança para a floresta e a coroação de Bharata ocorrerem ao mesmo tempo, o pai será poupado do esforço físico, da ansiedade mental e de uma sensação de vazio. E a senhora também ficará plenamente satisfeita! Quem pode prever o desenrolar dos acontecimentos?”

Ao ouvir essas palavras de Rama, Kaikeyi sentiu-se cheia de felicidade, mas também de apreensão. Temia o que poderia acontecer se Bharata chegasse enquanto Rama ainda estivesse presente na cidade e concluiu que seria melhor insistir em que ele fosse para a floresta naquele mesmo dia. Respondeu: “Rama! É possível tomar providências para trazer Bharata a Ayodhya, mas não há razão para você permanecer aqui até a sua chegada. Uma vez que decidiu iniciar uma vida de eremita, por que atrasar a sua partida? Quanto mais for adiada a sua ida, mais será adiado o seu retorno! É aconselhável que você se prepare para partir agora mesmo.

“O seu pai está ansioso para lhe dizer isso pessoalmente, mas não está disposto a proferir diretamente a sua ordem. Embora o seu coração insista em que deva fazê-lo, perturba-o um sentimento de vergonha, pois ele o ama muito. Reluta em informá-lo da promessa que me fez; esse é o motivo do seu desespero. Não é outra a fonte da sua dor. Quanto mais rápida for a sua partida, menos tempo o seu pai levará para se recuperar dessa agonia. Até você deixar Ayodhya, temo que ele não vá se alimentar nem se banhar; portanto, se deseja restaurar a sua felicidade, quanto mais cedo partir, melhor”.

Prostrado na cama, Dasharatha ouviu as duras palavras de Kaikeyi a lhe perfurarem o coração e não conseguiu mais conter a sua raiva e a sua dor. Explodiu, transtornado pela fúria: “Que a vergonha recaia sobre a sua cabeça, traidora demoníaca!” Voltando-se para o filho, gritou “Rama” duas vezes e desmaiou novamente.

Rama sentou-se na cama com a cabeça do pai no colo. Acariciou-lhe a testa, consolou-o e confortou-o com doçura e amor. Disse a Kaikeyi: “Mãe! Não sou um sujeito ganancioso, envenenado pela ambição mundana. Não tenho nenhuma vontade de dominar o povo e estabelecer o meu governo neste reino. Desejo viver como um eremita. O meu anseio é promover e sustentar a Retidão (*dharma*), isso é tudo. Tenho ainda uma resolução: conferir alegria ao meu imensamente reverenciado pai. Para atingir esses três objetivos, estou pronto a assumir qualquer tarefa. Um filho não tem dever mais elevado nem bem maior do que servir ao pai.

“Mãe! Embora o pai não tenha falado diretamente comigo, a senhora está me transmitindo as suas ordens, não é? Isso é o bastante. Além disso, a senhora está falando na sua presença e, apesar de estar ouvindo o que diz, ele é incapaz de alterar ou de negar o que quer que seja. Concluo, portanto, que as suas palavras são virtualmente as dele. Curvo-me, então, à ordem recebida e parto como indicado.

“Mãe! Tenho um pequeno desejo, que espero que a senhora realize. Quando Bharata estiver governando o império, providencie para que ele obedeça, em todos os aspectos, às ordens do pai, e que aja sempre de modo a contribuir para a sua alegria e satisfação. Para mim, para Bharata – na verdade, para cada filho –, não há nada mais santo e proveitoso que o voto de encher de contentamento e de felicidade o coração do pai. O serviço ao pai é o eterno dever (*sanatana dharma*) do filho”.

Com essas palavras, Rama prostrou-se e tocou os pés da mãe Kaikeyi. Dasharatha, que ouvira o filho, contorceu-se como se o *dharma* exposto por ele e a equanimidade

que revelara houvessem despertado ainda mais o seu amor e, assim, agravado a sua tristeza a um nível incontornável. Sabendo que Rama não ficaria por mais tempo em Ayodhya, perdeu todo o senso do decoro condizente com a sua posição. Gritou “Rama!” e tombou no piso duro. As mulheres do palácio ouviram o baque e, aturdidas de pesar e espanto, lamentaram em voz alta a reviravolta nos acontecimentos. Rama, percebendo que não seria aconselhável demorar-se por mais tempo, inclinou-se diante do pai, tocou-lhe os pés e saiu do aposento.

Rama fala com Kausalya

Lakshmana, que se encontrava diante da porta, ouvira as palavras ditas no quarto. Estava em lágrimas, furioso com Kaikeyi e com raiva do pai. Sentindo-se incapaz de expressar os seus sentimentos, seguiu os passos do irmão com os braços cruzados e de cabeça baixa, olhando para o chão. Quanto a Rama, embora tivesse perdido um reino e devesse ir para o exílio na floresta, o seu rosto brilhava como a lua atrás de nuvens escuras e espessas, inalterada pelo véu negro. O esplendor do seu semblante não havia sido afetado, pois ele enfrentava com igual serenidade a honra e a desonra. Comportava-se como um iogue veterano, sem nenhum traço de agitação no pensamento, na palavra e na ação. Andava como se não houvesse acontecido nada que pudesse lhe causar preocupação.

Sumantra, no entanto, supôs que alguma mudança ocorrera no interior do palácio. A sua suposição logo se transformou em certeza. Quando pousou os olhos em Lakshmana, o seu coração sofreu um choque. Agravando ainda mais os seus temores, Rama afastou para o lado o guarda-sol branco que um atendente segurava sobre a sua cabeça e ordenou que os abanadores cerimoniais não fossem mais usados para ele. Declarou ainda que não merecia mais a carruagem de prata. Ao ouvir isso, o ministro perdeu a força do corpo e da vontade. Estavam confirmados os seus piores medos.

Rama não dirigiu uma palavra àqueles que o rodeavam ou aos cidadãos que encontrava na rua. Não que estivesse triste – não; mas sabia que outros ficariam abatidos se ouvissem a notícia. Se falasse, teria que dizer a verdade e estaria espalhando tristeza com as suas palavras. Apesar disso, enquanto caminhava de volta ao seu palácio, a sua postura anunciava a triste notícia a todos os que o observavam.

Rama não foi diretamente para os aposentos de Sita; em vez disso, optou por andar até o palácio de Kausalya, que resplandecia com bandeiras, grinaldas e outros símbolos de alegria. Quando as mulheres e outros atendentes do palácio foram avisados de que Rama e Lakshmana se aproximavam, prepararam lamparinas em pires e se dispuseram em fila para recebê-los. À entrada principal, guardas antigos e de confiança levantaram-se prontamente ao avistar os irmãos e exclamaram: “Vitória! Vitória! Que a vitória sorria para os senhores!” Curvaram-se, em seguida, e lhes prestaram homenagem.

Quando Rama adentrou o segundo pátio interno, brâmanes ali reunidos derramaram as suas bênçãos sobre ele. Quando chegou ao terceiro pátio, as jovens atendentes da rainha, encantadas com a visão dos príncipes, foram correndo transmitir a ótima notícia de que Rama e o seu irmão mais novo estavam chegando para oferecer reverências à mãe. Em ambos os lados da longa passagem que ia da porta externa até o quarto de Kausalya, donzelas balançavam lamparinas cerimoniais em sinal de boas-vindas e também para afastar o mal e atrair alegria e prosperidade.

A rainha mantivera vigília durante toda a noite, preparando-se para o sagrado dia que amanheceria. Estivera envolvida em rituais de adoração desde a madrugada. Sacerdotes brâmanes idosos propiciavam o deus do fogo com hinos védicos quando Rama foi anunciado. A mãe achava-se inteiramente tomada de júbilo, pois poderia testemunhar com os próprios olhos a coroação do filho. Celebrara a sua felicidade por meio de diversos ritos e pela doação de presentes em abundância. Jejuara e guardara vigília. Fora-lhe suficiente, como alimento, a bem-aventurança espiritual (*ananda*), uma bem-aventurança que compartilhara com todos.

Ela correu para estreitar Rama nos braços; acariciou-lhe os cachos dos cabelos e levou-o pela mão à sala do santuário onde estava passando a manhã. Não tinha conhecimento da imprevista reviravolta nos acontecimentos. Inocente e de coração simples, usava o sári branco da pureza e, com o cordão de seda sagrado amarrado no pulso, estivera se dedicando, com toda a gratidão, à adoração aos deuses. Olhando para o rosto de Rama, notou um esplendor adicional a iluminá-lo e não pôde conter a sua felicidade.

Disse então: “Filho! Os seus antepassados foram todos sábios reais (*rajarishis*). Cada um deles foi um forte protetor da Retidão e uma grande alma (*mahatma*). Você deve ter vida tão longa e alcançar tão grande renome quanto eles. A sua glória deve chegar, tal como a deles, até as extremidades de todos os quadrantes. Filho! Siga os ideais da justiça que foram erguidos bem alto por esta dinastia. Não os negligencie, mesmo em um acesso de distração. Aferre-se a eles, sem a menor vacilação”. Com essas palavras, derramou alguns grãos de arroz sobre a cabeça de Rama, como sinal da sua bênção naquele dia auspicioso. Puxou um assento dourado para perto dela e continuou: “Filho! Você observou a vigília cerimonial na noite passada, não foi? E jejuou ontem, de acordo com as normas. Deve estar exausto. Sente-se aqui um pouco e coma algumas frutas”. Ofereceu-lhe uma bandeja de ouro com frutas que havia preparado para ele.

Emocionado com a bem-aventurança espiritual da mãe e o amor que ela derramava sobre ele, Rama perguntou-se como poderia lhe comunicar o rumo que haviam tomado os acontecimentos. Não tinha vontade de destruir aquela atmosfera de alegria. Para satisfazê-la, sentou-se na cadeira dourada, passou os dedos pelo conteúdo da bandeja e disse: “Mãe! A partir deste momento, não devo mais tocar em ouro. Não posso mais me sentar em cadeiras douradas.guardo a sua bênção, pois tenho que partir em exílio para a floresta Dandaka. Vim até a senhora para me despedir”.

Kausalya não conseguiu entender uma palavra do que ele dizia. Só pôde responder: “Filho! Você está para ser coroado rei dentro de alguns minutos e fala da floresta Dandaka! Não consigo entender o sentido do que me diz”. Pensando que Rama estivesse gracejando com ela, acrescentou: “Filho! Nesta hora auspiciosa você não deve, nem por brincadeira, falar sobre coisas de mau agouro. Deixe disso, minha linda joia!” Pegou com os dedos um pouco de arroz cozido em leite e adoçado com açúcar, que estava em um prato, e colocou-o na língua de Rama! Observando o seu amor e a sua bem-aventurança, os olhos de Lakshmana encheram-se espontaneamente de lágrimas.

Kausalya notou isso; virou-se para ele e perguntou: “Lakshmana! Por que está triste?” Correu na sua direção e tentou acariciá-lo, mas ele não conseguiu mais sufocar a sua dor. Chorou em voz alta e soluçou. Perplexa, a rainha não entendia por que ele

estava chorando. As palavras de Rama e a dor de Lakshmana deixaram-na muito confusa.

Rama interveio, segurando-lhe firmemente as mãos: “Mãe! Se a senhora prometer não ficar triste, vou dizer-lhe uma coisa. É algo que trará a mim, à senhora, a toda a nossa família e dinastia uma glória imperecível; portanto não dê espaço a nenhuma ansiedade, dúvida ou angústia. Aceite a situação com entusiasmo e afeição. Não lhe dá grande alegria a minha obediência às ordens do pai? Ele resolveu coroar o meu irmão Bharata! E decidiu enviar-me para a floresta Dandaka, trajado como um eremita, por um período de quatorze anos. Curvei-me à sua ordem e vim até aqui para me despedir da senhora”.

Kausalya deu um grito agudo: “Rama!” e tombou ao chão. “Que mudança nos eventos é essa? O meu filhinho tão delicado está sendo enviado para a selva escura? Que crime terá cometido o meu Rama para merecer isso? Será que é verdade? Ou não passa de uma tagarelice sem sentido, oriunda da minha própria cabeça por eu ter ficado sem dormir nem comer?”

Enquanto a rainha tentava dar explicações e consolar a si mesma, os acontecimentos no palácio de Kaikeyi haviam se espalhado pelos aposentos reservados às mulheres (*zenana*). Por toda parte se elevavam o pranto e os lamentos das criadas e das atendentes; por todos os rostos corriam lágrimas de profunda tristeza; em todo lugar ouviam-se gritos: “Rama! Não nos deixe!” Grupos de pessoas cheias de aflição acorriam rapidamente ao palácio de Kausalya. Oprimida pelo assombro, pela tristeza e pelo temor, a rainha era incapaz de desvendar o mistério de tudo aquilo. Vencida pela apreensão e pelo desespero, nem se levantar do chão conseguia. Mesmo assim, estava ansiosa por entender o que realmente acontecera para causar aquela agonia geral.

Trouxe Rama para o seu colo e, acariciando-lhe os cabelos cacheados, indagou: “Filho! O que é isto que ouço? Esta notícia? Conte-me claramente o que ocorreu. Não posso suportar este suspense por mais tempo”. Rama respondeu-lhe: “Honrando o que certa vez prometeu a Kaikeyi, o pai concedeu-lhe duas dádivas”. E contou a Kausalya que a primeira delas havia sido “a coroação de Bharata” e a segunda, “o seu exílio na floresta durante quatorze anos”.

Kausalya exclamou: “Rama! Será que Kaikeyi realmente exigiu essas dádivas? Ela sempre nutriu amor e carinho ilimitados por você. Jamais, em tempo algum, teria desejado tais coisas. Deixe isso para lá. Mesmo que o tenha feito, estou certa de que deve ter sido apenas para testar o rei! Por que tanta confusão e ansiedade por algo tão simples? Além disso, supondo que ela tenha pedido essas dádivas, teria o seu pai concordado em concedê-las? Recuso-me a acreditar nisso. Será que o seu pai, que não pode tolerar a sua ausência por um momento sequer, o mandaria para o exílio na floresta durante quatorze anos? Isso me deixa ainda mais confusa”.

Vendo a mãe duvidar da veracidade dos incidentes que haviam realmente sucedido, Rama novamente lhe segurou as mãos e implorou: “Mãe! Acredite-me! O pai já havia prometido a Kaikeyi conceder-lhe quaisquer dádivas que escolhesse. Mais tarde, quando ela as solicitou, não se sentiu propenso a faltar com a palavra empenhada. Tampouco a sua mente podia concordar em me enviar para a floresta e ficar sem a minha presença. Então está sofrendo, tomado por intensa angústia mental. Não consigo suportar a visão da sua agonia. Acabei de retornar daquele palácio, onde está caído, inconsciente e padecendo terrível aflição. Essa é a verdade. Não sou tão

cruel a ponto de lhe causar tanta ansiedade a título de brincadeira, creia-me. Acatei a ordem do pai e vim até aqui para obter a sua permissão”. Com essas palavras, Rama caiu aos pés da mãe.

Kausalya ergueu-o ternamente e disse: “Rama, que comportamento estranho! Por mais bárbaro que seja, como pode alguém exigir dádivas tão terríveis? Será que algum ser humano pensaria em mandá-lo, a alguns minutos da coroação, para o exílio na floresta durante quatorze anos? Estarei eu destinada a sofrer por toda a vida? Tive um filho após observar muitos votos e rituais. Olhando para o seu rosto adorável, superei as dores daqueles anos de tristeza. Não tenho nenhum outro desejo, não peço nenhuma outra dádiva; basta-me que o meu filho esteja comigo, perto de mim. Terei me tornado inapta a receber esse pequeno presente? Terei dado à luz a uma criança apenas para jogá-la na floresta? Será que alguma mãe concordaria em enviar o seu filho para a selva? Ai de mim, que pecado terei cometido no passado? Em qual das minhas vidas passadas separei uma mãe do seu filho?

“Desde o dia em que você foi iniciado nos estudos védicos, eu extraía felicidade do pensamento de que se aproximava o dia da sua coroação. Será que aqueles meus doces sonhos não deram em nada? Terão todas as minhas esperanças caído por terra e se fragmentado? Será que todos os meus votos, vigílias, ritos e rituais tão escrupulosamente observados e realizados para garantir a sua alegria e felicidade foram em vão? Oh, que grande pecadora eu sou! Por que o meu coração não se partiu ao ouvir essa notícia?

“Talvez eu ainda tenha que ouvir e suportar muitas outras notícias dolorosas! A morte não me ajuda! O meu coração ainda bate, apesar do choque. Ai de mim, até a morte aguarda o momento determinado. Ela veio; no entanto, ao ver a minha triste situação, deixou-me viva, adiando o momento da minha libertação. Yama (o deus da morte) também não tem misericórdia de mim; nem mesmo do reino da morte sou merecedora. Ó Rama! Que calamidade é essa que deve acontecer conosco!” Assim se lastimou a rainha, que em seguida caiu desmaiada. Recobrando a consciência, rolou pelo chão, pressionando o coração com a palma da mão. Rama não conseguia observar tranquilamente aquela cena. O choro das criadas reunidas ao redor ribombava nos seus ouvidos como uma trovada.

Rama não pronunciou uma única palavra. Sentou-se perto da mãe e afagou-lhe a testa, acariciando-lhe o cabelo e consolando-a. Limpou a poeira que lhe cobria as roupas. Tal como um enorme rochedo firmemente assentado no fundo do mar, manteve-se incólume aos açoites dos vagalhões que se encrespavam à sua volta. Estava acima e além dos golpes da dor e das carícias do prazer. Achava-se tão repleto de equanimidade agora, quando devia seguir para a floresta e ali permanecer durante quatorze anos, quanto estava alguns momentos atrás, quando iria para o salão de audiências e recepções da corte para ser coroado governante de um grande império!

Kausalya sabia que Rama nunca se desviaria do caminho do dever e que jamais faltaria com a palavra dada. Também estava ciente de que ele não se desviaria nem um milímetro da senda traçada pelo pai. Tinha a certeza de que os seus lamentos não o convenceriam a voltar atrás. Então desistiu de todas as tentativas de persuadi-lo a abandonar a sua resolução e disse: “Filho! De que serve culpar os outros quando se está fadado a enfrentar esses trágicos acontecimentos? Não, é puro desperdício de palavras. Tudo é para o nosso próprio bem. Ninguém pode dizer ‘não’ aos ditames do Divino. Não tive felicidade em Ayodhya, neste palácio. Só posso ser feliz onde está o

meu Rama; por isso eu o seguirei. Leve-me com você”. Tentou ficar de pé. As criadas a seguraram e a fizeram sentar-se encostada à parede, falando-lhe com suavidade e doçura para reanimá-la.

Lakshmana intervém

Lakshmana assistia à angústia de Kausalya e ouvia as suas palavras. Não conseguiu controlar as suas emoções. Estava explodindo de raiva. Com as mãos apertadas junto ao peito, afirmou: “Ó venerada mãe! Nunca aceitarei essa situação. Rama deve deixar o reino e dirigir-se à floresta, cedendo à tagarelice de uma mulher? Não posso tolerar isso. O pai ficou velho demais e a sua mente é instável. Enredado em buscas sensuais, tornou-se escravo da sedução de Kaikeyi. Lamentavelmente submisso a ela, não possui nenhum senso de discernimento sobre as consequências das suas ações. Está sujeito a emitir qualquer espécie de ordem por causa da sua paixão.

“Ordens desse tipo não devem ser obedecidas. O rei se encontra em um estado de fraqueza mental, incapaz de distinguir o real do irreal, o momentâneo do momentoso. Quando tais governantes dão ordens baseadas na paixão, pode-se muito bem desobedecê-las. Que crime cometeu Rama para ser enviado para a floresta? Nem o seu mais cruel inimigo (se ele tem algum), nem o bárbaro de coração mais duro que esteja sendo punido pelos seus crimes poderá apontar a menor falha no seu comportamento ou na sua ação. Nenhum monarca na Terra possui autoridade para mandar para o exílio na floresta alguém de tão inquestionável inocência, pureza de intenções e piedosa santidade. Rama é firme no seu caminho de retidão; é o mestre dos seus sentidos; honra e trata com respeito qualquer tipo de inimigo. Será que algum pai expulsaria tal filho para a selva?

“Além disso, o rei é extremamente apegado ao *dharma*. É um herói cheio de ideais sagrados e um adepto do que existe de melhor em todos os credos. Poderia um rei assim emitir uma ordem dessas? A julgar por isso, Dasharatha certamente está louco ou escravizado pela paixão. Qualquer ordem de alguém que se encontre em uma dessas condições não é digna de consideração. As palavras de um soberano que se comporta como um lunático ou como uma criança não precisam ser honradas em absoluto. Esquecendo os ditames da moralidade política, abandonando o caminho da prudência mundana, jogando ao vento as demandas da afeição paternal, ele enlouqueceu, passando a dar livre vazão aos seus caprichos e fantasias. Deve-se considerar válida a sua ordem? Não concordo em que se deva respeitá-la”.

Virou-se para o irmão e, unindo as mãos em reverência, disse: “Rama! Perdoe-me! Assuma o governo do reino antes que a notícia se espalhe e se torne conhecida por todos. Estarei ao seu lado com o meu arco. Quem se levantar contra você terá que encarar as flechas deste arco. Tal pessoa não existe, é claro, seja em Ayodhya ou em qualquer outro lugar. Mas caso surja alguma oposição, esta grande cidade se tornará um deserto, sem um habitante humano sequer. As minhas flechas afiadas providenciarão isso. Por que repetir mil coisas? Se Bharata ou qualquer um em seu nome se opuser, eu o destruirei completamente. Não me importo. Mesmo Dasharatha, se ele se apresentar como defensor de Kaikeyi nesta luta, haverei de capturá-lo e trancafiá-lo na prisão”.

Enquanto Lakshmana prosseguia nesse tom, Rama olhou-o com severidade, interrompendo o fluxo dos seus sentimentos, e o admoestou: “Lakshmana! As suas palavras estão passando dos limites. Ninguém pode me negar o que desejo nem

mudar o rumo da minha vontade. Não se pode evitar o meu exílio na floresta. A sua fala é motivada pelo seu amor por mim e pelo anseio por impedir a nossa separação. Contenha-se! A paciência o protegerá contra toda ansiedade e temor. Seja paciente, não se agite. Não entretenha ideias de ódio contra o pai ou contra o nosso irmão Bharata. Eles são pessoas puras e piedosas.

“Kaikeyi também é altamente venerável e deve ser honrada e reverenciada. As dádivas que solicitou também são irrepreensíveis. Ela me amava, acariciava, aflagava, cuidava de mim, brincava comigo e desfrutava de mais alegria comigo do que com o próprio filho Bharata. Se hoje implorou ao pai dádivas bastante contrárias aos caminhos do mundo, certamente há de existir algum significado oculto nisso. Deve se tratar do Plano Divino, não de mera estratégia humana. Fique tranquilo, renuncie aos seus medos e ódios. Aguardemos o que acontecerá em seguida”.

Lakshmana prostrou-se aos pés do irmão e falou: “Rama! Em que base e com que autoridade se deve dar a Bharata a coroa que deveria ser sua? Que outro filho tem o direito que o mais velho não tem? Você está obedecendo a essa ordem absurda e injusta por causa do pai, mas eu não aprovarei isso, não importa o que possa dizer para justificar tal coisa”.

Virando-se para Kausalya, continuou: “Venerável mãe! Para dizer a verdade, sou devotado a Rama. Declaro isso em juramento. Não posso existir nem por um único momento separado de Rama. Se ele não tiver nenhum desejo pelo reino e se mudar para o interior da floresta, eu o seguirei. Andarei sobre as suas pegadas, serei a sua sombra. Se ele assim o ordenar, pularei com toda a alegria no fogo ardente. Prestarei atenção apenas às suas ordens e às de mais ninguém. Mãe! Não consigo suportar a visão da sua tristeza. Ele é o seu filho; é o meu Ramachandra. Como poderia alguém permanecer separado do seu próprio alento?”

Ouvindo Lakshmana, Kausalya sentiu-se um pouco mais confortada. Acariciou-lhe a cabeça, dizendo: “O seu amor me traz muito consolo; as suas palavras me deram grande força. Irmãos da sua espécie são de fato raros! O mundo considera a mãe que deu à luz tais filhos como venerável e santa, mas agora estamos aflitas com a sensação de sermos grandes pecadoras”. Lamentou-se: “Rama não desistirá da sua resolução. O exílio é inevitável para ele. Neste momento eu só desejo uma coisa: que me levem com vocês”.

Rama olhou para Lakshmana e falou: “Irmão! Sei a extensão do seu amor por mim. Não desconheço o seu heroísmo, a sua capacidade e a sua glória. A mãe está sofrendo com imensa tristeza, já que é incapaz de compreender a verdade dos fatos e o valor do autocontrole; além disso, como sou o filho nascido do seu ventre, a tristeza é natural. Mas considere: a Retidão ou *dharma* é a própria raiz de todos os valores da vida. E o *dharma* somente está seguro quando fundado na Verdade.

“A Verdade (*satya*) e a Retidão (*dharma*) são intercambiáveis. Uma não pode existir sem a outra. A Verdade é o Bem; o Bem é a Verdade. Estou realizando agora tanto *satya* quanto *dharma* ao agir de acordo com as ordens do pai. Ninguém que seja dedicado à vida correta deve quebrar a palavra empenhada à mãe, ao pai ou ao estimado preceptor; portanto não passarei por cima das ordens do pai. Isso é certo.

“Não foi Kaikeyi que me ordenou a fazê-lo; ela só me comunicou a ordem do pai. E o fez na sua presença; então é para se abaixar a cabeça em reverência ao que ele ordenou. Se não fosse essa a sua ordem, ele poderia ter se manifestado quando Kaikeyi afirmou isso, não poderia? Mas não o fez; limitou-se a se lamentar e a gemer.

Por esse motivo ela é tão válida quanto se tivesse partido dele. Sendo assim, não me desviarei da minha resolução. Não há a mínima possibilidade de que eu volte atrás. Não permita que a sua razão resvale para essa mentalidade guerreira (*kshatriya*) de criação de terror. Renuncie à violência e à crueldade e adote a minha atitude”.

Rama afagou as costas de Lakshmana, que se achava abatido sob o peso da raiva e da tristeza, e lhe falou com suavidade e amor para amenizar a sua dor. Em seguida, voltando-se para a mãe Kausalya, pediu: “Não ponha obstáculos à minha decisão, causando o rompimento do meu voto. Aconteça o que acontecer, não se pode evitar o meu exílio na floresta. Envie-me para lá com o seu amor. Abençoe o meu voto, a minha resolução”. Prostrou-se, então, aos seus pés e lhe rogou permissão para sair.

Abalada pela agonia que a torturava, a mãe pôs as mãos nas costas de Rama e chorou alto. Vendo o seu sofrimento, ele também foi incapaz de conter as suas emoções. Segurou-lhe os pés e disse: “Mãe! A minha palavra é a Verdade Suprema. Escute! Nenhuma adversidade me atingirá enquanto eu estiver na floresta. Passarei esses quatorze anos na maior felicidade e alegria. Eu voltarei e me prostrarei novamente a estes pés. Realizarei todas as esperanças que deposita em mim. Mãe! É a ordem de Dasharatha! Uma ordem que não somente eu, mas também a senhora, Lakshmana, Sumitra e Bharata devem executar ao pé da letra. Essa é a lei ancestral e eterna (*sanatana dharma*).

“Mãe! Farei outro apelo, perdoe-me. Os preparativos feitos pela senhora e por outras pessoas para me coroar devem ser empregados com igual regozijo e entusiasmo na coroação de Bharata. O pai confiou a mim a região da floresta. Melhor assim. Está de acordo com o mais elevado *dharma* que cada um cumpra o dever a ele atribuído. Tentar esquivar-se a esse dever por ser ele difícil de desempenhar é entreter a ideia de que existe diferença entre mim e Bharata. O que a senhora tem a fazer é abençoar a nós dois, pedindo a cada um que cumpra com sucesso a responsabilidade a ele designada”.

Kausalya escutava as palavras de Rama, sem poder suportar a aflição que se abatia sobre ela. Lamentou-se muito dolorosamente: “Meu filho! O seu pai o criou, ajudou-o a crescer e ficou feliz por vê-lo alto e forte; portanto merece reverência e obediência. Mas não serei eu também digna de reverência e obediência? Pense bem nisto: a esposa é a metade do marido; este é a metade direita da esposa. Nesse caso, como cada um é a metade do outro, eu sou a metade de Dasharatha, não sou? É por isso que se chama a esposa de ‘metade do corpo’ do marido. Você afirma que foi Dasharatha quem deu essa ordem, mas ela foi dada apenas por metade dele; não se originou dele todo. Ela só se tornará oficial quando esta metade, que sou eu, também concordar. Se eu não o fizer, a ordem não terá validade.

“Você sabe o significado e a importância do *dharma* em todos os seus variados aspectos; então deve estar ciente disso também. Sem a aceitação da mãe, nenhum dever pode ser considerado obrigatório e nada merece o nome de *dharma*. E, mais do que a ordem do pai, deve-se obedecer à da mãe. Esse é o dever mais importante, pois foi a mãe quem o nutriu na infância e na adolescência, não o pai!

“Se a mãe não o tivesse carregado por nove meses, não haveria filho nenhum! Agora você está atirando essa mãe nas chamas do sofrimento e proclamando: ‘Oh, essa é a ordem do meu pai. Devo obedecer-lhe a todo custo’. Não aceitarei essa conduta como correta. Nenhum tesouro é mais precioso para a mãe do que o seu filho. E para mães como eu, o filho é tudo. Quando ele me olha de lado e considera a

ordem do pai superior à minha, de que proveito é para mim assegurar o Céu e lá viver de néctar divino? Preferiria estar no inferno. Considero o Céu qualquer lugar onde o meu filho esteja comigo.

“Rama! O que posso fazer aqui? Em toda a minha vida não saboreei um único momento de felicidade! Desde o meu nascimento vivi presa às limitações impostas pela mãe e pelo pai e depois ansiosa em relação ao tipo de marido que viria a ter. Qual seria o seu caráter e o seu comportamento? Finalmente casaram-me com o seu pai. Durante anos afluí-me a agonia de não ter filhos. Aí tive que sofrer com o conflito com as outras esposas do seu pai. Desde então e até hoje não experimentei nenhum alívio nessa luta. Como resultado não sei de que mérito na minha vida anterior, eu o tive como filho. E agora o que me sucede é ser separada de você.

“Quando é que eu fui feliz? A minha vida se tornou uma enorme corrente de tristeza; estou lutando nela, incapaz de nadar, afundando sem nenhuma esperança de ser resgatada. Eu o tinha como um galho ao qual poderia me agarrar para me salvar. Se você me negar isso, o que acontecerá comigo? O seu pai não experimentará nenhum sentimento de perda com a minha ausência. Ele tem a sua felicidade em Kaikeyi, nada mais lhe é necessário. Portanto, em vez de ficar aqui ardendo em agonia para afinal perder a respiração, prefiro olhar para o rosto encantador do meu querido filho. Ainda que eu não tenha nada para comer nem beber na floresta, tirarei o meu sustento dessa alegria”.

Embora Rama sentisse que havia alguma validade nos argumentos dela, a necessidade o compelia a obedecer aos desejos do pai e a cumprir a promessa de que não falharia nesse dever. Lakshmana interveio, dizendo: “Irmão! As palavras da mãe expressam a mais elevada verdade. A mãe merece ainda mais reverência do que o pai. As Escrituras proclamam: ‘Reverenciem a mãe e o pai como Deus’ (*Matru devo bhava, Pitru devo bhava*), colocando a mãe em primeiro lugar e o pai na segunda posição. Não é apropriado que você se aherre tão firmemente à sua resolução e cause tanto sofrimento à mãe”.

Rama virou-se para ele e o interrompeu, dizendo: “Lakshmana, você está apoiando as declarações de uma mãe que sofre o efeito perturbador causado por um forte apego à sua prole. Considere a ordem do pai, que diz respeito ao bem-estar do império, do mundo em sua totalidade e da comunidade humana. Você não entendeu a implicação e o significado internos dessa ordem.

“Somente o *dharma* pode assegurar as outras três metas¹⁰⁴ do homem: a riqueza, a satisfação do desejo e a liberação. Não há necessidade de duvidar disso ou debater se está correto. Quando a atividade é dedicada simplesmente à obtenção de riqueza, o mundo odeia o indivíduo; quando é inteiramente dedicada à satisfação egoísta do desejo, o mundo a condena como desprezível. Conseqüentemente, a atividade deve estar de acordo com o *dharma*, Lakshmana! E isso não é tudo. Dasharatha é o nosso pai, preceptor e soberano. Ele pode nos dar uma ordem motivada pelo desejo por algo, pela raiva que sente de alguém ou por apego e amor a alguma pessoa. Isso não é problema nosso! Temos apenas que obedecer; não há justificativa para rejeitá-la.

“Um filho que se compraz no pecado poderá agir contra ela. Não sou esse tipo de filho. Seja qual for a ordem do pai, inclinarei a cabeça em reverente homenagem. A esse respeito você pode ter um pouco de dúvida. Suponhamos que um pai insensato e

¹⁰⁴ Aqui Sai Baba está se referindo às quatro metas da vida humana ou *purusharthas*: retidão, riqueza, desejo e liberação. (N. T.)

cego pela luxúria, desprovido de inteligência para discernir entre o transitório e o eterno, tendo por único propósito o seu engrandecimento egoísta e confiando nas artimanhas alheias, inflija dano ao próprio filho. Aí você poderá perguntar: deve o filho confiar nele e obedecer-lhe? Sim, sem falta! Ele pode ser um néscio ou um tirano cruel, mas você não é seu filho? Se for, a sua posição será sempre inferior à dele e isso decide sobre todos os direitos e deveres. O filho poderá, na melhor das hipóteses, tentar esclarecer e explicar, à sua luz, o que lhe parece confuso ou complicado. Não deve se recusar a obedecer à ordem, rejeitando-a por considerá-la tola ou absurda.

“Considere ainda outro aspecto. Dasharatha é pessoa de imenso talento, um bravo guerreiro, um combatente heroico e um pilar da Retidão. Está aflito, lutando para manter a palavra empenhada! Não foi iludido por Kaikeyi nem está cego pela luxúria! Não. Ele foi movido pela suprema necessidade de cumprir a sua promessa – uma promessa feita solenemente. Ele havia afirmado a ela que lhe concederia duas dádivas, quaisquer que fossem, mesmo que essa concessão envolvesse dano à sua própria vida! Jamais poderei concordar com a opinião de que está tomado pela luxúria. O pai está sofrendo porque não vê escapatória para as consequências daquela afirmação e, por outro lado, o seu coração não concorda em me enviar para o interior da floresta.

“Lakshmana! O pai é um convicto defensor do *dharma*, um defensor ainda mais ferrenho que os seus antecessores no trono. A sua fama ecoou e reverberou em todos os cantos dos três mundos. Não seria um mau exemplo para a humanidade se a sua rainha – a rainha ungida – o deixasse e acompanhasse o filho, abandonando o marido? A vida é curta; a sua duração é limitada. Perder para sempre a reputação recorrendo a atos injustos não é bom para mim nem para você”.

Em seguida, voltando-se para a mãe, rogou de forma comovente: “Mãe!” Antes que ele pudesse continuar, Kausalya ficou rígida, entorpecida pela tristeza. Percebeu que os seus esforços para mudar a posição de Rama eram infrutíferos. Descobriu que não poderia escapar à obrigação de lhe dar licença para partir com as suas bênçãos. Sentiu que, quanto mais se lamentasse, mais Rama sofreria.

Lakshmana estava muito comovido. Com os olhos avermelhados, perdera toda a consciência de onde e com quem estava. Tinha os lábios ressequidos, a língua presa e um olhar fixo. Fitava o chão, de cabeça baixa, as lágrimas escorrendo sem parar. Rama sentiu que não seria conveniente deixá-lo naquele estado. “Se o deixarem sozinho, Lakshmana poderá fazer algo contra si próprio e até ferir outras pessoas. E considerariam tais atos como tendo acontecido por minha causa”, pensou.

Então decidiu questionar Lakshmana: “Irmão! Os vapores da raiva são como incenso para a horda de pecados. Suprima-os. Você pode estar angustiado com o pensamento de que Rama foi tão grosseiramente insultado e desonrado. No entanto, o caminho da Verdade (*satya*) e da Retidão (*dharma*) não dá atenção à honra nem à desonra. Não anseia por uma nem evita a outra. Seja corajoso. Encha de bravura o seu coração. Permaneça aqui e sirva ao pai. Empregue assim os seus dias, no cumprimento do propósito mais elevado da vida”.

Quando o seu irmão mais velho assim o abençoou, Lakshmana estremeceu e falou: “Irmão! Se Rama, o meu próprio alento, está prestes a seguir para a floresta, a quem hei de servir aqui com este objeto material inerte chamado corpo? Este Lakshmana não tem desejo de servir a ninguém, exceto a Rama. Você valoriza o seu *dharma*, o seu senso de dever. Eu também tenho o meu senso de dever e o valorizo

igualmente; portanto irei com você. Não necessito aguardar ordens de ninguém. Não estou incluído nas pessoas vinculadas às dádivas reivindicadas por Kaikeyi. Mesmo que esteja envolvido nelas, não prestarei atenção às suas ordens nem às diretrizes dos seus comparsas.

“Somente Rama tem autoridade para me dar ordens ou instruções sobre os meus movimentos ou a minha conduta. Então, aqui e agora, também usarei as vestes de casca de árvore de um eremita, enrolarei o cabelo no alto da cabeça e me prepararei para segui-lo”. Com essas palavras, Lakshmana despojou-se das muitas joias e acessórios reais que colocara enquanto se dirigia ao Salão da Coroação. Com desprezo, jogou para longe as joias e os mantos de seda; os colares e os ornamentos para as orelhas caíram pelos cantos do aposento. Estava impaciente para acompanhar o irmão.

O coração de Rama suavizou-se diante da espontânea devoção e dedicada lealdade de Lakshmana. Aproximou-se dele e, colocando a mão no seu ombro, falou baixinho: “Irmão! A minha alegria não tem limites, já que tenho um irmão como você! Essa é a minha imensa boa sorte. Se você for comigo, a mãe Kausalya também terá um pouco de paz de espírito. Ela está muito agitada devido ao medo e à dúvida a respeito de como passarei quatorze anos na floresta e se retornarei após o término do período de exílio. Diga-lhe, então, que não tema. Vá até ela e tranquilize-a. Aliás, enquanto passamos essas horas aqui, o pai deve estar sendo tomado por uma ansiedade cada vez maior. Kaikeyi está sofrendo com a dúvida nascente de que eu talvez não parta em absoluto! Portanto irei até a presença de Sita para informá-la do ocorrido e depois ao palácio de Kaikeyi, a fim de me despedir do pai. Enquanto isso, vá até a sua mãe Sumitra e receba o seu consentimento para se juntar a mim”.

Rama deu uma volta completa em torno de Kausalya e prostrou-se aos seus pés com reverência. Diante disso, as criadas, atendentes e demais residentes dos aposentos destinados às mulheres lamentaram-se em voz alta, como se um dilúvio houvesse se precipitado sobre elas. Kausalya, corajosamente, trouxe Rama para junto de si quando ele se levantou para receber as suas bênçãos. Abraçou-o, acariciou-lhe os cabelos e, com as mãos no seu ombro, disse: “Filho! Rama! Você é o mais fiel adepto do *dharma*. É um herói determinado. Não pode haver nenhum motivo para que tema a vida na floresta. Decidiu seguir para o exílio lá e foi impossível para mim dissuadi-lo de tal resolução. Que tudo corra bem com você. Cumpra o seu ideal, satisfaça o seu anseio por acatar o desejo do seu pai! Pague a dívida que tem para com ele agindo de acordo com a sua ordem.

“Quanto a mim, desejo apenas uma coisa: que retorne feliz a Ayodhya. Ao menos nesse dia eu serei ditosa. Rama! O decreto do destino é de fato inescrutável. O seu texto não pode ser refeito, nem mesmo pelos mais poderosos. O *dharma* pelo qual está nos deixando agora certamente o protegerá e guiará durante o exílio.

“Rama! Que bom seria se neste exato momento os quatorze anos já houvessem transcorrido e eu estivesse presenciando o seu regresso ao invés da sua partida! Ai de mim! Perdoe a minha loucura! Filho! Como devo lhe conceder as minhas bênçãos? Devo dizer: ‘que os quatorze anos passem como quatorze dias’... Não, não; ‘como quatorze piscares de olhos’! Volte em segurança, volte logo. E seja coroado imperador. Ó joia da dinastia de Raghu! Ó meu filho tão querido! A deusa do *dharma* certamente o abrigará durante os anos de exílio, pois é para propiciá-la que está entrando na

floresta. Ela é a mais forte e a mais firme das guardiãs. Eu propiciarei os deuses aqui nesses quatorze anos, orando para que nenhum mal lhe suceda.

“Os serviços que prestou à sua mãe, ao seu pai e ao seu preceptor lhe conferirão longa vida, saúde e felicidade. A sua lealdade à Verdade lhe concederá inexpugnável coragem. As montanhas, rios, arbustos, formigueiros, feras e aves da floresta – todos se aproximarão de você com bondosa afeição, atenderão às suas necessidades e o encherão de alegria. O Sol, a Lua e outros corpos celestes afastarão de você todo mal e o protegerão. Até os demônios da floresta, propensos a hediondos atos de crueldade, serão atraídos por você, pois o seu coração está repleto de sereno e reconfortante amor, e se renderão aos seus pés, aceitando-o como Mestre”.

Abençoando Rama, Kausalya engoliu com algum esforço a tristeza que a oprimia e mostrou um semblante tranquilo e corajoso. Cheirou o alto da cabeça do filho e segurou-o com força, estreitando-o em amoroso abraço. Beijou-lhe o rosto. Os seus lábios tremiam quando proferiu as palavras de despedida: “Rama! Vá com alegria e retorne são e salvo”.

Rama sabia quão profundo era o carinho que a mãe derramava sobre ele. Tocou-lhe os pés muitas vezes, com reverente gratidão, e asseverou: “Mãe! Não fique triste; não diminua as horas de sono nem o alimento. Não prejudique a sua saúde. Lembre-se de mim em todos os momentos com o coração alegre. Os seus pensamentos se refletirão na minha segurança e prosperidade. Se a senhora se entristecer aqui, como poderei ser feliz lá? Se deseja que eu seja feliz lá, deve ser feliz aqui. E, com todo o seu coração, envie-me daqui as suas bênçãos”. Assim rogando, deixou o local, relutante em deixá-la daquela forma e, ainda assim, ansioso por cumprir o seu dever.

Rama começou a caminhar pela estrada real, com os pés descalços, entre a multidão de cidadãos que a lotava. A visão daquele resplandecente símbolo da verdade e da virtude deixava a todos petrificados. Embora corresse pelas ruas rumores de que Rama estava indo para a floresta, os cidadãos não conseguiam acreditar neles. Rezavam para que fossem falsos. Mas quando o viram tal qual um mendigo descalço, os seus corações se abateram. A euforia que haviam experimentado com a notícia da coroação descambou para as profundezas da angústia. Semblantes florescentes de alegria subitamente murcharam e feneceram, pálidos e sem vigor. Rama não levantou a cabeça nem olhou para nenhum um dos rostos ao seu redor. Encaminhou-se diretamente para os aposentos de Sita.

12. SITA INSISTE EM IR COM RAMA

Sita vigiava a porta de entrada, pois estava ansiosa por saber o que acontecera no palácio de Kaikeyi e por que Rama ainda não havia retornado, embora a hora auspiciosa fixada para a coroação se aproximasse rapidamente. Ela terminara os seus próprios rituais de vigília e jejum e mantinha pronta uma bandeja com pasta de sândalo, flores, grãos e outros artigos prescritos pelas Escrituras, para que não houvesse atraso causado por demora sua. O seu coração batia rapidamente ante a expectativa da chegada de Rama. Todas as criadas e serventes à sua volta estavam eufóricas pela aproximação da hora do triunfo. No corredor decorado, que brilhava com um encanto sem precedentes, atraentes donzelas com lamparinas cintilantes encontravam-se prontas para balançá-las ritualmente diante do príncipe. Subitamente, Rama entrou sem ser anunciado, de cabeça baixa e pés descalços.

Todas ficaram chocadas. Sita foi em direção ao seu senhor. Mal podia acreditar nos seus olhos. O seu corpo tremia como uma folha ao vento. Ela mordeu os lábios e engoliu a sua surpresa. “Senhor! O que significa isso? Por que está assim? O senhor disse que este era um dia muito auspicioso, dedicado a Brihaspati, o preceptor dos deuses. Hoje brilha a estrela Pushya e o senhor está prestes a ser coroado príncipe herdeiro deste império.

“Por que não estão segurando sobre o seu ser divinamente belo o guarda-sol branco do império, que tem o fulgor de pérolas iluminadas pelo sol e cem varetas de ouro incrustado com pedras preciosas? Onde estão os resplandecentes abanadores feitos de penas legítimas que brilham como luas? Por que não o estão acompanhando hoje? O que significa o silêncio dos menestréis da corte enquanto o senhor se dirige para o salão de audiências e recepções da corte? Ó senhor! Por que os brâmanes, mestres da tradição védica, não o unguem com o mel e o creme de leite consagrados? Os ministros, os reis vassalos e os líderes das várias comunidades do Estado não estão caminhando atrás do senhor, como exige o costume! E Satrunjaya – o majestoso elefante real, que abre caminho tal qual uma montanha em movimento, fazendo com que as pessoas o confundam com uma nuvem escura passando sobre a estrada –, não deveria vir na frente, anunciando a sua chegada?”

Enquanto Sita despejava essas perguntas, Rama não conseguia decidir como respondê-las. Não era um assunto que pudesse ser explicado rapidamente em poucas palavras. Então adentrou um salão interno, trouxe a esposa para mais perto de si e disse: “Sita! O venerado pai desejou e decidiu, nesta hora muito auspiciosa, enviar-me para a floresta; tornou-se urgente, por conseguinte, honrar a sua ordem”.

Sita ouviu as palavras, mas não podia acreditar que fossem verdadeiras. Perguntou: “Senhor! Que crime cometeu para merecer esse castigo, o exílio na floresta? Dasharatha é a encarnação da justiça, jamais emitiria uma ordem dessa natureza sem razões legítimas! Qual é o verdadeiro propósito, o significado interno dessa ordem?”

A essa pergunta Rama sorriu e respondeu: “Sita! Há muito tempo, o pai prometeu conceder à mãe Kaikeyi duas dádivas, mas até agora a promessa não havia sido cumprida nem ela as havia exigido. Neste dia, porém, ela solicitou as duas. A primeira foi que Bharata fosse coroado príncipe herdeiro (*yuvaraja*); a segunda, que eu me mudasse para a floresta e, com o cabelo enrolado e vestes de casca de árvore, ali habitasse durante quatorze anos.

“O pai é extremamente justo. Ele nunca age contra a palavra empenhada; então inclinou a cabeça para o *dharma* e assentiu. Senti que deveria vê-la antes de partir! A senhora nasceu em uma família muito reverenciada. Conhece e valoriza todos os códigos e metas que dizem respeito à moral. O seu pai é o imperador Janaka (*Janaja maharaja*), o mestre dos mistérios internos da mais elevada moralidade. A senhora também trilha firmemente o caminho do *dharma*. Tenho que partir para a floresta ainda hoje.

“Dasharatha deu a Bharata este império herdado por ele através de muitas gerações. De agora em diante ele é o senhor deste reino. Imediatamente após a coroação, virá pedir-lhe a bênção. Não me exalte diante do meu irmão e tampouco deixe transparecer qualquer vestígio de tristeza ou descontentamento pelo meu exílio na floresta. Não o desconsidere nem o despreze. Os reis só apreciam aqueles que os adoram e servem; portanto não me elogie nem o deprecie. Ele é meu irmão e seu cunhado, mas apenas com relação ao parentesco físico; em termos de realeza, Bharata é o seu monarca e o meu. Preste-lhe a devida honra. Não lhe cause nenhum desagrado nem angústia, seja por palavra ou ação.

“Ó bela! Siga não somente as diretrizes de Bharata, mas também as do meu pai Dasharatha. Sirva igualmente à mãe Kausalya, que se encontra em indizível agonia por eu a estar deixando. Tome todas as providências necessárias para afastar dela o sofrimento. Obedeça e agrade da mesma maneira às outras duas mães, Kaikeyi e Sumitra.

“Sita! Bharata e Satrugna são para mim tão queridos e próximos quanto o próprio ar que respiro. Trate-os como seus próprios irmãos; adote-os amorosamente como seus próprios filhos. Ó encantadora donzela! Não saia deste lugar e vá para a cidade de Mithila pelo fato de eu não estar aqui. Permaneça em Ayodhya e conforte a mãe e o pai, servindo-os de maneira a remover a tristeza dos seus corações. Com amor e cuidado, proporcione-lhes conforto, coragem e contentamento”.

Enquanto Rama a instruía sobre os seus deveres, Sita não podia conter o riso! Sentia também uma sensação de vergonha pelo rumo que estavam tomando os argumentos de Rama. Não conseguindo mais ficar em silêncio, ela o interrompeu: “Rama, Rama! O senhor é o filho de Dasharatha. Nunca ouvi em nenhum momento saírem dos seus lábios palavras indignas desta linhagem. Mãe, pai, irmão, irmã, filho, nora – todos têm que experimentar o seu quinhão de felicidade e de infortúnio, proporcional ao bem e ao mal praticado por cada um. A esposa, contudo, possui uma fonte especial de fortuna, boa ou má; ela tem participação no bem e no mal pelo qual o marido é responsável. É contemplada com parte da sua alegria ou do seu sofrimento. Então, se o imperador Dasharatha ordenou que o senhor fosse para a floresta, ele deu essa ordem a mim também.

“Uma mulher pode ser alimentada e cuidada pela mãe e pelo pai, reverenciada pelo filho e servida pelas criadas; porém essas pessoas jamais poderão ser o seu escudo e apoio. As ninharias e bagatelas com as quais tenta me convencer servem apenas para me divertir. Durante os anos que antecederam o meu casamento, o meu pai me ensinou todos os deveres que me guiariam e os quais deveria cumprir. Não sou ignorante nem tenho sede de poder. E mais do que isso, deixe-me dizer-lhe, não me apego fanaticamente a nenhuma opinião apenas porque é minha.

“Não há necessidade de que me indique os meus deveres especiais, pois conheço todos eles. O senhor só teria que me dizer como servir aos meus sogros e sogras, às

cunhadas e ao governante da terra se eu decidisse permanecer aqui, não é? Mas se estiver com o senhor, que oportunidade, que necessidade haverá de que assuma o serviço a outros? Eu o acompanharei com plena alegria! Há muito tempo nutria um desejo não realizado de passar alguns anos nas florestas. Agora a minha boa sorte me dá a chance de satisfazê-lo na companhia do meu senhor! Não lhe darei ouvidos se me disser que não devo expressar o meu ponto de vista nesta questão importante. Não fique bravo comigo por lhe desobedecer. Não é justo nem apropriado que me deixe jogada aqui, como se joga fora o resto de água de um copo após beber alguns goles. Acredite na minha palavra! Não ficarei em Ayodhya nem por um momento. Leve-me com o senhor”.

Rama ponderou-lhe que a vida na floresta era repleta de temores e perigos, pois aquele era um lugar infestado de animais e homens selvagens, predadores demoníacos e bandidos. Enfrentariam inundações em rios, andariam pelo mato rasteiro, denso e espinhoso. Como não estava acostumada a percorrer lugares a pé, ela sofreria grande exaustão. Descreveu-lhe várias outras formas de medo e ansiedade com as quais se defrontaria.

Mas Sita permanecia impassível. Replicou: “Senhor! Por mais selvagens que sejam os animais, por mais densa e aterradora que pareça a floresta, que dano poderão me causar, que lesão poderão me infligir se o senhor estiver ao meu lado? Serei capaz de caminhar pelas trilhas da floresta, isso não será problema para mim. E me sentirei ainda mais feliz se me pedir para andar à sua frente, preparando um caminho suave para o senhor pisar. Recolherei e lançarei fora pedras, seixos e espinhos para diminuir a sua dor, facilitando a sua jornada. Permita-me estar com o senhor, para que eu possa prestar esse serviço e ser feliz.

“Aqui no palácio de Ayodhya e nos aposentos reservados às mulheres, não teria a oportunidade de servi-lo. Eu me sentiria preocupada e desgostosa porque todos os serviços ao senhor seriam realizados por atendentes e ajudantes. Não haverá nenhum atendente, nenhum ajudante na floresta! Assim poderei ser feliz, fazendo todos os serviços eu mesma. Essa é a minha imensa boa sorte! Faça com que a minha vida seja meritória. Senhor, dê-me essa gloriosa oportunidade!” Sita implorou de várias maneiras, suplicando misericórdia e justiça.

Movido pela compaixão, Rama respondeu: “Sita! Vivendo na floresta, a senhora não poderá ser feliz, sofrerá muito nos próximos dias”. E discorreu sobre os horrores das selvas e as aflições que se tem inevitavelmente de enfrentar lá.

Sita, no entanto, permaneceu firme. Respondeu: “Rama, não serei um obstáculo na observância dos seus votos. Deduzo, pelas suas palavras, que está me escondendo alguma coisa, alguma objeção que não gostaria de levantar diante de mim. Observarei juntamente com o senhor os votos de austeridade pessoal estabelecidos para aqueles que seguem o caminho do *brahmachari*¹⁰⁵. Também viverei de tubérculos e frutas. Abandonarei igualmente o uso de perfumes; inalaremos apenas as fragrâncias das flores silvestres.

“O senhor é um descendente da linhagem de Ikshvaku, que salvou milhões do perigo e do desastre! Não pode me proteger contra eles? É tão fraco assim? Não lhe causarei problemas. Por minha causa não haverá de ter a mínima preocupação. Senhor! Não posso deixar de segui-lo. Eu me deitarei e dormirei aos seus pés; isso me

¹⁰⁵ Nesse contexto, *brahmachari* é aquele que trilha o caminho que leva à realização de Brahman, ou seja, do Absoluto. (N. T.)

dará a maior bem-aventurança. Rama! Não conheço nem reconheço ninguém além do senhor. Não posso permanecer viva por um único momento separada do senhor. Pois bem, se mantiver a sua decisão e me deixar em Ayodhya, Sita terá exalado o seu último suspiro antes que o senhor chegue à floresta. Aceite isso como verdade”. Os olhos de Sita derramavam torrentes de lágrimas enquanto ela proferia essas palavras.

Rama tentou apaziguá-la, dizendo: Ó Sita, a senhora é uma adepta muito firme do *dharma*. É melhor que mantenha as suas virtuosas qualidades neste lugar. Não pode agir conforme a sua vontade determina. Não tem liberdade para se comportar como deseja. O seu *dharma* é agir de acordo com as minhas palavras; portanto desista dessa ideia.

“Estou lhe dizendo isso para o seu próprio bem. Protegê-la certamente será um fardo para mim. Correntes que descem de picos montanhosos, animais selvagens que habitam cavernas, leões e tigres que vagueiam livres, sem entraves nem impedimentos, entre colinas e vales – tudo isso deverá ser ultrapassado. Teremos que atravessar rios durante as cheias. Talvez tenhamos que pular de imensos rochedos e penedos. Considerando essas dificuldades, devo dizer-lhe, em termos enfáticos, que fique aqui.

“Terá que usar cabelos enrolados e roupas de casca de árvores. Quando os homens forem até um rio ou lago para os rituais vespertinos de adoração, quem a guardará de qualquer calamidade que advenha? Não podemos abandonar esses rituais, seja qual for a crise; a senhora sabe quão rigorosa é a regra. Sendo assim, terá que ficar sozinha por algum tempo diariamente e não se pode prever o que acontecerá em tais ocasiões”.

Rama tentou retratar diante de Sita cenas terríveis da vida na floresta. Ela, porém, não se afetou nem um pouco e contestou: “Rama! Por que me dizer tais coisas, como se eu fosse uma pessoa simplória de alguma aldeia atrasada ou uma mulher estúpida e ignorante, que desconhecesse os ensinamentos das Escrituras (Shastras)? Estou bem ciente da sua habilidade e da sua destreza. Nada é impossível para o senhor, seja na Terra ou em todos os quatorze mundos¹⁰⁶! Se estiver comigo, que temor poderá me perturbar? Bem, se uma fera selvagem me atacar e fizer de mim sua presa, sentir-me-ei ditosa por perecer diante do senhor e não em algum lugar distante! Morrerei feliz, então.

“Jamais concordarei em passar uma vida sem o senhor. Afirmou que não tenho liberdade para fazer o que desejo. Será que disse isso com plena consciência do seu significado? Ou foi apenas uma observação para me testar? Eu sou a sua metade; é meu direito intitular-me a sua metade. O senhor tem o mesmo direito; essa é a verdade. Não é totalmente livre nem eu sou. Tenho tanto direito sobre o senhor quanto o senhor tem sobre mim. Mas agora não estou pleiteando os meus direitos ou reivindicações. Anseio por estar perto do senhor, por estar sempre na sua presença. As minhas palavras surgem desse anseio”.

Ouvindo Sita expressar a sua firme determinação, Rama continuou: “Sita! Está se enredando na complexidade envolvida em direitos e reivindicações! Quando eu for para a floresta, os meus pais idosos ficarão se lastimando e chorando por mim. Nesse momento a senhora poderá consolá-los e confortá-los com gentis palavras de segurança. Esse é o seu dever. Deve comportar-se de acordo com as necessidades de

¹⁰⁶ Segundo os Puranas (textos da literatura sagrada do hinduísmo), existem quatorze mundos, sete mais elevados e sete inferiores. (N. T.)

cada ocasião. Estar com eles, servir-lhes – esta é a maneira de me agradar e me proporcionar bem-aventurança (*ananda*)”. Falou como se a sua decisão fosse definitiva e em tom de ordem.

Sita, porém, respondeu apenas com um sorriso. “Se o filho nascido desses mesmos pais os mergulha em profundo pesar e vai embora, agarrando-se como um urso à sua inflexível resolução; se esse filho a quem tanto amam abandona tudo e parte para a floresta, que responsabilidade tem a nora – vinda da própria casa para entrar nesta, uma estranha na família –, que responsabilidade tem ela de consolar e confortar aqueles a quem o próprio filho desertou? Reflita a esse respeito!

“Soube que insistiu para que a sua mãe permanecesse aqui, servindo ao marido, embora dos seus olhos jorrassem amargas lágrimas e ela implorasse que lhe fosse permitido ir com o senhor para a floresta! Disse-lhe que o seu dever de servir ao marido era preponderante. Declarou que traria incalculável desgraça à dinastia de Ikshvaku se, por afeição ao filho que carregara no ventre e trouxera ao mundo, ela abandonasse o senhor que desposara! Diante dela discorreu sobre tais regras morais de valor inestimável. No entanto, assim que se aproxima de mim, inverte esse conselho e me diz que o meu dever preponderante é o serviço aos sogros e não ao marido! Pense bem nisso! Qual é o conselho correto?

“Para a esposa, o marido é Deus. Isto não foi estabelecido apenas para Kausalya; é o guia e a meta das mulheres em todo o mundo, sem exceção. O senhor, evidentemente, se esqueceu dessa verdade porque ela não se adequa ao seu desejo atual. Não consegue explicar como a regra moral que citou a Kausalya não se aplica a mim.

“Por mais que argumente, não importa o que afirme, não deixarei de pisar ao longo das pegadas dos seus pés. Pode matar-me por transgredir a sua ordem, mas assevero-lhe que jamais poderei ficar sem o senhor. Ramachandra! Assim que falou sobre o seu exílio na floresta, tive um imenso arroubo de alegria ao me lembrar de um incidente ocorrido na minha infância! O senhor não pode entender o tamanho dessa alegria!

“Estava a minha mãe sentada, tendo-me no colo, imersa em ansiedade sobre o marido que o destino teria reservado para mim – se ele seria moralmente íntegro e dotado de excelentes atributos. Acariciava o meu cabelo, perdida nos seus pensamentos. Nisso, a criada apareceu e anunciou que uma asceta desejava uma audiência com ela. A mãe me levantou, colocou-me gentilmente no chão e foi encontrá-la. Prostrou-se aos seus pés e orientou-me a fazer o mesmo. Fiz o que ela havia pedido. A mulher olhou-me bem de perto, da cabeça aos pés, e disse: ‘Mãe! A sua filha passará anos com o marido na floresta’.

“A isso a mãe replicou, com uma risada: ‘Ela ainda não está casada! E a senhora fala da sua vida na floresta?’ A mulher, porém, não se calou e explicou: ‘Após o casamento! Ela terá que viver na floresta com o marido durante algum tempo!’ Então seguiu o seu caminho! Desde aquele dia, tenho aguardado ansiosamente pelo momento em que irei viver na floresta com o meu senhor! Faça-me feliz, leve-me em sua companhia”. Sita inclinou-se aos pés de Rama, soluçando.

Rama moveu-se e teve piedade. Ergueu-a gentilmente e falou: “Sita! A quem mais devo confiar a fonte secreta da minha decisão? Escute! A senhora é jovem. Na floresta há muitos conventos cheios de ascetas, eremitas e sábios. Terei que ir até eles para servir-lhes e oferecer-lhes a minha reverência. Talvez reis e príncipes que estejam

caçando também se façam presentes a fim de honrá-los e ser abençoados por eles. Poderão lançar olhares para a senhora e é possível que surjam conseqüentes complicações e conflitos. Como estarei usando as vestes de um asceta, poderá não ser apropriado lutar com eles. Pelo menos por esta razão, a senhora deverá permanecer em Ayodhya”.

Sita dispunha das suas próprias razões para protestar: “Rama! Não é justo que venha me enganar tecendo esses contos de fadas, como se o senhor fosse de uma linhagem comum! Se estiver ao meu lado, poderá até mesmo o governante dos deuses lançar um olhar para mim? E se acaso o fizer, não será reduzido a cinzas no mesmo instante? Não, o senhor não pode me deixar aqui; não por esse motivo. Não pode escapar ao seu dever e à sua responsabilidade com base nisso!

“Deixe-me dizer-lhe mais uma coisa: se não estiver comigo, qual será o meu destino? Terei que ficar sozinha em Ayodhya; incidentes do tipo que descreveu há pouco poderão acontecer aqui! Ou então talvez eu sofra agonia interior por não ser capaz de suportar a felicidade conjugal alheia! Sendo assim, não me deixe sozinha. Leve-me com o senhor e permita que a sua fama e a minha se espalhem pelo mundo inteiro para todo o sempre.

“Deixe-me acrescentar ainda: o senhor é adorado por todos como Ramachandra – Rama, a Lua! Eu sou Sita, que significa frescor, o refrescante brilho do luar! Como pode a Lua estar na floresta e a sua luz refrescante em Ayodhya? Onde estiver a Lua, aí deverá estar a sua luz – o luar! Essa separação, portanto, jamais poderá ocorrer. Ambos estarão sempre juntos, nunca separados! Se porventura os dois se separarem, será apenas a evidência da aproximação de alguma catástrofe anormal, uma tragédia de abalar o mundo; ou então devido a algum esforço memorável para destruir os perversos e salvar os bons da extinção! Uma vez que tal crise não está evidente agora, a nossa separação é impossível; ela não poderá acontecer”. Sita, a Mãe Suprema, proferiu essas palavras com voz resoluta, como se não admitisse nenhuma objeção.

“Sita! A senhora terá que dormir em solo duro e pedregoso, usar roupas de fibras ou de cascas de árvore, viver de tubérculos e raízes. Até esse alimento poderá ser difícil de se obter diariamente. A sua disponibilidade depende das estações do ano. Quando não for possível obtê-lo, talvez tenha que passar fome por dias. A floresta está infestada de tribos demoníacas que dominam um milhão de estratégias e se alimentam prazerosamente de carne humana. Oh, é impossível descrever completamente as dores da vida na floresta! A senhora não conseguirá suportar esses terrores e tribulações. Se me acompanhar no exílio, as pessoas me condenarão e me lançarão insultos. Como poderá o Cisne Celestial¹⁰⁷, que vive nas águas ambrosíacas do Lago da Mente (*Manasa Sarovar*), sobreviver bebendo as águas salobras do mar? Como poderá o cuco que brinca no jardim cheio de mangueiras de folhas tenras ser feliz e despreocupado em um pequeno relvado? Reflita sobre esses assuntos. É extremamente desejável que permaneça em casa”.

Sita ouviu as palavras de Rama, proferidas de maneira tão doce e suave, mas durante todo o tempo se manteve de pé, com os olhos baixos, enquanto lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Permaneceu como um pilar, fixa e imóvel. As suas lágrimas

¹⁰⁷ Chamado de *Paramahamsa* ou simplesmente *Hamsa* na tradição hindu, é o cisne lendário que tem a capacidade de separar o leite da água; simboliza o ser espiritualmente elevado capaz de separar a verdade da ilusão. (N. T.)

pingavam continuamente no chão. Rama não podia suportar a visão do seu sofrimento. Sita não foi capaz de encontrar nenhuma palavra para responder às objeções levantadas por ele. Finalmente, conseguiu controlar as suas emoções e engolir a sua dor.

“Ó senhor da minha vida!”, falou. “Tesouro que contém tudo o que é bom e auspicioso! Quando estou separada do senhor, até o céu é um terrível inferno. Pais, irmãos, irmãs, sogros, filhos, preceptores, parentes – todos esses podem ser repositórios resplandecentes de bondade; para uma mulher, entretanto, o marido é a única fonte de força, alegria e fortuna. Só ele pode lhe dar felicidade e júbilo. Além do marido, ela não tem ninguém para guiá-la e protegê-la. Ele é o seu refúgio, o seu único recurso. Senhor! Quando o marido está longe, a mulher vê o corpo, o lar, a cidade, o reino, a riqueza acumulada ao seu redor – tudo isso – como fontes de sofrimento e tristeza. Eles não podem proporcionar alegria à sua mente aflita. A doçura torna-se amarga na ausência do seu senhor. O deleite transforma-se em doença. Todas as venturas pelas quais anseio estão centradas no senhor. Nada pode igualar o êxtase que obtenho quando fixo os olhos no seu rosto, que brilha de forma tão resplandecente e reconfortante quanto o plenilúnio no outono.

“Quando eu estiver lá com o senhor, as aves e as feras serão meus parentes e amigos. A floresta será a cidade que eu amo. As vestes feitas de casca de árvore serão roupas de seda. O abrigo coberto de folhas será um lar tão encantador quanto uma mansão celestial. As fadas e os anjos da floresta, as deidades silvestres serão meus sogros. Eu os reverenciarei com igual respeito. Se eu estiver com o senhor, tufo de relva e montes de pétalas de flores proporcionarão bastante maciez à cama – o deus do amor não poderia aspirar a nada mais. E os tubérculos, raízes e frutas de que fala serão tão doces e nutritivos quanto o próprio néctar divino! Os picos montanhosos me alegrarão tanto quanto as torres de Ayodhya. Descerei uma encosta e subirei outra tão prazerosamente como se estivesse descendo um lance de escadas e galgando outro. Será muito fácil e agradável.

“Todos os dias, desfrutarei da emoção que é o deleite proporcionado pela visão dos seus pés de lótus. Além do mais, será para mim uma chance de ouro servi-lo de todas as maneiras em todos os momentos. Como poderei sobreviver à agonia de perder essa preciosa oportunidade? Ó tesouro de misericórdia! Não me deixe aqui; leve-me com o senhor!

“Realmente, não há necessidade de que eu despeje nos seus ouvidos essas importunidades, pois o senhor reside em todos os seres e está ciente de tudo o que eles sentem e pensam. Não é apropriado me infligir essa dor quando sabe como o meu coração anseia pela oportunidade de estar na sua companhia.

“Senhor! Estou abatida, arrasada. Se me abandonar aqui e partir, rebaixará o seu nome. Possui todos os nobres atributos; por que então me negar misericórdia? Poderia eu viver durante quatorze anos separada do senhor? Acho impossível manter-me viva, mesmo por dez piscares de olhos de separação! Aceite a minha súplica, mostre-me um pouco de bondade. Se eu estiver com o senhor, como ousará alguém me prejudicar ou me atacar? E por quê? Ninguém se atreve a lançar um olhar para mim. Poderão o chacal ou a lebre abrir os olhos e ousar olhar para o leão? Não sou uma pessoa tenra e frágil. Para falar a verdade, o senhor é a ternura personificada!

“A Terra é minha mãe; tenho, portanto, todo o direito e força para percorrê-la. Realmente, senhor, a felicidade é a sua parte na vida; o meu quinhão é sofrer. Sendo

esse o caso, por que inventa fatos e me causa desapontamento? Isso não é certo. Declaro que posso realizar com facilidade tarefas que estão além do senhor! Sabe muito bem que ergui e coloquei de lado o arco de Shiva, que nenhum rei, ainda que orgulhoso da sua destreza, conseguiu levantar. Estou surpresa de que duvide das minhas capacidades! O meu valor e a minha habilidade não são inferiores aos seus. Dê-me, então, a sua permissão e tome as providências para partir comigo cheio de alegria”. Com essas palavras, Sita curvou-se e prostrou-se aos pés de Rama.

Rama julgou que seria impróprio continuar resistindo aos seus anseios. Resolveu ceder. “Sita! Acabe com o seu sofrimento; não dê lugar à tristeza. Eu a levarei comigo, como deseja. Faça rapidamente os preparativos para a jornada em direção à floresta!”, disse.

Ouvindo essas carinhosas palavras, Sita exultou, tomada de uma felicidade sem limites. Respondeu: “Preparativos? O que se deve preparar para viver na floresta? Estou sempre pronta, com tudo aquilo de que necessito, pois só preciso do senhor. Não tenho nenhum outro querer. Eu o seguirei neste mesmo momento. No senhor tenho tudo o que me é necessário. Sabe que não desejo nada além do senhor”. Assim dizendo, segurou a mão de Rama e deu um passo à frente.

Rama observou: “Sita! Pense nisto também: a senhora estará ausente de Ayodhya durante quatorze anos. Sendo assim, vá e liberte os papagaios e outras aves que criou, com zelo e amor, como seus animais de estimação. Quanto às vacas das quais cuidou carinhosamente, doe-as a brâmanes para que sejam tratadas com amor. Distribua os vários artigos do seu vestuário, as carruagens e outros itens do seu uso pessoal; caso contrário, eles se estragarão com a passagem do tempo. É bem melhor que sejam utilizados do que se deteriorem”.

A essa sugestão, Sita prontamente correu até as gaiolas e, dirigindo-se amorosamente a cada uma das aves de estimação, falou: “Vão! Como nós, vagueiem livremente pela bela floresta”. Com as próprias mãos, abriu as gaiolas e libertou-as! Em seguida foi até o estábulo, deu às vacas diversos alimentos saborosos e conversou com os brâmanes que as receberiam de presente. O seu rosto encantador irradiava alegria. Aqueles que a observavam doar os seus pertences sentiam os corações se derreterem de tristeza pela sua partida iminente. Vertiam copiosas lágrimas, comovidos pela sua magnânima generosidade e, acima de tudo, pelo seu entusiasmo ante a perspectiva de acompanhar o marido no exílio na floresta. O seu êxtase estava além da pena de qualquer poeta.

Nisso, Lakshmana juntou-se a eles, após haver se despedido da mãe, e os três se puseram a caminho.

13. INDO PARA O EXÍLIO

Milhares de pessoas haviam se reunido no pátio do palácio. A sua dor era imensurável. Nisso, o ministro entrou e despertou o imperador, que estava caído inconsciente no piso. Fez com que se sentasse, colocou-o na devida posição e comunicou-lhe que Sita, Rama e Lakshmana haviam chegado para ter uma audiência com ele. Rama logo se postou junto ao pai, dizendo-lhe palavras amorosas e reconfortantes. Quando Dasharatha viu Sita e Lakshmana, a sua aflição não teve limites. Abraçou Rama firmemente e caiu ao chão. A angústia sufocava-lhe a garganta; apertou as mãos contra o peito, tentando suprimir a sua agonia. Sita e Lakshmana não conseguiam olhar para o sofrimento do imperador.

Quando Lakshmana viu Kaikeyi de pé, com ar de autoridade, os seus olhos ficaram vermelhos de raiva; fuzilou-a com o olhar, como se fosse matá-la ali mesmo. Mas controlou a sua ira e acalmou a sua emoção ao observar o rosto sereno e tranquilo de Rama.

Nesse momento Kaikeyi disse: “Rama! Você está mergulhando o seu pai em uma angústia ainda mais profunda! Quanto mais cedo partir e chegar à floresta, mais rapidamente o seu pai será aliviado dessa ansiedade. Não se demore mais! Prostre-se diante dele e vá”.

Essas frases, tão desprovidas da mais elementar bondade, pareceram partir o coração de Dasharatha, que subitamente gritou: “Demônia! Espírito maligno! Como são duras e insensíveis as suas palavras!” e tombou desmaiado.

Naquele momento Sita, Rama e Lakshmana prostraram-se aos seus pés. Rama pediu: “Pai! Abençoe-nos e dê-nos permissão para partir. Este é um momento para regozijo, não para lamentação e dor. Apego excessivo traz desonra na sua esteira”. Implorou-lhe que fosse corajoso e abandonasse a ilusão que o tornava desmesuradamente apegado a ele. Segurou os pés do pai e ajoelhou-se ao seu lado, acariciando-o e consolando-o.

Dasharatha abriu os olhos e mirou longamente o seu amado filho. Sentou-se com enorme dificuldade e, segurando as mãos de Rama, falou: “Ó meu filho querido! Ouça as minhas palavras! Você é dotado de autocontrole e discernimento. Sabe o que é certo; é apropriado que faça apenas o que é correto. Mas não é certo alguém fazer algo errado para que outro sofra as consequências, é? A peça do destino é imprevisível, é um enigma sem solução”. E o imperador, na sua inocência e amor, começou a empilhar argumento sobre argumento a fim de dissuadir Rama da sua resolução de ir para a floresta.

Dasharatha, o pai, sabia que Rama era um mestre dos códigos morais e um estrito adepto de tais códigos; que era hábil em justificar os seus atos e destemido em relação às consequências da sua decisão. Leu no rosto do filho que ele viera se despedir dele antes da sua jornada para o exílio. Ao ver Sita, que também se achava diante dele, chamou-a para perto de si e, quando ela se ajoelhou ao seu lado, acariciou-lhe suavemente a cabeça e descreveu-lhe as dificuldades da vida na floresta. Disse-lhe que o melhor para ela seria ficar, fosse com os sogros ou com os próprios pais. As suas palavras foram proferidas em meio a gemidos de insuportável amargura. Rangeu os

dentes de raiva quando os seus olhos pousaram em Kaikeyi. Todo esse tempo, estava encolerizado e se corroendo interiormente, incapaz de conter a sua aflição.

Sita prostrou-se aos seus pés e respondeu: “Venerável sogro! A minha mente anseia apenas pelo serviço a Rama. Essa boa sorte me espera em plenitude na floresta. Não posso ficar para trás, perdendo essa preciosa oportunidade. O serviço prestado aos pais ou aos sogros não pode proporcionar à esposa a alegria da realização que dá o serviço prestado ao marido. Não existe alegria nem felicidade maior ou mais elevada que essa. Não se oponha nem apresente argumentos contra a minha partida. Conceda-me as suas bênçãos e envie-me com Ramachandra”.

Dasharatha podia muito bem compreender e apreciar a aspiração de Sita. Exaltou as suas virtudes com genuíno entusiasmo para a edificação de Kaikeyi, que estava de pé diante dele. Nisso as esposas dos ministros e dos preceptores reais que se achavam no salão reuniram-se em torno de Sita e, por sua vez, também descreveram as dificuldades inerentes à vida na floresta.

A esposa do preceptor da corte buscou um ardil ainda mais inteligente para dissuadi-la: “Sita! Não lhe solicitaram que partisse para a floresta. É sua tarefa permanecer aqui e confortar os pais do seu marido, que se acham imersos na tristeza. A senhora é metade de Rama, não é? Então essa metade deve ficar aqui a fim de aliviar o sofrimento que a partida da outra está causando. Além disso, como a senhora é metade do filho mais velho, que é o herdeiro do trono, tem o direito de governar o império. Se Rama se mudar para a floresta e lá viver para honrar a palavra do pai, permaneça aqui, governe o reino e preserve o renome de Rama, enchendo os pais dele de alegria. Como sua esposa, esse é o passo correto a dar; é o seu dever legítimo”.

Tais palavras, embora proferidas com tanta suavidade e doçura quanto o sussurro de raios de luar outonais nos ouvidos de patos-ferrugíneos¹⁰⁸, fizeram Sita cambalear de sofrimento. Ela se sentiu tão abalada que não conseguiu responder.

Nesse meio-tempo, Kaikeyi já havia conseguido vestes de eremita feitas de fibras, assim como rosários de sementes de *tulsi*¹⁰⁹. Segurando-os diante de Rama, disse: “O imperador o estima tanto quanto à própria vida; por isso reluta em deixá-lo partir e assim atraí infâmia eterna sobre a sua cabeça. A afeição que tem por você está anuviando a retidão da sua trajetória. Em nenhum momento e sob nenhuma circunstância ele pronunciará as palavras ‘Vá para a floresta’. É inútil esperar a sua anuência e a sua permissão. Resolva-se, então, por uma destas duas opções: permanecer e governar o império, cortejando a infâmia e a desonra; ou seguir para a floresta, trazendo eterna glória para a dinastia de Ikshvaku. Decida-se e aja”.

Rama ficou feliz por ela haver se expressado assim; no entanto aquelas palavras penetraram no coração de Dasharatha como pregos afiados cravados por pesados golpes de martelo. “Ai de mim!”, exclamou. “Que destino cruel o meu! Estar vivo mesmo após ter ouvido palavras tão cruéis!” E rolou pelo chão, desmaiado. Ao recobrar a consciência, lembrou-se do que ouvira e ficou novamente inconsciente. Rama não podia suportar a visão da impotência do pai diante daquela situação. Sentiu

¹⁰⁸ No texto original, *chakravaka*, ave aquática, também chamada de pato brâmane (em inglês, *brahminy duck*). (N. T.)

¹⁰⁹ *Tulsi* ou *tulasi* é uma planta aromática nativa do subcontinente indiano, comumente conhecida como manjerição-sagrado. Tem uma forte relação com o Senhor Vishnu e seus avatares Rama e Krishna, sendo muito usada em cerimônias de oferenda e adoração. (N. T.)

que devia aceitar a sugestão de Kaikeyi e partir; quanto mais cedo o fizesse, melhor seria para todos os envolvidos.

Assim, enrolou em volta do corpo um dos trajes de fibras trazidos pela madrasta e entregou o outro a Sita. Ela ficou parada, segurando-o nas mãos, cabisbaixa devido ao constrangimento por não saber como usá-lo ou prendê-lo em torno de si. Ele parecia demasiadamente curto. Rama, que já pusera o seu, aproximou-se e falou baixinho com ela. Sita sentia vergonha de confessar que não sabia como vestir o traje que as mulheres eremitas drapejavam tão elegantemente ao redor do corpo. Sussurrou: “Acho que este não é como os que nós usamos; é curto demais e não tem largura suficiente!” Rama consolou-a e, infundindo-lhe coragem, levou-a para um lado. Dizendo-lhe que poderia usá-lo “assim”, ele mesmo o enrolou em torno dela. Vendo isso, as esposas dos eremitas e outras mulheres do palácio derramaram lágrimas de solidariedade.

Nesse momento Vashishta, o preceptor real, chegou ao local e ficou horrorizado ao vislumbrar a situação. Contrapôs-se à rainha Kaikeyi; declarou que Sita não precisava usar a vestimenta de fibras. Afirmou que Kaikeyi solicitara e lhe haviam sido concedidas apenas duas dádivas: a coroação de Bharata e o exílio de Rama na floresta. Afirmou que Sita poderia levar consigo todos os apetrechos reais e os requisitos necessários para uma permanência confortável na floresta.

Em vista disso, Rama desenrolou o traje que colocara por cima do vestido de Sita. Esta, porém, se pôs à frente do sábio, prostrou-se aos seus pés e disse: “Mestre! Naturalmente, o fato de eu usar este traje não é consequência direta do desejo da mãe Kaikeyi. Mas não posso seguir os passos do meu senhor? Seria apropriado para mim e me traria crédito viver na floresta enfeitada com joias e custosas roupas de seda enquanto o meu senhor usa vestes de eremita? Não seria uma atitude extremamente absurda para uma esposa zelosa? Dê-me permissão para colocar esta vestimenta, de modo que eu possa manter o código de conduta de uma esposa e cumprir o meu dever”.

A adesão à conduta correta que motivava aquela súplica levou o poderoso sábio às lágrimas de compaixão. Com a voz balbuciante de tristeza, ele respondeu: “Sita! Essa linha de pensamento é bastante natural para você, que é a personificação da virtude. Mas, tal como ocorre em relação a reis e governantes, existem princípios que devem ser respeitados, tanto por você como por outras pessoas. A mente distorcida e perversa da sua sogra Kaikeyi precisa de certa correção e advertência. Na verdade, o seu marido deveria ser coroado imperador deste reino no dia de hoje. Embora esse evento não tenha se realizado como resultado de uma combinação de circunstâncias, incluindo promessas feitas há muito tempo, devo dizer que a coroação de Bharata é contra a justiça política. Apenas o filho mais velho tem direito ao trono, ninguém mais pode reivindicá-lo. Se por qualquer motivo ele abdicar desse direito por sua livre vontade, como o fez agora, a senhora, na condição da sua outra metade, terá o direito de exercer essa autoridade, que não poderá ser exercida por uma terceira pessoa”.

Enquanto Vashishta expunha as regras da moralidade política, a rainha estava visivelmente afetada pelo medo. Mas, por outro lado, ela não desconhecava o fato de que Sita não desejava exercer a autoridade e o poder régios, por mais longamente que Vashishta discorresse sobre os seus direitos e prerrogativas. Sita recusava-se a prestar atenção a eles; ansiava pela oportunidade de usar as vestes de fibra dos eremitas em vez dos mantos de esplendor imperial. A esposa do preceptor real percebeu que Sita

jamais recuaria da sua decisão; por isso ela e outras mulheres pegaram o traje e o enrolaram em torno dela no estilo correto dos eremitas.

A jornada tem início

Enquanto isso, Lakshmana também pusera as mesmas vestimentas silvestres de Rama, que decidiu que não devia haver mais demora. Os três prostraram-se reverentemente diante de Dasharatha, que desmaiou diante da visão dos filhos nos seus trajes de asceta. Eles também se prostraram diante de Kaikeyi, que se achava de pé ali perto, e depois aos pés do sábio Vashishta e da sua consorte. Então deram início à sua jornada em direção à floresta.

Cidadãos de Ayodhya que haviam se reunido nos portões do palácio e os viram andando como eremitas começaram a soluçar amargamente. Muitos ficaram tão chocados que caíram inconscientes; outros bateram nas próprias cabeças em puro desespero. Na entrada do portão real, Rama prostrou-se novamente diante do sábio Vashishta e proferiu algumas palavras, exortando o povo a manter a calma e defender a virtude. Disse-lhes que não deviam sofrer com o rumo dos acontecimentos e que retornaria a Ayodhya após os quatorze anos de permanência na floresta. Declarou ainda que o exílio fora ordenado exclusivamente para o bem deles, para o seu próprio bem e para o bem do mundo inteiro.

Em seguida, fez generosas doações aos pobres. Doou casas, ouro, terras e vacas a brâmanes, para que estes pudessem celebrar rituais de adoração e sacrifícios sem restrições. Suplicou ao sábio que providenciasse a realização de sacrifícios védicos nas ocasiões apropriadas. Com as mãos postas diante dele, pediu: “Santo sábio e preceptor, para estes – o povo – e para os meus pais, o senhor representa os verdadeiros pais. Aconselhe o rei e exorte-o a governar o povo como trataria os seus próprios filhos”. Quando ouviram essa súplica feita em seu nome, os súditos ficaram tristes e inconsoláveis. Alguns bateram no peito, amaldiçoando-se por haver perdido a sorte de ser governados por um príncipe como aquele; outros infligiram ferimentos às próprias cabeças e alguns rolaram pelo chão, lamentando-se em voz alta.

Rama voltou-se novamente para a multidão de cidadãos e, com as mãos unidas, dirigiu-lhes algumas palavras: “Meu amado povo, vocês são tão queridos para mim quanto a minha própria vida. O nosso soberano está me enviando para proteger e cuidar da região da floresta. Não entretenham nenhuma animosidade contra ele por esse motivo. Protejam-no e orem por ele em todos os momentos. Acatem as suas ordens; façam-no feliz e, por sua vez, sejam felizes. O seu amor por mim não deve levá-los ao desamor pelo rei. Nunca lhe desejem mal. Serão amados por mim apenas aqueles que trabalharem para a felicidade dele após a minha partida para a floresta. São essas as pessoas realmente devotadas a mim, as que fazem o que realmente me apraz. Cumpram este meu desejo; honrem estas minhas palavras; façam-me ditoso. Meu querido povo! Estando separada de mim, a rainha Kausalya, minha mãe, naturalmente mergulhará na tristeza. Toda mãe em situação semelhante sofreria uma angústia insuportável. A vocês, que são inteligentes e cheios de compaixão, imploro que façam o possível para confortá-la e aliviar a sua dor”.

Em seguida, chamou o ministro Sumantra para perto de si e solicitou-lhe: “Sumantra! Agora vá até o pai. Aconselhe-o e acalme-o. Esta é a tarefa com a qual você tem que se ocupar”. Abatido pela dor, Sumantra permaneceu em silêncio, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. Não pôde conter o seu sofrimento; soluçou e

chorou alto. Outros ministros que estavam ao seu redor, assim como os assessores presentes, tentaram trazê-lo de volta a um estado de tranquilidade e coragem. No entanto, como estavam demasiado tristes para ficar ali, dirigiram-se ao palácio, conforme a determinação de Rama. A cidade inteira estava profundamente imersa em um vasto mar de tristeza.

Enquanto isso, Dasharatha havia voltado a si do desmaio e tomado consciência do que acontecera. “Rama! Rama!”, lastimou-se. Tentou levantar-se; porém, oprimido pela dor, caiu novamente ao chão. Ergueu-se e, mais uma vez, tentou caminhar, mas não conseguiu. Movia-se de um lado para outro, cambaleando.

Dasharatha abriu os olhos e viu Sumantra ao seu lado. Com incontrolável amargura, exclamou: “Rama!” e desabou no colo do velho ministro, soluçando. Levantou-se e murmurou: “Sumantra! Rama foi para a floresta, mas a minha vida não deixou este corpo! O que tem a minha vida a ganhar mantendo-se neste corpo?” Depois, um pouco mais tranquilo, falou: “Vamos! Corra atrás de Rama! Pegue uma carruagem veloz e vá! A minha nora jamais poderá suportar o calor do sol. Logo terá bolhas naqueles pés de pétalas de lótus! Ande! Vá de carruagem!”

14. ENTRANDO NA FLORESTA

“Sumantra”, disse Dasharatha, “o meu Ramachandra é um herói inabalável; não voltará atrás. Ninguém poderá alterar ou obstruir a sua resolução. Esforços para modificá-la serão inúteis e só lhe causaremos sofrimento com as nossas tentativas. Além disso, Rama é um firme adepto da Verdade. Não se demore, pois o desperdício de até mesmo um pouco de tempo aprontando a carruagem poderá fazer com que você perca o seu rastro. Os meus súditos não poderão suportar a visão de Rama caminhando ao longo das estradas reais de Ayodhya. Vá, vá!”

O imperador apressou-o com as seguintes palavras: “Leve na carruagem cestas de alimentos e algumas armas e as dê a eles. Sumantra! Esqueci-me de lhe dizer uma coisa: implore com todo o empenho possível que Sita seja orientada a regressar a Ayodhya. Faça-os saber que eu mesmo lhe disse para fazer essa súplica. Ponha-os na carruagem e leve-os com você até certa distância em direção à floresta. Entre lá com eles, pois se porventura Sita se assustar com a visão da selva e você ficar ciente do seu temor, poderá imediatamente pedir ordens a Rama e implorar a Sita, a doce princesa de Mithila, que retorne a Ayodhya, lembrando-lhe que esse também é o meu desejo. Diga-lhe que, se não concordar em ficar em Ayodhya, providenciarei para que seja enviada ao seu pai, Janaka”. Dasharatha repetiu muitas vezes essas palavras; depois, cheio de dor pelas imagens que elas evocavam, perdeu a consciência e rolou pelo chão.

Logo depois, levantou-se e exclamou, com grande aflição: “Sumantra! Por que desperdiçar tempo e palavras? Traga o meu Rama, traga Lakshmana e Sita até mim agora! Deixe-me ver todos três. Decida-se a fazê-lo para que eu fique feliz”. Então solicitou tristemente a Sumantra: “Vá depressa, não se demore! Leve a carruagem até onde eles estão e a conduza até o ponto além do qual ela não possa mais prosseguir. Talvez seja possível viajar de carruagem por três ou quatro dias. Ao final desse período, deixe-os descer e continue a observá-los até que estejam fora do alcance da sua vista, antes de regressar para me trazer notícias sobre a sua saúde e segurança. Agora parta; não fique aí parado na minha frente. Vá.” E assim Dasharatha mandou que o ministro se apressasse.

Inclinando a cabeça em acolhimento à ordem do imperador, Sumantra prostrou-se aos seus pés e aprontou a carruagem. Alcançou Sita, Rama e Lakshmana, que seguiam a pé ao longo das estradas da cidade. Transmitiu-lhes o que o imperador lhe havia dito e, depois que se sentaram no interior da carruagem, partiu em direção à floresta.

Em ambos os lados da estrada real, cidadãos aglomeravam-se em massa, chorando e se lastimando, enquanto Sumantra tentava exortá-los a controlar as emoções e manter a calma. Cruzaram os limites da cidade e seguiram um pouco mais adiante. A população da capital corria atrás da carruagem, como uma só multidão em pânico, levantando nuvens de poeira que se elevavam alto nos céus. Não se via nenhum sinal de estrada ou de chão, e sim uma vasta planície de pessoas aflitas. Velhos, mulheres, homens jovens e fortes, brâmanes, todos gritavam em uma só voz, em meio a soluços: “Rama! Rama! Leve-nos com o senhor! Não nos deixe para trás!” As ruas de Ayodhya ficaram vazias. A cidade quedou-se tão silenciosa como se estivesse adormecida. Sobre todos os tetos, como um manto pesado, caiu a escuridão.

Alguns homens e mulheres que não podiam viajar ficaram desamparados na estrada, estáticos como troncos. Muitos trancaram as portas e passaram os dias em

extrema angústia, evitando comida e bebida e rolando pelo chão no local onde estavam na ocasião da partida de Rama. Alguns aguardaram o retorno do príncipe ao cair da noite, na esperança de que a compaixão pudesse induzi-lo a voltar para o seu amado povo.

Nesse momento surgiu Dasharatha, sentado em uma carruagem! Ele gritou bem alto: “Rama! Rama! Sumantra! Sumantra! Parem essa carruagem! Quero olhar para o tesouro do meu amor só mais uma vez!” Acelerou o trote dos cavalos, deslocando-se com rapidez cada vez maior. A multidão de cidadãos que seguia Rama ficou presa entre a sua carruagem e a do imperador. Muitos estavam tão exaustos que tombaram ao chão. Quando viram uma carruagem passar velozmente por eles, ergueram a cabeça para verificar se Rama estaria retornando no seu interior. Levantaram-se e tentaram pará-la para ter um vislumbre do seu amado príncipe, mas quando os gemidos de Dasharatha caíram nos seus ouvidos, também começaram a soluçar e permitiram que ela passasse, implorando de maneira comovente: “Ó rei! Vá logo, traga de volta o nosso Ramachandra!”

Dasharatha viu a carruagem de Rama movendo-se rapidamente ao longo das dunas de areia fora da cidade. Gritou: “Sumantra! Sumantra! Puxe as rédeas! Pare!” e ordenou que o cocheiro acelerasse. Sumantra olhou para trás e avistou a carruagem do imperador seguindo a sua. Dirigiu-se a Rama: “Ramachandra! O seu pai Dasharatha está atrás de nós. Acho melhor pararmos por um instante para descobrir quais são as suas ordens”.

Rama também viu a imensa multidão de cidadãos e a carruagem que levava o seu pai correndo a toda velocidade atrás dele. Sabia que, se parasse naquele momento, eles o rodeariam e romperiam em uma aflição incontrolável, e os que estavam sentados exaustos à beira da estrada se levantariam e se precipitariam em sua direção, impelidos por uma nova esperança. Sendo assim, parar seria dar-lhes esperanças sem nenhum benefício e, além disso, prejudicaria o cumprimento da sua promessa. Se os súditos testemunhassem o pranto de Dasharatha, isso faria com que o soberano caísse no seu conceito. Considerando tudo isso, o príncipe disse a Sumantra, o seu cocheiro, que não havia necessidade de parar; na verdade, seria melhor que dirigisse ainda mais rápido.

Sumantra implorou, com as mãos postas: “Rama! Recebi ordens de seguir com o senhor por apenas quatro dias. Após esse período, terei que retornar a Ayodhya, não é? Ao me ver, o imperador certamente me repreenderá por não ter parado a carruagem como ele havia mandado. O que devo lhe dizer em resposta? Tenha a bondade de me manter ao seu lado ao longo de todos os anos de exílio na floresta. Eu consideraria a minha vida bem vivida e cheia de alegria se me fosse permitido permanecer lá com o senhor. Se concordar, não pararei; conduzirei a carruagem tão velozmente quanto desejar. Por favor, comunique-me a sua ordem nesse sentido”.

Após refletir sobre a questão apresentada por Sumantra e as suas implicações, Rama respondeu: “Sumantra! Quem lhe ordenou que nos levasse à floresta até onde a carruagem pudesse penetrar foi o imperador, seu senhor. Aquele que agora nos segue, chorando e lhe suplicando que pare, é Dasharatha. Você tem que ouvir e obedecer às ordens do imperador, não às de Dasharatha. Você é o ministro do país e do seu governante, não de um indivíduo chamado Dasharatha. Entre nós, como indivíduos, há uma relação de afeto que liga o filho ao pai. Na condição de soberano, entretanto, ele tem autoridade imperial sobre mim e sobre você, de igual forma. A sua lealdade e a

minha para com ele são as mesmas. Você tem que cumprir o seu dever. Se Dasharatha o castigar por não haver atendido à sua solicitação de agora, diga-lhe que não o ouviu. Não é errado dizer isso”. E Rama pediu a Sumantra que fosse mais depressa, sem se importar em parar a carruagem.

Sumantra bebeu com avidez o néctar de análise moral que Rama lhe concedera para convencê-lo. Ao ver que Rama seguia em frente, Dasharatha parou o seu veículo e regressou a Ayodhya, pranteando o seu destino e lamentando-se em voz alta.

A população, no entanto, continuou a seguir a carruagem, sem se intimidar com a exaustão física, impelida pela determinação de se agarrar ao seu amado Rama. Algumas pessoas, prontas a sacrificar as suas vidas por ele e morrer no esforço para alcançá-lo, praticamente se arrastavam pela estrada, alquebradas e sem fôlego, os pés pisando com devoção na trilha deixada pela carruagem. Ao vê-las caminhando penosamente atrás dele, atraídas pelo amor que lhe tinham, Rama encheu-se de compaixão. Parou a carruagem e dirigiu-lhes doces e suaves palavras que tocaram os seus corações. Discorreu sobre os vários aspectos morais da situação e suplicou-lhes que voltassem para Ayodhya.

Responderam-lhe que a separação de Rama seria uma insuportável agonia e que nem por um momento poderiam residir em uma Ayodhya da qual ele estivesse ausente. Disseram ainda que estavam prontos a morrer na floresta ao invés de viver em Ayodhya! Enquanto muitos afirmavam isso, o mais jovem declarou que uma cidade onde a divindade do *dharma* houvesse desaparecido seria mais terrível que a selva e que não poderiam viver em um lugar tão assustador. “A floresta onde o senhor residir será Ayodhya para nós. Não se preocupe nem um pouco com o nosso cansaço ou a nossa labuta. Observe o seu voto, o seu dever, tal como determinou. Nós também observaremos o nosso voto. O senhor decidiu honrar o desejo do seu pai como um dever sagrado. Nós também temos o sagrado dever de honrar o desejo do Rama residente em nossos corações – o *Atma-Rama*, o nosso mestre, a autoridade que lealmente reverenciamos. Não vacilaremos em nossa resolução. Não retornaremos. Somente a morte poderá nos derrotar”, anunciaram, em meio a soluços e lágrimas de desespero.

O coração compassivo de Rama derreteu-se ante aquelas palavras de amor e lealdade. Sita vertia copiosas lágrimas. Assistindo à intensa manifestação de devoção que vinha daquelas pessoas comuns do reino, Lakshmana ficou com os olhos vermelhos de raiva e a língua presa pela emoção ao pensar em Kaikeyi, a madrastra, que não tivera um pingo daquele sentimento em relação a Rama. Sentou-se no chão, a cabeça pesada por tristes pensamentos.

Rama sentiu que seria melhor persuadi-los, por qualquer meio, a retornar aos seus lares. Consolou-os, solidarizou-se com eles e lembrou-os das cerimônias e rituais que deviam executar diariamente e das consequências da sua não observância. Descreveu-lhes os horrores da vida na floresta e os obstáculos que encontrariam ao tentar viver lá como tinham vivido até então. Aconselhou-os a celebrar corretamente e sem interrupção os ritos e rituais, de modo que os anos de exílio pudessem transcorrer rapidamente e sem problemas e ele pudesse regressar a Ayodhya no momento adequado, revigorado e com boa disposição. Assim eles o estariam ajudando a passar o exílio em paz e com alegria.

Os jovens brâmanes ali presentes não foram convencidos por aqueles argumentos! Rama apresentou-lhes novas objeções, observando: “Os seus pais idosos

perderão o seu serviço dedicado; é errado deixá-los sem ajuda e sozinhos”. A isso eles responderam: “Rama! Os nossos pais idosos estão fracos e abatidos por não poderem segui-lo na floresta. Vieram até aqui e retornaram, derramando a sua angústia mental em rios de lágrimas. Instruíram-nos a segui-lo e ficar com o senhor. ‘Estamos muito enfraquecidos’, disseram. ‘Vocês são fortes e jovens. Vão! Sirvam Rama em nosso nome’. Eles se sentem mais angustiados porque o senhor está longe de Ayodhya do que por estarmos longe deles. Ficarão felizes por seus filhos estarem com Rama, uma sorte da qual não puderam desfrutar. Leve-nos com o senhor, ao menos por esta razão, a fim de proporcionar alegria em abundância àqueles idosos”. Assim implorando, caíram aos pés de Rama e choraram.

Rama emudeceu ante aquela sincera expressão de amor e veneração. Emocionou-se com o espírito de renúncia daqueles jovens, que sentiu ser ainda mais grandioso do que a sua própria renúncia ao trono. A sua alegria não estava separada de um sentimento de orgulho por haver sido superado pelos súditos em piedade filial. Enquanto as súplicas e as recusas se alongavam, a escuridão desceu sobre a Terra. Então Rama pediu-lhes que descansassem e se alimentassem naquela noite em vez de caminharem de volta no escuro.

A fim de incentivá-los a fazer o que pedira, Rama banhou-se no rio Tamsa, que por ali fluía, serviu-se de uma refeição de raízes, tubérculos e frutas e repousou durante algum tempo. As pessoas que o haviam seguido por longas distâncias estavam tão fisicamente cansadas que, após a refeição, caíram em sono profundo e imperturbável.

Rama sabia que, ao despertarem, todos insistiriam em acompanhá-lo; por isso acordou Sumantra e instruiu-o a aprontar a carruagem sem o menor ruído e conduzir o veículo de modo que não se pudesse identificar o seu rastro. O ministro reconheceu que não havia outro jeito. Dirigiu a carruagem de forma que os seus sulcos ficassem confusos e complexos; deu até sutis indicações de que ela teria tomado o rumo de Ayodhya! Após deixar habilmente essas marcas, seguiu em direção à floresta.

O dia amanheceu e os cidadãos de Ayodhya levantaram-se e olharam em volta. Não havia sinais da carruagem real nem vestígios de Sita, Rama ou Lakshmana! Tomados por profunda agonia, despertaram os que ainda estavam dormindo. Tentaram rastrear as marcas das rodas no chão e correram descontroladamente em todas as direções, procurando localizar o veículo.

Um deles disse: “Irmãos! Rama viu quão cansados estávamos e como adormecemos por pura exaustão; por isso deixou este lugar sem nos levar com ele”. Então começaram a culpar uns aos outros por mostrarem sinais de esgotamento, induzindo Rama a deixá-los e seguir sozinho. Outros condenaram a si mesmos como inferiores aos peixes, dizendo: “Peixes não podem viver sem água, mas nós estamos vivos, embora Rama nos tenha deixado aqui enclachados”. “Vergonha, vergonha sobre as nossas vidas!”, amaldiçoaram. “Atraímos para nós mesmos a separação do ser que nos é mais querido. Por que não atraímos a morte, que terminaria com essa tristeza?”, lamentaram. Mas logo sentiram que, sendo Rama o seu Ser Interno (*Atma*), a autodestruição (*Atma-hatya*) seria impensável, além de não ser um ato meritório. E o suicídio só pode ocorrer quando o destino de alguém é morrer pelas próprias mãos! Por isso um deles sugeriu que implorassem ao destino que sancionasse esse fim para todos eles.

Envolveram-se naquelas patéticas discussões e dúvidas, ansiosos para decidir qual seria o próximo passo a tomar. Pouco tempo depois, alguém anunciou que haviam sido

encontrados os rastros deixados pelas rodas. Era realmente uma boa notícia, pois as marcas indicavam que a carruagem tomara o rumo de Ayodhya! Seguiram os rastros até certa distância, mas logo não conseguiram mais vê-los; haviam sumido. Tornou-se impossível imaginar o que acontecera; então voltaram para a cidade, com os pensamentos inteiramente confusos.

Muitos se consolavam dizendo que Rama certamente regressaria ao palácio, pois vira a situação deles e o seu coração era cheio de compaixão para com os aflitos. Afirmavam que ele retornaria dentro de dois ou três dias. As mulheres fizeram várias promessas e realizaram diversos tipos de culto a fim de pedir aos deuses que persuadissem Rama a voltar para os seus súditos. A partir de então as pessoas viveram como patos-ferrugíneos (*chakravaka*) desprovidos de lótus para a sua subsistência, pois o Sol estava ausente e os lótus não florescem sem o seu calor.

Guha, chefe dos Nishadas¹¹⁰

Enquanto o povo sofria daquela forma, Sita, Rama e Lakshmana alcançaram os arredores da cidade de Sringerivera com o ministro Sumantra. Rama avistou o rio Ganges (Ganga) e imediatamente pediu ao ministro Sumantra que parasse a carruagem. Desceu e prostrou-se no chão perante aquela corrente de santidade. Sita, Lakshmana e Sumantra fizeram o mesmo. Rama disse-lhes que Ganga era a fonte de toda a riqueza e prosperidade, paz e abundância que resplandeciam ao redor, e que dera a todos os seres a Suprema Bem-Aventura e as mais elevadas bênçãos espirituais. Decidiram, então, banhar-se nas águas sagradas.

Rama pediu a Lakshmana que encontrasse algum lugar onde Sita pudesse descer da margem e tomar banho em segurança. Como as margens do rio eram escorregadias e lamacentas na selva, Lakshmana escolheu um local que reforçou com pedras e rochas, de modo que ela pudesse descer em segurança e subir confortavelmente após as suas abluções. Rogou a Sita, a Mãe, que usasse aquele *ghat*¹¹¹ temporário para o seu banho. Ela desceu com muito cuidado e, antes de entrar no rio, prostrou-se em homenagem à deusa Ganga. Lakshmana entrou na selva para colher alguns frutos comestíveis para que Rama e Sita pudessem se recuperar com um pouco de alimento após o banho. Ofereceu-lhes reverentemente os frutos, dos quais eles se serviram.

Enquanto isso, alguns barqueiros que haviam se reunido nas proximidades avistaram a carruagem real e as figuras principescas de Sita, Rama e Lakshmana. Inferiram que eles teriam ido àquele local para um piquenique. Correram até Guha, o seu chefe, e avisaram-no de que alguns visitantes reais estavam ali perto. Então Guha enviou um mensageiro para indagar e averiguar quem eram e qual o propósito de estarem na floresta, às margens do Ganges.

O mensageiro voltou com a informação de que eles eram ninguém menos que os filhos do imperador Dasharatha, que a princesa era a própria Sita e que os acompanhava o ministro real, Sumantra. Guha achou que não deveria desfrutar sozinho daqueles momentos extremamente agradáveis! Avisou os parentes, companheiros e amigos de que o grande príncipe Rama viera até o Ganges com a esposa e o irmão. Colheram frutas e flores em abundância e toda a comitiva seguiu,

¹¹⁰ Nome de uma tribo mencionada em obras da literatura sagrada indiana, tais como os épicos *Mahabharata* e *Ramayana*. (N. T.)

¹¹¹ *Ghats*, na Índia, são largas escadarias de pedra que dão acesso a um rio sagrado, permitindo aos devotos entrar e sair das suas águas. (N. T.)

com humildade e reverência, em direção ao rio. Após depositar aos pés dos visitantes reais as oferendas de frutas e de flores, Guha prostrou-se aos pés de Rama, e o mesmo fizeram os seus parentes e amigos.

Vendo a alegria que os emocionava, Rama pediu a Guha que se aproximasse e perguntou-lhe como estavam passando e se estavam todos felizes e em paz. Indagou ao chefe até onde a sua administração estava ajudando a comunidade a prosperar. Guha respondeu: “Senhor! Ramachandra! Todos nós desfrutamos de bem-aventurança espiritual (*ananda*) ilimitada ao contemplar os seus pés. Só tivemos essa imensa boa sorte devido ao mérito acumulado pelas boas ações que praticamos no passado. Se assim não fosse, como poderíamos nós, que passamos os dias nesta floresta inacessível, acalantar a esperança de ser abençoados pela sua visita e pela visão (*darshan*) dos seus pés de lótus? A partir de agora, esta região certamente desfrutará de paz e abundância, pois os seus pés pisaram este solo. Não pode haver dúvida a esse respeito; a transformação está destinada a acontecer”.

Lakshmana, Sita e Sumantra notaram a sua sincera expressão de júbilo e as suas lágrimas de bem-aventurança. Maravilharam-se com a sua devoção, humildade e sabedoria. Guha segurou firmemente os pés de Rama e afirmou: “Senhor! Tudo isto é seu. Todas as riquezas, territórios e autoridade que tenho como chefe, assim como todos os meus súditos, lhe pertencem. Estão à espera das suas ordens. Encontram-se à sua disposição para ser úteis aos seus propósitos e aos seus serviços. Eu sou seu servo. Aceite-me como tal; aceite tudo o que estou lhe oferecendo e entre na cidade onde habitamos”.

Ao ouvir a sua súplica, Rama sorriu e respondeu: “Guha! Você é um devoto fiel. É extremamente virtuoso. O seu coração é muito puro. Mas escute, tenho que vagar pela floresta como exilado, usando trajes de eremita, em obediência a uma ordem do meu pai. Não posso entrar em uma cidade grande ou pequena. Devo ingerir apenas os alimentos prescritos para os monges engajados em austeridades. Tenho que viver em penitência (*tapas*), conforme as regras estabelecidas para os ascetas. Por estas razões estou impossibilitado de satisfazer o seu desejo”.

Guha sentiu-se tomado por imenso pesar. Pessoas vindas da cidade de Sringivera, que estavam ali reunidas em grande número, falavam baixinho sobre o divino encanto de Rama, Sita e Lakshmana. Um deles ficou imaginando como seria possível que os pais daqueles adoráveis irmãos e daquela dama angelical os tivessem exilado na floresta. “Como pôde a língua deles alguma vez proferir tal sentença?” A isso outro replicou: “Cale-se, seu tolo! Aqueles pais, na verdade, fizeram um bem. Se não tivessem pronunciado aquela sentença, não estaríamos nos deleitando com a visão dessas formas divinas. Neste dia os nossos olhos estão desfrutando de um raro festival”. Isso encheu a muitos de satisfação e alegria. Os homens da tribo Nishada que participavam da reunião trocaram entre si palavras de reverente admiração pelos visitantes reais e exaltaram a beleza, a ternura e a natureza doce e suave de Sita, Rama e Lakshmana.

Guha ficou imerso em profunda tristeza por haver perdido a sorte de receber Rama na capital dos Nishadas, que ele governava, mas achou que, se pelo menos ele a “visse”, se os seus olhos a vislumbrassem uma única vez, ela seria para sempre abençoada com paz e prosperidade. Então sugeriu a Rama que caminhasse até um gigantesco e belíssimo pau-rosa (*shimshapa*) que crescia nas proximidades. Rama concordou. Guha sabia que, daquele ponto, o olhar do príncipe cairia sobre a cidade.

Esse pensamento o deixou satisfeito. Rama também ficou feliz ao avistá-la à distância. Permitiu que os Nishadas lhe tocassem os pés e determinou que regressassem aos seus lares, pois era iminente o anoitecer.

Enquanto Rama realizava os ritos sagrados que deviam ser observados ao entardecer, Guha reuniu montes de relva e folhas tenras e preparou leitos macios. Mandou que os súditos colhessem frutas e tubérculos saborosos e frescos das árvores e trepadeiras da floresta e os trouxessem embrulhados em folhas para serem oferecidos aos ilustres visitantes. Sita, Rama, Lakshmana e Sumantra serviram-se da refeição frugal e retiraram-se para descansar e dormir.

Sita adormeceu no macio leito de relva e Lakshmana sentou-se aos pés de Rama para massageá-los suavemente e aliviar a tensão causada pelo esforço. Rama percebeu que Lakshmana continuaria o serviço enquanto ele parecesse estar acordado. Queria induzi-lo a descansar; por isso fingiu ter caído em sono profundo. Receando que qualquer pressão adicional nos pés de Rama pudesse perturbar o seu sono, Lakshmana afastou-se silenciosamente, colocando-se a certa distância. Ali se sentou na “postura do herói”, de modo que pudesse observar atentamente as quatro direções e reconhecer prontamente qualquer animal selvagem que se aproximasse do local ou qualquer demônio ou pessoa diabólica disposta a perturbar o sono do irmão. Era toda atenção e vigilância.

Vendo isso, Guha também instruiu os seus fiéis tenentes a guardar a área e garantir que nada perturbasse o sono de Rama. Colocou no ombro a aljava e, segurando o arco em prontidão, sentou-se perto de Lakshmana, ansioso por acompanhá-lo na sua vigília.

Com os olhos cheios de lágrimas, uniu as palmas das mãos diante dele e perguntou-lhe: "Lakshmana! O palácio do imperador Dasharatha é, creio eu, mais grandioso e magnífico que a divina mansão de Indra, o governante dos deuses. Um palácio em que tudo é belo e encantador e há perfume e doçura em toda parte. Leitos macios de penas e lâmpadas cravejadas de pedras preciosas somam-se à grandiosidade e conforto do palácio. Lá as camas têm lençóis leves e alvos como espuma de leite fresco e travesseiros que combinam com eles. Sita e Rama, que estavam habituados a dormir nesses leitos luxuosos, acham-se agora deitados sobre uma pilha de grama, sem cobertores nem travesseiros, dormindo de pura exaustão física! É uma insuportável agonia para mim contemplar essa cena. Ali o pai e a mãe, os atendentes e as criadas cuidavam das suas necessidades e do seu conforto de diversas maneiras. Sita e Rama, que até ontem viviam regiamente, estão agora deitados no chão! Ai, o meu coração está dilacerado pela dor!

“Sita é a amada filha do mundialmente famoso imperador Janaka; no entanto, está agora deitada sobre relva seca. Que estranha reviravolta do destino é esta! Será que Sita e Rama estão aptos para a vida na floresta? Oh, provou-se agora ser verdade que, a despeito de tudo o mais, as consequências dos atos praticados são inevitáveis.

“Kaikeyi é a filha do rei do Estado de Kekaya. Ninguém poderia acreditar que fosse capaz de um ato tão cruel e pecaminoso. Aqueles dois estão em um período das suas vidas em que deveriam estar felizes juntos. Que condenável ato é esse, o de lhes infligir tão dura sentença! Tal destino não deveria atingir nem mesmo o pior inimigo.

“A princesa de Kekaya demonstrou ser o machado que deceparia as próprias raízes da árvore da Dinastia Solar. A sua ambição egoísta afundou o mundo em tristeza. Ah! Os meus olhos miseráveis estão destinados a ver essa cena comovente!

Em que pecado desprezível terei me deleitado para merecer tal castigo? Que vida feliz de alguém terá feito os meus olhos se tornarem vermelhos de inveja no passado, para que eu tenha que ver o meu amado Rama nesta situação?” Assim se lastimou Guha, incapaz de fazer cessar a investida das crescentes ondas de pesar. Calou-se e ficou sentado, com a cabeça inclinada, em incontrolável agonia.

Lakshmana também mergulhou na tristeza, mas reuniu um pouco de coragem e disse: “Ó chefe dos Nishadas! Ninguém se torna feliz nem infeliz por meio de outra pessoa. Não se pode obter boa ou má sorte por meio de outra pessoa. Não há possibilidade desses meios indiretos obterem êxito. E tampouco se pode ser realmente feliz ou infeliz.

“Cada pessoa vem com algum propósito, impulsionado pela potência dos seus atos em nascimentos anteriores ou por alguma vontade e resolução soberanas. No cumprimento desse propósito ela parece feliz ou infeliz, isso é tudo. Um mendigo sonha que é um rei; um rei sonha que é um mendigo. Quando acordam, descobrem que a felicidade e a infelicidade eram irreais e de curta duração. Similarmente, o mundo é um sonho, é irreal e ilusório. É uma mistura de verdade e falsidade (*mithya*¹¹²).

“Você sente tristeza porque Rama está nesta situação, mas ele está acima e além da tristeza e da alegria. Para aqueles que o observam, de acordo com a boa sorte ou o infortúnio definidos pelo mérito ou demérito adquirido e acumulado, ele pode parecer feliz ou infeliz. No entanto, o que você vê como alegria ou tristeza em Rama é apenas o reflexo do seu próprio estado mental”.

Ao ouvir isso, Guha acalmou-se e abandonou a raiva que até há pouco sentia de Kaikeyi, compreendendo que não se deve criticar o próximo e lhe atribuir culpa. “As pessoas estão todas mergulhadas no sono da ilusão, envolvidas em assistir a uma variedade de sonhos. Esta é a forma pela qual os homens passam a noite chamada ‘vida’. Somente os iogues, que conquistaram o autodomínio, se mantêm acordados durante a noite, sem ser capturados ou encantados pelos sonhos. Eles não veem utilidade para o mundo e aquilo que ele contém. Afastaram-se de todos os prazeres sensuais e seus emaranhados. Até atingir esse estágio ninguém pode se referir a si mesmo como ‘desperto’. Quando se obtém a Sabedoria (*jñana*) e se apreende a Realidade, rompem-se os laços da ilusão e o amor se fixa nos Pés de Lótus de Sri Rama”. Guha sentiu-se confortado e fortalecido pelos próprios pensamentos, que fluíam nessa linha. Ele e Lakshmana passaram o resto da noite conversando sobre os atributos super-humanos de Rama e a plenitude da Glória latente nele.

Sumantra é mandado de volta para Ayodhya

Em breve o dia alvoreceu. Um deles ficou de guarda onde Rama dormia até o outro terminar as suas abluções matinais e retornar. Logo Rama estendeu os braços, esfregou os olhos e, sentando-se, olhou para as quatro direções. Despertou Sita e ambos se dirigiram para o rio Ganges. Após o banho e a finalização dos ritos matinais, voltaram para onde estavam Guha e Lakshmana. Rama pediu ao irmão que lhe

¹¹² Diz Sri Sathya Sai Baba: “Tanto o estado de sonho (*svapna*) como o de vigília (*jagrat*) são irreais, ambos são *mithya*. Não são falsos porque são relativamente reais, embora não absolutamente reais. Têm realidade temporária, uma realidade que é negada por subsequente investigação e experiência”. (**A glossary of sanskrit words gleaned from Sai literature**. Comp. by Victor Yap. Singapore: s. ed., 1998, p. 232.) (N. T.)

arranjasse uma quantidade do suco leitoso de uma figueira-de-bengala. Em silêncio, Lakshmana foi até a floresta próxima e, sem muita demora, trouxe consigo uma tigela de folhas cheia do suco. Rama aplicou-o nos cachos do alto da sua cabeça, tornando-os um espesso coque embaraçado, à semelhança do que geralmente usam os eremitas.

Vendo esse gesto, Sumantra não pôde mais conter as lágrimas. Chocava-o o fato de que a cabeça que devia usar uma coroa de joias carregasse agora o fardo de uma massa de cabelo emaranhado. Lamentou que os seus olhos estivessem destinados a ver aquela trágica cena. A angústia lhe abrasava o coração. “Não posso mais ficar com o senhor na floresta; é impossível. Cumpri as ordens do imperador, mas o destino está encurtando a minha permanência na sua presença. Ele me ordenou que o levasse de carruagem até as margens de um rio sagrado e o deixasse ali para então regressar. Tenho o dever de informá-lo desse fato e é a sua vez de me dizer o que devo fazer”, falou humildemente Sumantra, em pé diante de Rama, com a cabeça inclinada pelo pesar, as lágrimas lhe fluindo livremente dos olhos.

“Não se aflija”, respondeu Rama, “cumprir as ordens do imperador é o seu dever e o meu também. Estou muito contente por você haver executado as suas determinações. Daqui para a frente cumprirei as ordens que ele me deu. Seguirei as suas instruções com a maior reverência e nos mais minuciosos detalhes. Não se atrase; retorne a Ayodhya. Os meus pais estão aguardando a sua chegada com uma ansiedade sem limites, ávidos por ouvir a descrição da sua viagem até aqui. Sendo assim, tome a carruagem e volte bem depressa”, insistiu.

Sumantra pôs-se a imaginar interiormente o lugar para onde teria que retornar. Implorou de maneira comovente: “Ó Ramachandra! Não deixe que Ayodhya se torne uma cidade órfã. Será difícil para o imperador se manter firme na sua ausência e Bharata achará impossível reinar”. E caiu aos pés de Rama, incapaz de suportar o peso da sua angústia.

Rama ergueu-o e, com a mão no seu ombro, consolou-o, dizendo: “Sumantra! Nenhum princípio de Retidão é superior à Verdade. Os Vedas, os Puranas¹¹³, os épicos – todos afirmam e proclamam isso, você sabe. Agora me foi atribuída a tarefa de seguir esse princípio supremo de Retidão! Que imensa boa sorte a minha! Se eu perder esta oportunidade e desperdiçar esta sorte, eu e a minha dinastia sofreremos infâmia eterna em todos os três mundos. A infâmia queima os justos mais dolorosamente do que um milhão de mortes e cremações. Vá, prostre-se aos pés do meu pai e deixe evidentes para ele a minha determinação e alegria. Esteja atento e cuide para que o pai não fique preocupado comigo nem com Sita e tampouco com Lakshmana”.

Guha e os seus seguidores ouviram as palavras de Rama e foram visivelmente afetados por elas. Sem se dar conta, começaram a verter lágrimas. Lakshmana não pôde mais aguentar a sua angústia e proferiu algumas palavras de raiva e amargura contra os causadores daquela tragédia. Rama, no entanto, percebeu a sua disposição e o conteve imediatamente. Em seguida, virou-se para o ministro e disse: “Sumantra! Lakshmana é um adolescente; não dê importância às suas palavras. Não as transmita ao pai. A sua mente está passando por esse sofrimento porque ele sente muito carinho por mim e também por estar sendo afetado pelas dificuldades que afligem Sita. Lakshmana deu vazão a tais expressões por ter uma noção equivocada a respeito

¹¹³ Fazem parte das chamadas “Escrituras secundárias”, na literatura sagrada do hinduísmo, e têm por finalidade ilustrar e exemplificar, por meio de alegorias, mitos, lendas e crônicas de eventos históricos, os princípios e ensinamentos contidos nos Vedas. (N. T.)

daqueles que me enviaram para o exílio na floresta. Ele é, por natureza, dotado de excelentes qualidades”. E começou a descrever as virtudes do irmão.

Sumantra levantou a cabeça e apelou a Rama em favor de Sita: “Senhor! Janaki (outro nome de Sita, como filha do imperador Janaka) é sensível e de compleição delicada. Não pode enfrentar as agruras da vida na selva. Aconselhe-a a retornar à cidade, convença-a de que é a coisa certa a fazer. Ela é o alento de Ayodhya e a deusa da prosperidade para o império. Se não puder voltar para Ayodhya, os habitantes de lá sofrerão como peixes em um tanque seco. Deixe-a regressar e residir com a sogra ou com os pais, como desejar. O imperador ordenou-me diversas vezes que lhe transmitisse estas mesmas palavras. Quando o senhor retornar a Ayodhya, ao término dos quatorze anos, Janaki poderá ser trazida de volta do palácio do seu pai”.

Enquanto Sumantra insistia, Rama fez um sinal para Sita, como se quisesse chamar a sua atenção para os seus anseios e súplicas. Quando o ministro terminou, Rama dirigiu-se à esposa: “Sita! Ouviu a mensagem do pai? Vá para casa e faça com que os meus pais esqueçam, pelo menos em parte, a aflição que sentem com a minha separação. Em sua velhice, estão demasiado fracos para suportar essa terrível situação. Então é necessário que a senhora retorne a Ayodhya com o ministro”. E usou diversos outros argumentos para persuadi-la a aceitar o pedido do pai.

Sita respondeu: “Senhor! O senhor é onisciente. Conhece a conduta moral ideal prescrita para cada segmento da humanidade. Não tenho necessidade de lembrá-lo disso. Por favor, ouça por um momento a minha súplica. A sombra tem que seguir a matéria. Como poderia ficar longe dela? Os raios solares não podem existir separados do Sol nem o luar existir separado da Lua. Similarmente, esta sombra que é Sita não poderá partir e existir após haver deixado Ramachandra, a Lua-Rama”.

Virou-se, então, para o ministro e disse: "Sumantra! Para mim, o senhor é tão venerável quanto o meu pai e o meu sogro. É alguém que deseja o meu bem. Por favor, considere o seguinte: não busco outro refúgio a não ser os pés de lótus do meu senhor. O mundo sabe que a nora que entra para uma família não pode ser, sob nenhum aspecto, mais próxima do que o filho nascido naquela família. Não faz nenhum sentido a afirmação de que o retorno da nora os fará esquecer a angústia da separação do filho. No que se refere à riqueza e ao conforto do palácio do meu pai, eu os desfrutei suficientemente durante a minha infância. Agora, na ausência do meu senhor, eles me parecem tão secos e baratos quanto capim. Não tenho outro caminho a não ser o que ele trilhar. Portanto, não me entenda mal e, por favor, concorde com as minhas palavras. Desista da tentativa de me levar de volta para Ayodhya; esqueça isso.

“Transmita as minhas reverências aos meus sogros e assegure-os de que não há nenhum motivo para ansiedade a nosso respeito. Diga-lhes que Sita está feliz, mil vezes mais ditosa do que quando estava em Ayodhya ou em Mithila. Estou com o senhor do meu coração e também com o grande herói, o melhor dos guerreiros, o seu irmão Lakshmana. Por isso passo alegremente estes dias na floresta, sem ser perturbada pelo medo, pela ansiedade ou por alguma agitação mental. Informe-lhes que não me sinto nem um pouco cansada em razão da viagem, que estou muito feliz e que considero este exílio uma imensa boa sorte”.

Ao ouvi-la, Sumantra sentiu-se tão tomado pela admiração e pela tristeza que não conseguia sequer olhar para o rosto de Sita. Não podia mais escutar aquelas palavras tão profundamente comoventes. Ele próprio não sabia o que dizer a ela. Refletiu sobre

as suas virtudes, os seus sentimentos puros e a sua firmeza. Lamentou o destino que privara Ayodhya da presença e da inspiração de uma dama de caráter tão superior. Dirigiu-se, então, ao príncipe: “Rama! Nesse caso, aceite uma súplica minha. Permita-me ficar com o senhor na floresta e servi-lo durante esses quatorze anos”.

Rama replicou: “Sumantra! Você é bem versado na lei e nas regras da moralidade. É o ministro do imperador Dasharatha, não um ministro subordinado a mim. Se ele lhe deu ordens para retornar, como posso permitir que fique? Mesmo se assim não fosse, não seria aconselhável que permanecesse longe do imperador neste exato momento. Você é o seu braço direito. Não tente ficar longe dele pensando na sua própria felicidade (*ananda*). Vá, vá até ele, sem mais delongas. A sua rápida partida proporcionará a mim e aos meus pais muito consolo e segurança”. Rama convenceu-o a ir usando vários outros argumentos e exemplos. Achando impossível resistir, Sumantra chorou alto e prostrou-se diante dos três. Quando se voltou para trás, os seus passos eram pesados e hesitantes; tanto a sua mente como o seu corpo relutavam.

Rama segurou-lhe a mão e ajudou-o a caminhar até a carruagem e subir até o seu assento. Falou-lhe com suavidade e doçura e fez o mesmo com os cavalos, de modo a induzi-los a tomar o rumo de Ayodhya. Sumantra pôs-se a dirigir a carruagem de regresso à cidade, mas os cavalos não estavam dispostos a refazer o caminho de volta. Viravam-se para onde Rama estava, ansiando por ficar com ele, e se mostravam reticentes a se afastar. Apesar do estímulo e da persuasão, mal podiam seguir adiante. Relinchavam comoventemente em protesto e estacavam, espichando os pescoços para trás, a fim de terem um vislumbre de Rama.

Sumantra também se virava para trás, com insuportável tristeza, enquanto enxugava as copiosas lágrimas que lhe escorriam pela face. Mantinha a cabeça baixa, como se não estivesse disposto a mostrar o rosto. Quanto a Rama, após mandar o velho ministro de volta, seguiu rumo ao Ganges com a esposa e o irmão.

Ao ver o estado de Sumantra, Guha ficou tão dominado pela aflição que se apoiou em uma árvore, soluçando, com a cabeça encostada no tronco. “Se até animais estúpidos acham impossível viver longe de Rama, o que dizer da angústia sofrida pelos pais, que lhe deram a vida e o criaram amorosamente e com tanta esperança, e também pelos súditos do reino, que o adoravam com lealdade e amor? Ai de mim! Quem pode medir a dor que traspassa o coração da rainha Kausalya?”, pensou, com a tristeza lhe crestando a alma.

O êxtase do barqueiro

Logo os olhos de Guha caíram sobre Rama, Sita e Lakshmana, que caminhavam em direção ao Ganges. Correu até eles e, percebendo que desejavam atravessar o rio, gritou para o barqueiro na margem oposta que trouxesse a balsa. Quando escutou a voz do seu chefe, o barqueiro apressou-se a cruzar o rio e, dentro de instantes, a embarcação já se achava pronta no local onde Rama aguardava a sua chegada.

Guha chamou o barqueiro de lado e lhe disse para limpar a balsa e deixá-la em condições apropriadas para o príncipe de Ayodhya, filho do imperador Dasharatha, a sua consorte e o seu irmão, que iam transpor o Ganges a caminho da floresta onde pretendiam passar alguns anos. O barqueiro já ouvira dos seus irmãos Nishadas a triste história do exílio do príncipe herdeiro do trono; por isso não se demorara a ir ao seu encontro. Tinha, contudo, uma dúvida inquietante que precisava ser esclarecida. Ficara

sabendo que Rama havia colocado o pé sobre uma pedra e que esta, subitamente, se transformara em uma mulher. Seria esse o mesmo Rama ou uma outra pessoa? Foi essa a pergunta que fez a Guha.

Guha respondeu: “Meu caro barqueiro, que ótima memória você tem! Estou feliz de que tenha se recordado daquele incidente ocorrido há muito tempo e feito com que eu também me lembrasse dele!” Voltando-se para Rama, disse com imenso júbilo: “Rama, ouça! Este homem da minha tribo guardou na mente, como um tesouro, a sua Majestade e a sua Glória. Ele me trouxe à memória o modo como o senhor libertou Ahalya, a esposa do sábio Gautama, da pedra na qual se transformara por haver sido amaldiçoada. Os meus súditos se sentiram muito aflitos com a terrível maldição que atingira aquela dama e ficaram radiantes ao saber que o seu Poder Divino a havia libertado. Oh, quão afortunado é o meu povo por estar ciente da sua Divindade!” Com grande regozijo, Guha descreveu a fé e a devoção do seu barqueiro.

Quando Rama se dirigia para a balsa, o barqueiro ficou diante dele e, com as palmas unidas, falou: “Ramachandra! Todos os anos da minha vida valeram a pena com a boa sorte que estou tendo hoje: poder olhar para o Rama do qual há muito tempo ouvi falar. Conduzir o senhor, a sua consorte e o seu irmão até o outro lado do rio Ganga é a recompensa que conquistei em razão do mérito acumulado em muitas vidas passadas. Permita-me implorar-lhe uma bênção: a de borrifar sobre a minha cabeça a água santificada que tenha servido para eu lhe lavar os pés, antes de transportar os senhores até a outra margem”.

Guha não havia percebido quão profundamente devotado a Rama era aquele seu servo, o barqueiro. Surpreendeu-se com a solicitação que ele tão humildemente colocara diante de Rama. Embora tenha ficado imensamente alegre com a sua súplica, repreendeu-o por sua persistência e ingenuidade: “Ouça-me, irmão! Deixe Rama tomar o seu lugar na balsa; então poderá lavar os seus pés com as águas do Ganga tiradas com uma vasilha. Não seria educado lavá-los enquanto ele se encontra de pé na margem do rio”.

O barqueiro, no entanto, recusou-se a ceder e fez um apelo: “Senhor! A riqueza que possuí é imensa. Eu sou irremediavelmente pobre. Reúno os meios necessários para manter a minha pequena família com o pagamento que recebo para transportar pessoas de uma margem à outra do rio. Até para isso acho insuficiente o meu rendimento diário. Como poderei ser feliz se o perder? Então, por favor, não me entenda mal. Permita-me lavar-lhe os pés antes mesmo que o senhor entre na balsa”.

Rama captou o sentido mais profundo do estranho pedido do barqueiro. Sorriu e virou-se para Sita, dizendo: “Notou o medo desse barqueiro?” Guha não conseguia entender o que significava tudo aquilo e por que Rama havia sorrido. Perplexo com o comportamento do homem e irritado com a sua obstinação, falou: “Ei, barqueiro! Não entendo o que está dizendo. Como o custo de manter a sua família está relacionado com o seu dever de agora, que é levar Rama a cruzar o Ganga para que ele possa entrar na floresta e lá viver? Está lhe exigindo um pagamento maior para essa tarefa hereditária? Se assim for, está revelando apenas a sua ganância! Se os seus rendimentos não são suficientes para o sustento da sua família, estou disposto a complementá-los, como chefe deste reino. Não anseie obtê-los de Ramachandra. Cuide do seu negócio e prepare a balsa”.

O barqueiro respondeu que ouvira dizer que os pés de Rama tinham um poder peculiar. “Disseram que, quando os seus pés entraram em contato com uma pedra, ela

se transformou em uma mulher. A minha balsa é feita com a junção de muitas toras de madeira. Se cada uma delas virasse uma mulher, o meu Senhor as deixaria todas aos meus cuidados, pois teriam nascido de partes da minha embarcação! Como posso carregar esse fardo adicional? No entanto, se os pés de Rama forem lavados antes que ele os ponha na balsa, poderei ficar livre do medo. Além disso, quando eu borrifar na minha cabeça a água com que os seus pés foram lavados, os meus pecados desaparecerão. Então, por favor, permita que o meu desejo seja realizado”.

Guha perdeu-se nos seus pensamentos. Rama, porém, chamou o barqueiro para perto de si e disse, com um sorriso que lhe iluminava o rosto: “Meu caro, venha, lave os meus pés”, e colocou os pés sobre as palmas do barqueiro! Tomado de uma alegria sem limites, o homem os manteve ali e, usando a água sagrada do Ganges, lavou-os com muito cuidado e carinho, sem esquecer o espaço entre os dedos. Em seguida, jogou a água da lavagem sobre a própria cabeça e por todas as partes da embarcação, a fim de protegê-las contra poderes maléficos.

Sentindo-se imensamente satisfeito com o sucesso do seu plano, o barqueiro segurou a mão de Rama enquanto ele colocava o pé na balsa e entrava. Rama ajudou Sita a ingressar, segurando-lhe firmemente a mão, e fez com que Lakshmana se sentasse ao lado dele, sobre uma das tábuas transversais.

Enquanto apreciavam o movimento da embarcação sobre as águas, falaram sobre a devoção e a inocência infantil do barqueiro. Conversaram com Guha sobre diversos assuntos e o tempo passou tão depressa que chegaram à margem oposta sem se dar conta da viagem. Rama fingiu estar envergonhado ao descobrir que não tinha sequer uma concha de cauri¹¹⁴ para oferecer ao barqueiro como pagamento pelos serviços prestados. Sita conhecia instintivamente os sentimentos do coração do seu senhor. Tirou um anel do dedo e colocou-o nas mãos de Rama, que saudou o barqueiro e disse: “Pronto, barqueiro! Aqui está o seu pagamento; pegue-o”.

O homem prostrou-se aos pés de Rama, exclamando: “Ó Rama! Hoje ganhei o melhor dos presentes. Todos os meus pecados foram esmagados e reduzidos a pó. Estou liberto do terrível destino do nascimento e da morte. As dores que suportei por muitas vidas na Terra deram frutos; o meu Deus me abençoou, e por esta bênção foram libertados do pecado os meus antepassados e a minha descendência. Senhor! É suficiente para mim receber e merecer as suas bênçãos. Quando retornar, ó Senhor, venha por este caminho e conceda-me a oportunidade de lhe prestar este serviço. É a recompensa que mais valorizo na vida”. E caiu prostrado ao chão diante de Rama, com lágrimas lhe rolando pelo rosto.

Rama e Lakshmana confortaram o barqueiro e tentaram acalmar o seu êxtase. Procuraram persuadi-lo a aceitar o presente, mas ele protestou: “Se eu aceitar pagamento por levá-lo através deste pequenino córrego, diga-me o quanto o senhor recebe como salário para conduzir gerações da minha linhagem e bilhões de semelhantes meus através do vasto e aterrorizante oceano da existência mundana (*samsara*¹¹⁵), que envolve todos os seres na rápida corrente da transformação. Estou imerso em bem-aventurança por ter tido esta oportunidade. Por favor, não me vincule mais ao mundo, obrigando-me a aceitar pagamento por esta afortunada chance que

¹¹⁴ Concha de uma espécie de molusco gastrópode marinho, da família dos cipreídeos, semelhante a um búzio, muito usada na Antiguidade como moeda. (N. T.)

¹¹⁵ Literalmente, “rotação”. É o ciclo de nascimentos e mortes causado pela ilusão do mundo sensorial, que aprisiona a mente e faz surgir o desejo, o apego e o sofrimento. (N. T.)

surgiu no meu caminho”. Essas palavras tocaram o coração de Rama. Sentindo que não seria bom pressioná-lo mais, abençoou-o profusamente e lhe deu permissão para partir.

Guha faz um apelo para ficar com Rama

Rama e Lakshmana dispuseram os seus arcos e flechas sobre roupas estendidas na margem e entraram no rio para se banharem. Quando terminaram, Sita também penetrou no rio sagrado e, após o banho, ofereceu orações a Ganga, prometendo que retornaria após quatorze anos felizes com o seu senhor e que novamente espargiria a água sagrada sobre a cabeça, em agradecimento pelo término do exílio.

Nisso Rama chamou Guha para perto de si e disse: “Querido amigo! Já utilizei, para os meus próprios propósitos, muito do seu tempo. Agora você deve retornar à sua cidade”. Quando essa ordem lhe caiu nos ouvidos, o rosto de Guha se abateu. Vertendo copiosas lágrimas, ele implorou, com as palmas unidas: “Rama, por favor, ouça as minhas palavras. Ficarei algum tempo com o senhor na floresta. Conheço todos os caminhos da selva. Posso dar-lhe informações úteis. Quero servi-lo dessa forma. Por favor, não me diga não”. Feliz com o amor e a devoção de Guha, Rama levou-o consigo. Após terem caminhado uma certa distância, a noite caiu e eles foram descansar um pouco à sombra de uma frondosa árvore.

Guha e Lakshmana apressaram-se a varrer e limpar a área, tornando-a apropriada para o repouso de Rama e Sita. Os frutos da árvore pareciam muito ansiosos para cair e servir aos visitantes divinos; ficaram vermelhos de emoção e alegria. Guha e Lakshmana os colheram e os dispuseram sobre largas folhas diante de Sita e Rama.

Rama, contudo, perguntou ao irmão: “Lakshmana, podemos comer estes frutos sem haver primeiro realizado os ritos vespertinos?” Então se dirigiram a Prayag, a confluência dos rios sagrados, situada perto dali, e desfrutaram da visão sagrada antes de tomar o seu banho. Depois, enquanto voltavam do rio, Rama descreveu-lhes as glórias daquele local. Disse-lhes que a eficácia das águas na confluência dos três rios sagrados era tão potente que podia purificar as pessoas de todos os pecados que lhes maculavam a mente.

15. ENTRE EREMITÉRIOS

O eremitério de Bharadvaja

Rama entrou no mosteiro de Bharadvaja¹¹⁶, levando Sita consigo e acompanhado por Lakshmana e Guha. O sábio apareceu na entrada e caminhou na sua direção para recebê-lo, como se há muito tempo o esperasse para ter a bênção do seu *darshan*. Ao vê-lo, Rama prostrou-se diante dele e, quando Bharadvaja o abraçou amorosamente e o convidou a entrar no eremitério, ficou muito contente em assentir. O sábio fez com que se acomodassem em assentos que distribuía pelo chão, de acordo com a posição de cada um.

Indagou sobre o bem-estar de cada um deles e declarou que o desejo do seu coração havia se cumprido naquele dia. Pediu aos seus alunos que trouxessem frutas e raízes e, colocando-as diante dos convidados, rogou-lhes que se servissem. Então todos passaram a noite no eremitério, aceitando a hospitalidade e os serviços do sábio.

Quando o dia amanheceu, Rama pôs-se a caminho da confluência dos três rios em Prayag, pedindo ao sábio que o acompanhasse. Bharadvaja respondeu: “Ó Senhor, escute! Escolhi este lugar sagrado como meu eremitério e para a prática de austeridades porque sabia que aqui poderia obter a visão do Senhor, pela qual ansiava há muitos anos. A fim de obter essa emoção, fiz votos e celebrei ritos (*yajnas*) e sacrifícios (*yagas*) védicos. Mergulhei na recitação dos Nomes Divinos e na meditação na Forma Divina, de modo a ser recompensado com a oportunidade de lhe falar. Acabei sendo agraciado com o *darshan* de todos três. Não tenho mais nenhum querer. Não estou mais interessado em banho ou em alimentos. Não desejo ser considerado um tolo que continuou a tomar remédios mesmo após haver sido curado da enfermidade. Agora estou livre da cruel doença que é o ciclo de nascimentos e mortes. Eu vi Deus”.

Ao vê-lo em pleno êxtase, as lágrimas fluindo, Guha ficou maravilhado. Sentindo-se dominado por extrema alegria, disse para si mesmo: “Oh, que grande sorte a minha!”

Então Rama encobriu a sua Divindade e agiu como se fosse tão somente um homem com atributos humanos comuns. Enquanto o sábio Bharadvaja discorria prazerosamente sobre o Princípio de Rama, ele ouvia como se tudo estivesse relacionado com outra pessoa chamada Rama e não com ele mesmo! Depois respondeu: “Ó primeiro entre os sábios! Todos os que recebem a sua hospitalidade são, por essa mesma razão, adoráveis e repletos de virtude e sabedoria”. Os pupilos, ascetas, sábios e monges do eremitério que tinham ouvido as palavras de Bharadvaja e as de Rama ficaram maravilhados e cheios de alegria.

Após o banho sagrado em Prayag, Rama deixou o eremitério com Sita, Lakshmana e Guha e penetrou nos recessos mais profundos da floresta. Bharadvaja acompanhou-os até a margem do rio e ali estreitou Rama em um amoroso abraço, desejando-lhes uma feliz jornada. Rama pediu as bênçãos do sábio e disse: “Mestre! Indique-nos qual a melhor direção a tomar”.

¹¹⁶ Um dos sete grandes sábios ou *rishis* nomeados por Brahma para proteger os aspirantes espirituais (*sadhakas*) e preservar a cultura e a tradição védicas no atual *manvantara* ou era de Manu. (N. T.)

O sábio replicou, com uma risada: “Senhor! Não há caminho que desconheça em todos os mundos, não é mesmo? Está desempenhando o papel de um simples homem nesses trajes. Bem, já que me perguntou, é meu dever responder no que estiver ao alcance do meu conhecimento”. Dito isso, fez sinal a quatro dos seus discípulos e mandou que fossem junto com Rama para lhe indicar a trilha que conduzia ao próximo complexo de eremitérios.

Os jovens ficaram encantados com a oportunidade de viajar com Rama até certa distância. Sentiram que era um presente conquistado em vidas anteriores. Iam caminhando na frente, mostrando-lhes a trilha, e Rama seguia atrás deles, com Sita, Lakshmana e Guha. Ao chegarem à margem do rio Yamuna, despediram-se de Rama e regressaram, embora sem a menor vontade de fazê-lo. Sita, Rama e Lakshmana ficaram muito satisfeitos com eles pelo auxílio prestado. Abençoaram-nos de todo o coração e lhes deram permissão para partir. Então, prepararam-se para o banho ritual no sagrado Yamuna.

Enquanto isso, os habitantes das aldeias às margens do rio notaram aqueles visitantes de extraordinário encanto e esplendor e se reuniram ao redor deles, imaginando quem seriam, de onde teriam vindo e quais os seus nomes. Como eram demasiado tímidos e tinham medo de perguntar, ficaram sussurrando entre si a esse respeito.

Sita, Rama e Lakshmana terminaram o seu banho sem prestar atenção a eles. Chegando às margens do rio, Rama pediu a Guha que se aproximasse e falou: “Meu caro! Faz muito tempo que se juntou a nós; não é conveniente que gaste tanto tempo conosco. Tem deveres a cumprir para com os seus súditos. Volte para casa agora, para o seu posto de serviço”. E permitiu-lhe que partisse.

Incapaz de responder, Guha lastimou-se: “Pode alguém pode desistir da joia recebida, aquela que satisfaz todos os desejos? Quão desafortunado sou por ser forçado a fazê-lo!” Mas não podia ignorar a ordem de Rama. Prostrou-se, então, diante de Sita, Rama e Lakshmana, derramou sobre a cabeça a poeira dos seus pés e, com extrema relutância, deixou a sua presença.

A cidade de Amaravati¹¹⁷

Pouco tempo após a partida de Guha, os três retomaram a jornada. Logo viram diante deles uma urbe que resplandecia com brilho superior até ao da Cidade dos *Nagas*¹¹⁸. À medida que se aproximavam daquela luz, perguntavam-se que cidade seria aquela. Quanto mais perto chegavam, mais se deslumbravam com a grandiosidade e o encanto, não apenas dela mas também dos seus arredores. Ao alcançarem as suas proximidades, tomaram-na como a própria Amaravati, a Cidade dos Deuses, e ficaram ainda mais maravilhados, supondo que os seus habitantes deviam ser divinos, não humanos. Sentados à sombra refrescante de uma árvore, puseram-se a admirar o seu esplendor e magnificência.

As pessoas foram se juntando em torno deles, perguntando entre si se haviam descido do “céu” e se seriam imortais. Alguns correram até a cidade e espalharam a boa notícia de que personalidades divinas se aproximavam, trazendo com elas imensa

¹¹⁷ Nome da morada de Indra (o senhor dos deuses e do Céu na mitologia hindu), situada no monte Meru. (N. T.)

¹¹⁸ Na mitologia hindu, os *nagas* (“serpentes” em sânscrito) são uma raça de serpentes míticas ou de seres míticos semidivinos, meio humanos e meio reptilianos. (N. T.)

boa sorte. Todos os que a ouviram apressaram-se a ir até os visitantes, competindo pela oportunidade de contribuir para o seu conforto. Alguns puseram leite e frutas à sua disposição. Todos olhavam para eles sem dar uma única piscadela! Ninguém conseguia deixá-los e regressar. Permaneceram ali, sem a menor vontade de partir.

Um deles, mais ousado que os demais, pôs-se à frente e falou: “Senhores! O seu encanto e a sua imponente personalidade fazem-nos inferir que são príncipes de sangue real. No entanto, estão viajando a pé com essa donzela ao longo dos ásperos caminhos da selva, subindo montanhas e transpondo rios. São viajantes de uma dura jornada, enfrentando todos os perigos da caminhada. Temos, portanto, que concluir que são simples cidadãos como nós. Não entendemos como conseguem viajar através desta floresta, onde abundam leões e vagueiam manadas de elefantes selvagens. E os senhores são portadores dessa suave personificação do encanto e da beleza. Não têm parentes nem amigos, não têm companheiros, alguém que lhes queira bem? Se assim fosse, eles certamente não teriam permitido que se aventurassem nessa jornada”. Indagou sobre a natureza e o motivo da viagem e fez várias outras perguntas a Rama.

Nisso, uma mulher chegou à frente e se dirigiu a Rama: “Ó príncipe! Coloco diante do senhor uma súplica. Por ser eu uma mulher, tenho receio de expressá-la. Perdoe o meu atrevimento. Somos pessoas comuns, não familiarizadas com linguagem requintada. O seu encanto físico reflete o brilho da esmeralda e do ouro, que parecem ser a fonte do seu resplendor. A pele de um dos senhores tem a cor de uma nuvem de chuva, enquanto a do outro é de um branco radiante. Ambos são tão fascinantes quanto um bilhão de deuses do amor moldados em corpos humanos. Também não sabemos qual a relação dessa suave donzela com os senhores. Ela possui o primoroso encanto de Rati Devi, a deusa do amor. Observando a sua modéstia e humildade inatas, assim como o seu fascínio, nós, mulheres, nos sentimos envergonhadas. Tenham a bondade de nos dizer quem são e por que vieram até aqui desse modo”.

Rama e Lakshmana divertiram-se muito ouvindo as suas rogativas e observando o seu entusiasmo e alegria. Sita voltou-se para as mulheres e falou: “Irmãs! Essa pessoa simples e sincera de tez dourada é Lakshmana; ele é irmão do meu senhor, um irmão mais novo. Quanto à pessoa de cor azul-escura, com olhos de pétalas de lótus que deslumbram os mundos e braços longos e fortes de arqueiro (virou-se para Rama), esse é o meu senhor, o próprio alento da minha existência”. Dizendo isso, inclinou a cabeça e olhou para o chão.

Então uma jovem donzela interveio: “Mãe! A senhora não nos disse o seu nome!” Sita imediatamente respondeu: “O meu nome é Sita; sou conhecida como Janaki, a filha de Janaka”. As mulheres entreolharam-se com admiração e apreço e depois, em uma só voz, abençoaram-na abundantemente com as seguintes palavras: “Que os dois sejam um casal tão feliz quanto o deus Shiva e a deusa Parvati, e que vivam juntos, em harmonia e alegria ininterrupta, por tanto tempo quanto o Sol e a Lua e enquanto a Terra repousar sobre o capelo da serpente Adishesha¹¹⁹”.

Rama dirigiu-se aos homens e informou-lhes que tinham vindo apreciar a grandiosidade e a beleza das florestas, que a sua viagem até agora havia sido bastante confortável e proveitosa e que não estavam nem um pouco esgotados ou incomodados. Pediu-lhes licença para partir e os três se dirigiram novamente para a

¹¹⁹ A serpente divina de mil capelos sobre os quais repousam os mundos e que serve de leito ao Senhor Vishnu. (N. T.)

floresta. Nada mais tendo a fazer ali, homens e mulheres rapidamente regressaram aos seus lares.

Sita, Rama e Lakshmana retomaram o seu caminho, conversando sobre os cidadãos, as perguntas que haviam feito, o afeto que tinham manifestado e o júbilo que brilhava nos seus olhos. De repente, Rama notou sinais de exaustão no rosto de Sita e propôs que repousassem um pouco sob uma árvore frondosa. Um córrego largo e refrescante fluía por perto. Lakshmana embrenhou-se na selva e logo colheu alguns frutos e tubérculos, que todos comeram com prazer. Passaram a noite ali, sentindo-se muito felizes.

O eremitério de Valmiki

Acordaram ao amanhecer e, após as abluções matinais, partiram para a etapa seguinte da jornada. Logo penetraram nos assustadores recessos da floresta. Os picos gigantescos, o tenebroso e assustador emaranhado de árvores e o rugido ensurdecedor de rios transbordantes produziam um estranho sentimento de temor e mistério.

No centro daquele local aterrorizante, encontraram um espaço ajardinado, bem cuidado e tratado por mãos humanas, e nele um eremitério encantador de se contemplar. Era o *ashram* do sábio Valmiki¹²⁰. De um lado erguiam-se os penhascos de uma elevada montanha; do outro, bem abaixo, na reentrância de um desfiladeiro profundo, fluía uma corrente murmurante. O eremitério era uma imagem de beleza; brilhava como uma joia naquele tapete verde. Sita sentiu-se consideravelmente mais tranquila e aliviada quando os seus olhos pousaram sobre aquela imagem.

Sabendo pelos seus discípulos que eles haviam entrado no jardim, Valmiki apareceu à porta do eremitério. Sita, Rama e Lakshmana apressaram-se a prostrar-se aos seus pés. O sábio também se aproximou e, como se os conhecesse há muito tempo, deu-lhes as boas-vindas com um carinhoso abraço e convidou-os a entrar. Providenciou assentos confortáveis para Rama, a quem amava como o próprio ar que respirava, e também para Lakshmana e Sita. Solicitou frutas e tubérculos comestíveis e os dispôs à frente dos três. Atendendo ao seu desejo, eles se serviram dos alimentos e expressaram a sua satisfação. Valmiki sentou-se diante deles, mirando Rama e saciando a sede dos seus olhos, repleto de inexprimível deleite.

Com a mais absoluta humildade, Rama assim se dirigiu ao grande sábio: “Ó extremamente venerável sábio! O senhor está familiarizado com o passado, o presente e o futuro de todos; portanto a razão pela qual penetrei nesta floresta deve estar tão clara para o senhor quanto a palma da sua mão. Não obstante, sinto que é justo que eu cumpra o meu dever de lhe informar por que estou aqui com a minha esposa e o meu irmão”. Então narrou como a rainha Kaikeyi o enviara para o exílio na floresta, e como o seu irmão Bharata seria coroado governante do reino, de acordo com a promessa feita pelo pai.

¹²⁰ Grande sábio indiano, autor do célebre poema épico *Ramayana*, que narra a história do avatar Rama. Conta-se que era um salteador em uma floresta, e que obteve a iluminação após fazer severa penitência e cantar fervorosamente o nome de Rama durante longo tempo. É reverenciado com o título de Adi Kavi, ou seja, o “Primeiro Poeta”, pois criou uma nova forma de poesia, em uma métrica específica, diferente do estilo dos mantras védicos. Essa métrica, à qual ele deu o nome de *sloka* (verso), foi o ponto de partida de toda a poesia clássica em sânscrito. (N. T.)

O sábio ouviu a história e demonstrou a sua alegria com um sorriso que lhe iluminava o semblante. Asseverou: “Rama! Assim como cumpriu os desejos deles, você satisfaz o meu agora. Hoje as minhas austeridades, votos e anseios ardentes finalmente deram frutos. Devo conferir a Kaikeyi a minha sincera gratidão e uma parte da bem-aventurança de que agora desfruto”.

Valmiki permaneceu muito tempo em silêncio, com os olhos fechados, enquanto tentava controlar as emoções de gratidão e júbilo que brotavam no seu interior. Lágrimas de bem-aventurança espiritual (*ananda*) juntavam-se nos seus olhos e lhe rolavam pelo rosto, em grandes gotas que perseguiam umas às outras.

Rama rompeu o silêncio, dizendo: “Habitemos onde o senhor nos orientar a fazê-lo. Indique-nos um local onde não causemos nenhum problema a ninguém e tampouco estorvemos o caminho de eremitas e eremitérios. Dê-nos o conselho apropriado. Ali ergueremos uma cobertura de folhas sob a qual passaremos algum tempo”.

Aquelas palavras, provindas de um coração puro e sincero, comoveram o sábio, que respondeu: “Ó Rama! Sou realmente abençoado. Você é como a bandeira que proclama a glória da dinastia de Raghu. Por que razão se expressa dessa forma? Você é a força que promove o caminho estabelecido pelos Vedas. É o poder que protege esse caminho do perigo. Sita é a metade ilusória da sua personalidade, a sua ilusão (*maya*). Ela cria, mantém e destrói (à sua ‘vontade’¹²¹) mundos e mais mundos. E Lakshmana é a própria base do móvel e do imóvel, a ‘serpente de mil capelos’, a Shesha-Naga primordial (Adi-shesha) que sustenta o Universo.

“Você tem assumido formas com o propósito de realizar o desejo dos deuses – o de restabelecer a Retidão no mundo. Muito em breve destruirá, estou certo, todos os corações demoníacos. Protegerá os bons e os compassivos. Rama! Você é a Eterna Testemunha da peça chamada ‘Mundo’. O Universo é aquilo que é ‘visto’; você é a Testemunha. Se até mesmo os deuses não conseguem avaliar a sua Realidade e a sua Glória, como poderão mortais comuns compreender o seu Mistério? Somente aqueles que receberam a sua Graça, ou seja, a Sabedoria, podem clamar ter conhecido algo da sua Verdade e da sua Majestade.

“Você assumiu essa forma humana a fim de promover a paz e a segurança das pessoas boas e dos deuses; conseqüentemente, fala e se comporta como se fosse um de nós. Somente os tolos são iludidos e levados a crer que é um homem entre os homens! Somos todos marionetes que atuam conforme você nos dirige, conforme puxa os cordões. Quem somos nós para orientá-lo a agir de alguma forma ou a permanecer em determinado lugar?

“Rama! Está planejando iludir a nós, ascetas, com as suas palavras? Oh, como é maravilhoso o seu jogo! Quão realista é a sua interpretação! Porventura não sei que é o diretor deste drama cósmico? Não consigo entender por que me pede para selecionar um local onde possa permanecer durante algum tempo nesta floresta. Que local poderia eu escolher e recomendar? Haverá algum lugar em todo o Universo onde você já não esteja? Responda a esta pergunta, e depois indicarei o lugar onde poderá ficar”. Valmiki disse isso olhando para o rosto encantador de Rama; ele estava no auge do seu deleite, as palavras derretiam-se na sua língua.

¹²¹ No original inglês, *as you ‘will’*, ou seja, conforme a vontade de Rama, e não a dela, Sita. (N. T.)

Rama sorria interiormente enquanto ouvia o venerado sábio. Este falou novamente, com voz doce e suave e um sorriso que brilhava no seu semblante luminoso: “Rama! Sei que, na realidade, você reside nos corações dos seus devotos. Eu lhe direi agora qual o melhor lugar onde esta sua forma poderá habitar. Ouça! Lá você poderá residir com Sita e Lakshmana. Escolha aqueles cujos ouvidos, tal como o oceano, recebem alegremente o fluir das histórias que relatam as suas façanhas e que estão sempre felizes escutando as narrativas dos seus divinos atos e palavras; aqueles cujas línguas estão ocupadas repetindo o seu nome e saboreando a sua nectárea doçura; aqueles cujas gargantas se deliciam com a recitação do seu louvor e das suas palavras meigas, doces e revigorantes; aqueles cujos olhos anseiam por ver a sua forma azul como uma nuvem, da mesma forma que o cuco-jacobino (*chataka*¹²²) anseia pela primeira chuvarada; aqueles cujo anelo permanente é descobri-lo em todo lugar, em toda parte. Ao encontrar tais pessoas, ó Rama, deleite-se com a descoberta e ali habite com Sita e Lakshmana.

“Rama! Se deseja que eu me alongue mais a esse respeito, ouça: permaneça no coração da pessoa que descarta o mal nos outros e os ama pelo bem que possuem; que, na jornada da vida, marcha ao longo do caminho da moralidade e da integridade; que observa os limites estabelecidos para a conduta e o comportamento; e que, em pensamento, palavra e ação, tem fé em que o Universo é a sua Criação e que todo o mundo objetivo é o seu corpo.

Residindo no monte Chitrakuta

“No entanto, como assumiu esse corpo humano, veio até aqui em cumprimento às ordens da mãe e do pai e me fez perguntas interpretando esse papel, ousando responder como se ele fosse real. Você pode residir no monte Chitrakuta, onde há todas as facilidades para uma estada confortável. É um lugar santo e de encantadora beleza. A sua atmosfera está saturada de amor e de paz. Leões e elefantes vagueiam juntos, sem nenhum vestígio de rivalidade. O rio Mandakini, exaltado nos Vedas, flui ao redor do monte. Sábios como Atri¹²³ moram lá em mosteiros que você poderá visitar e tornar ainda mais sagrados. Conceda a sua bênção àquele espaço sublime e àquele amado e divino rio”.

Rama concordou com a orientação de Valmiki e, recebendo a sua permissão para partir, retomou a jornada com Sita e Lakshmana. Pouco tempo depois, avistaram o rio Mandakini e sentiram-se felizes por se banharem nas águas sagradas e realizarem os ritos cerimoniais prescritos. Descansaram sob uma árvore frondosa e comeram algumas frutas antes de caminhar pela relva até certa distância, admirando a vegetação e a paisagem.

Então Rama falou: “Lakshmana! Não tenho certeza quanto ao local exato onde se poderia erguer uma cabana de folhas e bambu para a nossa permanência aqui. Não está sendo fácil decidir qual lugar seria bom e qual não seria; portanto faça você essa escolha”.

¹²² Ave migratória da família dos cuculídeos, considerada um prenúncio das chuvas de monções na Índia. Caracteriza-se por esperar a chegada da chuva para saciar a sede, pois só bebe as gotas puras que caem das nuvens, não aceitando nenhum outro tipo de água. (N. T.)

¹²³ Um dos sete grandes sábios ou *rishis* nomeados por Brahma para proteger os aspirantes espirituais (*sadhakas*) e preservar a cultura e a tradição védicas no atual *manvantara* ou era de Manu. (N. T.)

Tão logo essas palavras chegaram aos seus ouvidos, Lakshmana tombou ao chão bem aos pés de Rama, em evidente angústia. “Que erro cometi para você falar assim comigo? Esta é uma sentença por algum pecado? Ou está testando a mim e à minha natureza? Está brincando e zombando de mim?”, perguntou. Tomado de profunda tristeza, ficou em pé com a cabeça baixa, temeroso e preocupado.

Surpreso, Rama aproximou-se dele e estreitou-o ao peito. “Irmão! O que aconteceu para deixá-lo triste assim? Não consigo adivinhar por que está tão abatido. Conte-me, diga-me a razão; não prolongue a minha perplexidade e o meu pesar”, implorou.

Lakshmana respondeu imediatamente: “Irmão, a você tudo entreguei. Não tenho gostos nem aversões. O que lhe agrada é, por esse motivo, agradável a mim. Você sabe disso. Ainda assim, pede-me para selecionar um lugar de que eu goste e que nele erga um chalé para você! O meu coração levou um choque quando me mandou exercer a minha vontade. Ordene-me onde erigi-lo e eu o farei. Seja misericordioso comigo, não me fale desse modo. Abençoe-me aceitando a entrega que ofereço aos seus pés, a entrega de tudo em mim – a vontade, a inteligência, a mente, os sentidos, o corpo, tudo sem exceção e sem reserva. Sou seu servo, que o segue na esperança de ter a chance de servi-lo. Use-me. Comande-me, e tenha o seu comando obedecido e a ação realizada”.

Ao ouvir Lakshmana implorar e suplicar com tanta sinceridade, Rama consolou-o e pacificou os seus sentimentos. “Lakshmana”, falou, “por que está tão preocupado com esse assunto de pouca importância? Não o leve tão a sério. Dei-lhe essa orientação de maneira casual. Não ignoro a lealdade que enche o seu coração. Bem, venha comigo. Certo, eu mesmo selecionarei o local”.

Com Sita ao seu lado, tomou o caminho da floresta, juntamente com Lakshmana, e logo avistaram a margem norte do rio Mandakini. Aquela extensão da margem era curvada como um arco que parecia estar sendo empunhado pelo monte Chitrakuta, em pé atrás dele, como um herói. Sentia-se que as flechas que estava pronto a lançar eram o controle dos sentidos e da mente, a caridade, a renúncia e assim por diante, e que o alvo que se destinavam a destruir era a quadrilha do pecado. Foi assim que Rama descreveu o lugar, acrescentando: “Este herói não recuará da luta!” E ordenou que a cabana fosse construída naquele cativante espaço.

Lakshmana pediu a Rama e a Sita que descansassem um pouco embaixo de uma árvore e pôs-se a coletar troncos, folhas, trepadeiras e fibras de cascas de árvore para com elas tecer cordas. A fim de erigir uma cabana suficientemente espaçosa para os três, cavou buracos, fixou estacas e trabalhou rapidamente para completar a construção. Algum tempo depois, quando Sita e Rama se levantaram da sombra onde repousavam, encontraram o chalé que se erguia diante dos seus olhos – uma obra de beleza, certamente uma encantadora morada, sob todos os aspectos. Rama achou que devia auxiliar Lakshmana no seu trabalho; então, ao ver o irmão dando os retoques finais no telhado, entregou-lhe pedaços de corda apanhados no chão para amarrar os feixes de capim seco às varas transversais, a fim de tornar mais compacta a cobertura. Sita também quis ajudar; pôs-se a entregar a Rama punhados de folhas compridas que arrancava dos galhos trazidos por Lakshmana, para serem repassados a ele.

Antes mesmo do pôr-do-sol, a morada estava pronta para ser ocupada. Após olhar frequentemente e durante longo tempo para o pequeno e agradável chalé, Rama dirigiu-se a Sita, elogiando em termos elevados a devoção e a habilidade do irmão. Ela

também apreciou a morada. Contou a Rama que há muito tempo ansiava viver em uma habitação como aquela, e lhe disse que o seu desejo de longa data se cumprira naquele dia.

Nesse meio-tempo, Lakshmana desceu do telhado e percorreu o chalé para examinar se faltava alguma coisa. Então pediu permissão a Rama para ir até o Mandakini tomar um banho. Pouco depois, Sita e Rama foram até o rio e nele se banharam. Em seguida retornaram ao chalé, comeram as frutas que Lakshmana havia colhido pela manhã e dormiram profundamente no chão do seu novo lar.

Antes do transcurso de um novo dia, espalhou-se entre os eremitas da floresta a notícia de que Sita, Rama e Lakshmana haviam passado a residir no monte Chitrakuta. Grupos deles, trazendo os seus pupilos e companheiros, aproximaram-se do sagrado chalé e, após terem a visão (*darshan*) do Senhor, regressaram aos seus eremitérios. Rama indagou-lhes sobre a sua saúde e o seu progresso espiritual. Perguntou-lhes também a respeito das dificuldades que enfrentavam, e assegurou-lhes que estaria pronto a ir em seu socorro, juntamente com o irmão, sempre que precisassem dos seus serviços.

Eles, porém, não mencionaram nenhuma dificuldade e não se referiram a nenhum problema. Responderam: “Rama! O fato de termos sido capazes de vê-lo é o bastante para tornar as nossas vidas livres de aflições. Não temos dificuldades e nenhuma poderá entrar em nossas vidas. A sua Graça é proteção suficiente para nós”. Sentaram-se, paralisados de admiração pela encantadora personalidade de Rama, que lhes deu as boas-vindas e tratou-os com afetuosa consideração. O fato de vê-lo e estar na sua presença acalmou os corações ansiosos dos ascetas e lhes proporcionou imenso conforto e confiança. Uma profunda calma desceu sobre as suas consciências.

Rama é predominantemente Amor. Tornou bem-aventurados todos os habitantes da floresta. Dialogou com eles e aplacou a sede de amor que os atormentava. Aqueles que iam até ele, fossem ascetas ou caçadores, recebiam instrução apropriada às suas aspirações. Com a sua solidariedade e aconselhamento, Rama elevou o nível das suas ocupações. Aqueles que iam até a sua presença falavam, ao retornar, sobre as suas virtudes e a sua compaixão; quando chegavam aos seus lares, exaltavam-no e se congratulavam.

A floresta onde eles tinham decidido habitar brilhava com nova majestade e vibrava com nova alegria desde o dia em que haviam entrado no chalé. Era algo encantador aos olhos e impregnado de um frescor que deleitava a mente. O medo e a ansiedade foram removidos das vidas das comunidades de ascetas que residiam na floresta; em seu lugar, cresceu e floresceu a bem-aventurança espiritual (*ananda*). Até mesmo os clãs de caçadores insensíveis começaram a observar as regras de moralidade e logo se tornaram ornamentos da raça humana. A cordilheira dos montes Víndias entristeceu-se porque o Chitrakuta obtivera aquela sorte. Ora! Não somente aquela, mas todas as cordilheiras ficaram tristes por não terem podido atrair a atenção de Rama e levá-lo a escolhê-las como a sua residência.

Lakshmana tinha a oportunidade ímpar de deleitar os olhos com os pés de lótus de Sita e de Rama e absorver a afeição que estes lhe concediam. Assim, esqueceu-se de tudo o mais e imergiu no supremo êxtase espiritual, *Sat – Chit – Ananda*¹²⁴. A sua

¹²⁴ Expressão que se aplica ao Divino e significa, literalmente, “Ser – Consciência – Bem-Aventurança”. (N. T.)

mãe, Sumitra Devi, a sua esposa Urmila e outros parentes seus não apareciam na sua visão, nem mesmo em sonhos, tão rígida era a sua recusa em se lembrar deles.

Sita também nunca se lembrava, nem por uma fração de segundo, dos seus pais ou parentes e tampouco das cidades de Mithila e Ayodhya. Fixava os olhos e a atenção nos pés de lótus de Sri Ramachandra. Aquele era o verdadeiro festival para seus olhos. Observava o afluxo de sábios e suas consortes que vinham a Rama para instrução e orientação. O tempo fluía sem que ela percebesse a passagem do dia e da noite. Quando a Lua brilha no céu, o *chakora*¹²⁵ se delicia a ponto de se esquecer de si próprio. Sita igualmente se deleitava fixando atentamente os olhos no rosto de Rama. Para ela, o lindo chalezinho de bambu coberto de relva era tão atraente que a fez esquecer o palácio de Mithila, onde crescera, e o palácio de Ayodhya, onde passara anos como a nora princesa. Aquela cabana lhe era mais agradável e suntuosa do que todas as mansões que conhecia.

De vez em quando, Rama narrava histórias de antigos heróis célebres na tradição dos Puranas e descrevia as variadas realizações de pessoas que haviam dominado os mistérios da austeridade. Sita e Lakshmana ouviam esses relatos com avidez e entusiasmo.

Durante essas narrativas, Rama costumava recordar os próprios pais e lembrá-los do pesar que estes sentiam com a sua separação. Nessas ocasiões Sita ficava com os olhos cheios de lágrimas ao pensar no sogro e na sogra. Gotas lhe escorriam pelo rosto quando imaginava a situação da rainha Kausalya. Mas subitamente se recompunha com o pensamento de que se achava com Rama, o leão entre os homens, e que não era apropriado ceder à tristeza ou à ansiedade na floresta estando na sua presença. E, além disso, tudo o que acontecesse devia ser acolhido como o Jogo Cósmico (*lila*) do seu Senhor.

Assim, Sita passava os dias em genuína felicidade no chalé com Rama e Lakshmana. Eles também a guardavam como à própria menina dos seus olhos contra a menor perturbação ou barulho que pudesse afetar a sua equanimidade e suscitar temores em sua mente. Nenhuma inquietação os afetava; nenhum sofrimento, dor ou sombra de tristeza prejudicava a felicidade deles em Chitrakuta.

¹²⁵ Segundo a mitologia hindu, ave semelhante à perdiz que se alimenta do néctar dos raios lunares. Aqui o texto faz um paralelo entre o *chakora* e Sita, pois Ramachandra significa “Rama, aquele que é como a Lua”. (N. T.)

16. TRISTEZA SOBRE AYODHYA

Sumantra chega em casa

Enquanto isso, o chefe dos Nishadas, que retornava ao seu reino após acompanhar Rama até certa distância na floresta, avistou o ministro Sumantra sentado na sua carruagem às margens do Ganges, com os cavalos amarrados pelas rédeas a uma frondosa árvore. Encontrou-o sozinho, chorando e se lamentando desconsoladamente. O próprio Guha não conseguiu mais controlar a angústia que havia represado por tanto tempo. Gritou “Rama!” e correu em direção a Sumantra. Abraçou o velho ministro e ambos soluçaram em voz alta, cheios de aflição, incapazes de expressar a sua dor em palavras. Estavam juntos, em pé, sob a árvore, mas tombaram ao chão, como árvores cortadas por um machado. Lastimaram o destino de Sita, Rama e Lakshmana, e derramaram injúrias sobre Kaikeyi, a causadora daquelas calamidades.

Os cavalos pararam de pastar e de beber água. Lágrimas rolavam dos seus olhos. Sempre que ouviam Sumantra e Guha pronunciar os nomes de Sita, Rama ou Lakshmana, levantavam alto as cabeças e espiavam ao longe, ansiosos por vislumbrar aqueles que adoravam e amavam com tanto ardor quanto os dois homens angustiados pela separação. Sumantra notou o sofrimento que atormentava os animais e a sua aflição se tornou ainda maior.

Passaram-se algumas horas daquela forma penosa até que, finalmente, Guha conseguiu se recuperar um pouco. Reuniu um pouco de coragem, como é necessário fazer, e dirigiu-se a Sumantra: “Ah, ministro! O senhor é uma pessoa profundamente inteligente e de moralidade firme; alguém que identificou a Realidade por trás de todo este espetáculo transitório. O destino prega peças estranhas e temos que aprender a suportá-las. Levante-se! Regresse a Ayodhya! Transmita as notícias a Kausalya e a Sumitra, que estão ansiosas para vê-lo e ouvir o seu relato”. Forçou Sumantra a levantar-se de onde caíra e sentou-o na carruagem; depois trouxe os cavalos e atrelou-os ao eixo central.

Sumantra percebeu que Guha estava certo em insistir. Movido por um arroubo de coragem cega, o velho ministro fez sinais aos cavalos para que avançassem. O seu corpo perdera força como resultado da angústia que sentia pela separação de Rama; por isso, por mais que tentasse, não conseguia dirigir a carruagem como antigamente. Rolou para dentro do veículo e levantou-se do seu assento muitas vezes em alguns minutos. E os cavalos? Estes também não se moviam; determinados a voltar, esticavam os pescoços para ver a estrada atrás deles.

Sumantra amaldiçoou a si mesmo e ao seu destino: “Que vergonha para mim! Que esta minha vida horrível acabe de uma vez. Algum dia este corpo terá que ser queimado até virar cinzas. Seria muito melhor se, em vez de perecer por motivo de alguma doença ou calamidade mundana, ele findasse devido à insuportável agonia causada pela separação de Rama. Isso faria a minha vida ter valido a pena e me proporcionaria fama imorredoura. Conquistar essa fama seria compensação suficiente para todos os males da vida”. No entanto, logo se repreendeu implacavelmente: “Não, Sumantra. Se você tivesse boa sorte, teria ficado com Rama. Se a má sorte o assombra,

o que mais pode fazer além de deixar isso para lá e continuar a viver? De que serve agora ficar se consumindo e se culpando?”

Retomou o diálogo consigo mesmo: “Com que cara me apresentarei em Ayodhya? Quando os cidadãos me perguntarem onde está Rama, o que poderei responder? Quando me questionarem a respeito de como pude voltar deixando Rama na selva, o que poderei lhes dizer? Não serei dominado pela vergonha e pela amargura? Oh, o meu coração se tornou uma pedra. Se assim não fosse, por que não se partiu em pedaços depois de tudo pelo que passei?” Revoltado com a própria mesquinhez, Sumantra torcia as mãos em desespero. Decidiu que não entraria na cidade à luz do dia, quando as pessoas ainda estariam por ali. “Seria menos humilhante”, pensou, “entrar na cidade à noite, depois que todos tivessem ido para a cama e estivessem dormindo profundamente”.

Mas logo a sua voz interior lhe falou: “O quê? O povo de Ayodhya seria capaz de dormir? Não, não seria. Só a minha tolice e ignorância me fazem imaginar que sim. O povo estaria acordado, aguardando notícias do retorno de Rama ou, pelo menos, alguma informação a seu respeito. Não poderei escapar à humilhação e à vergonha, quer entre na cidade à noite ou durante o dia. Bem! Para mim, que não mereci a graça de Rama, esse destino maléfico é a própria recompensa. É melhor passar por isso e suportar o fardo da culpa”. E seguiu o seu caminho com lentidão e hesitação, passando o tempo formulando perguntas para si mesmo e dando respostas a elas.

Finalmente, chegou às margens do rio Tamsa. Decidiu passar algumas horas ali, permitindo que os cavalos pastassem um pouco e preparando-se para entrar na cidade após o anoitecer, quando as pessoas não estariam mais nas ruas, e sim a salvo em suas camas. Finalmente, a carruagem atravessou o portão da cidade e começou a se mover pelas avenidas principais.

Sumantra teve um cuidado especial para garantir o silêncio das rodas e dos cascos. A carruagem movia-se a passo de caracol, mas quem poderia silenciar a agonia dos cavalos? Reconhecendo as ruas pelas quais haviam levado Rama, lamentaram alto o seu destino de agora, quando o seu querido Rama estava longe, muito longe.

Os seus comoventes relinchos chegaram aos ouvidos da população da cidade, à escuta daquele choro lastimoso. As pessoas começaram a dizer umas às outras que Sumantra retornara em uma carruagem vazia. Correram para as ruas e se postaram pateticamente em ambos os lados do caminho a fim de presenciar o triste espetáculo.

Ao avistar as multidões, Sumantra abaixou a cabeça. Vendo-o naquela postura lamentável, logo imaginaram que Rama não havia retornado e muitos desmaiaram no local, tombando onde quer que estivessem; outros prantearam alto. Ao ouvirem os dolorosos relinchos dos corcéis, residentes dos palácios das rainhas rapidamente enviaram criadas para perguntar o motivo. Estas acorreram em grupos em direção a Sumantra e o cobriram de perguntas. O ministro sentou-se, abatido e cabisbaixo, calado como um mudo, incapaz de encontrar palavras para responder. Quedou-se impassível tal qual um pilar quebrado, como se fosse surdo e não pudesse ouvir o que lhe indagavam com tanta veemência.

As criadas inferiram, pelo seu comportamento, que Rama havia rejeitado todas as insistências para retornar, e se queixaram: “Ó ministro! O senhor deixou Sita na floresta aterrorizante e voltou sozinho?” E subitamente romperam em profundo lamento. Então uma delas, mais corajosa que as demais, comunicou a Sumantra que Kausalya lhe ordenava que fosse diretamente para o seu palácio.

Sumantra descreve a sua jornada

Ali Sumantra encontrou o imperador prostrado ao chão, com as roupas em desalinho, exausto por falta de sono e de alimento. Dominando a onda de aflição no seu interior, pronunciou as palavras “Vitória, vitória!” (*Jai, Jai*), tradicionalmente as primeiras a ser proferidas na presença imperial, e permaneceu a postos, tremendo da cabeça aos pés. Reconhecendo a sua voz, Dasharatha sentou-se depressa e indagou, em tom melancólico: “Sumantra! Onde está o meu Rama?”

Sumantra estreitou nos braços o imperador, que se agarrou a ele como alguém prestes a se afogar se agarra a uma folha de grama. Ao vê-los tomados por aquela dor imensurável, Kausalya ficou imersa em tristeza. Mal conseguia respirar; ofegava e sufocava penosamente, em agonia. Ao perceber o seu estado, as criadas, pranteando alto o infortúnio que sobreviera a todos, esforçaram-se para consolar e reconfortar a rainha.

Já um pouco refeito, Dasharatha fez o ministro sentar-se bem em frente a ele e perguntou: “Sumantra! Conte-me sobre a minha Sita e o meu Rama. Diga-me tudo sobre eles. Como está Lakshmana? Ai de mim, Sita deve estar muito cansada! Onde estão agora? Diga-me!” Notando que Sumantra não estava ansioso para responder, implorou pateticamente, sacudindo-o pelos ombros.

Sumantra baixou os olhos para o chão, demasiadamente envergonhado para encarar o imperador face a face. Chorando copiosamente, mal conseguia falar. Dasharatha continuou a soluçar e disse: “Ó Rama! A minha respiração ainda persiste neste corpo, ainda que um filho como você tenha me deixado. Não há no mundo nenhum pecador tão hediondo quanto eu. Sumantra! Onde estão exatamente, neste momento, a minha Sita, Rama e Lakshmana? Leve-me sem demora até eles. Faça-me esta boa ação; satisfaça este meu desejo. Sem vê-los, não poderei viver nem mais um segundo”. Como uma pessoa desesperada e tomada por um extremo apego, o soberano gritou dolorosamente: “Rama! Ó Rama! Deixe-me vê-lo pelo menos uma vez! Não me dará a chance de vê-lo?” As criadas que estavam de pé do lado de fora, no corredor, estavam tão profundamente envolvidas com a situação do imperador que não conseguiam comer nem dormir.

Sumantra respondeu: “Monarca imperial! Rei dos reis (*Rajadhiraja*)! O senhor é extremamente sábio; foi moldado de forma heroica. As suas habilidades são profundas; a sua linhagem é divina. O senhor sempre serviu aos ascetas e aos santos. Sabe que, assim como a noite se segue ao dia e o dia se segue à noite, a riqueza e a necessidade, a ventura e a infelicidade, a proximidade e a separação vêm uma após a outra, com certa inevitabilidade. Somente os tolos são arrebatados pela alegria quando vem a felicidade e ficam desesperados e deprimidos quando chega o infortúnio. Homens instruídos como o senhor não devem ser afetados por nenhum desses acontecimentos; devem estar plenos de equanimidade, o que quer que ocorra.

“Não estou credenciado a aconselhá-lo a enfrentar corajosamente essa situação, pois o senhor está muito mais ciente da necessidade de se ter coragem. Ó benfeitor do mundo! Preste atenção às minhas súplicas. Abandone essa dor. Descreverei agora os detalhes da minha jornada com eles; por favor, escute com calma”. Diante dessas palavras, Kausalya esforçou-se para se erguer, com a ajuda das criadas. Apoiou-se nelas e preparou-se para ouvir o que Sumantra tinha a dizer.

O ministro começou: “Ó mestre! No primeiro dia, viajamos até as margens do Tamsa. Sita, Rama e Lakshmana banharam-se no rio e, depois de beber água,

descansaram sob uma árvore frondosa. No dia seguinte, chegamos ao Ganga. A escuridão se espalhava por todos os lados. Parei a carruagem, como Rama havia ordenado. Todos os três se banharam e foram repousar em uma faixa de areia. Quando rompeu a alvorada, Rama pediu a Lakshmana que lhe trouxesse o suco de uma figueira; quando este lhe foi entregue, aplicou-o nos cabelos e enrolou-os para assim usá-los no alto da cabeça.

“Enquanto isso, o chefe da tribo Nishada, amigo de Rama, lhe trouxe um barco. Sita entrou primeiro; depois foi a vez de Rama; finalmente, em obediência à ordem de Rama, veio Lakshmana, carregando o arco e as flechas. Antes de tomar assento no barco, Lakshmana solicitou-me que transmitisse aos pais as suas reverências e homenagens e a sua súplica por bênçãos, e também para lhes pedir que suportassem tudo com intrepidez e sabedoria”.

Sumantra continuou a relatar o que Rama lhe pedira para anunciar em Ayodhya. “Mestre, Rama disse: ‘Transmita as minhas homenagens ao preceptor e aconselhe o pai a não se afligir com o que aconteceu’. Depois pediu que eu me aproximasse e me deu as seguintes orientações: ‘Chame os ministros e os cidadãos de Ayodhya e também os parentes da família real e lhes comunique esta solicitação feita especialmente por mim: só me são caros aqueles que ajudarem a tornar feliz a vida do meu pai’. E continuou: ‘Quando Bharata chegar, transmita-lhe as minhas bênçãos e oriente-o a aceitar o ônus de governar o império, a conservar e promover a justiça e a integridade e a favorecer o bem-estar do povo por meios puros em pensamento, palavra e ação. Diga-lhe que desejo que sirva tão bem aos nossos pais que os faça esquecer a angústia por estarem separados de mim’.

“Enquanto Rama se ocupava em me dar essas incumbências, Sita aproximou-se e me pediu para informá-los de que estava passando o tempo alegremente na companhia de Rama, sem precisar de nada; solicitou-me que oferecesse as suas reverências aos pés do sogro e das sogras e lhes dissesse para não ficarem preocupados com ela e terem a certeza de que está feliz com o seu senhor e que espera ansiosamente que a abençoem sempre. Pediu-me, ainda, para lhes dizer que tem perguntado frequentemente sobre a sua saúde e bem-estar.

“Nesse meio-tempo, o barqueiro percebeu que Rama não desejava se demorar mais ali; por isso começou a mergulhar o remo no rio, e logo Rama partiu. Permaneci olhando o barco se afastar, com o coração literalmente petrificado. Devo ter permanecido muito tempo parado na margem do rio. Eu tinha forçosamente que retornar para este lugar a fim de executar as ordens de Rama; caso contrário, certamente teria me afogado no Ganga, tão desesperado estava. Precisava dar continuidade à minha vida apenas com este propósito – o de transmitir-lhes a mensagem de Rama. Esta Ayodhya, sem ele, parece-me tão desolada e terrível quanto uma floresta”.

A maldição sobre Dasharatha

Ao ouvir as palavras de Sumantra e as doces e suaves mensagens de Rama e de Sita, Dasharatha não conseguiu conter a sua aflição. Não podia esquecer tudo o que havia acontecido e tombou desmaiado. A respiração do imperador ficou sufocada, como a de um peixe que se contorce para libertar-se da espessa lama em que caiu. Vendo o seu estado, as rainhas prorromperam em dolorosos lamentos. Não há palavras que possam descrever aquele momento de desesperada agonia. Diante

daquela tristeza, nem mesmo a tristeza poderia reprimir a própria tristeza. A angústia das rainhas, do imperador e das criadas do palácio espalharam confusão e consternação por toda a cidade. Os moradores da capital dispersaram-se aterrorizados, como pássaros silvestres assustados pelo súbito faiscar de um raio à meia-noite.

Como a haste de um lótus, que fenece rapidamente quando arrancada e retirada da água, o imperador abandonava o corpo a passos largos. As palavras não conseguiam lhe sair da garganta; a sua língua ficou ressecada, e os seus sentidos entorpecidos e ineficazes. Kausalya observou-o e percebeu que o sol da Dinastia Solar estava se pondo.

Reuniu coragem e, aproximando-se, pôs no colo a cabeça do seu senhor e tentou fazê-lo escutar algumas palavras de consolo e conforto: “Senhor! Sita, Rama e Lakshmana chegarão em breve e virão vê-lo. Ouça as minhas palavras; tome coragem, fortaleça-se”. Quando ela suplicou com tanta compaixão nos seus ouvidos, ele abriu os olhos e murmurou, com voz audível: “Kausalya! Onde está o meu Rama? Mostre-me, mostre-me onde ele está. Leve-me até ele. Ai de mim! A minha doce e meiga nora não está aqui. E Lakshmana, onde está que não o vejo?”

Dasharatha abaixou a cabeça, incapaz de sustentá-la. A carga de sofrimento era muito pesada. Poucos minutos depois, o imperador lembrou-se da maldição que lhe fora lançada pelo eremita cego, pai de Sravana. Sentou-se com muito esforço e começou a contar a Kausalya, em um tom de voz débil, a história daquela maldição.

“Kausalya! Certa ocasião, entrei na floresta em uma expedição de caça. Um grande número de soldados e caçadores me seguiu até lá. Não conseguimos encontrar nenhum animal selvagem durante todo o dia, mas achei que não devia voltar à capital de mãos vazias, sem nada nos alforjes. Então penetramos na floresta à noite e ficamos esperando à beira de um vasto lago, à espreita de alguma sorte. A alvorada estava prestes a romper a escuridão ao nosso redor, quando algo se moveu na borda da água; pude inclusive ouvir o som do movimento.

“Supus que era uma enorme fera selvagem e, como podia fazer um disparo mortal na direção do som, saquei o arco e arremessei uma flecha afiada e certa. Ela voou com velocidade e furor e atingiu o animal já em movimento. De repente, ouvi um grito de dor: ‘Ai!’, proveniente do local onde ele havia tombado. Corri diretamente para lá com os meus soldados e, veja só, descobri que não havia atingido uma fera, e sim o jovem filho de um eremita!

“Inclinei-me ao seu lado e roguei para que me perdoasse por aquele erro trágico. Ele respondeu: ‘Imperador! Não se aflija. Satisfaça um pedido meu, o pedido que irei lhe fazer agora, e isso será remissão suficiente para o pecado que cometeu. O meu nome é Sravana. O meu pai e a minha mãe são ambos cegos. Estava passando os dias da minha vida servindo aos dois. Esse serviço me concedia toda a felicidade de que necessitava. Fui abençoado inclusive com o mais elevado conhecimento, a percepção da Realidade. Agora os meus pais estão sofrendo com uma sede terrível. Vim até este lago para apanhar um pouco de água para eles. O senhor me acertou, imaginando que eu fosse um animal da floresta. Quem pode evitar os decretos do destino?”

“Na minha atual condição, não posso mais andar com esta água até onde estão os meus pais; leve-lhes, portanto, essa vasilha com água. Vá na direção norte até chegar a uma solitária cabana de palha e, depois que tiverem aliviado a sede, conte-

lhes o que aconteceu comigo aqui. Não lhes diga nada a meu respeito antes que tenham saciado a sede'. Dizendo isso, colocou o vaso em minhas mãos e pereceu.

"Kausalya! Oh, como era comovente a sua ansiedade em relação aos pais! Ele não se preocupou em nenhum momento com a sua vida, que se extinguia rapidamente. Não me dirigiu nenhuma palavra áspera; as doces e suaves palavras que pronunciou ainda ecoam nos meus ouvidos. Com o seu último suspiro, repetiu três vezes, claramente, o som sagrado (*Pranava*¹²⁶): 'Om, Om, Om'. Ao observá-lo e à sua morte tranquila e corajosa, decidi corrigir o meu pecado realizando o seu último desejo. Corri até a cabana que ele havia mencionado e entreguei o vaso nas mãos deles sem proferir uma única palavra. Os pais, entretanto, começaram a fazer uma série de indagações: 'Filho! Por que levou tanto tempo? Por que esse atraso?' Moveram as mãos para a frente, agitando-as, para que pudessem tocá-lo e sentir a sua presença diante deles. Recuei um pouco; nisso, o casal de idosos queixou-se: 'Filho! Por que não está falando conosco hoje? Não beberemos a água que trouxe, a menos que fale conosco e responda às nossas perguntas!'

"Eu havia determinado que os soldados trouxessem o corpo de Sravana até a cabana dos seus pais. Naquele momento eles chegaram com o cadáver e coloquei-o ao alcance da mãe. Ela chorou sobre o corpo de maneira extremamente tocante. Não pude nem olhar. Algum tempo depois, a mãe recuperou algum domínio sobre a sua dor e me disse: 'Imperador! Já que o nosso filho nos deixou, não adianta prolongar mais as nossas vidas. Nós envelhecemos. Quem nos servirá e cuidará de nós? Mate-nos também, como o matou. Ou então erga uma pira para que possamos nos imolar junto com o nosso filho'. Abaixei a cabeça e acatei a sua ordem. Coletei madeira seca e ergui uma pira, onde foi colocado o cadáver do filho. Eles se sentaram nela e, mediante o puro exercício do poder iogue, atearam fogo em si mesmos e se consumiram nas chamas.

"No entanto, antes de se imolarem, dirigiram-se a mim e pronunciaram algumas palavras. A sua maldição sagrada está sendo cumprida hoje". Nesse ponto, Dasharatha parou por algum tempo para descansar e se recompor da agitação mental.

Kausalya acalmou-o, dando-lhe consolo e tranquilizando a sua mente. Perguntou: "Senhor! O que os pais dele disseram? Diga-me, estou ansiosa para ouvir". Dasharatha ficou em silêncio por alguns instantes e respondeu: "Kausalya! O que posso dizer? Como repetir aquelas palavras? Assim falaram aqueles velhos, aquele casal de idosos: 'Você terminará a sua vida como estamos fazendo agora, devido a uma angústia insuportável pela separação do seu filho'. E exalaram o seu último suspiro em meio às chamas que se elevavam.

"Naquela época, eu não tinha filho nenhum. Perguntei-me como a sua maldição me afetaria. Como poderiam aquelas palavras se tornar realidade? Achei, no entanto, que, tendo sido proferidas por um sábio idoso, não poderiam deixar de se cumprir. Isso significava que eu deveria ter filhos para que pudesse ser separado deles. A senhora sabe o quanto nos sentíamos tristes naquela época pelo fato de não termos filhos. Senti que aquela maldição poderia vir a ser uma bênção. Rezei para que se tornasse realidade, pois assim teríamos filhos, embora eu pudesse ter que me separar deles. Não pude contar-lhe esse segredo até este momento. Agora entendo que as palavras daquele santo eremita representavam a genuína verdade. A agonia da

¹²⁶ O *Pranava* (*prāna* = ar vital + *vāk* = som) é o som primordial "Om", símbolo de Brahman, o Absoluto; é a vibração cósmica do Universo. (N. T.)

separação de Rama está provocando o meu fim. Veio-me à memória a tragédia de Sravana. A minha coragem extinguiu-se; não consigo mais fazê-la aflorar”.

Dasharatha falece

Perdido na contemplação dos incidentes do passado, Dasharatha chamou três vezes: “Rama! Rama! Rama!” e recostou-se em Kausalya. A rainha percebeu a mudança que o acometera e gritou. Os atendentes e as criadas reuniram-se à volta deles e descobriram que o imperador exalava o seu último suspiro. A cidade transformou-se em um vale de lágrimas, em um poço fervilhante de dor. Multidões apareceram no palácio. As ruas viraram céleres torrentes humanas de pranto. O povo amaldiçoava Kaikeyi, pois sentiam que a cidade havia perdido os próprios olhos como resultado das suas maquinações.

Bharata e Satrugna retornam

Vashishta, o preceptor real, chegou ao salão onde jazia o corpo do imperador. Deu os conselhos apropriados às rainhas e procurou aliviar a sua tristeza. Consolou Kausalya e Sumitra contando-lhes sobre os antepassados falecidos e como eles também não tinham conseguido escapar à morte, apesar do seu poder e majestade. Como não havia ninguém que pudesse celebrar as exéquias, manteve-se o corpo imerso em óleo para evitar a sua decomposição, de acordo com as instruções de Vashishta. Este chamou um mensageiro e ordenou-lhe: “Escute! Vá rapidamente até Bharata. Não lhe diga nada sobre a morte do imperador. Comunique-lhe apenas o seguinte: ‘o preceptor quer que o senhor e o seu irmão regressem imediatamente à capital’”. O mensageiro prostrou-se aos pés do preceptor e despediu-se do ministro antes de iniciar a sua longa jornada em uma veloz carruagem.

Desde que Ayodhya submergira na tristeza, Bharata experimentava diversas premonições sob a forma de sonhos sinistros. Era despertado pelo terror e pela agitação que eles lhe traziam. Por muitas noites não tivera sequer um instante de sono. Sentava-se na cama, em um inquietante estado de expectativa, receando a iminente chegada de más notícias. Levantava-se antes do amanhecer e, após um banho inicial, dedicava-se a vários rituais e cerimônias destinados a propiciar os deuses e evitar a esperada calamidade. Sentava-se por longo tempo no santuário, rogando por alívio; não obstante, era assombrado por um misterioso temor.

Os sonhos persistiram durante quatorze dias e ele chegou ao fundo da sua coragem e fé. Então, no décimo quinto dia da sua longa jornada, o mensageiro de Ayodhya conseguiu alcançar a cidade de Kekaya, onde Bharata se encontrava. Ao ser informado da sua chegada à entrada principal do palácio, o príncipe ordenou que o levassem imediatamente à sua presença, para que pudesse saber o que o trouxera ali.

O emissário prostrou-se diante de Bharata e suplicou que ele e o irmão partissem sem a mínima demora para Ayodhya, de acordo com a ordem do preceptor. Bharata indagou-lhe sobre o bem-estar do povo de Ayodhya e acumulou-o de perguntas as mais diversas. Ele respondeu que não havia nada de especial a relatar, exceto que o preceptor queria que retornassem logo, sem tardar. Esta era a tarefa para a qual viera; nada mais tinha a dizer e de nada mais sabia.

Bharata estava ciente de que os mensageiros diziam poucas palavras diante dos seus reais senhores, e que estes, por sua vez, não deviam falar informalmente com eles durante muito tempo. A etiqueta exigia que não conversassem por mais de alguns

minutos. O mensageiro tinha também o seu código de disciplina; portanto levantou-se e deixou o aposento.

No mesmo instante, Bharata entrou nos apartamentos internos e despediu-se do tio materno. Juntamente com o irmão, Satrugna, entrou na carruagem que os aguardava e acelerou-a para que avançasse com velocidade cada vez maior. Como uma flecha lançada de um destemido arco, a carruagem voou sobre caminhos de montanhas, trilhas de colinas e estradas da selva. No coração de Bharata o pesar aumentava tão rapidamente quanto o avançar do próprio veículo. Ele não conseguia explicar o motivo nem a causa; uma agonia inexplicável o afligia. Não quis se demorar na estrada para se alimentar, nem mesmo para saciar a sede com um gole d'água.

Satrugna percebeu a sensação de alarme e ansiedade que havia se apoderado do irmão. Sugeriu algumas vezes que fizessem uma parada para comer e beber, mas Bharata não lhe deu atenção e ele ficou em silêncio. Além disso, observaram uma série de maus presságios que surgiam no caminho. Corvos crocitavam roucamente de localizações e direções indicativas de mau agouro. Cães uivavam em tom lúgubre e lamentoso. Esses sinais de calamidade perturbaram a calma que Satrugna havia mantido heroicamente até então.

Quando chegaram ao portão principal de Ayodhya e olharam para cima, o temor foi confirmado, pois as grinaldas de folhas de mangueira não eram trocadas há dias. Havia apenas folhas secas penduradas ao longo do portão, que gemia, batendo contra o vento como se estivesse rangendo de raiva e dor. Por que não haviam sido trocadas por folhas verdes? O que acontecera à cidade? Por que essa negligência, esse sinal de desespero? Os irmãos logo adivinharam que um terrível e triste golpe se abatera sobre a capital.

Ingressaram na cidade e seguiram adiante. Os estábulos reais destinados aos cavalos e aos elefantes ficavam bem na entrada. Quando Bharata os viu, o seu coração se partiu e ele perdeu o controle de si mesmo. Os animais estavam de pé, sem mover um músculo, as cabeças abaixadas e os olhos vertendo lágrimas. Os condutores de elefantes (*mahouts*) e os cavaleiros, sob o peso de um imenso desgosto, eram incapazes de erguer a cabeça. Quando Bharata e o irmão se dirigiram mais para dentro da cidade, encontraram as portas de todas as mansões fechadas, como se as pessoas no seu interior se recusassem a receber quem quer que fosse. As próprias ruas estavam empoeiradas e por varrer. Os poucos cidadãos que estavam de pé e se movimentando desviaram subitamente o olhar ao ver a carruagem que se aproximava. Ao reconhecer Bharata, choraram.

O bazar de diamantes estava fechado, assim como todas as lojas. Petrificado ante aqueles inesperados sinais de angústia, Bharata não conseguia abrir a boca para perguntar o motivo da mortalha de tristeza que encobria a cidade. A carruagem adentrou o palácio real. Os guardas os receberam em silêncio, sem aclamações de alegria, sem os tradicionais gritos de “*Jai, Jai!*” Permaneceram mudos e curvados, sem conseguir levantar os olhos, pois neles transbordavam lágrimas. Convencidos de que alguma calamidade indescritível atingira a cidade, os irmãos desceram da carruagem e correram para dentro do palácio.

Bharata recebe a notícia do falecimento de Dasharatha

Kaikeyi percebeu que o filho havia chegado e adiantou-se com grande alegria para recebê-lo. O grupo de criadas que se levantara junto com ela e a seguia gemia de

tristeza. Bharata olhou para os rostos delas e ficou-se aturdido onde estava, incapaz de pronunciar uma única palavra. Kaikeyi começou a falar: “Filho! O seu tio está bem?” Bharata deu uma resposta indistinta à sua pergunta e pressionou-a com as suas próprias indagações: “Como está o pai? Como estão o meu irmão mais velho e o meu outro irmão? E as minhas tias, as rainhas?”

Kaikeyi emudeceu. Lágrimas afloravam aos olhos das criadas ao redor. Bharata percebeu que lhe estavam escondendo notícias terríveis e perguntou: “Mãe, onde está o pai?” As criadas prorromperam em soluços e lágrimas. Vendo-as, Kaikeyi sentiu que não devia adiar mais a sua revelação; também derramou lágrimas, desempenhando o papel de uma mulher ferida pela dor. Não conseguindo desvendar o mistério sem ajuda, Bharata rogou à mãe que explicasse o que havia acontecido e a quem, e por que estavam todos tão oprimidos pela tristeza.

A isto Kaikeyi respondeu: “Filho! O que devo dizer? Fiquei muito feliz porque, com a ajuda de Manthara, consegui tudo o que desejava. Mas já na primeira etapa o meu sucesso partiu-se em pedacinhos. Os deuses lançaram um olhar não propício sobre ele. O imperador, o seu querido e amado pai, partiu para o Céu”. E começou a soluçar alto.

Assim que ouviu aquelas palavras, Bharata rolou pelo chão como um elefante ao som do rugido de um leão. Enquanto caía, gritou: “Ai de mim, pai!” Satrugna também tombou ao solo, como um plátano decepada. A angústia dos irmãos era indescritível, imensurável.

Bharata sentou-se, pressionando a cabeça com ambas as mãos, e chorou alto. Clamou: “Pai! Não pudemos estar presentes ao redor do seu leito quando exalou o seu último suspiro. Oh! Que grandes pecadores somos nós! Dos quatro filhos, nem todos conseguiram colher o mesmo mérito. Este Bharata e Satrugna são os piores, os mais desafortunados. Nos seus últimos momentos, o senhor haveria de ter conversado tão amorosamente conosco e nos dado inestimáveis bênçãos e orientações para a vida. Bem, devemos ser gratos pelo fato de Rama ter estado lá com o senhor. Certamente disse a ele o que desejava nos transmitir. Irmão! Levante-se, venha comigo. Devemos ir até Rama e descobrir que mensagem o pai nos deixou. Mãe! Diga-nos agora onde Rama está!” Bharata levantou-se, pronto para sair, aguardando apenas a resposta da mãe.

Kaikeyi replicou: “Filho! Se Rama estivesse aqui, o seu pai não teria exalado o seu último suspiro, não percebe? Rama não está na cidade, não sabe disso?” Era como derramar veneno sobre uma ferida. Sob o impacto do novo golpe, Bharata indagou: “Mãe, Rama é o próprio ar que respiro! Aonde ele foi?” O príncipe estava à beira de um colapso. Kaikeyi logo deu uma resposta rápida: “Aonde? Está perguntando para onde ele foi? Bem, para a floresta”. “Pode ser”, interveio Bharata, “mas por que Rama foi para a floresta e ainda não voltou?”

A rainha respondeu com tranquilidade e deliberação: “Filho! Não temos tempo para relatar e escutar essa longa história. Primeiro, ocupe-se em providenciar as últimas honras fúnebres para o seu pai!” Bharata deduziu que a mãe tentava lhe esconder algum segredo desagradável; perguntou, então, sobre o paradeiro de Sita e de Lakshmana, um após o outro. Com voz firme e dura, Kaikeyi declarou: “Ambos seguiram com Rama para a floresta. Não retornarão a esta cidade antes de terem transcorrido quatorze anos. Assim determinou o seu pai”.

Vendo que Bharata estava cada vez mais desesperado e angustiado com as suas declarações, Kaikeyi puxou-o para perto de si e, acariciando-lhe a cabeça, pôs-se a

consolá-lo, dizendo: “Filho! Não há necessidade de se lamentar pelo seu pai. Enquanto vivo, ele se envolveu continuamente em uma série de atividades meritórias; portanto a sua alma alcançou o Céu. O seu dever agora é seguir o ideal que ele expôs diante de você, conquistar reputação semelhante por meio de ações meritórias e governar o império com alegria. Aumente a sua fama e renome por meio do seu próprio governo sábio e misericordioso e perpetue o grandioso nome da dinastia”.

A rainha esforçou-se para curar o coração lacerado do filho por meio dessas e de outras palavras semelhantes, mas elas golpeavam o coração de Bharata como se fossem punhaladas. Cada palavra de Kaikeyi o atingia como um martelo. Enquanto a escutava, Satrugna desenvolveu uma sensação de queimação por todo o corpo, mas permaneceu em silêncio, sem gritar. Bharata, no entanto, levantou-se repentinamente. Decidiu descobrir a verdade, pois sentiu que a mãe o estava enganando com a sua conversa, mantendo alguns fatos longe dele e falando por enigmas. Chamou Satrugna e saiu às pressas do aposento, em direção aos apartamentos de Kausalya, a rainha mais velha e mãe de Rama.

E o que viu ali? Kausalya rolando pelo piso, com as roupas empoeiradas, lamentando-se em voz alta: “Ó Senhor! Senhor! Rama, Rama!” As suas criadas, tomadas por uma profunda tristeza, estavam cuidando dela, procurando incutir-lhe um pouco de coragem.

Bharata não conseguiu se conter. Caiu aos seus pés, gritando: “Mãe! Mãe!” A rainha Sumitra também estava lá com Kausalya. Ambas reconheceram Bharata e Satrugna e repentinamente desmaiaram. Recuperando-se, agarraram-se uma à outra, em um ataque de desespero, e choraram alto. Era uma cena que teria derretido a mais dura das pedras. Os irmãos não puderam suportar o peso da tristeza e tombaram no chão.

“Mãe! Leve-me até o pai. Diga-me o motivo do seu falecimento. Por que os meus queridos irmãos Rama e Lakshmana foram para a floresta com Sita? É tudo um mistério para mim. Diga-me o porquê de tudo isso e salve-me dessa agonia”, implorou Bharata, pateticamente, agarrando-se aos pés de Kausalya.

Kausalya abraçou-o ternamente e respondeu: “Com o seu retorno, meu filho, sinto um pouco mais de consolo. Vendo-o, posso esquecer a angústia da separação do meu amado Rama. Para mim, você significa tanto quanto ele. Não faço nenhuma distinção”.

Mesmo ao dizer isso, ela interrompia as suas palavras com soluços, gemidos e o lamento: “Ah, Rama! Conseguirei permanecer viva pelos quatorze longos anos que passará na floresta? Você decidiu que, tal como o seu pai, eu devia ser reduzida a cinzas pela dor da separação? Ai de mim! Como sou infeliz!”

Bharata sofria ainda mais com esses rompantes. A sua imaginação pintava todos os tipos de tragédias e misérias, pois ele ainda não estava ciente da verdade. Suplicou, então: “Mãe! Não me mantenha distante dos fatos. Confie em mim. Diga-me por que Rama foi para a floresta e o motivo pelo qual o pai exalou o seu último suspiro. Conte-me e salve-me desse emaranhado confuso”.

Kausalya era simples, direta e muito compassiva por natureza. Considerou Bharata como o próprio Rama que havia regressado. Trouxe-o para perto de si e, enxugando as próprias lágrimas, falou: “Filho! Bharata! Seja forte. Não se aflija pelo passado, pois tal sofrimento é inútil. Coisas estranhas acontecem quando os tempos não são propícios e as circunstâncias conspiram para isso. De que serve culpar alguém? Não se deve criticar ninguém. É meu destino viver com essa carga de tristeza. Não se pode evitá-la;

tenho que suportá-la. Mas você é jovem, é como o sol na hora do amanhecer. Lembre-se disso.

“O meu adorado e amado Rama, em obediência às ordens do pai, vestiu trajes de fibras, enrolou os cabelos em um coque no alto da cabeça e agora está perambulando pela selva. Sita, que não pode viver longe de Rama nem por um momento, está com ele, usando vestes de cascas de árvore. Lakshmana tentou impedir Rama de entrar na floresta, mas os seus esforços foram inúteis. Declarou, então, que, sem Rama, Ayodhya seria uma selva para ele e o seguiu. Tudo isso aconteceu bem diante dos meus olhos. Ah! Que alma pecaminosa devo ser, pois ainda estou viva!

“Não pude ir com eles, e tampouco a vida me deixou quando se foram. Como descrever a minha situação miserável? O meu coração foi realmente esculpido em pedra adamantina. Ó Rama de terno coração! Você sofre tanto agora por haver nascido de mim; caso contrário, por que deveria sofrer? Ai de mim! Rama! Quantas dores terá que suportar vivendo de frutas e raízes e vagando pelos recessos aterradores das selvas!” A rainha gemeu alto uma vez e tombou desfalecida no piso.

Bharata viu e escutou tudo aquilo, mas o quebra-cabeças ainda não fora resolvido. Debatia-se com medo e ansiedade, incapaz de se aprofundar no mistério. Nesse meio-tempo, o ministro Sumantra trouxe uma mensagem do preceptor real, o sábio Vashishta, pedindo para que Bharata fosse até a sua presença. Sumantra também explodiu em lágrimas quando os seus olhos caíram sobre os irmãos. Estreitou Bharata junto ao peito. Os irmãos também não conseguiam dominar a sua dor. Bharata esperava que Sumantra pelo menos lançasse luz sobre o mistério que pairava sobre os trágicos acontecimentos na capital. Tentou por vários meios induzi-lo a lhe fazer um relato a respeito deles, mas Sumantra não desejava falar sobre o assunto. Achava que Bharata e Satrugna já haviam sido informados do que ocorrera pelas pessoas com quem haviam se encontrado antes da sua chegada ao recinto.

O corpo de Dasharatha é cremado

Bharata e Satrugna foram juntos até o preceptor; ali, prostraram-se aos seus pés e prantearam alto. Vashishta ergueu-os com carinho e solidariedade e, enquanto os consolava, ensinou-lhes muitas lições morais e filosóficas. Em seguida falou: “Já houve muita demora. Não é aconselhável que haja mais nenhum atraso”. E orientou Bharata a preparar-se para celebrar as honras fúnebres do pai.

Bharata ficou perdido nos seus pensamentos por longo tempo; depois rogou ao preceptor Vashishta: “Mestre! Este é um dever a ser realizado pelo filho mais velho, e Rama é o mais velho de nós quatro. Agora o senhor está me propondo que eu o cumpra. Isso é justo? Isso está certo? O senhor preservou o corpo durante todos esses dias; mantenha-o assim por mais dois ou três. Satrugna e eu iremos até onde está Rama e o traremos de volta conosco. Por favor, conceda-nos permissão para fazê-lo”.

Vashishta respondeu: “Filho! Você é um tolo! Rama não haveria de retornar antes do período estabelecido. Ele honra a palavra empenhada. Por mais que você implora, Rama não entrará em Ayodhya até que tenham se passado os quatorze anos. Portanto, desista dessa ideia; celebre as exéquias do seu pai e mais tarde poderá fazer o que deseja”. Vashishta expressou-se nesse tom repetidas vezes para convencer Bharata da inutilidade do seu propósito.

O príncipe concordou, pois viu que não podia deixar de obedecer ao preceptor. O corpo do pai foi banhado, e os ritos preliminares à cremação previstos nos Vedas

devidamente cumpridos. Nisso, impulsionado por um anseio irreprimível, Bharata foi diretamente aos aposentos de Kausalya e Sumitra e caiu aos seus pés, implorando: “Mães! As senhoras devem desistir de se imolar na pira funerária do pai¹²⁷. Se tentarem fazê-lo, não celebrarei os últimos ritos fúnebres para ele”. Assim obteve delas a promessa de que não o fariam. Ambas ficaram muito impressionadas com o seu amor e carinho. Não podiam fazer outra coisa a não ser atender ao seu pedido; por isso responderam: “Filho! Agiremos conforme o seu desejo”.

O corpo foi então conduzido e posto na pira de sândalo montada na margem do rio Sarayu. Bharata celebrou os últimos ritos com escrupulosa correção, evidenciando uma fé nos Vedas mil vezes maior do que a que Vashishta esperava e previa. Em nome do pai, distribuiu abundantemente, em caridade, os dezesseis artigos prescritos nas Escrituras. Doou vacas, terras, ouro, casas, roupas, alimentos, cavalos, elefantes, moedas e outros objetos de valor. Os beneficiados louvaram a sua generosidade e piedade filial.

Bharata fica ciente de toda a verdade

No entanto, os reis vassalos, os eruditos, os sacerdotes e as pessoas comuns não conseguiam se conformar com a ausência de Rama. A desolação corroía os seus corações. A todo momento a agonia da separação lhes causava dores lancinantes. Sabiam que estavam desamparados, que não havia saída. Rama jamais faltaria com a palavra empenhada. Não seria de modo algum persuadido a retornar a Ayodhya antes que terminasse o período de quatorze anos. Eles tinham que aceitar esse fato; portanto revestiram de aço os seus corações para que pudessem suportar a angústia e decidiram continuar a viver aguardando o retorno de Rama, na esperança do júbilo que teriam quando o exílio chegasse ao seu termo.

Enquanto isso, Vashishta, o preceptor real, reuniu os governantes feudais, reis vassalos, ministros, sábios, monges, eruditos do império e líderes do povo, e com eles realizou uma conferência. Começou por ministrar conselhos relativos aos deveres e obrigações dos governantes, de acordo com os cânones da lei moral (Dharmashastras). Em seguida narrou toda a série de acontecimentos, desde a trama urdida por Kaikeyi até o dia da partida de Rama para a floresta. Depois passou a discorrer sobre as nobres qualidades do falecido imperador – a sua adesão à verdade, os seus elevados padrões de conduta, as suas grandes conquistas espirituais, o seu esplendor régio e a sua lealdade às injunções védicas –, qualidades essas que o haviam tornado um generoso patrono de inúmeros *yajnas*, *yagas* e outros ritos cerimoniais.

Vashishta prosseguiu narrando a tentativa do imperador de celebrar a coroação de Rama e os obstáculos que se interpuseram, resultando no exílio de Rama e na morte do imperador em virtude do sofrimento causado pela separação do filho tão querido e amado.

Bharata e Satrugna, que desconheciam os trágicos eventos descritos pelo preceptor, foram dominados pela ira, pela tristeza e por uma sensação de vergonha. Baixaram as cabeças, com os corações repletos de arrependimento. Choravam copiosamente. As pessoas ali reunidas mal podiam erguer o olhar na sua direção. Até mesmo Vashishta enxugou os olhos, que logo ficaram cheios de lágrimas. No salão

¹²⁷ Referência a *Sati*, uma prática milenar da Índia, proibida por lei há quase dois séculos, segundo a qual a viúva se sacrificava na pira funerária do marido. (N. T.)

impregnado de melancolia, um silêncio caiu sobre a assembleia; todos estavam sentados como se fossem estátuas de pedra.

Os irmãos não conseguiam mais escutar a narrativa de Vashishta, pois estavam demasiado furiosos com Kaikeyi pela sua conduta nefasta. Bharata amaldiçoou-se por haver nascido de tal mãe. Sentia-se tão envergonhado por essa consequência das suas próprias más ações em vidas passadas que não podia levantar a cabeça nem olhar ninguém no rosto. Ambos estavam ansiosos para deixar o salão e fugir dali.

Sabendo quais eram os seus sentimentos, Vashishta aproximou-se deles com reconfortantes conselhos: “Filho, de nada adianta lamentar o passado. O que aconteceu, aconteceu. Agora devemos refletir e decidir sobre o que se deve fazer. O seu pai, devo dizê-lo, foi afortunado sob todos os aspectos. Por que sofrer por ele? Escute-me; incline a cabeça ao seu comando. Ele lhe outorgou autoridade para governar este império. O correto é você aceitar essa outorga e honrar a sua ordem.

“O seu pai concordou em se separar de Rama por não poder romper com a palavra empenhada. Renunciou à vida, pois nutria imenso amor e carinho por ele. Morreu para quitar a sua promessa, não há dúvida. Sabia que honrar uma promessa tinha mais valor que a própria vida; por isso preferiu enfrentar a morte a voltar atrás na sua palavra. Considere ainda que Rama partiu para o exílio na floresta com a esposa a fim de honrar a palavra do pai!

“É a glória da linhagem real de Ikshvaku que todos os que a ela pertencem sacrifiquem qualquer coisa para manter a palavra dada. Você partilha desse esplendor. Agora deve agir de acordo com a palavra do seu pai e aceitar a responsabilidade de administrar o reino. Que você obtenha tudo de auspicioso nessa tarefa. Que o sucesso e a prosperidade estejam presentes em todos os seus empreendimentos. Aventurei-me a aconselhá-lo assim apenas por causa do afeto e da compaixão que tenho por você; do contrário, não teria posto sobre os seus ombros essa pesada responsabilidade. Sei que pode preservar o nome honrado do seu pai. Possui a capacidade administrativa, a habilidade e a coragem necessárias para assumir esse fardo. Não tenha hesitações nem dúvidas. Aceite a incumbência.”

Vashishta deu tapinhas nas costas de Bharata e abençoou-o. O príncipe recebeu o seu conselho amoroso e, quando o preceptor terminou, levantou-se rapidamente do seu assento e prostrou-se aos seus pés. Lutou para falar, pois sentia um pesar inconsolável. Os seus lábios tremiam, tinha a garganta presa; as palavras mal podiam se formar na sua língua.

Finalmente ele disse: “Mestre! As suas palavras serão realmente um indício do seu amor e da sua compaixão? Não; na verdade, o senhor não tem amor nem compaixão por mim. Se assim fosse, jamais teria concordado em colocar sobre mim todo esse fardo. Está me sentenciando a esse castigo sem a menor compaixão. Este império, que levou para a selva o mais puro e santo dos seres; este império, que mergulhou toda a população em anos de lágrimas incessantes; este império, que perdeu o seu mais justo governante; este império, que trouxe infâmia eterna à sua dinastia regente, a linhagem de Ikshvaku; este império, que provocou o comovente estado de viuvez das mães Kausalya, Sumitra e o resto; este império, que se degradou de tantas maneiras – o senhor o está confiando a mim agora!

“Infelizmente, esta é a consequência dos pecados que cometi, a consequência de haver este infeliz indivíduo nascido do ventre de Kaikeyi, aquela encarnação da crueldade e do ódio. Em vez de me infligir esse castigo, por favor conquiste algum

mérito espiritual enviando-me até onde está Rama. Assim poderei fazer a minha vida valer a pena e salvar-me dedicando-me à tarefa de varrer os caminhos à frente deles, a fim de torná-los suaves para os seus pés. Não posso permanecer neste lugar nem mais um instante.”

Bharata caiu aos pés de Vashishta e rogou-lhe permissão para partir para a floresta. Diante disso, os ministros de Estado levantaram-se e, com as palmas unidas, falaram: “Senhor! Não é conveniente prolongar esta situação por muito tempo. Não temos um governante no momento. O senhor não pode escapar à responsabilidade que o preceptor está lhe impondo. Após o retorno de Rama, poderá agir da maneira que preferir; mas agora, por favor, aceite as nossas súplicas. Proteja o reino e promova a prosperidade do povo. Assuma as rédeas do governo”.

Bharata fala com Kausalya

Bharata não respondeu; em vez disso, pediu permissão para ir até a mãe Kausalya e ficar algum tempo com ela. Vashishta prontamente concordou. Bharata e Satrugna saíram da assembleia e se dirigiram diretamente para o palácio de Kausalya. Ao chegarem lá, prostraram-se aos seus pés e Bharata falou: “Mãe! Suplico o seu perdão para este desafortunado Bharata, que foi a origem de toda esta calamidade por haver nascido do ventre de Kaikeyi, aquela mulher perversa. Este sujeito amaldiçoado é a fonte das misérias do reino. Dê-me permissão para seguir para a floresta. Não posso andar nem me movimentar por esta cidade de Ayodhya com a cabeça erguida, por um momento que seja, depois que Rama, o meu mestre e senhor, a deixou por minha causa. O império pertence por direito ao filho mais velho e não a este indivíduo insignificante. Não preciso desse fardo nem o suportarei. Abençoe-me para que eu possa partir imediatamente”. E ficou aguardando, cheio de pesar.

Kausalya reuniu coragem e começou a confortá-lo. Respondeu: “Bharata! Considere as circunstâncias e deixe de lado o seu sofrimento. Não é hora de vacilar. Rama está fora, no meio da floresta; o seu pai está no Céu. As suas mães, os seus parentes, amigos e companheiros, as pessoas que lhe querem bem e os súditos estão imersos em profunda tristeza. Todos esperam ansiosamente por você como o seu único refúgio e recurso. Compreenda que tudo isso aconteceu porque os tempos não estão propícios e, portanto, as ações dos homens passaram a ser desonestas e chocantes. Tome coragem e decida-se. Obedeça às instruções do seu pai. Incline a cabeça ao comando do *guru* Vashishta. Honre os apelos do povo. Aja como os ministros estão implorando que faça”.

Kausalya segurava carinhosamente as mãos de Bharata nas suas enquanto tentava persuadi-lo a aceitar a autoridade de soberano do reino. As suas palavras o tocaram com estranha suavidade, como uma fresca pasta de sândalo sobre um coração em brasa. Eram doces aos ouvidos e muito atraentes de se escutar, pois Kausalya não tinha nenhuma palavra de condenação para com a sua mãe, a causadora de toda aquela série de desastres, e não entretinha a mínima dúvida quanto à lealdade dele.

Bharata sentiu-se profundamente feliz e aliviado ao ouvir as palavras de Kausalya. Sentiu-se extremamente encantado ao perceber como era imenso o seu coração e quão sincero o seu afeto por ele. Não havia imaginado, nem mesmo nos seus sonhos mais loucos, que ela o trataria daquela forma, derramando um carinho tão abundante sobre ele, o filho de outra esposa do marido, quando o seu próprio filho se tornara um exilado por quatorze anos na floresta! Que diferença entre Kausalya e Kaikeyi, a sua

própria mãe, imaginou! Não conseguia encontrar medidas para avaliar essa diferença. Em Kausalya encontrou a plenitude e a realização do amor que devia preencher o coração.

Uniu as palmas das mãos e insistiu: “Mãe! As suas palavras cheias de ternura e amor são como um banho refrescante de água de rosas sobre o meu coração dilacerado. Talvez a senhora tenha me confundido com Rama! Infelizmente, porém, não sou aquele Rama de coração puro. Tendo nascido de Kaikeyi, possuo a natureza desonesta que dela herdei. Sou um ser desprezível, sem nenhum senso de vergonha. Sou o inimigo de Rama. A senhora achou que eu era Rama e falou comigo de maneira tão carinhosa e gentil. O seu coração está tão voltado para ele que a senhora se dirige a todos como se estivesse tratando com o próprio Rama. Estou dizendo a verdade, mãe! Ouça-me e preste atenção à minha súplica.

“Mãe! Somente aqueles estabelecidos na retidão merecem reinar. Se pessoas de inteligência desonesta e habilidades obscuras como eu governam o reino, a Terra se degenera, tornando-se uma imagem das regiões inferiores. Oportunistas ambiciosos e egoístas, aventureiros de mente estreita, abutres gananciosos, personalidades amantes da pompa, indivíduos egocêntricos, pessoas que sofrem de inveja crônica – estes não merecem o direito de reinar. Prejudicam os interesses do povo que governam; minam os fundamentos da retidão. Provocam a ruína do reino. Somente aqueles que trilham o caminho da virtude e da conduta reta merecem reinar sobre os demais.

“Consigo encontrar apenas um desses, e é Rama; não conheço nenhum outro. Portanto partirei neste mesmo instante e, segurando firme os seus pés, rogarei a ele. Eu o trarei de volta comigo para Ayodhya. Conceda-me permissão para fazê-lo; abençoe-me sem mais demora”. Bharata prostrou-se diante de Kausalya e aguardou a sua resposta.

As palavras de Bharata acalmaram grandemente o coração de Kausalya. Ela respondeu: “Filho! Descubro surgindo em você os mesmíssimos sentimentos que possui o meu Rama. Olhando-o, consigo suportar um pouco a angústia de estar separada dele. Então, se você também for para a floresta, o que acontecerá conosco? Se declarar que a sua partida é inevitável, então leve-me também. Por quem mais devo passar os meus dias nesta Ayodhya? Tendo perdido o marido e estando longe do filho, a esposa ainda não se dissolveu na agonia da perda. Vá, assegure a permissão do *guru* Vashishta. Entraremos na floresta e passaremos pelo menos algum tempo com Sita, Rama e Lakshmana. Assim poderei findar esta minha vida”.

Ao ouvi-la expressar-se daquela forma, Bharata obteve algum consolo e paz de espírito. Prostrou-se aos pés de Kausalya e de Sumitra, e depois levantou-se para seguir em direção ao palácio de Kaikeyi.

Kaikeyi se arrepende

Bharata caminhou na frente e Satrugna o seguiu. Estavam carregados de tristeza e de ressentimento pelo fato de Kaikeyi, confiando em Manthara, ter causado aquela devastação. Tentaram reprimir a raiva que crescia no seu interior. Finalmente, chegaram ao palácio. Avistaram à entrada a própria Manthara, profusamente adornada de joias, aguardando para recebê-los. Satrugna não conseguiu tolerar aquela visão. Arrastou-a pelos cabelos e lhe desferiu uma saraivada de golpes. A criada

berrou: “Ai! Ai!”. Quando o som chegou aos ouvidos de Kaikeyi, ela correu para lá e começou a repreender Satrugna pela sua atitude.

Aproveitando a oportunidade, Bharata desabafou, gritando com descontrolada indignação: “Que vergonha, pecadora das trevas! A senhora confiou nas palavras dessa mulher perversa e cometeu um pecado desprezível! Por que o seu coração não se partiu em dois quando nele entrou o conselho desastroso dessa mulher? Como pôde a sua língua pronunciar aquelas dádivas funestas? Como foi que ela não virou cinzas ao expressar desejos tão abomináveis? Com que cara a senhora ousa residir neste palácio? Não tem vergonha de andar pelos seus recintos? Ai de mim! Como pôde o imperador depositar a sua fé nas palavras de uma pessoa tão maligna quanto a senhora?

“Cego pela luxúria, concordou em permutar o filho pela conquista do amor da esposa. A conspiração que a senhora tramou foi mesquinha e repleta de infortúnio. A senhora poluiu o coração puro do imperador. Incendiou o reino. Destruiu a dinastia e a sua glória e trouxe eterna desgraça para a linhagem real de Raghu. O seu coração distorcido e venenoso conseguiu provocar toda essa ruína. Afirmar que a senhora é minha mãe é um grave pecado. Como pôde imaginar que, ao prejudicar o próximo, o seu filho teria boa sorte? Acaso os filhos dos outros não são tão queridos para eles como o seu é para a senhora? Mulheres que planejam o mal para os filhos alheios obtêm apenas o mal para os próprios filhos. Como não entendeu essa grande verdade? Deve ter sido em razão dos pecados que cometeu em vidas passadas.

“Não. Tudo isso é por minha causa. Ou então, por que o puro, o inabalável, o imaculado Rama, meu amado irmão, e a mãe Sita, a coroa da castidade e do bem, vagam pela temível floresta? Oh, quanta crueldade! Que coisa horrível! Que vergonha para a senhora! Ter que falar com uma pecadora de coração tão pérfido é, em si, o resultado dos pecados que devo ter cometido em vidas passadas. Oh, pergunto-me, que pecado terrível terei cometido para merecer este castigo, esta desgraça de haver nascido do seu ventre? Pecadores têm apenas pecadores como parceiros e companheiros. Como podem estar associados a pessoas boas, envolvidas em atividades meritórias?

“Esta Dinastia Solar é tão santa e pura quanto o Cisne Celestial, sem nenhum vestígio de mácula. Mas, para falar a verdade, a senhora é como a sua mãe, que preferiria ver o marido morto apenas para satisfazer um capricho seu. A senhora matou o seu marido para realizar o seu desejo egoísta. Pode o filho mais novo governar o império, passando à frente do mais velho, contrariamente à prática estabelecida pela linhagem real?

“A senhora não teve essa ideia funesta agora. Ela estava lá desde o início, latente como uma semente, ou então não teria se manifestado como uma árvore gigantesca assim de repente. Dotada de natureza tão perversa, a senhora bem poderia ter me asfixiado assim que nasci e dessa forma ter poupado a mim e a este império de todo esse sofrimento. De que serve agora lamentar o que passou? Ai de mim! A sua inteligência orientou-a a decepar o tronco para regar os ramos; a sua faculdade de raciocínio instruiu-a a facilitar a vida dos peixes esvaziando a água do tanque. Não sei se rio ou se choro da sua estupidez medíocre.

“Em vez de contaminar estes minutos conversando com a senhora, prefiro ir até a presença de Rama e suplicar-lhe que retorne a Ayodhya, para que eu possa voltar com

ele. Caso se recuse a regressar, estou decidido a ficar com ele, como fez Lakshmana, e ser feliz servindo-o. Não olharei para o seu rosto novamente.”

Assim dizendo, Bharata virou as costas para ela e pôs-se a caminho com o irmão. Kaikeyi refletiu sobre a sua ação errada e lamentou o curso que a sua trama havia tomado. Percebeu que planos maléficos, sejam lá de quem forem, podem conceder apenas alegrias passageiras e certamente pavimentam o caminho para a queda final. Não via meios de escapar; não conseguia encontrar palavras para expressar o seu remorso e a sua tristeza. Quedou-se petrificada e muda.

A rainha ficou revoltada com Manthara. Percebeu a verdade e sentiu-se encantada com a postura correta que Rama havia assumido. E baixou a cabeça, envergonhada, ao reconhecer o próprio pecado.

17. OS IRMÃOS SE ENCONTRAM

Bharata e Satrugna foram diretamente para o local onde os ministros, o preceptor real e os cidadãos importantes da capital estavam reunidos. Todos aguardavam silenciosamente a sua chegada, ansiosos para saber o que haviam resolvido e na expectativa de ouvir atentamente o que estavam prestes a lhes dizer.

Bharata prostrou-se aos pés do preceptor e falou: “Divino Mestre! Vim expor-lhe a minha verdadeira intenção. Por favor, acredite na minha sinceridade, pois não estou escondendo nada. Estou abrindo o meu coração sem reservas. O efeito é mais duro que a causa. O metal extraído do solo é mais duro que o próprio solo, o senhor sabe. Nascido do ventre de Kaikeyi, cujo coração é de pedra, sou realmente ainda mais duro de coração. Ou então, como pode explicar o fato de que eu ainda estou vivo, apesar de Rama se achar longe de mim?”

“Kaikeyi mandou Sita e Lakshmana para a floresta e o marido para o Céu, mergulhando na tristeza e na aflição os súditos deste vasto império e trazendo infâmia eterna para o próprio filho. E o senhor exige que eu governe o império e me cubra de permanente desonra. Não estou nem um pouco satisfeito com essa situação. Não mereço absolutamente nada disso. Será que as pessoas não rirão de mim com desprezo se eu me sentar no Trono do Leão, como senhor soberano, enquanto Rama vaga pela selva?”

“O meu reinado só traria dano ao povo, pois a minha ascensão em si teria sido imoral e injusta. E quem se dignaria honrar um usurpador e obedecer às suas ordens? Não poderei punir os injustos e os imorais! Com que moral poderei corrigir malfeitores, se eu mesmo tiver cometido erros em profusão ao ascender a um trono que não é meu por direito? As pessoas certamente apontarão o dedo acusador contra mim quando surgir a oportunidade, embora permaneçam em silêncio durante algum tempo, com medo das represálias que eu lhes possa infligir usando a minha autoridade.

“Os desígnios maléficos da minha mãe tornaram-se uma dor de cabeça angustiante para mim. Não consigo esperar nem mais um único instante aqui sem ver Sita e Rama. Estou apenas lhe expondo a minha terrível aflição. Somente a visão de Rama terá o poder de acalmar o meu coração e curar a minha angústia. Nenhuma palavra de consolo ou de explicação poderá me trazer conforto na dolorosa situação em que me encontro.

“Com a permissão de Kausalya e de Sumitra, decidi ir amanhã, ao alvorecer, até onde Rama está. Os meus pecados, por mais abundantes que sejam, serão reduzidos a cinzas no momento em que os olhos de Rama pousarem em mim. Ainda que ele não queira falar comigo, eu me sentirei sempre feliz com a visão (*darshan*) do Senhor, escondendo-me atrás de alguma árvore e seguindo-o à distância, encantado com a oportunidade. Anciãos que estão aqui reunidos! Orem por mim e abençoem-me para que eu possa progredir como resultado da visão de Rama. Ministros! Deem-me permissão para ir até a sua presença. Sou o escravo do Senhor Rama. Ele é o Senhor de todos nós.”

Nenhum dos ministros, senhores feudais e líderes do povo presentes à assembleia pôde levantar a voz para replicar. Eles perceberam a profundidade do remorso de Bharata. Compreenderam que ele possuía um coração imaculado e que se recusava a se vincular às espirais da conspiração que a mãe enrolara ao seu redor.

O chefe dos anciãos ergueu-se do seu assento e declarou: “Senhor! Nós o acompanharemos. Também sentimos uma insuportável angústia com a separação de Rama. Não nos importa o que sucederá com as nossas vidas após nos ser dada uma oportunidade de ter o seu *darshan*”. E pediu essa permissão em nome de todos os que estavam ali reunidos.

Outros reagiram entusiasticamente à sugestão e se postaram à frente, suplicando que também fossem levados até Rama. Em poucos minutos, a notícia espalhou-se pelos quatro cantos da grande cidade, e homens, mulheres, crianças, jovens e velhos logo estavam prontos para iniciar a marcha! Quem poderia dissuadir quem? Naquele dia não havia na imensa população de Ayodhya ninguém tão cruel a ponto de impedir que outros fossem até Rama para ter a visão do Senhor. As mães Kausalya e Sumitra também seguiram na jornada com as suas criadas.

Kaikeyi, oprimida pelo arrependimento dos seus erros e pecados, comunicou-se com Kausalya e rogou que também lhe fosse permitido acompanhar as rainhas. Pediu permissão para implorar perdão e juntar-se aos outros nas tentativas de persuadir Rama a regressar a Ayodhya. Como possuía um coração puro e imaculado, Kausalya não tinha a mínima dúvida ou desvio em relação à consciência reta e mandou dizer a Kaikeyi que poderia se juntar a ela.

Informado de que toda Ayodhya estava em movimento, Bharata disse aos ministros que pelo menos alguns homens teriam que permanecer na cidade para protegê-la; por isso houve quem tivesse que ficar para trás. Durante a noite deixaram-se veículos preparados diante de cada casa para que os moradores pudessem se juntar aos participantes da jornada nas primeiras horas do dia seguinte. Para esse propósito requisitou-se praticamente tudo o que se movesse sobre rodas. Tomaram-se as devidas providências relativas ao fornecimento de alimentação e bebida para toda aquela multidão. Como patos-ferrugíneos (*chakravaka*), os homens e mulheres de Ayodhya aguardavam o anúncio do alvorecer para dar início à viagem até o seu querido e amado Senhor. Foi uma noite de eufórica expectativa para os cidadãos, que a passaram meditando sobre a visão do Senhor que os aguardava.

O exército, com toda a sua força, constituída de carruagens de combate e tropas de elefantes, cavalaria e infantaria, estava pronto para marchar. O ministro instruiu eruditos védicos a se manter recitando hinos auspiciosos e a levar consigo os itens cerimoniais necessários para o culto ritual do fogo. Na hora apropriada calculada pelos astrólogos, trouxeram-se para a frente do palácio a carruagem principal que conduziria Bharata e Satrugna e o palanquim que levaria a rainha Kausalya. Bharata ordenou que todos ocupassem as suas carruagens ou veículos; então, deixando que a sua carruagem vazia seguisse à frente, ele e Satrugna puseram-se a andar descalços ao lado do veículo.

As pessoas pensaram que eles iriam caminhar daquela maneira somente por algum tempo e até uma pequena distância, mas descobriram que Bharata não estava disposto a entrar na carruagem, não importando a distância a ser percorrida. Kausalya não pôde tolerar aquilo e disse: “Filho! Não consigo suportar vê-lo andando assim. Sente-se na carruagem, pelo menos por algum tempo”.

Bharata respondeu: “Mãe! Isso é apenas para reparar os pecados dos quais estou sobrecarregado. Será que, ao caminhar pela estrada, sofro pelo menos uma fração do que Rama e Sita padecem na floresta, andando com os pés descalços? Se eles assim o fazem, seria extremamente errado para mim, que sou seu servo, viajar em uma

carruagem. Perdoe-me por desobedecer à sua ordem e permita-me caminhar como estou fazendo agora”.

Enquanto isso, o preceptor real Vashishta e a sua consorte Arundati, que estavam sentados na carruagem precedente, pararam o seu veículo e, testemunhando a determinação de Bharata, imploraram-lhe que pelo menos se sentasse na sua carruagem e fosse o seu cocheiro. Mas Bharata foi inflexível e respondeu: “Eu sou o servo de Rama e estou vinculado apenas à sua carruagem. Até obter a preciosa oportunidade de atuar como seu cocheiro, não andarei em nenhuma carruagem nem segurarei as rédeas de outro corcel. Este é o meu voto”. Genuinamente encantado com o amor e a reverência que Bharata nutria em relação a Rama, Vashishta desistiu de tentar persuadi-lo.

Guha, chefe dos Nishadas

Ao cair da noite do primeiro dia, chegaram às margens do rio Tamsa; no dia seguinte, alcançaram as margens do rio Gomati. O Tamsa é um afluente do Gogra, e o Gomati um afluente do Ganges. Assim que escureceu, pararam-se os veículos e providenciaram-se abrigos para as mulheres, crianças e idosos. O ministro ordenou aos soldados que distribuíssem alimentos ao povo de forma sistemática e com o devido respeito. Realmente, durante a viagem inteira, todos executaram com zelo e entusiasmo o trabalho atribuído a cada um, tomando muito cuidado para que ninguém passasse por nenhuma dificuldade.

Retomaram a jornada ao amanhecer do terceiro dia e, ao cair da noite, chegaram à cidade de Sringerivera (Sringeriverapuram). O rei dos Nishadas avistou a imensa multidão e o exército em marcha. Ficou agitado, perguntando-se por que Bharata se dirigia para a floresta e por que levava consigo um exército com todos os seus integrantes. Qual seria o significado de tudo aquilo? Tentou solucionar o mistério. Analisou internamente os prós e os contras daquela atitude incomum. Argumentou consigo mesmo: “Quando a árvore é venenosa, o seu fruto está fadado a ser venenoso”. Então fez o possível para frustrar os planos de Bharata. Instruiu os seus homens a manter cada barco afundado nas profundezas do Ganges e a privar o príncipe de todos os meios de cruzar o rio. Ordenou-lhes que impedissem a multidão de alcançar a margem oposta, mesmo com o custo das próprias vidas.

O rei dos Nishadas pôs-se de prontidão com o seu arco e flecha, em posição de ataque, disposto a sacrificar a própria vida pelo seu amado Rama, apesar de serem as tropas lideradas por Bharata muito superiores às suas em termos de força. Alertou a comunidade e todos os seus membros a se manterem prontos para a batalha iminente. Em seguida, preparou-se para encontrar Bharata, a fim de descobrir se ele estaria vindo como inimigo ou como amigo, ou ainda se era neutro, apenas um visitante de passagem com o qual não precisaria se preocupar. Sabendo que se tratava de um príncipe de linhagem imperial, tomou providências para que lhe fizessem oferendas de flores, peixe, carne e frutas em abundância.

Guha planejava descobrir a intenção natural de Bharata observando as suas reações aos diversos tipos de alimento que lhe fossem oferecidos. Raízes, tubérculos e frutas são alimentos sátvicos; se ele os preferisse, devia ser considerado um amigo. A carne de animais abatidos é um alimento rajásico. A preferência por esse tipo de comida apontaria para uma posição intermediária, neutra; portanto, nem aliado nem

inimigo. Peixes, se avidamente aceitos, indicariam um inimigo, pois são alimentos tamásicos¹²⁸.

Levando consigo essas oferendas, Guha, o chefe dos Nishadas, foi até a presença de Bharata. Logo de início, foi brindado com bons presságios; os seus olhos caíram sobre o sábio Vashishta. Correu até ele e prostrou-se aos seus pés, anunciando-se pelo nome. O preceptor reconheceu-o como companheiro de Rama. Abençoou-o e, chamando Bharata para o seu lado, falou-lhe de Guha como sendo “amigo” de Rama.

Assim que essas palavras chegaram aos seus ouvidos, Bharata abraçou Guha calorosamente e cobriu-o de perguntas sobre a sua saúde e bem-estar. Em seguida pediu-lhe que lhe contasse como conhecera Rama. Quando Guha mencionou que Rama passara uma noite inteira com ele às margens daquele mesmíssimo rio, Bharata mostrou imenso interesse em ouvi-lo descrever aquela noite. Os seus olhos e ouvidos estavam sedentos pelo néctar da narrativa.

O chefe dos Nishadas era todo louvor e adoração a Rama. Mostrou-lhe a cabana de palha que havia preparado para o descanso de Rama, Sita e Lakshmana. Contou-lhe a conversa que tivera com Lakshmana durante a noite. Ao ouvir tudo aquilo, Bharata e Satrugna não puderam mais refrear a torrente de lágrimas que lhes escorria pelo rosto nem suprimir as crescentes ondas de tristeza. Observando-os, Guha convenceu-se de que tinham sentimentos fraternos genuínos em relação a Rama e que não havia neles nenhum vestígio de hostilidade. Ficou impressionado com a sua devoção e com a sinceridade da sua dedicação a Rama.

Bharata observou atentamente as cabanas construídas para Sita, Rama e Lakshmana. Era o seu desejo que fossem tratadas com o devido cuidado para não que sofressem nenhum dano. Seguindo as ordens do preceptor, o príncipe realizou o banho cerimonial no sagrado rio Ganges, juntamente com as mães; depois pediu a Guha que os levasse até onde Rama passara a noite.

Apontando o dedo para uma pilha de grama *darbha*¹²⁹ que havia sido espalhada pelo vento, Guha disse: “Naquela noite Sita e Rama descansaram aqui, neste leito de capim seco”. Bharata e Satrugna prostraram-se diante daquele local santo. Bharata lamentou-se: “Ai de mim! Como pôde o meu Senhor, habituado a deitar-se em cama forrada de seda macia e espessa, dormir em leito de material tão áspero? Que tristeza! Como pôde a sagrada mãe Sita aguentar toda essa dificuldade?” Dominado pela dor, não conseguiu mover-se dali durante um longo tempo.

Levantando-se, Bharatha solicitou que lhe mostrassem os lugares que Rama, Sita e Lakshmana tornaram sagrados ao percorrê-los. Guha levou-os até uma árvore *ashoka*¹³⁰, a cuja sombra eles haviam se sentado por algum tempo para comer uma refeição simples constituída de frutas. Ali também os irmãos prostraram-se ao chão em reverência, sabendo que era solo sagrado. Enquanto caminhavam pelos lugares santificados pela presença de Rama, Sita e Lakshmana, os dois irmãos sofriam uma aflição indescritível. A humildade, reverência e devoção que manifestavam tocavam o coração do chefe dos Nishadas.

¹²⁸ Aqui o texto se refere às três qualidades da matéria ou *gunas*: *satva* (equilíbrio, pureza, bondade, altruísmo); *rajas* (paixão, emoção violenta, agitação) e *tamas* (inércia, indolência, ignorância, escuridão). (N. T.)

¹²⁹ Espécie de grama tropical, também chamada de grama *kusha*, considerada sagrada pelas Escrituras védicas e usada em cerimônias religiosas. (N. T.)

¹³⁰ Árvore considerada sagrada em todo o subcontinente indiano, especialmente na Índia, Nepal e Sri Lanka. (N. T.)

Bharata não pôde conter a sua angústia ao contemplar os desconfortos suportados por Sita – a própria deusa Mahalakshmi, a bem-amada filha do imperador Janaka, nora do imperador Dasharatha e consorte de Rama, o Poderoso. Revelou a Guha que os habitantes de Ayodhya não conseguiam mais sobreviver na cidade, pois o casal sagrado – Rama e Sita – havia partido. Sentiam que Ayodhya se transformara em uma selva, uma vez que Rama não se achava mais lá. Disse ainda que também ele não conseguia aguentar o sofrimento, e que percebera que Ayodhya estava onde quer que Rama estivesse. Explicou que tinha vindo com os seus seguidores e os habitantes da cidade em busca da sagrada presença de Rama.

Guha, então, compreendeu claramente a situação e abandonou todas as suspeitas que nutrira ao ver Bharata avançar com o seu exército e as suas quatro forças de infantaria, cavalaria, tropas de elefantes e carruagens de combate em direção à selva onde Rama estava. Abriu o coração ao príncipe e implorou que o perdoasse por haver duvidado das suas intenções. Bharata respondeu-lhe que os seus receios haviam sido naturais e que não cometera nenhum erro. Na verdade, quem era um bárbaro perverso era ele, Bharata! “Eu sou a razão do exílio de Rama; por um crime como esse, mereço ser morto. Aquele que me matar não cometerá nenhum pecado”, gemeu. Enquanto Bharata condenava a si mesmo tão duramente, Guha suplicava o seu perdão.

Na cidade de Sringeri, a capital dos Nishadas, espalhou-se a notícia de que Bharata havia chegado às margens do Ganges, e os súditos de Guha, em grupos, apressaram-se a prestar homenagem aos irmãos de Rama. Saciaram os olhos com a beleza e a majestade dos irmãos e os elogiaram à vontade. Prostraram-se reverentemente diante deles e criticaram severamente a rainha Kaikeyi. Culparam o deus do destino, Brahma, por ser tão cruel. Derramaram copiosas lágrimas e louvaram Rama de múltiplas formas. Todos – homens, mulheres e crianças – imploraram a Bharata e a Satrugna que trouxessem Rama, Sita e Lakshmana de volta com eles.

Bharata emudeceu ante aquela demonstração de extrema angústia com a separação de Rama! Lágrimas rolaram pelo seu rosto. Ele disse, então: “Orar é a minha tarefa. O que acontece com a oração depende da Graça de Rama. A minha condição é a de apenas um escravo. Quem sou eu para exercer pressão sobre ele? Juntem-se a mim em oração. Orem do fundo dos seus corações para que Rama retorne a Ayodhya. Certamente o seu coração se derreterá diante da nossa aflição. Esse é o nosso dever. Que as orações de vocês ajudem as minhas a ter êxito. Rama veio para salvar o mundo e não recusará as orações do povo”.

Bharata consolou e confortou os Nishadas e outras pessoas da maneira mais adequada às suas necessidades e capacidades. Nisso, anoiteceu e Bharata pediu ao chefe dos Nishadas que ordenasse ao seu povo que regressasse aos seus lares. Depois comeram os frutos trazidos por Guha e passaram a noite inteira conversando sobre Rama e a sua Glória.

Quando o céu do Oriente brilhou para inaugurar o novo dia, Bharata ordenou ao ministro que despertasse o povo. Banhou-se no sagrado Ganges com o irmão, e as mães também terminaram os seus banhos. Todos se prepararam para continuar a jornada. Guha, o chefe dos Nishadas, reuniu meios suficientes para cruzar o rio com a imensa massa de pessoas, carruagens, cavalos e outros segmentos das forças armadas que acompanhavam Bharata. A tarefa de transportá-los através do Ganges foi rápida e bem sucedida.

O eremitério de Bharadvaja¹³¹

Após certificar-se de que todos haviam atravessado o rio, Guha penetrou na selva, mostrando a Bharata o caminho. Os brâmanes e o preceptor Vashishta caminhavam em grupo, seguidos pela vasta multidão formada pelo povo de Ayodhya. As unidades do exército vinham atrás. Viajando assim, Bharata chegou à confluência dos rios Ganges e Yamuna – o sagrado Prayag¹³² – à tarde. Nunca andara tanto a pé, e as solas dos seus pés estavam doloridas e machucadas, com uma sensação de ardência. No entanto, seguia em frente, pois sentia a sua dor como uma recompensa pela dor infligida a Rama. Ignorou-a, pois estava consciente apenas daquela que Rama sofria naquele exato momento.

Prayag é conhecido como Triveni, pois ali o rio Sarasvati encontra os rios gêmeos; assim, a sacralidade do local é triplicada. Com os devidos rituais, banharam-se na famosa confluência. Encantados com a oportunidade de encher os olhos com a visão de Bharata, os anacoretas, eremitas, celibatários, sábios e monges de Prayag comentaram: “Oh! Ele irradia ao seu redor o mesmo halo que Rama. Na verdade, a aparência deles é exatamente a mesma”. Todos os que o miravam mal podiam se permitir uma piscadela, para que o seu deleite não fosse interrompido!

Os residentes do eremitério (*ashram*) de Bharadvaja em Prayag souberam da vinda dos irmãos, acompanhados pelas mães, pelos ministros e também por forças armadas. O sábio enviou os seus discípulos a Bharata convidando o grupo a visitar o *ashram*. Interpretando o convite como uma ordem, o príncipe e a sua comitiva ali entraram e os irmãos prostraram-se diante daquele monarca das ordens monásticas. Bharadvaja ergueu-os pelos ombros, trouxe-os para perto de si com imensa afeição e lhes ofereceu bebidas refrescantes.

Bharadvaja percebeu que Bharata estava sentado com a cabeça baixa, envergonhado e receoso de que a sua participação no exílio de Rama viesse a ser revelada por meio de eventuais perguntas. Descobriu a razão do seu silêncio e nervosismo e falou: “Bharata! Você não precisa ter nenhuma apreensão. Estou ciente de tudo o que sucedeu. Ninguém pode controlar ou dirigir o rumo do destino. Por que se consumir devido às dádivas solicitadas pela sua mãe? Não se pode atribuir a ela nenhum traço de erro por esse motivo. A Vontade de Deus induziu-a a pedir tais dádivas. Sei que Kaikeyi ama Rama como o seu próprio alento; não se deve, portanto, buscar a causa do desvio da sua mente em nenhum campo humano de pensamento e raciocínio, e sim no Plano Divino. De acordo com o julgamento mundano, Kaikeyi agiu mal; consoante o que estabelecem os Vedas, quem agiu mal foi a deusa Sarasvati, que preside à fala. Saiba que o que aconteceu está em conformidade com a Vontade do Todo-Poderoso.

“Bharata! O mundo se entusiasmará com a sua reputação imaculada e cantará em seu louvor. Os Vedas serão valorizados ainda mais devido a seres como você, que exemplificam os seus ensinamentos e demonstram a sua eficácia. Não hesite! O filho a quem o pai confia o reino é, por essa razão, considerado merecedor do direito de governá-lo. O imperador Dasharatha, aquele inflexível adepto da Verdade, aquele governante de alma elevada, entregou-lhe o império e ordenou-lhe que agisse de acordo com o *dharma* dos soberanos.

¹³¹ Ver N. T. 115. (N. T.)

¹³² Ver N. T. 57. (N. T.)

“O exílio de Rama na floresta resultou em uma série de calamidades. Esse evento imergiu o mundo inteiro na tristeza. Agora a sua mãe está se arrependendo de maneira lastimosa do erro cometido. Você é inocente e isento de culpa. Não haverá mancha que possa aderir a você se governar o reino. Na verdade, Rama ficará feliz em saber que assumiu as rédeas do império.

“Devo também dizer que a sua missão aqui é realmente louvável. O seu propósito é altamente elogiável, pois a devoção aos Pés de Lótus de Rama é a fonte e a origem de toda prosperidade e progresso. Bharata! Ouso declarar que não existe ninguém tão virtuoso e afortunado quanto você, que provou ser digno de ser o bem-amado irmão mais novo de Rama. Ele santificou este nosso *ashram* quando estava a caminho da floresta. Naquela ocasião, até a meia-noite, Rama falou comigo principalmente sobre você e as suas virtudes. Eles me acompanharam até Prayag para o banho sagrado e se lembraram de você até mesmo enquanto estavam se banhando! Rama sentiu-se muito triste por não ter podido ver você e Satrugna no dia em que partiu de Ayodhya. Não sou capaz de medir o amor que ele tem por você.

“Além disso, Rama está sempre empenhado em aliviar o sofrimento daqueles que se refugiam nele. O mundo inteiro é a sua família; todos são seus parentes e amigos. Creio que você é nada mais, nada menos que a ‘afeição’ de Rama em forma humana. O que sente como uma mancha no seu nome é, para mim, uma lição, um exemplo e uma inspiração. Bharata! Não se deixe oprimir pela tristeza. Você tem a posse da joia que satisfaz todos os desejos! Por que, então, lamentar-se por ser pobre? Não é apropriado que o faça.

“A visão (*darshan*) de Sita, Rama e Lakshmana é, na verdade, o tesouro que buscam todos os aspirantes espirituais. Eu consegui essa boa sorte, pois neles regalei a minha vista. Pude falar com eles, estive na sua presença e os toquei. Tive o privilégio e o prazer de ser seu anfitrião. Talvez houvesse mais algum saldo de boa sorte à minha espera, pois tenho agora o prazer de obter também o seu *darshan*. O meu coração está tomado de êxtase. Sou verdadeiramente abençoado. Rama exilou-se na floresta por nossa causa – por nós, os ascetas que nela vivemos –, para que os nossos anseios pudessem ser realizados, e a nossa santidade elevada. Somos realmente abençoados”. Assim Bharadvaja, o grande sábio, louvou Bharata pelas suas múltiplas virtudes e excelências. Enquanto falava nesse tom, lágrimas de alegria rolavam pelo rosto do reverenciado asceta.

Bharata e Satrugna tinham as mentes fixas em Rama e no seu infinito amor (*prema*). Sentiam-se verdadeiramente afortunados por serem seus irmãos, mas essa alegria logo se extinguiu ante o pensamento de que eles próprios haviam sido exilados da presença daquela encarnação do amor. Estavam imersos em angústia, em insuportável agonia e dor inexprimível. Levantando-se da reverência que oferecera ao sábio, Bharata assim se expressou, com voz sufocada pela amargura: “Mestre! O senhor está ciente do passado, do presente e do futuro. Falou a própria verdade. É o mestre da Verdade Suprema. Rama é imbatível em habilidade e poder. Decidi pronunciar tão-somente a verdade perante o senhor. Rama conhece o funcionamento da mente do povo e o que a está agitando agora. Atualmente não sinto nenhum pesar em relação ao erro cometido pela minha mãe. Não tenho medo de que as pessoas me culpem pela tragédia que se abateu sobre elas. Não sinto nenhum desespero, mesmo se anunciem que eu sou inelegível para o Céu.

“O meu pai conquistou grande renome e, mesmo estando morto, a sua fama espalhou-se pelo mundo inteiro. No mesmo instante em que o seu amado filho Rama deixou a sua presença, juntamente com Lakshmana, ele exalou o seu último suspiro. Não conseguiu sobreviver ao golpe daquela tragédia; não há, portanto, mais necessidade de nos afligirmos por ele. Mas Sita, Rama e Lakshmana andam descalços. Usando vestes de asceta, sentam-se em esteiras de grama *kusha* e moram em cabanas cobertas de palha. São queimados pelo sol e ensopados pela chuva. Tremem de frio e suportam dores lancinantes. Estão passando por dificuldades incalculáveis na floresta, não é mesmo?”

“Agora diga-me, não sou eu a causa única de todos esses sofrimentos? É este triste fato que me consome dia e noite. O alimento recusa-se a entrar no meu estômago; o sono, a cerrar as minhas pálpebras. A perversidade da mente da minha mãe tornou-se uma adaga a traspasar o meu coração. O estratagemas que ela planejou para me instalar no trono transformou-se em uma armadilha para me arruinar. A angústia que me corrói interiormente não pode ser apaziguada, não importa o que se faça. Nada pode curá-la. Ela só terminará no dia em que Rama regressar a Ayodhya. Nenhum outro remédio é capaz de pôr fim a esta agonia.”

Os monges que estavam ali reunidos ficaram embevecidos com as palavras do príncipe. Bharadvaja respondeu-lhe: “Filho! Não se aflija mais. No momento em que os seus olhos caírem sobre os Pés de Lótus de Rama, o fardo da dor que ora o atormenta certamente irá se desintegrar e desaparecer”. Os ascetas também consolaram Bharata e o reconfortaram de diversas maneiras.

O grande sábio acenou a um pupilo e ordenou-lhe que trouxesse raízes, tubérculos e frutas para Bharata e Satrugna. Instruiu-o, ainda, a providenciar alimentos para os assessores, ministros e cortesãos e também para os cidadãos de Ayodhya – todos os que haviam suportado sem reclamar tantas dificuldades pelo caminho, na ânsia de terem o *darshan* de Rama, e que estavam mentalmente aflitos pela agonia da separação do seu amado Senhor.

Cumprindo a ordem com a maior reverência, o pupilo rapidamente ofereceu uma lauta refeição a todos os convidados. A hospitalidade para com os príncipes Bharata e Satrugna, as suas famílias, os ministros e cortesãos, os *pandits* e os brâmanes foi organizada em escala elaborada e festiva. Produziu-se tudo em abundância e com perfeição pelo misterioso poder da vontade do asceta. Bharata ficou muito impressionado.

Deve-se mencionar, entretanto, que os dois irmãos e toda a comitiva de Ayodhya consideraram aquela pompa e profusão como simples entulho! Não se sentiram nem um pouco encantados, embora os aromas, os buquês de flores perfumadas, as frutas suculentas e os pratos atraentes e saborosos os tenham tomado de assombro. Os dois assentos resplandecentes especialmente preparados para Bharata e Satrugna desafiavam qualquer descrição.

Quando tudo ficou pronto, o sábio convidou todos a adentrar um pavilhão incrivelmente belo e especialmente erguido onde iriam participar do banquete. O preceptor real e a sua consorte foram levados aos assentos altos a eles designados. As rainhas entraram no local, que havia sido coberto e isolado por sua causa; curvadas sob o peso da tristeza, também obedeceram à ordem de Bharadvaja.

Então os discípulos do sábio, com os rostos radiantes, trouxeram os irmãos Bharata e Satrugna com a devida honra, conforme a prática daquele renomado

mosteiro. Os jovens ascetas postaram-se em ambos os lados da passagem, agitando abanadores de cauda de iaque e recitando hinos das Escrituras. Os irmãos aproximaram-se dos magníficos lugares reservados para eles; no entanto, assim que chegaram mais perto, abaixaram a cabeça e caíram ao chão, em respeitosa obediência. Tomaram os abanadores das mãos dos discípulos e começaram a abaná-los com reverência. Cada um se pôs de pé ao lado dos Tronos do Leão; no entanto, em vez de se sentarem neles, puseram-se a adorá-los! Todos os presentes surpreenderam-se com aquele gesto, com aquela homenagem oferecida aos tronos vazios.

Quando o sábio os convidou a ocupá-los, Bharata e Satrugna prostraram-se aos seus pés e imploraram: “Mestre! Estes tronos pertencem a Sita e a Rama, não a nós. Não temos direito a eles. Neste mosteiro santo, somente os dois – a deusa Lakshmi e Narayana¹³³ – têm o direito de sentar-se nos Tronos do Leão. Nós somos seus servos; permita-nos servi-los assim”. Os ascetas e toda a assembleia ficaram emocionados. Com jubilosa admiração, louvaram a grande profundidade da devoção dos irmãos a Rama. Lágrimas de alegria corriam-lhes dos olhos. Os monges estavam atônitos com a fé e a firmeza de ambos.

Os irmãos ofereceram aos tronos a elaborada refeição que lhes fora trazida, mentalizando que neles estavam as encantadoras imagens de Sita e de Rama. Pouco depois, partiram pedacinhos dos itens ofertados e, após colocá-los nas pálpebras com toda a adoração, comeram-nos como alimento consagrado.

Os anciãos, ministros, auxiliares e os residentes de Ayodhya pediram perdão ao sábio Bharadvaja por não participarem da refeição, dizendo que não conseguiriam saborear nenhum alimento, tão oprimidos estavam pela angústia proveniente da separação de Rama. Recusaram-se a comer, pois sentiam que somente o *darshan* de Rama poderia dar-lhes a sensação de satisfação. Era aquele o banquete nectáreo pelo qual ansiavam. Achavam-se imersos em uma tristeza tão profunda quanto era elevado o padrão da hospitalidade do sábio. Declararam estar demasiado envolvidos em sua ansiedade pela visão de Rama para cogitar a ideia de comida. O sábio finalmente teve que concordar com o seu desejo de serem deixados em paz; não podia lhes impor que se sentassem à mesa do banquete.

A caminho do monte Chitrakuta

Aos primeiros sinais do alvorecer, todos estavam prontos para rumar em direção à floresta. Antes de deixarem o mosteiro, prostraram-se diante do sábio e asseguraram as suas bênçãos e a sua permissão. Os servos andavam à frente, mostrando o caminho; os palanquins e carruagens vinham logo em seguida. Bharata caminhava atrás deles, com a mão no ombro de Guha, o chefe dos Nishadas. Parecia a própria personificação do amor fraterno e da devoção. Não tinha calçados para protegê-lo dos espinhos e cascalhos, pois não permitiu que lhe trouxessem nenhum. Não havia nada que o abrigasse do calor escaldante, pois não deixou que segurassem um guarda-sol sobre a sua cabeça. A Terra, porém, teve piedade dele e tornou suave e doce o caminho que iria pisar. O vento confortou-o, soprando gentilmente e com frescor durante toda a jornada. O Sol puxou uma nuvem e colocou-a entre ele e Bharata.

¹³³ Narayana é um dos Nomes do Senhor Vishnu, que encarnou na Terra como o Avatar Rama. Lakshmi é a deusa da riqueza e da prosperidade, consorte de Vishnu, que encarnou como Sita nessa mesma época para ser a esposa de Rama. (N. T.)

Ao anoitecer, chegaram à margem do rio Yamuna. Ao longo de toda a noite, viram-se incontáveis barcos reunindo-se ali; conseqüentemente, assim que o dia raiou, toda a multidão pôde atravessar o rio ao mesmo tempo! Já na outra margem, após terminarem o seu banho, prostraram-se diante do rio sagrado, em reverente gratidão, e seguiram em frente. Bharata e Satrugna haviam trocado as suas roupas por vestes de eremita, que passaram a usar daí em diante. Junto com eles caminhavam os ministros e os acompanhantes e atendentes dos príncipes, levando nos corações imagens de Sita e de Rama.

Os habitantes das aldeias ao longo do caminho maravilhavam-se com a singular multidão que passava. As mulheres que iam ao rio buscar água colocavam as suas vasilhas no chão e se quedavam ali, atordoadas, mirando os irmãos sem piscar os olhos sequer por um momento. Ficaram imaginando quem seriam e chegaram à conclusão de que eram os mesmos dois irmãos, Rama e Lakshmana, passando novamente por aquele caminho, desta vez sem Sita, mas acompanhados por forças armadas constituídas de carruagens de combate e tropas de elefantes, cavalaria e infantaria. Perguntavam-se onde Sita poderia estar naquele momento. Com ávida curiosidade, procuravam-na entre a massa em movimento e depois, em tristes sussurros, compartilhavam a sua decepção com as amigas.

“No outro dia, quando vimos Rama e Lakshmana, os irmãos brilhavam com o esplendor do encanto físico, juventude, virtude e inteligência. Agora, porém, há alguma tristeza toldando os semblantes desses dois; assim, não podem ser os mesmos que passaram por este caminho naquele dia”, comentou uma mulher no grupo. A conversa foi ouvida por um dos espiões da comitiva real, que a relatou a Bharata.

Entrementes, as mulheres vieram a saber que Bharata e Satrugna eram irmãos de Rama indo até onde ele estava a fim de obter o seu *darshan*. Uma delas, de natureza rude, explodiu de raiva e exclamou: “Olhem só para ele, governando o império que o pai lhe deu e indo em busca do *darshan* do irmão Rama, acompanhado por forças armadas! Será que ele não tem vergonha?”

Outra mulher interrompeu-a, dizendo: “Irmã, não fale assim. Os filhos do nosso imperador Dasharatha, sendo oriundas do seu sangue, jamais poderiam ter corações tão duros. Ele deve estar indo até Rama com vários destacamentos das forças armadas para, com as suas súplicas, persuadi-lo a regressar a Ayodhya e então trazê-lo de volta com honras imperiais”.

Concordando com essa interpretação, uma terceira mulher comentou: “Sim, sim. Quem sabe que serpente repousa em qual buraco na terra? Ninguém pode se pronunciar sobre a natureza alheia. Quem pode julgar os sentimentos e os motivos que impulsionam outros a agir? Podem ser da mais elevada ordem, pelo que sabemos. Mas Rama é um firme adepto da Verdade. Não retornará a Ayodhya antes que tenha transcorrido o período de quatorze anos no exílio, não importa quem apele ou rogue a ele. Esta é a minha crença”. Assim expressou ela os seus nobres sentimentos.

Os espiões relataram devidamente a conversa dessas aldeãs a Bharata e a Satrugna, que ficaram encantados ao saber que aquelas mulheres simples das regiões rurais haviam compreendido a grandeza de Rama de maneira tão impressionante. Assim, ao longo do caminho, foram ouvindo o povo expressar a sua admiração pelas virtudes de Rama e também pela humildade e devoção fraterna que eles próprios demonstravam. A todo momento as suas mentes estavam fixas apenas em Rama.

Durante a jornada, encontraram muitos brâmanes, ascetas, monges e outros homens santos, todos envolvidos na agradável tarefa de exaltar Rama e as suas virtudes. Ao vê-los, Bharata prostrou-se diante deles e perguntou de onde vinham. Com ansiosa expectativa, observou-os enquanto se esforçavam para dominar as crescentes ondas de êxtase até que, finalmente, conseguiram achar voz para responder. Quando disseram que estavam regressando após ter obtido o *darshan* de Sita, Rama e Lakshmana, os irmãos inclinaram-se até o chão diante deles e se levantaram com lágrimas de alegria lhes escorrendo pelo rosto. “Oh! Quão afortunados são os senhores! Contem-nos onde e a que distância estão eles”, pediram. Indagaram sobre a saúde e o bem-estar dos homens santos e, ao saber que estes deviam seguir viagem, decidiram passar a noite ali mesmo.

Assim que a madrugada raiou, perceberam que se achavam bem perto do monte Chitrakuta. Impelidos pelo anseio de encontrar Rama, Lakshmana e a Mãe Sita, continuaram a jornada com redobrada pressa. Por volta do meio-dia, podiam ouvir os murmúrios do rio Mandakini e ver claramente o monte Chitrakuta.

No momento em que avistaram o monte, os dois irmãos e os cidadãos de Ayodhya prostraram-se ao chão em reverência. Levantando-se, avançaram com renovado vigor. Aqueles que estavam exaustos e já desesperados por tantos esforços repentinamente descobriram que haviam desenvolvido gigantescos recursos em termos de energia. Caminharam apressadamente, sem prestar atenção às próprias condições físicas. Aqueles que carregavam os palanquins e andavam penosamente, com os pés sangrando, subitamente encontraram novas forças ao exclamar “*Jai, jai!*” e recitar “Rama, Rama”, enquanto avançavam rapidamente.

Os irmãos se encontram

Naquele dia, mesmo antes do amanhecer, Rama despertou do seu sono e contou a Sita que o pai estava vindo à sua consciência com mais frequência do que em outras ocasiões. Sita respondeu: “Senhor! Sabe que não tenho sonhos. Mas esta noite sonhei com algo deveras maravilhoso! Posso até dizer que não foi realmente um sonho. Sonhei que Bharata e Satrugna haviam se tornado débeis e fracos por estar separados do senhor e que, achando impossível permanecer em Ayodhya por mais um único momento sem a sua presença, eles tinham vindo atrás de nós, trazendo consigo não apenas o povo de Ayodhya, mas também as rainhas Kausalya, Sumitra e Kaikeyi”. Lágrimas afloravam aos seus olhos enquanto ela relatava a experiência.

Rama chamou Lakshmana para perto e disse-lhe: “Irmão, você ouviu a descrição do sonho de Sita, não ouviu? Isso não significa boas notícias, pois Sita viu todos os outros e eu vi somente o pai no meu sonho, só ele, sem nenhuma associação ou relação com os demais. Isso me parece um mau presságio. Venha! É melhor tomarmos um banho”. E os três foram até o rio.

Nesse momento, aves voaram em bandos pelo céu e uma espessa nuvem de poeira escureceu a região norte. Muitas aves e outros animais, assustados, fugiram precipitadamente. Notando essa ocorrência incomum, Lakshmana subiu em uma árvore para descobrir a razão. Avistou tropas de infantaria, cavalaria, carruagens de combate e elefantes – todo um exército em movimento – avançando para onde estavam, e deduziu que à sua frente estava um rei. Informou Rama, e este lhe disse que era o sonho de Sita se tornando realidade! Aconselhou que o melhor seria voltarem rapidamente para a cabana de palha (*parnasala*).

Nisso, os Bhils, Kiratas e outros membros das tribos da selva correram até a presença de Rama e lhe comunicaram, ofegantes, a notícia de que uma força militar regular rumava para o local e que a carruagem do líder real do exército trazia uma bandeira com a insígnia da figueira-de-bengala. Confirmou-se, portanto, a dedução de Sita, Rama e Lakshmana de que não era outro senão Bharata que vinha na sua direção. Não tiveram mais nenhuma dúvida a esse respeito.

A essa altura, Lakshmana argumentou, tremendo de raiva: “Por que trazer tropas em plena força ao vir para ter a visão (*darshan*) de Rama? A mãe dele, aquela mulher perversa, deve tê-lo aconselhado, e ele parece ter aceitado o seu vil stratagem: atacar Rama sozinho e desarmado no seu retiro na selva e garantir que ele não retorne e reine”, deduziu. Lakshmana estava quase consumido pelas chamas da cólera que nele surgiam. Os seus olhos haviam sido reduzidos a brasas ardentes e as suas palavras se tornaram cortantes como golpes de espada.

Percebendo a transformação que o irmão sofrera, Rama falou: “Lakshmana, contenha-se! Não se agite; tranquilize-se. Bharata é forte em virtudes. O seu amor é imensurável. Ele acrescenta brilho à linhagem real de Ikshvaku, tal como o lótus ao lago. Não é apropriado lançar calúnias sobre alguém tão puro, imaculada e santo”. Ao descrever assim a exata natureza dos motivos e da mente de Bharata, Rama conseguiu acalmar o surto de ira de Lakshmana.

Logo em seguida, o próprio Bharata anunciou, por intermédio de alguns moradores da floresta, que viera em busca do *darshan* de Rama, juntamente com o irmão Satrugna e os seus atendentes e seguidores. Rama sentiu-se contente ao lhe trazerem essa feliz notícia. Os seus olhos de lótus encheram-se d’água, como os lagos no final do outono.

Tudo isso aconteceu enquanto Rama, Lakshmana e Sita voltavam apressadamente para a cabana após o seu rápido banho. Bharata avistou-os quando chegavam à cabana de palha. Despedaçado pela aflição, gritou, em desespero e extrema agonia: “Rama!” E caiu aos seus pés, soluçando alto. Lakshmana viu a angústia que Bharata sentia por estar separado deles. Percebeu quão errada havia sido a sua avaliação das intenções do irmão! Tomado por terrível remorso interior, inclinou a cabeça sob o peso da tristeza e derramou copiosas lágrimas, juntamente com Bharata e Satrugna.

Rama ergueu os irmãos do solo e procurou acalmar os seus sentimentos e abrandar o seu pesar. Enquanto estava envolvido nisso, as rainhas Kausalya, Sumitra e Kaikeyi, os ministros, o preceptor real Vashishta, os eruditos (*pandits*), os cidadãos e os membros das forças armadas aproximaram-se. Ante a visão de Rama, foram tomados a um só tempo pela dor e pela alegria. O seu sofrimento por vê-lo com vestes de eremita ao lado da humilde habitação não pôde ser aniquilado pela alegria que sentiram ao deitar os olhos no seu querido e bem-amado príncipe. Geceram e choraram, vertendo lágrimas de tristeza e de gratidão. O brado “Rama! Rama!” ergueu-se dos seus corações dilacerados e percorreu velozmente a vastidão da Terra e do céu.

Rama falou-lhes com suavidade e doçura e persuadiu-os a controlar as suas emoções. Caminhou em direção às mães, porém não conseguiu suportar aquela imagem de desgraça e de infortúnio. Tomou ciência da calamidade que havia sobrevivido, mas logo se consolou e se reconfortou. Ficou triste com a ausência do pai, mas rapidamente se recuperou. Chamou Lakshmana para perto de si e contou-lhe o que havia ocorrido. Achando que seria melhor que o irmão fosse plenamente inteirado

dos fatos, pediu a Sumantra, o leal ministro da linhagem, que lhe relatasse os detalhes e os acontecimentos referentes à administração de Ayodhya.

Sumantra caiu, incapaz de suportar o fardo daquele sofrimento. Esforçando-se para se levantar, disse, em meio a soluços: “Lakshmana! De agora em diante, onde poderemos ter a presença de Dasharatha? Ele foi reduzido a cinzas pelas chamas do pesar ao se ver separado de Rama, de Sita e de você. Ayodhya tornou-se uma selva. Aonde quer que se olhe, vê-se apenas tristeza; o que quer que se ouça são somente gemidos. Não apenas pessoas, mas até mesmo aves e outros animais abandonaram as vidas quando vocês partiram. Os que sobreviveram mantêm-se vivos na esperança do seu retorno”. A essas palavras, Lakshmana derramou copiosas lágrimas; ficou-se imóvel como um tronco, incapaz de responder.

Lakshmana aproximou-se de Rama e lhe falou, com voz trêmula: “Eu não poderia imaginar, nem mesmo em sonhos, que uma calamidade tão terrível ocorreria. Nós não conseguimos ver o nosso pai nos seus últimos momentos”. Rama consolou-o, dizendo que não havia benefício em se lamentar pelo que já acontecera. “Corpos físicos são tão transitórios quanto bolhas na água; estão sujeitos a estourar e desaparecer, se não hoje, então no dia seguinte”, afirmou. Citou muitas máximas morais até que ambos foram ao rio terminar o banho ritual prescrito para as ocasiões em que se tem notícia do falecimento de parentes próximos.

Entrementes, Sita dirigiu-se até as suas sogras e tocou-lhes os pés com grande reverência; inclinou-se também aos pés da esposa do preceptor real. Em seguida, foi até onde estavam as mulheres que tinham vindo de Ayodhya e, com a devida consideração, colocou-as à vontade com a sua gentil recepção. As rainhas prantearam alto quando os seus olhos caíram sobre Sita, e as mulheres de Ayodhya, vendo a situação em que se encontrava a sua jovem e encantadora princesa, ficaram tão pesarosas que também não puderam deixar de se lamentar.

Ao saber que o imperador deixara o corpo, Sita prostrou-se repetidas vezes diante das rainhas, dizendo: “Ai de mim! Que desgraça a nossa! O imperador renunciou à vida por não poder suportar a nossa separação!” A notícia da partida de Dasharatha caíra como um raio no coração de Sita. Ela e as rainhas choraram durante longo tempo pelo rumo que os acontecimentos haviam tomado. Ninguém pôde comer nem beber nada naquele dia. Não tinham cabeça para tais coisas. O dia e a noite inteira foram passados em consternação.

Quando o sol nasceu, Vashishta pediu a Rama que celebrasse as exéquias do falecido pai. O ritual, cumprido em estrita conformidade com as injunções das Escrituras, tornou-se sagrado e altamente proveitoso porque o próprio Sri Rama pronunciou o mantra que santifica as águas: “Que as águas sagradas dos rios Ganga, Yamuna, Godavari, Sarasvati, Narmada, Sindhu e Cauvery entrem neste vaso e santifiquem a água nele contida”.

Discussões sobre o regresso a Ayodhya

Depois disso, o preceptor, os ministros da corte, as rainhas e os cidadãos de Ayodhya passaram dois dias inteiros com Rama, Lakshmana e Sita. Ao final desse período, Rama aproximou-se do preceptor e falou: “Mestre! Os cidadãos e os habitantes de Ayodhya estão sofrendo muito aqui, bebendo nada além de água e comendo nada além de raízes e tubérculos. Olhando para Bharata e Satrugna e também para as mães, sinto que cada momento aqui é tão longo quanto uma era. É

melhor que voltem para a cidade. Estão perdendo o seu tempo aqui. O imperador ascendeu ao Céu. Não é apropriado que eu enfatize mais a urgência da situação. Por favor, aja como parecer mais benéfico”. Com estas palavras, Rama prostrou-se aos pés de Vashishta, que respondeu: “Rama! Senhor da dinastia de Raghu! Por que fala assim? Não percebe como essa gente se sente feliz e contente pela boa sorte de estar olhando para o seu encanto?”

Ao saberem que Rama havia pedido para retornarem, aquelas pessoas se sentiram arremessadas no medo e no desespero, como um barco apanhado por um furacão no meio do oceano. Contudo, ao ouvirem o sábio Vashishta implorar em seu favor, passaram a navegar suavemente, como um barco no qual uma brisa amiga sopra as velas. As suas mentes rejeitavam o pensamento de terem que regressar a Ayodhya e perder a afortunada oportunidade de se banharem no rio Mandakini três vezes ao dia, vivendo de uma doce e simples refeição de frutos, raízes e tubérculos colhidos na floresta pelos seus próprios esforços. E, mais do que tudo, regalando a vista com as imagens de Rama, Sita e Lakshmana, e os ouvidos com as edificantes e arrebatadoras palavras de Rama.

Sita estava empenhada em servir as sogras, antecipando as suas necessidades e ansiando muito por lhes ser útil. Consolou-as e confortou-as; contou-lhes como passava os seus dias alegremente na floresta, sem sentir falta de nada, fazendo-as admirar a sua fortaleza e habilidade. Contentes com o pensamento de que ela era capaz de obter tanta felicidade em condições tão adversas, passaram a suportar as próprias dores com mais facilidade observando como Sita enfrentava a sua.

Bharata não pregou os olhos à noite nem teve um pingão de fome durante o dia. Contemplar o rosto de Rama deixava o povo feliz, mas causava a ele e a Satrugna um grande sofrimento. Não conseguindo mais suportar aquilo, ambos se prostraram aos pés de Vashishta, rogando-lhe que persuadisse Rama a retornar a Ayodhya com Sita. Manifestando a sua angústia de múltiplas formas, expuseram as suas súplicas com extrema veemência. O preceptor conhecia muito bem a força da fé que Rama depositava nos seus ideais, a tenacidade com que se aferrava ao seu senso de verdade e a sua determinação em cumprir os desejos do pai. No entanto, ficou tão emocionado com a tristeza de Bharata que se empenhou ao máximo em convencer Rama a regressar. Pediu-lhe que se aproximasse e falou: “Rama! Ouça os apelos de Bharata. Aja em conformidade com os desejos dos bons, os interesses do povo, os princípios da política e as diretrizes dos Vedas”.

Rama reconheceu, expresso naquelas palavras, o afeto do preceptor por Bharata. Sabia que o irmão jamais se desviaria do caminho da retidão; que cumpriria de todo o coração as suas instruções em pensamento, palavra e ação; que sempre seguiria os seus passos e se esforçaria pelo seu bem-estar e prosperidade. Sentiu-se feliz com isso. Então, com doçura e suavidade, respondeu à proposta do sábio usando algumas frases auspiciosas: “Mestre! O senhor é minha testemunha, os pés do meu pai são minha testemunha. Deixe-me afirmar uma coisa: ninguém me é tão caro quanto o meu irmão Lakshmana; ninguém no mundo tem um irmão tão querido quanto Bharata é para mim. Aqueles que estão ligados aos pés do seu preceptor são realmente muito afortunados. O senhor lhe tem tanta afeição e compaixão; é este o grande tesouro de Bharata. Sendo ele mais jovem do que eu, hesito em elogiá-lo na sua presença. A minha opinião agora é que ele deve dizer abertamente o que se passa na sua mente”.

Após proferir essas palavras, Rama prostrou-se diante de Vashishta e ocupou o seu assento.

Vashishta virou-se para Bharata, pois não podia responder diretamente a Rama. Sabia que Bharata deveria ser o “governante”. Orientou-o: “Abandone todas as hesitações e dúvidas. Rama, o seu irmão mais velho, tem imensurável compaixão. Abra o seu coração para ele. Diga-lhe tudo o que tem em mente”.

Ouvindo essas palavras do sábio, Bharata achou que Vashishta havia sondado a mente de Rama e que ambos estavam inclinados a favorecê-lo, concedendo-lhe o seu desejo; alegrou-se, portanto, com o curso dos acontecimentos. Ficou imóvel diante deles, as lágrimas a lhe correrem dos olhos rubros e brilhantes como pétalas de lótus. Falou, então: “O venerável sábio disse a Rama tudo o que deve ser dito. O que me resta acrescentar de especial ao apelo que fez em meu nome? Conheço muito bem a natureza do meu Rama. Ele não sente raiva nem mesmo de malfeitores. Nutre por mim uma afeição sem limites, não posso negá-lo. Um sentimento de vergonha me fez calar enquanto eu estava diante dele.

“A minha afeição, porém, deixa-me encantado ao mirá-lo. Por mais que se fixem nele, os meus olhos não se sentem satisfeitos. Deus não poderia tolerar o meu afeto por ele, não poderia suportar ver tanto amor entre irmãos; por isso planejou esse sofrimento, fazendo da minha própria mãe o instrumento para causá-lo.

“Sei que não me traz nenhum crédito nem respeito dizer isso. Como posso estabelecer a minha superioridade colocando a culpa na minha própria mãe? Se alguém se proclama inocente, pode essa declaração torná-lo realmente assim? Eu mesmo, em razão das minhas dúvidas, hesito em afirmar que a minha mãe tem a mente fraca ou que eu sou bom e inteligente. Sinto-me inseguro em fazê-lo. Porventura crescem pérolas no interior das conchas dos caracóis que infestam os tanques?

“Por que deveria eu culpar outros pelas minhas tristezas? O meu infortúnio é tão vasto quanto o oceano. Sei que toda essa tragédia aconteceu como consequência de pecados. Tenho buscado por todos os lados uma maneira de escapar à minha dor, por algum meio. Vejo agora que só há uma saída – apenas uma.

“O meu preceptor é o grande sábio Vashishta. Sita e Rama são os meus soberanos governantes. Por isso estou certo de que tudo ficará bem comigo. Senhor! Não anseio por mais nada. Rama! Conceda ao seu servo apenas esse desejo. Todos quatro – Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna – constituem a prole física do imperador Dasharatha. Sendo assim, todos quatro são igualmente obrigados a obedecer às ordens do pai. O pai possui a mesma afeição por todos os filhos e não existe nenhuma limitação ou regulamento estabelecendo que as suas ordens devam ser obedecidas por este ou por aquele filho. Até este momento você assumiu a responsabilidade de obedecê-las. Agora é a nossa vez de suportar o fardo do exílio. Sita, Rama e Lakshmana devem retornar a Ayodhya e nós dois ficaremos exilados na floresta até a sentença expirar. Conceda-nos esta dádiva e abençoe-nos.” Assim dizendo, Bharata caiu aos pés de Rama.

Ao ouvir essa súplica de Bharata, Vashishta derramou lágrimas de alegria. Rama, porém, não se deixou levar por esse argumento e contestou: “Bharata! Sinto que a sua linha de raciocínio não é tão válida quanto lhe parece. Não é correto agir assim. Peça-me qualquer coisa, exceto isso”. Bharata respondeu: “Nesse caso, irmão, permita que

eu e o meu outro irmão fiquemos aqui com você e o sirvamos, como Lakshmana tem feito. Essa será, então, uma vida santa e plenamente satisfatória para nós”.

Rama não aceitou nem mesmo esse apelo. Respondeu: “Bharata! Para mim, assim como para você, as ordens do pai são infringíveis. Temos que inclinar reverentemente a cabeça diante delas e executá-las sem o menor murmúrio. A ação mais apropriada para mim é seguir as ordens que me foram dadas; para você, é cumprir o que lhe foi ordenado. Não passemos preciosos dias nestas conversas sem propósito, causando angústia às pessoas que vieram de tão longas distâncias esperando sem nenhuma esperança. Volte com elas para Ayodhya, que a você foi designada, e governe-os com retidão. Eu executarei a tarefa que me foi atribuída e agirei corretamente, guardando e cuidando do reino da floresta, a mim conferido”.

Nem Bharata nem ninguém pôde refutar essa afirmação resoluta de Rama com alguma contraproposta ou argumento. Tiveram que aceitá-la como o caminho certo a tomar. Subjugado pelo pesar, Bharata lamentou-se: “Em quem mais Deus pode amontoar uma agonia tão insuportável, a não ser em mim, cuja mãe achou que Rama, Sita e Lakshmana eram seus inimigos? Sim, irmão! Ouvi dizer que você entrou na floresta com os pés descalços, sem nada para protegê-lo de espinhos e cascalhos. Essa notícia feriu a minha mente como uma lança afiada; porém, ainda assim, continuei a viver! Eu sou a causa de toda esta calamidade; no entanto, como pecador, estou vivo; caso contrário, há muito tempo teria lançado fora o meu corpo. A minha respiração persistiu nele, mesmo quando Guha me considerou suspeito de traição contra o meu próprio irmão e preparou-se para me enfrentar em batalha à frente das suas tropas! Ai de mim! O meu coração é mais duro que diamante; esta é a razão pela qual ele não se partiu, apesar desses golpes.

“Contemplo tranquilamente a tragédia da qual sou a causa. Ainda assim, a minha vida é tão desafortunada que sou incapaz de suportar a pressão de tanta dor. O veneno da minha mãe é tão terrível que escorpiões e serpentes, de pura vergonha, descartam as armas de que têm orgulho. Sendo filho de tal mãe, como poderá Deus permitir que escape às consequências do meu destino?” Bharata se torturava a tal ponto que os cidadãos, as rainhas, os sábios e outras pessoas que testemunhavam a sua dor e a sua penitência, humildade, reverência e afeto fraterno ficaram todos arrasados como flores de lótus caídas no gelo. Então, para ajudá-lo a se recuperar da sua depressão, recordaram-lhe muitos acontecimentos relatados nos Puranas.

Nisso, Rama dirigiu-se a Bharata: “Irmão! Por que se entrega ao desespero? O seu sofrimento é em vão. Não se pode revogar o destino. Em todos os tempos, em todos os lugares, você será honrado por pessoas boas e virtuosas; aqueles que lhe atribuem desonestidade serão infelizes agora e no futuro. Quanto a condenar a própria mãe, cometem esse crime apenas os desafortunados que não foram instruídos na companhia dos virtuosos ou aos pés de preceptores. Bharata! O seu nome será lembrado por muito tempo e, por meio da sua influência invisível, aqueles que o trouxeram à memória serão capazes de abandonar os próprios vícios. Você ganhará renome neste mundo e felicidade no próximo. O mundo será sustentado pelos seus ideais e pelo seu governo.

“Bharata! Nem o ódio nem o amor podem ser suprimidos e ocultos no coração. Eles precisam encontrar expressão, apesar de todas as tentativas feitas para mantê-los ali aprisionados. Conheço muito bem a sua natureza. A fim de defender a verdade, o imperador deixou-me partir e, incapaz de suportar ser separado de mim, a quem tanto

amava, perdeu a própria vida. Não é correto, para um filho como eu ou como você, desonrar a palavra de um pai tão amoroso; portanto não hesite mais. Diga-me o que tem a dizer, pergunte sobre as coisas que deseja saber e decida assumir as responsabilidades que lhe foram impostas. Este é o melhor caminho para você”. Rama proferiu essas palavras com grande ênfase.

Bharata não teve mais nenhuma possibilidade de falar sobre os seus acalentados desejos, mas resolveu insistir ainda em um último pedido seu: “Rama! Não desejo governar o reino ao qual você renunciou e que trouxe a desgraça de ser a causa do seu exílio. Nem mesmo tenho amor a ele. Jamais poderei ir contra a sua vontade, contra uma ordem sua. Não o farei em nenhum momento. Se você apenas lançar o seu olhar amoroso sobre mim, sem nenhum traço de raiva, eu me considerarei abençoado. Lakshmana serviu-o por tanto tempo até agora; mande-o de volta com Satrugna para Ayodhya e permita-me tomar o seu lugar aos seus pés.

“Isso trará a ambos justo renome. Lakshmana é um especialista em administração; poderá governar o império muito bem e com sabedoria em todos os campos da administração, trazendo consolo à alma do nosso falecido pai. Atenda a esta minha súplica; mantenha-me ao seu lado. Não recuse este meu pedido; não me lance fora da sua presença”. Implorando dolorosamente nesses termos, Bharata agarrou os pés de Rama.

“Ou então”, continuou ele, “tenha a bondade de regressar a Ayodhya com Sita e ali permaneça, enquanto nós, os três irmãos, ficamos na floresta. Continuaremos a nossa vida aqui da maneira que você determinar. Se me impuser a carga do reino, não conseguirei aguentar o seu peso e sobreviver. Conserve-me aos seus pés e me imponha uma carga mil vezes mais pesada que a do império. Eu a suportarei com alegria e entusiasmo. Desconheço a ciência do governo e os textos referentes à moralidade. Você está ciente de que aquele que está mergulhado no sofrimento não pode encontrar nele sabedoria. Até a própria vergonha se sente envergonhada quando um servo retruca, apontando para a falta de conhecimento do próprio amo. Não me coloque em tal situação.

“Rama! Estou abrindo o meu coração ao seu olhar e revelando os meus sentimentos mais íntimos. Só desejo promover o bem-estar do mundo. Por favor, decida sobre o melhor rumo para cada um de nós. Não duvide das nossas intenções. Derrame a sua Graça sobre nós e transmita-nos as suas ordens. Inclinaremos a cabeça com leal reverência e as cumprimos sem hesitação.”

As palavras de Bharata deram imenso júbilo à multidão que as ouvia. Os seus corações se derreteram de compaixão e gratidão. Exaltaram-se de múltiplas formas a afeição e a fé que ele havia depositado no seu irmão Rama. Comovidos com a sua expressão de profunda devoção, todos rogaram em uma só voz: “Rama! Senhor! Aceite a súplica de Bharata. Com o falecimento do imperador Dasharatha, a glória e a felicidade do povo também se foram! O mundo ficou dolorosamente órfão. Ayodhya chora como uma criança desamparada. Lamenta o seu destino como uma mulher casta abandonada pelo seu senhor”.

Kaikeyi suplica o perdão de Rama

Entrementes, Kaikeyi, a rainha desvalida – o que se deve dizer dela? – permanecia ali parada, o coração corroído pela dor. Ansiosa por descobrir como poderia explicar os seus erros, tentou da melhor forma possível encontrar Rama quando ele estivesse

sozinho para implorar o seu perdão, mas não obteve êxito. Estava envergonhada até de lhe mostrar o rosto. Perguntava-se como algum dia pudera sujeitar Rama, a quem tanto amava, a todas as privações e tribulações que ora testemunhava. Ele era o seu próprio alento; tinha, portanto, a certeza de que, por si mesma, jamais seria capaz de lhe infligir algum dano. Deduziu, então, que a influência de algum poder maligno a possuía e causara aquela triste série de acontecimentos, mas disse para si mesma que o mundo nunca a perdoaria, não importava o quão veementemente afirmasse que nada daquilo havia sido obra sua. Despedaçada por essas dúvidas e apreensões, sentia-se impotente para se aproximar de Rama e falar com ele; por outro lado, não conseguia se afastar dele, pois almejava se ver aliviada do fardo que lhe oprimia o coração. Quedou-se ali, abatida e frágil, temerosa e vacilante.

Rama percebeu a sua agitação e, aproveitando um momento oportuno, foi em sua direção para cair aos seus pés e prestar-lhe homenagem. Kaikeyi estava justamente esperando por aquela oportunidade. Agarrou os pés de Rama, dizendo: “Minha criança! Você é muito mais jovem do que eu; é meu filho. Ainda assim, é o Mestre do mundo inteiro devido à sua virtude e sabedoria. Eu não cometo nenhum erro quando seguro os seus pés nas minhas mãos. Venha, reine sobre Ayodhya. Perdoe o meu pecado. Só isso poderá me redimir da desgraça que atraí para mim mesma. Se não for possível, mantenha Bharata na sua presença, aos seus pés. Conceda-me essa dádiva. Ela me dará paz de espírito enquanto eu viver. E não desejo continuar vivendo após a consumação desse meu desejo.

“Estou chocada por ter ansiado para que me fossem concedidas aquelas duas dádivas, algo que nem mesmo a mais cruel ogra teria concebido. Será que as solicitei como a filha do governante do reino de Kekaya? Ou terei proferido aquelas palavras quando estava possuída por um gênio mau ou sob a venenosa influência de algum astro maléfico? Não sei, não posso dizê-lo”. Angustiada, chorou alto, abraçando fortemente os pés de Rama.

Rama derramou lágrimas ante a situação da rainha; com palavras suaves e doces, tranquilizou-a: “Mãe! A senhora não cometeu o mínimo erro. A multidão humana é um bando de corvos, que crocitam alto e asperamente, sem nenhuma regra ou razão. As pessoas não procuram saber a verdade; em sua ignorância, tagarelam conforme lhes dita o capricho. A senhora não solicitou aquelas dádivas por vontade própria, com pleno conhecimento das implicações. Tudo isso aconteceu porque eu queria que assim fosse. A senhora tem sido de muita ajuda para o cumprimento do propósito para o qual eu encarnei e a tarefa que estabeleci para mim mesmo. Não cometeu nenhum desserviço.

“Mãe! Muito me arrependo por haver feito com que a senhora me suplicasse por tanto tempo, em vez de expressar desde o início a minha gratidão pelo auxílio que prestou ao meu plano de ação. Não se aflija com o que sucedeu. Se o fizer, lançará uma sombra sobre a minha missão e fará com que os meus dias não sejam auspiciosos. Abençoe-me, mãe! Derrame sobre mim o seu afeto. Mãe, abençoe-me!” Assim implorou Rama, prostrando-se aos pés de Kaikeyi.

Quando Rama assim se expressou, Kaikeyi recuperou um pouco da sua paz mental. As outras rainhas, Kausalya e Sumitra, ouviram a conversa e, quando perceberam que ela fora apenas o inocente instrumento da Vontade Divina, também a consolaram e reconfortaram. Kaikeyi, no entanto, manteve o seu desejo de que Rama aceitasse o trono e fosse instalado como imperador de Ayodhya, tendo Sita ao seu

lado, como imperatriz, e que Lakshmana, Bharata e Satrugna os servissem na corte, como seus leais companheiros. Declarou que até que a morte chegasse passaria a vida testemunhando essa glória e partilhando desse êxtase. Repetiu muitas vezes essas palavras e insistiu em que lhe fosse concedido esse desejo.

Rama ordena a Bharata que regresse a Ayodhya

Assim passaram eles quatro dias e quatro noites na floresta, orando, suplicando, confortando, explicando, aliviando, chorando e proporcionando consolo. Um único anseio comandava os corações de todos: persuadir Rama a retornar à capital. Finalmente, Rama ordenou a Bharata e a Vashishta, o preceptor real, que regressassem a Ayodhya, juntamente com as rainhas e os cidadãos.

As notícias referentes a essa ordem espalharam o desespero entre todos. Recusaram-se a se mover, dizendo que, para eles, o lugar onde Rama se encontrava era tão encantador quanto um milhão de Céus reunidos. Afirmaram que somente aqueles a quem os deuses haviam rejeitado dariam as costas à floresta onde Rama estava. “Oh, que imensa boa sorte nos aguarda aqui! Um banho no sagrado rio Mandakani, frutas deliciosas para saciar a fome, a visão de Sita e de Rama, tão encantadores ao olhar e tão inspiradores para o coração! Onde mais está o Céu? O que mais é felicidade?”, declararam. Após conversarem entre si nesses termos, decidiram persuadir Rama por todos os meios a retornar com eles, se por acaso, no final de tudo, tivessem que partir. Cada um expressou os seus mais íntimos desejos com palavras inundadas de doce amor.

Finalmente, um brâmane idoso e sábio opinou: “Bem, se tivermos a boa sorte e o mérito de merecer a feliz e auspiciosa companhia de Rama nesta floresta, ele certamente concordará em nos manter aqui. Se não for essa a nossa sorte, o nosso próprio destino maligno endurecerá o coração de Rama e ele nos mandará de volta para Ayodhya. Se Rama não nos conceder a Graça, quem mais poderá? Que importa onde passamos os nossos dias se não podemos passá-los na presença dele? Longe de Rama, somos apenas cadáveres ambulantes”. Assim que ele terminou, todos responderam com a exclamação: “Verdade! Verdade! Essas palavras são absolutamente verdadeiras”.

A rainha Sunayana fala com as três rainhas e com Sita

Após o falecimento do imperador Dasharatha, o preceptor da família, Vashishta, enviara uma mensagem a Janaka. Ele e Sunayana, a sua rainha, haviam ido imediatamente a Ayodhya a fim de apresentar as suas condolências aos enlutados, e lá ficaram cientes de todos os desdobramentos. Quando Bharata chegou e tomou a decisão de ir para Chitrakuta com as mães, o preceptor real e os líderes do povo, Janaka e a sua rainha também os acompanharam. Estavam aguardando há muito tempo uma oportunidade favorável para se encontrarem com Sita e Rama.

Enquanto isso, a mãe de Sita ordenou a uma criada que descobrisse se Kausalya e as outras rainhas estariam disponíveis para uma reunião; a criada, então, apressou-se a ir em direção às suas habitações. No décimo primeiro dia da metade brilhante do mês *Jyeshtha*¹³⁴, as quatro rainhas se encontraram na floresta. Kausalya fez as honras a

¹³⁴ Terceiro mês do calendário lunar hindu; corresponde geralmente a parte de maio e de junho no calendário gregoriano. (N. T.)

Sunayana e, tratando-a com grande respeito, ofereceu-lhe um assento. Era a primeira vez que as três rainhas se encontravam com a consorte de Janaka.

Assim que a rainha Sunayana viu Kausalya, Sumithra e Kaikeyi, sentiu que até o mais duro diamante se derreteria diante da conversa amorosa, das maneiras suaves e do companheirismo cheio de compaixão das rainhas de Ayodhya. Viu que os seus corpos estavam emaciados e as cabeças vergadas pelo sofrimento. As três rainhas tinham os olhos fixos no chão sob os seus pés e vertiam copiosas lágrimas. Exaltaram as virtudes e excelências de Sita e de Rama, mas não conseguiam conter o fluxo do pesar que as dominava.

A rainha Sunayana não conseguia encontrar palavras para se expressar. Por fim, disse: “Mãe! De que serve a tristeza a essa altura? A Providência direcionou as coisas ao longo desse caminho tortuoso. Uma lâmina afiada como diamante foi usada para separar o creme do leite! Ouvimos falar do néctar celestial (*amrita*), que dá a vida, porém não o vimos; agora, no entanto, estamos tendo o privilégio de ver o igualmente poderoso veneno¹³⁵. A nossa experiência visual limita-se apenas a corvos, cegonhas, abutres e corujas. A experiência visual do Cisne Celestial, que tem o Lago da Mente (*Manasa Sarovar*) como o seu habitat, está além de nós. Rainhas! O jogo do destino é cheio de contradições e absurdos, tão imprevisíveis quanto os jogos caprichosos das crianças”. Enquanto buscava consolar as outras rainhas, a própria Sunayana não conseguia conter as lágrimas.

Kausalya respondeu: “Sunayana! Isso não aconteceu por culpa de ninguém em particular. Felicidade e infortúnio, ganho e perda são todos consequências do *karma*, ou seja, das ações, palavras e pensamentos das próprias pessoas. Não se proclamou que ‘Bom ou mau, seja qual for o *karma* realizado, as suas consequências terão que ser obrigatoriamente sofridas ou desfrutadas’ (*Avasyam anubhokthavyam, krtham karma subha-asubham*)? Deus conhece o processo do *karma*, tão cheio de dificuldades, e confere a consequência apropriada, de acordo com o ato praticado. Cada um carrega sobre a cabeça esse Divino Comando.

“Ó rainha! Estamos enredadas na ilusão e em vão nos entregamos ao sofrimento. Por que o fruto conquistado e acumulado por nós em vidas anteriores deve nos abandonar agora, quando estamos tristes? Poderia essa lei de causa e efeito, que governa o mundo desde antes do seu início, ser revogada por nossa causa? É uma louca esperança.” Kausalya assim terminou, em meio a muitos suspiros, a sua tentativa de consolo.

Disse, então, a rainha Sunayana: “Mães! Vocês são realmente muito afortunadas, pois o imperador Dasharatha possui um renome por mérito santificado que poucos governantes têm. Vocês são as consortes de tão nobre ser e as mães de Rama, a própria encarnação do *dharma*, a própria personificação do amor, cujo coração abraça compassivamente todos os seres. Vocês conquistaram fama eterna em todo o mundo.

“O que disseram há pouco é a suprema verdade. A felicidade e o sofrimento são dois potes equilibrados por uma vara a cujas extremidades são atados e que é posta ao ombro. Todos têm que carregar ambos os potes em igual medida. Se não há sofrimento, não se pode reconhecer a felicidade, não é mesmo? Reza o antigo ditado: ‘da felicidade não pode advir felicidade’ (*Na sukham labhyathe sukham*).”

¹³⁵ Referência ao veneno expelido pela serpente Vasuki durante o processo de extração do néctar da imortalidade (*amrita*) mediante a batida do “Oceano de Leite”. Ver capítulo “Conquistando Sita”. (N. T.)

Em meio a soluços, Kausalya respondeu, a voz cheia de pesar: “Se Sita, Rama e Lakshmana viverem na floresta, muitas calamidades ocorrerão. Sei que Bharata não poderá sobreviver à separação de Rama. A minha agonia aumenta quando o vejo, mais ainda do que quando vejo Sita, Rama e Lakshmana. O medo me domina quando penso nele”. Sumitra e Kaikeyi concordaram que era verdade. Elas também estavam abatidas com a situação de Bharata.

Sumitra falou em seguida: “Mãe! Por meio das suas bênçãos e bons desejos, os nossos filhos e noras são tão puros quanto o próprio Ganga. Até o momento, Bharata nunca havia declarado que era o irmão de Rama nem reivindicado nada para si próprio, mas agora ele exige a realização dos seus desejos de forma pura (*sátvica*) e com elevada retidão. Até mesmo Sarasvati, a deusa da palavra, hesitaria em aceitar a atribuição de descrever as virtudes que o distinguem como um ser elevado – a humildade, a grandeza de coração, a afeição fraterna, a firmeza de fé, a coragem e a inflexibilidade dessa coragem. Pode-se medir o oceano usando uma concha de caracol?

“Em todos os tempos e condições, Bharata é a lâmpada refulgente da linhagem real, só que ninguém percebeu isso até agora. Deve-se examinar uma pedra preciosa antes que se possa determinar o seu valor. É necessário testar o ouro na pedra de toque antes que se possa conhecer a sua genuinidade e excelência. Mas não falemos sobre ele com desespero neste momento, pois a nossa razão se acha afetada pela angústia e iludida pelo apego filial.” E Sumitra enxugou o pranto ao concluir as suas sábias palavras de consolo.

Ouvindo as suas palavras, Sunayana, a rainha de Mithila, pensou consigo mesma: “As rainhas de Ayodhya possuem realmente muita grandeza; cada uma é mais elevada que a outra em nobreza. Elas não elogiam os próprios filhos, como as mães tendem a fazer; exaltam as virtudes dos filhos das coesposas. Isso é bem contra a natureza das mulheres que geralmente se encontram neste mundo. É só ver como essas rainhas descrevem e apreciam os filhos nascidos das outras esposas do marido! Não distinguem entre os próprios filhos e os das outras rainhas; são as donas de casa ideais para o mundo inteiro. Ah, que coração generoso! Quanta pureza e perfeição no seu sentimento de amor!”

Kausalya reuniu um pouco de coragem e assim se dirigiu a Sunayana: “Rainha de Mithila! Você é a consorte do imperador Janaka, o oceano da sabedoria. Quem poderia se atrever a lhe dar conselhos? Em nossa ignorância, tagarelamos a esmo. Rogo-lhe, no entanto, que transmita estas minhas palavras ao imperador Janaka o mais breve possível, assim que ele estiver disposto a ouvi-las: ‘Persuada Rama a concordar em manter Bharata ao seu lado por algum tempo. Como Lakshmana já passou um certo período na presença de Rama, que seja enviado de volta a Ayodhya para supervisionar as atividades e a administração, e que Satrugna receba ordens para auxiliá-lo nos seus deveres ali’.

“Se pelo menos Rama concordasse, os demais problemas seriam resolvidos rapidamente. Apenas a situação de Bharata me causa ansiedade. O seu apego e amor pelo irmão são profundamente enraizados e sensíveis. O imperador faleceu e Rama não retornará da floresta. Se Bharata achar insuportável a separação de Rama, isso poderá levá-lo à morte, e então o império será reduzido à condição de um cadáver ambulante! O meu coração fica despedaçado pelo medo e pela angústia quando imagino o futuro e as calamidades que nos aguardam.” Segurando as mãos da rainha

Sunayana, Kausalya suplicou-lhe que cumprisse essa missão, que conseguisse esse objetivo, e assim conferisse bem-aventurança (*ananda*) a todas elas.

Comovida pelo afeto que enchia o coração da rainha e pela sua adesão ao caminho da retidão, Sunayana respondeu: “Mãe! A humildade e a virtude lhe são inatas. Elas representam a expressão natural da sua bondade e nobreza, tal como a fumaça é a expressão natural do fogo, e as coberturas de grama a dos cumes das montanhas.

“É claro que o imperador Janaka está sempre pronto a servi-la por meio de pensamentos, palavras e ações. Está sempre ansioso por ajudar. Mas poderá uma lâmpada iluminar o Sol? Rama veio para a floresta a fim de realizar a missão dos deuses. Após concluí-la, certamente regressará a Ayodhya e reinará sobre o império. O poder dos seus braços garantirá a realização de todos os mais caros desejos dos seres sub-humanos, humanos e super-humanos. Tais notícias foram há muito reveladas pelo sábio Yajnavalkya¹³⁶, cujas palavras jamais poderão ser adulteradas.”

Com essas palavras, Sunayana caiu aos pés da rainha Kausalya. Despediu-se dela e, preparando-se para partir, foi até a cabana onde se encontrava Sita. Ao avistá-la, foi dominada pela aflição. Sem conseguir conter as lágrimas, correu em direção a ela e tomou-a nos braços. Sita prostrou-se aos pés da mãe e consolou-a de diversas maneiras, aconselhando-a a ter coragem e fé. De pé diante dela, em suas vestes de anacoreta, Sita parecia Parvati, a consorte de Shiva, nos dias em que praticou austeridades (*tapas*). A mãe não pôde refrear a pergunta: “Criança! Você é realmente a minha Sita ou será Parvati?” E, repleta de admiração e alegria, contemplou-a longa e lentamente da cabeça aos pés.

Disse, por fim: “Ó Sita! Pelo seu intermédio, duas famílias foram consagradas, a dos seus pais e a dos seus sogros. A sua fama alcançará os mais longínquos horizontes. O abundante fluir do seu renome correrá como um rio em plena cheia entre as suas duas margens – as duas linhagens reais de Mithila e Ayodhya. Ganga tem apenas três pontos sagrados – Haridwar, Prayag e Sagarasangama, onde se une ao mar. Sita! Que o fluxo da sua imaculada fama penetre em cada um deles e o santifique, tornando-o um templo sagrado”.

Ao ouvir essas palavras carregadas de verdade que brotavam do afeto da mãe, Sita corou e inclinou a cabeça, como se estivesse dominada por um sentimento de vergonha. “Mãe! Que palavras são essas? Qual a relevância disso? Que comparação pode haver entre mim e o sagrado Ganga?” Assim dizendo, fez um gesto de reverente prostração dirigido ao rio, juntamente com uma oração de perdão.

Sunayana abraçou a filha e declarou, acariciando-lhe ternamente a cabeça: “Sita! As suas virtudes são exemplos que todas as senhoras de famílias devem seguir e imitar”. Sita interrompeu-a, dizendo: “Mãe! Se eu passar muito tempo com a senhora, o serviço de Rama poderá ter um atraso. Portanto, permita que eu vá até a sua presença”.

A mãe também percebeu o anseio de Sita e sentiu que não devia ser um obstáculo no seu caminho. Afagou-a e acariciou-a profusamente e finalmente respondeu: “Criança! Vá e sirva Rama, como é o seu desejo”. Sita caiu aos seus pés e depois saiu para servir Rama.

¹³⁶ Eminent sábio e mestre espiritual cujos diálogos com o célebre imperador Janaka, versando sobre temas da mais elevada sabedoria, estão reproduzidos na *Brihadaranyaka Upanishad*, um dos textos sagrados hindus que contém a essência do conhecimento védico. (N. T.)

Sunayana refletiu longamente sobre a reverente devoção de Sita pelo marido e sobre as suas outras virtudes. Não tirou os olhos da filha até que ela desapareceu da sua vista. Permaneceu ali, no mesmo lugar, observando-a e admirando-a em pensamento, até que a voz da sua criada a despertou daquele devaneio: “Mãe! Sita já saiu; é melhor voltarmos para a nossa habitação”. Sunayana virou-se repentinamente, enxugando as lágrimas que lhe corriam dos olhos; com passos relutantes, dirigiu-se à cabana que lhe fora designada.

O Poço de Bharata

Assim que o Sol se pôs, Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna, em companhia dos eruditos (*pandits*), membros da casta brâmane, ministros e outros, dirigiram-se ao rio para realizar os sacramentos vespertinos, como o banho e o culto ritual aos deuses ao entardecer. Após terminá-los, alimentaram-se de frutas e tubérculos e deitaram-se para dormir sob as árvores destinadas a cada grupo. Quando amanheceu, após a celebração dos sacramentos matutinos, todos se reuniram em torno da cabana de palha onde se achava Rama. Com um sorriso cativante, ele saiu e passou por entre a compacta multidão, indagando amorosamente a cada um sobre a sua saúde e bem-estar.

Quando ele se aproximou, Bharata prostrou-se aos seus pés e disse: “Senhor! Surgiu um desejo no meu coração; no entanto, por medo e por vergonha, sinto-me incapaz de expressá-lo na sua presença”. Afagando a cabeça do seu querido irmão, Rama respondeu: “Por que hesita em me dizer? Vamos, conte-me o que é”.

Bharata abriu-se, então: “Irmão! Tenho um enorme desejo de visitar os eremitérios, as santificantes escadarias de pedra (*ghats*) para os banhos nas margens do rio, os vales destas densas florestas e os animais selvagens que por ali vagueiam, os lagos e riachos, as cachoeiras em torno do monte Chitrakuta. Todos se tornaram sagrados pelas marcas dos seus Pés de Lótus. Os moradores de Ayodhya estão ávidos por ver esses lugares dignos de veneração”.

Rama respondeu: “Bharata! O seu desejo é altamente louvável. Com a permissão do sábio Atri, você poderá explorar com alegria esta região”. Ao ouvi-lo falar assim, Bharata sentiu-se muito feliz. Inclinou-se aos pés do sábio e de Rama, e depois, juntamente com Satrugna e a população de Ayodhya, rumou para o interior da floresta, visitando pelo caminho muitos eremitérios e outros locais sagrados.

Durante o percurso, Bharata avistou, ao lado da montanha, um poço contendo águas santificadas provenientes de todos os rios e lagos sagrados. Espargiu-as reverentemente sobre a cabeça e prostrou-se diante daquele local revestido de sacralidade. Limpou a água, removendo com as próprias mãos algumas folhas secas e sujeira que ali haviam caído. Esse poço é até hoje reverenciado no mundo inteiro como o Poço de Bharata (*Bharata-kupa*).

18. AS SANDÁLIAS ENTRONIZADAS

No sexto dia da sua permanência ali, após os rituais matutinos, banhos e cerimônias devocionais, como o culto do amanhecer, Bharata convocou o irmão Satrugna e os seus próprios ajudantes e seguidores. Esperou um momento favorável para aproximar-se de Rama e, quando o encontrou, levantou-se subitamente do seu assento e reuniu coragem suficiente para se prostrar aos seus pés. Parado à sua frente, implorou, com as palmas unidas: “Ó marca de auspiciosidade na frente da linhagem real de Ikshvaku! Você realizou os meus desejos em todos os sentidos. Por minha causa, decidi passar por todos os tipos de sofrimento e está se submetendo a toda espécie de dificuldade.

“Senhor! Aguardo as suas ordens. Durante quatorze anos, eu o estarei servindo no reino enquanto espero o seu retorno. Mostre-me o caminho que me levará a deleitar os olhos com os seus Pés de Lótus quando o período de exílio terminar. Ensine-me a ter a coragem de que necessito para sobreviver a esses quatorze anos de separação.

“Rama! Os seus súditos e as suas famílias, as pessoas que residem no vasto império, os brâmanes e os eruditos (*pandits*) são todos espiritualmente sinceros e ligados a você por sentimentos de reverente devoção. Suportam as dores do infortúnio encorajados pelo amor que tem por eles. Não me importa nem mesmo alcançar a autorrealização se, para isso, devemos ficar separados. Você está ciente dos sentimentos íntimos dos seus servos, conhece os seus desejos mais profundos. Pode guiar-me e conduzir-me à meta, aqui e além. Esta convicção é o sustento e a força da minha existência. Por causa dela, encaro toda esta angústia como simples folhas de grama secas. Até agora lhe expus as minhas dores como se elas estivessem me sobrecarregando a mente. Isso foi uma falha da minha parte; não hesite em me repreender por ela.”

Ouvindo isso, os que estavam ali reunidos saudaram as declarações de Bharata e manifestaram a sua admiração. Disseram que, assim como *Hamsa*, o Cisne Celestial, é capaz de separar o leite da água na qual está misturado e beber apenas o leite, ele havia separado a verdade da falsidade e expressado unicamente a verdade.

Rama, compassivo para com os aflitos, ouviu as palavras que jorravam do coração puro de Bharata e respondeu, em conformidade com o lugar, o tempo e as circunstâncias: “Irmão! Para você, que reside em casa, e para nós, que moramos na floresta, existe Aquele que a todos sustenta, para nos nutrir e defender. No sentido prático mundano, você tem como guardiões e guias o preceptor Vashishta e o imperador Janaka. Nenhum problema poderá perturbá-lo e tampouco a mim, nem mesmo em sonhos. Não, isso jamais poderá acontecer.

“Para nós, o dever mais elevado consiste em cumprir estritamente as ordens do nosso pai. Só isso nos conferirá todo o bem que almejamos, só isso nos permitirá obter fama duradoura. Esse é o caminho aprovado pelos Vedas, pois eles proclamam que aquele que reverencia os comandos do preceptor, do pai e da mãe e trilha o caminho reto constitui um nobre exemplo para todos. Esteja sempre consciente dessa verdade. Descarte o manto do sofrimento e assumo o fardo do império; governe-o durante quatorze anos, tendo a justiça e a retidão como seus ideais.

“O rei é a face do Estado, pois a face come e bebe, e assim fortalece e ativa todos os membros do corpo. O rei alimenta e sustenta cada segmento do seu povo. A mente

encerra dentro de si todos os gostos e aversões; o soberano é igualmente o repositório de todos os lances e movimentos na esfera política.”

Rama expôs ao irmão uma abrangente e proveitosa doutrina de ética política, mas Bharata se achava demasiadamente agitado para obter paz de espírito como resultado dos seus conselhos. As mães, os professores e os ministros estavam entorpecidos, pois também os dominava a iminência do momento da separação. De repente, Rama, em sua infinita Graça, descalçou as sandálias e entregou-as a Bharata, que as recebeu reverentemente nas palmas das mãos e as elevou até a altura da cabeça. Lágrimas lhe fluíram dos olhos como os rios gêmeos Ganges e Yamuna.

Bharata não conseguia expressar a sua alegria em palavras. “Estas não são as sandálias usadas pelo Oceano de Misericórdia! São as guardiãs da vida e da prosperidade de toda a humanidade; as arcas que encerram o precioso tesouro do amor fraternal de Rama; as portas protetoras do forte que guarda, como um relicário, a fama real do clã Raghu. São duas mãos sempre envolvidas em boas ações e os verdadeiros olhos do Universo. São os símbolos de Sita e de Rama que retornam conosco”. Assim Bharata louvou as sandálias e dançou à sua volta com pura alegria e gratidão. Todos os presentes caíram aos pés de Rama e reconheceram a sublimidade da sua Graça.

A despedida

Bharata prostrou-se diante do irmão e rogou-lhe permissão para partir. Rama apreciou o espírito de contentamento com o qual ele havia recebido as suas sandálias. Abraçou-o forte e firmemente, com imenso afeto e alegria. Satrugna também caiu aos pés de Rama, que o abraçou com enorme afeição e lhe transmitiu muitas diretrizes referentes à administração do reino e ao cumprimento dos deveres que lhe cabiam. “Considere Bharata como o próprio Rama”, recomendou-lhe. “Seja o seu apoiador e conselheiro e o auxilie a estabelecer a paz e a prosperidade no império”.

Bharata e Satrugna abraçaram Lakshmana com amor fraternal, dizendo: “Irmão! A sua sorte é realmente imensa; é a melhor das venturas. Em todos os mundos, não há ninguém tão afortunado como você”. Elogiaram-no abundantemente e lhe pediram permissão para ir embora. Lakshmana respondeu-lhes que as sandálias de Rama eram a fonte de todos os tipos de auspiciosidade; portanto eles, a quem fora concedida essa dádiva, eram deveras mais afortunados do que qualquer outra pessoa. Aconselhou-os a agir de forma a serem dignos dela e a conquistar a Graça de Rama para todo o sempre. “Esse é o seu dever agora”, lembrou aos irmãos.

Em seguida eles foram até Sita e caíram aos seus pés. Ao vê-la, não conseguiram conter o seu pesar e romperam em soluços. Ela os consolou de diversas maneiras, com meiguice e doçura, e falou: “Existe algo além da armadura de Rama que possa proteger alguém no mundo? Vocês são realmente abençoados. Os quatorze anos passarão tão rapidamente quanto quatorze segundos, e o império sorrirá em abundância e paz com o retorno de Rama. Dedicuem-se a administrá-lo com paciência e devoção. Não se desviem nem um pouco das diretrizes que Rama traçou. Por meio dessa rigorosa obediência, serão capazes de assegurar os frutos dos desejos que acalentam”.

Depois disso, Bharata e Satrugna foram diretamente até o imperador Janaka e prostraram-se aos seus pés, em exemplar reverência, e declararam: “Senhor! A sua compaixão por nós é tanta que o senhor foi a Ayodhya ao saber do falecimento do

nosso pai e do exílio de Rama na floresta. Observou a nossa situação com os próprios olhos e confortou-nos durante aqueles dias críticos, dando-nos os conselhos apropriados para reanimar-nos. A fim de satisfazer o seu desejo interior, veio para a selva e submeteu-se a uma série de tensões e dificuldades. Compartilhou do nosso pesar e contribuiu valiosamente para as súplicas que fizemos a Rama para persuadi-lo a retornar. Quando tais súplicas falharam, consolou-nos, ensinou-nos a suportar o desapontamento e a angústia e enriqueceu-nos com as suas bênçãos. Nós lhe oferecemos a nossa reverente gratidão. O que mais podemos dizer ou fazer? As suas bênçãos são os reforços mais eficazes de que precisamos”.

Ao ouvir essas palavras, pronunciadas com tanta sinceridade e gratidão pelos dois irmãos, Janaka apreciou as suas reações e sentimentos, o seu caráter e a sua conduta. Trouxe-os para perto de si, acariciou-os amorosamente e afagou-lhes as cabeças. Finalmente respondeu: “Filhos! Que vocês trilhem o caminho que Rama estabeleceu e, dessa maneira, conquistem a sua Graça. Sigo daqui diretamente para Mithila”.

Os ministros, governantes feudais, brâmanes, sábios, ascetas e demais pessoas que tinham vindo com os irmãos foram, um após o outro, até Rama, Lakshmana e Sita para se prostrarem aos seus pés, em despedida. Volveram os olhos na direção de casa, os corações oprimidos por um sentimento de tristeza. Por sua vez, Sita, Rama e Lakshmana foram até onde estavam as mães, inclinaram-se diante delas e as consolaram, dizendo: “Não se preocupem com nada. Dediquem-se a cumprir corretamente com os seus deveres e responsabilidades. Tenham sempre à frente os anseios e ideais que o pai estabeleceu para nós”. Afirmaram ainda que, no que lhes dizia respeito, passariam o período de quatorze anos com tanta paz e felicidade como se ele durasse apenas quatorze segundos e depois retornariam alegremente para Ayodhya. Tais palavras reanimaram os espíritos das rainhas.

Em seguida prostraram-se aos pés de Kaikeyi; afirmaram que ela seria sempre digna da sua reverência e veneração e que não tinha a mínima responsabilidade pelo exílio de Rama na floresta. Asseguraram-lhe que sempre orariam por ela, pois jamais tivera a intenção de fazer algum mal. Rogaram-lhe que não tivesse a menor preocupação com eles na floresta e lhe infundiram muita coragem para suportar o fardo do arrependimento. “Bharata expressou-se de forma ríspida e impertinente, em um ataque de fúria insensata, ao se defrontar repentinamente com duas calamidades: a morte do pai e o exílio do irmão. O seu sangue ferveu e ele se descontrolou ao ver a pessoa que imaginava ser a responsável por aqueles acontecimentos. Nem se importou pelo fato de a senhora ser a sua mãe!”, disseram. Suplicaram-lhe que não culpasse Bharata por aquele incidente e que o perdoasse pela sua falta de consideração.

Ao ouvir Rama falar daquela forma, Kaikeyi sentiu-se acabrunhada pela vergonha ante a lembrança da sua iniquidade. Sem conseguir olhá-lo no rosto, dizia interiormente: “Ai de mim, que sou a causa de tanta dor e sofrimento infligidos a esse filho dotado de um coração compassivo e uma mente cheia de virtudes, um filho que é ouro puro, nada menos que isso! Não sou eu a razão de ele ter que passar anos nesta selva aterrorizante? Oh, que ato diabólico pratiquei! Mas será que fiz isso sozinha? Ou terá sido pela vontade do próprio Rama que vim a ser o instrumento dessa reviravolta nos acontecimentos? Seja qual for a verdade, não há escapatória para mim; cometi o mais grave dos pecados”.

Dominada pela angústia do passado irreversível, Kaikeyi segurou firmemente as mãos de Sita e suplicou o seu perdão, mas logo acrescentou: “Não, não. Não é justo que você perdoe uma pecadora que causou tão insuportável tribulação a uma mulher tão meiga e pura”. E continuou a lamentar a sua sorte por muito tempo.

Todos os que tinham vindo de Ayodhya se despediram de Sita, Rama e Lakshmana quando tiveram a oportunidade de fazê-lo; depois, na devida ordem, subiram nas suas respectivas carruagens. Antes da partida, os três se aproximaram de cada veículo, consolando e confortando cada um dos ocupantes e persuadindo-os a partir. A seguir prostraram-se aos pés do preceptor; desculparam-se por haver causado tantos problemas a ele e à sua consorte e manifestaram o seu pesar por não poder servi-los tão bem quanto desejavam e o dever exigia. Finalmente, pediram-lhe permissão para ficar.

Vashishta era, naturalmente, um conhecedor de Brahman (*Brahmajñani*) e um grande sábio (*maharishi*); podia, então, conhecer os sentimentos íntimos de Sita e dos demais. Apreciou a devoção e a humildade dos irmãos e de Sita e a sua estrita adesão ao caminho do *dharma*. Ele e a sua consorte Arundhati não conseguiam deixar a presença de Rama por estarem muito ligados às virtudes que ele encarnava. A imagem daqueles três em pé, com as palmas unidas, ao lado da trilha da selva, dando adeus a cada carruagem que passava com os seus ocupantes, derreteria o mais duro coração. Vashishta e a sua consorte ficaram muito comovidos ao contemplar a sua generosa solidariedade.

Nisso, Rama viu o chefe dos Nishadas de pé à sua frente, em meio aos seus seguidores. Aproximou-se dele e, estendendo os braços, abraçou-o mais calorosamente do que havia abraçado o próprio irmão. Confortou-o com afetuosas exortações destinadas a tranquilizá-lo e persuadiu-o a aceitar a separação com sabedoria. Guha nada podia fazer para mudar o rumo dos acontecimentos; então caiu aos pés de Rama, ergueu-se com o coração oprimido e afastou-se, conservando os olhos fixos em Rama enquanto durou a visão daquela encantadora imagem.

Sita, Rama e Lakshmana permaneceram sob uma árvore frondosa até que o último dos visitantes partiu. Entrementes, o imperador Janaka também se preparava para regressar a Mithila à frente da sua comitiva. Rama e Lakshmana prostraram-se diante dos sogros e Sita caiu aos pés dos pais, que a abraçaram e lhe acariciaram ternamente a cabeça, dizendo: “Filha! A sua corajosa determinação e a sua devoção pelo seu marido nos trarão grande renome. Pelo seu intermédio, a nossa família e o nosso clã serão santificados. Devemos ter cumprido algum grande voto ou praticado alguma grande austeridade, ou então você não teria nascido na nossa linhagem”.

Louvaram-na profusamente, expressando a sua alegria e entusiasmo, e lhe asseguraram: “Sita! Você não haverá de sofrer nenhuma necessidade. Rama é o alento da sua existência. Sabemos que, enquanto viver sob a sua proteção, nenhum mal poderá atingi-la. Contudo, pelo fato de vocês dois serem entidades diferentes, poderão defrontar-se ocasionalmente com problemas e confusões, mas eles serão apenas o jogo do destino, tão somente nuvens passageiras”. Com o intuito de lhes proporcionar conforto e contentamento, Janaka expôs-lhes muitas verdades da filosofia vedântica¹³⁷. Logo depois deixou o eremitério e tomou a trilha que levava para fora da floresta.

¹³⁷ Ver N.T. 96. (N. T.)

Sita, Rama e Lakshmana continuaram à sombra da mesma árvore, até a população de Ayodhya e a de Mithila ficarem fora do alcance das suas vistas; só então retornaram à sua cabana de palha. Ali, enquanto Rama descrevia com admiração e veemência a fé, a devoção, o amor e a lealdade exemplares de Bharata e de Satrugna, assim como o carinhoso apego dos súditos do império, Sita e Lakshmana o ouviam atentamente e faziam eco aos seus sentimentos. Tinham o coração ferido com a partida deles; gostariam de ter desfrutado da sua presença por mais tempo. Frequentemente, durante a conversa, lembravam-se da morte de Dasharatha e lágrimas lhes rolavam pelo rosto ao se recordarem do afeto que o imperador sentia por eles. Quando Rama viu a sua condição, um sorriso lhe iluminou o semblante; discorreu sobre o mistério da vida e a chave para a sua revelação, e assim passaram aquele dia memorável no silêncio do seu retiro bucólico.

Chegando a Ayodhya

Enquanto isso, as pessoas que emergiam em fluxo dos limites da floresta em direção às áreas povoadas nas proximidades de Ayodhya – os ascetas, sábios, brâmanes e ministros, os irmãos Bharata e Satrugna, as rainhas Kausalya, Kaikeyi e Sumitra e a vasta massa de cidadãos – não conseguiam conter o fardo do desalento, que se tornava cada vez mais pesado à medida que avançavam e chegavam mais perto da cidade. Passavam o tempo descrevendo uns aos outros os acontecimentos dos cinco dias que haviam passado na presença de Rama e expressando a sua admiração pelos ideais que ele havia encarnado e exemplificado e pelo seu amor, compaixão e afeição. Não pararam para se alimentar e nem mesmo para dormir, já que não sentiam fome nem sono. A tristeza da separação os subjugara, afugentando todas as carências de menor importância.

No segundo dia, encontraram o poderoso Ganges. O chefe dos Nishadas providenciou barcos para levá-los através do rio e mandou preparar uma lauta refeição para a população cansada e para os ilustres personagens da corte. No entanto, ninguém compartilhou da hospitalidade que ele oferecia, pois a dor por haverem deixado Sita, Rama e Lakshmana lhes oprimia demasiadamente o coração. Incapazes de desagradar Guha e sem querer magoá-lo, meramente sentaram-se diante dos pratos, serviram-se deles e logo se levantaram, descartando o conteúdo. Por quê? Nem mesmo os cavalos tinham vontade de comer; simplesmente recusavam-se a fazê-lo. Percebendo isso, o preceptor real Vashishta afirmou: “Vejam! Rama é o Residente Interno, o *Atma* que está em todos. Ele é a Inteligência, a Consciência que distingue cada ser”.

Ninguém se sentia inclinado a se recostar para tirar algumas horas de descanso. Bharata resolvera seguir diretamente para Ayodhya, sem se demorar pelo caminho. Estava ansioso para apresentar as sagradas sandálias de Rama aos cidadãos que lá sofriam e proporcionar-lhes um pouco de consolo e coragem. Então, no quarto dia da jornada, o grupo transpôs os rios Gomati e Sarayu e alcançou os arredores de Ayodhya.

Os idosos, crianças e mulheres de Ayodhya que não haviam podido viajar até o acampamento de Rama junto com a imensa multidão esperavam sinais de um feliz retorno após o cumprimento da missão que consistia em convencer Rama a tomar as rédeas do governo. Tinham os olhos quase cegos de exaustão e de extrema ansiedade. Quando ouviram o som distante das rodas das carruagens, correram para as ruas e se

puseram a espiar para o interior dos veículos que passavam, indagando: “Onde está o nosso Senhor?” No entanto, como o crepúsculo logo se transformou em escuridão, voltaram para as suas casas e passaram a noite na alegre esperança de poder ver o seu amado príncipe aos primeiros raios do sol nascente. Um imenso desapontamento, mesclado com um pouco de satisfação, os aguardava na manhã seguinte, quando souberam que Rama não retornara à capital, mas enviara as suas sandálias para representá-lo.

Bharata renuncia a uma vida de luxo

Nesse meio-tempo, Bharata convocou o preceptor real e os ministros da corte e lhes atribuiu diversas funções administrativas, conferindo-lhes autoridade para exercê-las. Depois chamou Satrugna e incumbiu-o da tarefa de amparar e consolar as rainhas-mães. Organizou uma reunião de brâmanes e eruditos (*pandits*) e, de pé com as palmas unidas diante deles, disse-lhes que satisfaria os seus desejos, grandes ou pequenos, pois sabia que promoveriam somente os melhores interesses dele e do povo. Queria, então, que lhe apresentassem as suas demandas sem hesitação.

Convocou igualmente uma reunião com os cidadãos de Ayodhya e os líderes do povo de todas as partes do império e relatou-lhes tudo o que acontecera na capital e na floresta. Expôs-lhes um resumo das conversas que tivera com Rama e rogou-lhes que adorassem e reverenciassem as sandálias como a autêntica presença do próprio Rama durante o período de quatorze anos em que ele estaria ausente. Declarou: “Estas sandálias nos protegerão a todos, são o nosso refúgio e recurso. Com plena confiança de que elas nos governam, vivamos com Rama instalado em nossos corações. Após o seu retorno, ele reinará diretamente sobre nós, concedendo-nos a alegria da sua presença física e da sua orientação. O nosso dever, a partir deste momento, é esperar por aquele dia feliz, com orações em nossos corações”.

Bharata marcou uma hora auspiciosa para a instalação das Sandálias Sagradas no trono, tendo em vista o júbilo de todos os segmentos da população, do preceptor real e dos eruditos, ascetas e sacerdotes, assim como dos ministros e demais membros da corte, líderes do povo e cidadãos comuns. Cuidou para que fossem feitos preparativos em grande escala para celebrar o evento.

Naquele dia, prostrou-se diante das mães Kausalya, Sumitra e Kaikeyi; em seguida, erguendo as sandálias de Rama até a altura da cabeça, foi até o trono. Implorando as bênçãos de Vashishta e também a sua permissão e a de todos os que estavam ali reunidos, ele as pôs no trono, oferecendo-lhes reverente lealdade, e colocou sob a sua custódia, em segurança, todas as responsabilidades que a ele cabiam.

Mais tarde, aquele firme adepto do *dharma*, aquele incomparável herói, caminhou em direção à aldeia de Nandigrama, onde havia uma cabana de palha preparada para lhe servir de residência. Como Rama e Lakshmana, usava os cabelos trançados em um nó e vestes feitas de cascas de árvore. Frequentava uma caverna especialmente cavada na terra. A sua comida e roupas eram idênticas às dos ascetas da floresta, e os seus pensamentos, palavras e ações igualmente austeros e orientados no sentido espiritual.

Bharata renunciou à vida luxuosa de Ayodhya, uma vida que Indra, o governante do Céu, louvava como sendo inatingível até para Ele. Abandonou a opulenta existência no palácio real, invejada pelo próprio Kubera, o deus da riqueza. Sentia-se feliz naquela pequenina aldeia, vivendo na cabana de palha, longe das vistas alheias. Fez o

voto de não mais olhar para o rosto de ninguém até que Rama retornasse do exílio¹³⁸. Manteve a mente fixa nele e no dia do seu regresso da floresta. À medida que o tempo passava, o seu corpo se tornava cada vez mais fraco, porém o esplendor espiritual no seu rosto era cada vez mais intenso. A sua devoção a Rama cresceu em proporções mais e mais vastas. Bharata se transformou em uma alma pura que alcançou a realização. No firmamento do seu coração, as estrelas luziam como gloriosas galáxias; abaixo delas, os seus sentimentos e emoções brilhavam como o puro, calmo e profundo Oceano de Leite.

¹³⁸ Embora tenha feito esse voto e renunciado à vida luxuosa em Ayodhya, passando a se alimentar e a se trajar como um asceta, Bharata assumiu as rédeas da administração, em cumprimento à ordem do pai e à vontade de Rama. Estabeleceu a sede do governo na aldeia de Nandigrama e de lá passou a reger o império, junto com os seus ministros, sempre sob a orientação das sandálias de Rama, às quais prestava reverente obediência. (N. T.)